

STEPHEN KING

MISERY

Louca obsessão

SUMA
de letras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

STEPHEN
KING

MISERY

Louca obsessão

Tradução

Elton Mesquita



© Copyright © Stephen King, Tabitha King, and Arthur B. Greene, Trustee, 1987
All Rights Reserved. Published by agreement with the Author c/o The Lotts Agency, Ltd.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original

Misery

Imagens de capa
Kenneth Bentley

Revisão
Raquel Correa
Rita Godoy
Beatriz Sarlo
Lilia Zanetti

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Freitas Bastos



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64m

King, Stephen

Misery [recurso eletrônico] : louca obsessão / Stephen King ; tradução Elton Mesquita. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.

Tradução de: *Misery*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

273 p. ISBN 978-85-8105-223-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Elton. II. Título..

14-10512

CDD: 813 CDU: 821.111(73)-3

SUMÁRIO

Capa	
Folha de Rosto	
Créditos	
Dedicatória	
Agradecimento	
I - Annie	
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	

21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36

II - Misery

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18

19
20
21
22
23

III - Paul

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29

30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48

IV - Deusa

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12

*Este é para Stephanie e Jim Leonard,
que sabem por quê.
Ora, se sabem.*

Deusa

África

Eu gostaria de agradecer a ajuda de três profissionais da medicina que forneceram os detalhes factuais deste livro. Eles são:

Russ Dorr, Médico Assistente

Florence Dorr, Enfermeira.

Janet Ordway, Médica e Doutora em Psiquiatria

Como sempre, eles me ajudaram com as coisas que geralmente não se notam. Se você perceber algum erro gritante, a culpa foi minha.

A droga Novril não existe, é claro, mas existem vários remédios similares com base de codeína, e, infelizmente, farmácias de hospital e dispensários de clínicas médicas às vezes são relapsos em manter esses medicamentos trancados e vigiados.

Os locais e personagens deste livro são fictícios.

S. K.

I

ANNIE

*Quando você olha para o abismo, o abismo também olha
para você.*

— FRIEDRICH NIETZSCHE

1

úmerr ouummmm
sssuaaa fãããnnn úmerrr
oouummmm

Estes sons: mesmo em meio à névoa.

2

Mas às vezes os sons — e a dor — sumiam, e então só havia a névoa. Ele se lembrava da escuridão: trevas sólidas antes da névoa. Aquilo significava que ele estava fazendo progressos? Faça-se a luz (ainda que enevoadada), e a luz era boa, e tudo mais? Aqueles sons tinham existido nas trevas? Ele não sabia responder nenhuma daquelas perguntas. Fazia sentido perguntar? Ele também não sabia dizer.

A dor ficava em algum ponto sob os sons. A dor ficava a leste do sol e a sul de seus ouvidos. Isso era tudo o que ele *sabia*.

Por um período que pareceu muito longo (e portanto *era*, já que a dor e a névoa turbulenta eram as únicas coisas que existiam) aqueles sons foram a única realidade exterior. Ele não fazia ideia de quem era ou onde estava, e não se importava em descobrir. Queria estar morto, mas em meio à névoa repleta de dor que preenchia sua mente como uma tempestade de verão, ele nem mesmo sabia que desejava a morte.

À medida que o tempo passava, ele se deu conta de que havia períodos sem dor, e que estes vinham em ciclos. E, pela primeira vez desde que emergira das trevas totais que tinham precedido a névoa, ele teve um pensamento que existia

à parte de qualquer que fosse sua presente situação. O pensamento era sobre um mourão rachado projetando-se da areia em Revere Beach. Seus pais o levavam frequentemente a Revere Beach em seu tempo de criança, e ele sempre insistira para que estendessem a canga onde ele pudesse ficar de olho no mourão, que lhe parecia a presa protuberante de um monstro soterrado. Ele gostava de sentar e observar a água subir até cobrir o mourão. Então, horas mais tarde, depois que os sanduíches e a salada de batata tivessem sido comidos, depois que as últimas gotas de frescor tivessem pingado da grande garrafa térmica do pai, pouco antes de a mãe dizer que era hora de guardar as coisas e ir para casa, a ponta do mourão apodrecido começava a despontar outra vez — a princípio rápida e timidamente em meio às ondas, então cada vez mais nítido. Quando o lixo tivesse sido acondicionado no grande tonel com MANTENHA A PRAIA LIMPA em estêncil do lado, quando os brinquedos de Paulie tivessem sido recolhidos

(esse é o meu nome Paulie eu sou Paulie e hoje à noite a mamãe vai passar óleo Johnson's nas minhas costas, pensou ele, dentro da nuvem de tempestade onde agora vivia)

e a canga tivesse sido dobrada, o mourão já estaria quase completamente exposto e os lados negros lisos de lodo seriam cobertos por borrifos de espuma e vapor d'água. Seu pai tentara explicar que se tratava da maré, mas ele sempre soubera que era o mourão. A maré ia e vinha; o mourão permanecia onde estava. Apenas que às vezes não dava para vê-lo. Sem o mourão, não *havia* maré.

Essa lembrança circulou e volteou, enlouquecedora feito uma mosca gorda e lerda. Ele tateou em busca do que aquilo significava, mas por um longo tempo os sons o interrompiam.

ffããããnnn

liiii tuuuuudooo

úmeroo ooummm

Às vezes os sons paravam. Às vezes *ele* parava.

Sua primeira lembrança realmente nítida do *agora*, o *agora* fora das névoas turbulentas, foi sobre parar: a súbita percepção de que ele não conseguia mais respirar, e que isso era certo, isso era bom — uma maravilha, na verdade. Ele podia aguentar alguma dor, mas já estava mais do que suficiente e ele estava feliz de estar encerrando os trabalhos.

Então uma boca fechou-se sobre a dele, uma boca inconfundível de mulher, apesar dos lábios duros e secos, e o sopro dessa boca invadiu a sua, descendo pela garganta e inflando seus pulmões, e quando os lábios se afastaram, ele sentiu o cheiro de sua carcereira pela primeira vez no sopro que ela forçara para dentro dele como um homem forçaria parte do corpo para dentro de uma mulher relutante: um fedor nauseante de biscoitos de baunilha, sorvete de chocolate, molho de galinha e doce de pasta de amendoim.

Ele ouviu uma voz gritando:

— Respira, praga! *Respira*, Paul!

Os lábios dela cobriram os seus outra vez. E novamente o sopro invadiu sua garganta. Um sopro como a rajada fria e úmida de vento que segue o metrô, sugando folhas de jornal e papel de bala. Os lábios se afastaram e ele pensou: *Pelo amor de Deus não deixe sair pelo nariz* — mas não pôde evitar.

“Oh o *fedor*, isso *fede*, essa porra FEDE!”

— *Respira, desgraça!* — gritou a voz sem rosto, e ele pensou: *Sim, pode deixar, faço qualquer coisa, só por favor pare com isso, não me infecte mais.* Antes que ele tentasse respirar os lábios dela cobriram os seus novamente, lábios secos e mortos como tiras de couro salgado, e ela o estuprou soprando forte o ar para dentro dele outra vez.

Quando ela afastou os lábios, ele não a deixou *expirar*, mas *soprou* com força e puxou um grande gole por conta própria. Então soprou. Esperou que seu peito, que ele não conseguia ver, subisse sozinho, como fizera por toda a vida sem ajuda. Seu peito não se moveu e ele se forçou a puxar outro gole gigante de ar. Então voltou a respirar sozinho, e começou a fazê-lo o mais rápido possível para expulsar o cheiro e o gosto dela.

O ar normal jamais tivera um gosto tão bom.

Ele começou a afundar em meio à névoa outra vez, mas antes que o mundo envolto em sombras sumisse de vez, ele ouviu a voz da mulher murmurar:

— Ufa! Essa passou perto!

Não perto o bastante, ele pensou e adormeceu.

Ele sonhou com o mourão, tão real que era quase possível estender o braço e deslizar a palma sobre a curvatura rachada verde e negra.

Quando voltou ao estado anterior de semiconsciência, conseguiu estabelecer a conexão entre o mourão e a situação atual — tudo pareceu vir flutuando até seu alcance. A dor não vinha em ondas como o mar. Aquela era a lição do

sonho, que era na verdade uma lembrança. A dor apenas *parecia* ir e vir. A dor era como o mourão, às vezes coberta e às vezes visível, mas estava sempre lá. Ele sentia-se vagamente grato quando a dor não o acossava no fundo do abismo cinzento e enevoado, mas já não se enganava: a dor ainda estava lá, esperando para voltar. E não havia apenas *um* mourão, mas *dois*; os mourões eram a dor, e parte dele já tinha entendido há muito tempo, antes que o restante de sua consciência percebesse que sabia: os mourões fraturados eram suas próprias pernas fraturadas.

Mas ainda se passaria muito tempo até ele finalmente conseguir romper a camada de saliva ressequida que selara seus lábios e gemer “Onde eu estou?” para a mulher que sentava ao seu lado na cama com um livro nas mãos. O nome do homem que escrevera o livro era Paul Sheldon. Ele reconheceu o próprio nome sem surpresa.

— Sidewinder, Colorado — respondeu a mulher, quando ele finalmente conseguiu perguntar. — Meu nome é Annie Wilkes. E eu sou...

— Eu sei — disse ele. — Você é minha fã número um.

— Sim — respondeu ela, sorrindo. — É isso mesmo que eu sou.

3

Trevas. E então a dor e a névoa. Então a percepção de que, embora a dor fosse constante, ela às vezes sumia em uma trégua incerta que ele supunha ser alívio. A primeira lembrança verdadeira: parar, e ser estuprado de volta à vida pelo sopro fétido da mulher.

A próxima lembrança verdadeira: os dedos dela empurrando algo para dentro de sua boca em intervalos regulares, algo como comprimidos para gripe. Mas como não havia água, eles apenas ficavam parados na boca, e quando derretiam havia um gosto incrivelmente amargo que lembrava um pouco aspirina. Teria sido bom cuspir fora o gosto amargo, mas ele sabia o que era melhor para si. Pois era o gosto amargo que trazia a maré alta para cobrir o mourão

(MOURÓES são MOURÓES são DOIS ok são dois tudo bem se acalme quietinho shhhhhh)

fazendo-o sumir por algum tempo.

Essas coisas apareciam a intervalos bem espaçados. Mas então, quando a dor principiou não a retroceder mas a se erodir (como o mourão em Revere Beach já devia ter se erodido, pensou ele, já que nada é para sempre — embora a criança que ele fora pudesse achar graça de tal heresia), as coisas externas começaram a se intrometer mais rapidamente até que o mundo objetivo, com sua carga de memória, experiência e preconceito finalmente se restabeleceu quase totalmente. Ele era Paul Sheldon, que escrevia dois tipos de romance: romances bons e romances campeões de vendas. Tinha se casado e divorciado duas vezes. Fumava demais (ou tinha fumado antes disso tudo, o que quer que fosse “isso tudo”). Uma coisa muito ruim tinha acontecido, mas ele ainda estava vivo. A nuvem cinza-escura começou a se dissipar cada vez mais rápido. Ainda não seria agora que sua fã número um, de boca sempre aberta em um sorrisinho e com voz fanha de pato, traria a velha e barulhenta máquina de escrever Royal, mas bem antes disso Paul já percebera que tinha se metido em uma encrenca dos diabos.

4

A parte precavida de sua mente a viu antes de ele saber que a via, e certamente a compreendeu antes de ele saber que a compreendia. Por qual outro motivo ele a associaria com imagens tão agourentas e deprimentes? Sempre que ela entrava no quarto ele pensava nos ídolos insculpidos venerados por tribos africanas nos romances de H. Rider Haggard e em pedras e ruína.

A imagem de Annie Wilkes como ídolo africano saído de romances como *Ela* ou *As Minas do Rei Salomão* era ridícula e estranhamente adequada. Ela era uma mulher grande. Exceto pelo amplo mas nada hospitaleiro peito inchado, escondido eternamente sob o suéter cinza, ela parecia não ter nenhuma curva feminina. Não havia suave curvatura de quadris, nádegas ou panturrilhas sob as intermináveis camadas de saias de lã que ela usava dentro de casa (ela ia para o próprio quarto para vestir jeans antes de sair para realizar as tarefas domésticas lá fora). Seu corpo era grande, mas não generoso. Havia nela uma impressão de

entupimento e bloqueios, em vez de orifícios acolhedores ou mesmo espaços abertos ou áreas vazias.

Acima de tudo ela passava a impressão perturbadora de *solidez*, como se não tivesse vasos sanguíneos ou mesmo órgãos internos. Como se fosse apenas a sólida Annie Wilkes de lado a lado e de cima a baixo. Ele estava cada vez mais convencido de que seus olhos, que pareciam se mover, eram apenas pintados, e não se moviam mais que os olhos de retratos que parecem seguir as pessoas da sala. Parecia que, se ele formasse um “V” com os dedos e tentasse enfiá-los pelas narinas de Annie adentro, eles não avançariam nem um centímetro antes de encontrar uma obstrução sólida (embora um pouco mole). Parecia que até o suéter cinzento, as saias amarrotadas e os jeans desbotados eram parte daquele corpo fibroso, sólido e não vascularizado. Assim, a sensação de que ela era um ídolo de um romance sórdido não o surpreendia nem um pouco. Como um ídolo, ela só concedia uma coisa: uma sensação de inquietude que ia aos poucos se transformando em terror. Como um ídolo, ela tomava todo o resto.

Não, isso não era bem verdade. Ela concedia, *sim*, outra coisa. Ela lhe dava os comprimidos que faziam a maré encobrir os mourões.

Os comprimidos eram a maré; Annie Wilkes era a presença lunar que os enfiava em sua boca como destroços entre as ondas. Ela lhe trazia dois comprimidos a cada seis horas, anunciando sua presença apenas com o par de dedos que se enfiavam em sua boca (e logo ele aprendeu a sugar avidamente aqueles dedos apesar do gosto amargo), e mais tarde aparecendo metida no suéter cinza e em uma de suas meia dúzia de saias, geralmente com uma brochura de um de seus livros enfiada sob o braço. À noite ela aparecia diante dele metida em um robe rosa felpudo, com o rosto brilhante, empastado de creme (cujo ingrediente principal ele reconheceu mesmo sem nunca ter visto o frasco: o cheiro ovino de lanolina era forte, nada discreto), despertando-o de seu sono espesso de sonhos confusos com os comprimidos aninhados na mão e a lua esburacada aparecendo na janela atrás de seus ombros sólidos.

Depois de algum tempo — quando sua preocupação crescera demais para ser ignorada — ele conseguiu descobrir o que ela estava lhe administrando. Era um analgésico com forte base de codeína chamado Novril. O motivo de ela trazer-lhe o penico tão raramente não era só porque sua alimentação consistia apenas em líquidos e gelatinas (antes, quando ele ainda estava em meio à névoa, ela o alimentara por via intravenosa), mas também porque o Novril

costumava causar constipação. Outro efeito colateral, bem mais sério, era a depressão respiratória em pacientes sensíveis. Paul não era exatamente sensível, embora fosse um fumante inveterado há quase 18 anos, mas sua respiração *cessara* ainda assim em pelo menos uma ocasião (talvez tivesse havido outras, em meio à névoa, das quais ele não se lembrava). Foi quando ela fizera respiração boca a boca nele. Podia ter sido apenas uma fatalidade, mas mais tarde ele começou a suspeitar que ela quase o matara com uma overdose acidental. Ela não sabia tanto sobre o que estava fazendo quanto acreditava saber. Isso era apenas uma das coisas a respeito de Annie que o assustava.

Ele descobrira três coisas quase simultaneamente, uns dez dias após ter emergido da nuvem escura. A primeira era que Annie Wilkes tinha bastante Novril (na verdade, tinha muitos remédios de vários tipos). A segunda era que ela era viciada em Novril. A terceira era que Annie Wilkes era perigosamente louca.

5

As trevas tinham precedido a dor e a nuvem de tempestade. Ele começou a se lembrar do que precedera as trevas enquanto ela relatava o que tinha lhe acontecido. Isso aconteceu logo depois de ele fazer as tradicionais perguntas do tipo “acordei-de-um-sono-profundo” e ela informar que estavam na pequena cidade de Sidewinder, Colorado. Além disso, afirmou já ter lido todos os seus oito romances pelo menos duas vezes, e que tinha lido os romances da heroína *Misery* — os seus *favoritos* — quatro, cinco, talvez seis vezes. Annie disse que queria muito que ele conseguisse escrevê-los mais depressa. Disse que mal pudera acreditar que seu paciente era *o famoso Paul Sheldon*, mesmo depois de verificar a identidade na carteira.

— Onde está minha carteira, aliás? — perguntou ele.

— Eu guardei para você. — O sorriso dela desapareceu em uma expressão severa que ele não apreciou. Era como descobrir um profundo abismo escondido entre as flores de verão em uma campina alegre e ensolarada. — Você acha que eu *peguei* alguma coisa?

— Não, claro que não. É só que... — *É só que o resto da minha vida está nela*, ele pensou. *Minha vida fora desse quarto. Fora da dor. Fora do tempo aqui, que parece se esticar feito chiclete puxado da boca de um moleque entediado. Porque é assim que fica na última hora de espera pelos comprimidos.*

— É só que o *quê*, Seu Moço? — insistiu ela, e ele notou com preocupação que a expressão severa parecia mais e mais sombria. O *abismo* estava se expandindo como se houvesse um terremoto atrás daquelas sobrancelhas. Ele podia ouvir o gemido agudo e constante do vento lá fora, e imaginou subitamente que ela o ergueria, jogando-o por cima do ombro maciço — onde ele ficaria pendurado mole feito um saco de estopa contra uma parede de pedra —, e o levaria para fora, arremessando-o sobre a neve. Ele congelaria até morrer, mas antes disso suas pernas pulsariam e gritariam.

— É que o meu pai sempre me falou para ficar de olho na minha carteira — disse ele, surpreso com a facilidade com que a mentira escapara. Seu pai sempre se esforçara ao máximo para não ter que notar Paul mais que o estritamente necessário e, tanto quanto Paul podia lembrar, só tinha lhe oferecido um único conselho a vida inteira. No aniversário de 14 anos de Paul, seu pai lhe entregara uma camisinha Red Devil em um envelope. “Guarde na carteira”, dissera Roger Sheldon, “e se você ficar com tesão dando um amasso em alguém no cinema, lembre-se de usar antes de passar o controle para a cabeça de baixo. Já há bastardos demais no mundo e eu não quero ver você entrando pro Exército aos 16”.

Paul continuou:

— Acho que ele me falou tanto para eu não perder a carteira de vista que isso acabou ficando comigo pra sempre. Se eu a ofendi, sinto muito, de verdade.

Ela relaxou. Sorriu. O *abismo* se fechou. As flores de verão balançaram alegremente outra vez. Ele pensou que, se empurrasse aquele sorriso com a mão, não encontraria nada atrás além de trevas maleáveis.

— Não foi nada. A carteira está em um lugar seguro. Espere, eu tenho algo para você.

Annie saiu e voltou com uma tigela fumegante de sopa. Havia vegetais flutuando nela. Ele não conseguiu comer muito, mas comeu mais do que esperava. Ela pareceu satisfeita. Enquanto Paul comia a sopa, ela contou o que tinha acontecido, e ele se lembrou enquanto ela relatava. Era bom saber afinal

como tinha acabado com as pernas fraturadas, mas a maneira como esse conhecimento se descortinava era inquietante, como se ele fosse um personagem em uma história ou peça, um personagem cuja história não fosse relatada, mas criada, como ficção.

Ela fora de jipe até Sidewinder para comprar a ração dos animais e alguns mantimentos. E também para dar uma olhada nos romances da Drogaria Wilson. Isso fora na quarta-feira, há quase duas semanas — os novos romances sempre chegavam às terças.

— Eu estava *pensando* em você, na verdade — contou ela enquanto lhe dava a sopa e limpava profissionalmente o canto da boca de Paul com um guardanapo. — Não foi mesmo uma coincidência incrível? Eu estava esperando que *O filho de Misery* finalmente saísse em brochura, mas até agora nada.

Ela disse que havia uma tempestade a caminho naquela quarta, mas até o meio-dia a previsão meteorológica estava confiante de que o mau tempo seguiria para o sul, em direção ao Novo México e às montanhas Sangre de Cristo.

— Sim — disse ele, lembrando enquanto falava: — Disseram que iria para longe. Foi só por isso que caí na estrada. — Ele tentou mudar a posição das pernas. O resultado foi uma terrível mordida de dor, e ele gemeu.

— Não faça isso — disse ela. — Se suas pernas começarem a falar, Paul, não vão mais parar, e eu não posso lhe dar mais comprimidos até daqui a duas horas. Já estou dando até demais.

Por que eu não estou em um hospital? Era a pergunta óbvia a ser feita, mas ele não tinha certeza se era a pergunta que ambos queriam que fosse feita. Pelo menos no momento.

— Quando eu entrei na loja de ração, Tony Roberts falou para eu me apressar se quisesse voltar antes da tempestade, e eu disse...

— Qual a distância daqui até a cidade?

— Um pouco longe — respondeu ela, vagamente, olhando para a janela. Houve um estranho intervalo de silêncio e Paul teve medo do que viu em seu rosto, pois não havia nada ali. Era o nada escuro de um *abismo* escondido em uma campina, trevas onde flor nenhuma desabrochava e onde se poderia cair para sempre. Era o rosto de uma mulher que momentaneamente se desgarrara de todas as posições e marcos vitais da existência, uma mulher que esquecera

não apenas a lembrança que buscava, mas a própria capacidade de lembrar. Ele uma vez conhecera o interior de um manicômio — anos antes, ao pesquisar para escrever *Misery*, o primeiro dos quatro livros que tinham se tornado sua principal fonte de renda nos últimos oito anos —, e vira aquele olhar... ou, mais precisamente, aquele não olhar. O nome daquilo era *catatonia*, mas o que o assustava não tinha um nome tão preciso. Era antes uma comparação vaga: naquele momento ele achou que os pensamentos dela tinham se tornado idênticos à sua constituição física como ele imaginara: sólidos, fibrosos, não vascularizados, sem lugares vazios.

Então aos poucos o rosto dela se iluminou. Os pensamentos pareceram refluir de volta. E ele percebeu que *refluir* não era bem a palavra. Ela não estava sendo preenchida, como uma fonte ou lago; ela estava se *aquecendo*. *Sim... ela estava se aquecendo como algum aparelhinho elétrico. Uma torradeira ou cobertor elétrico.*

— Eu disse ao Tony: “Essa tempestade está indo para o Sul.” — Ela falou lentamente a princípio, quase grogue, mas então suas palavras começaram a retornar à cadência normal, preenchendo-se com o calor de uma conversa normal. Mas agora ele estava alerta. *Tudo* o que ela dizia era um pouco estranho, um pouco descompassado. Ouvir Annie era como ouvir uma canção tocada no tom errado.

— Mas aí ele disse: “Ela mudou de ideia.”

— Eu disse: “Ai, mas que caquinha! É melhor então eu montar no alazão e trotar pra casa.”

— E ele disse: “Se eu fosse você, ficaria na cidade, dona Wilkes. Tão dizendo no rádio que vai ser brabo o negócio e que ninguém tá preparado.”

— Mas claro que eu *tinha* que voltar. Não tem ninguém pra alimentar os bichos, só eu. Quem mora mais perto daqui são os Roydmans, e ainda assim são vários quilômetros até lá. Além disso, os Roydmans não gostam de mim.

Ela lançou um olhar astuto para Paul ao contar a última parte e, quando ele não respondeu, ela bateu com a colher na borda da tigela de modo peremptório.

— Acabou?

— Sim, estou satisfeito, obrigado. Estava muito bom. Você tem muitos animais?

Pois se você tiver, isso significa que deve haver mais alguém, um empregado, pelo menos, para ajudar, pensou ele. Ênfase em “ajudar”. “Ajuda” já parecia ser a palavra mais importante ali, e ele tinha notado que ela não tinha um anel de casamento.

— Não muitos — respondeu ela. — Meia dúzia de galinhas poedeiras. Duas vacas. E Misery.

Ele piscou.

Ela riu.

— Você deve me achar ruim, dando o nome da mulher valente e bonita que você criou pra uma leitoa. Mas é o nome dela, e não foi por desrespeito nem nada. — Depois de pensar um momento, ela acrescentou: — Ela é muito boazinha. — Annie franziu o nariz e por um momento *se transformou* em uma porca. Tinha até mesmo alguns fios esparsos grossos no queixo. Então, fez um som suíno: — *Ronc! Grooinc! Ronc-ronc-GRRUOOINC!*

Paul a encarou de olhos arregalados.

Ela não notou. Já tinha se apagado outra vez, com o olhar esgazeado e perdido. Nenhum reflexo naqueles olhos além da lâmpada no criado-mudo refletida fracamente duas vezes.

Finalmente, com um leve tremido, ela pareceu voltar a si e disse:

— Eu andei uns 8 quilômetros e aí começou a nevar. Fechou rápido... quando começa a nevar aqui, é sempre assim. Eu vim devagarzinho, com as luzes acesas, e aí vi o seu carro virado na estrada. — Ela olhou para ele como se o repreendesse. — *As suas* luzes não estavam acesas.

— Eu fui pego de surpresa — disse ele, lembrando-se apenas naquele momento de como fora pego de surpresa. Naquele instante, ainda não se lembrava de que também estava muito bêbado.

— Eu parei — disse ela. — Se fosse uma subida, eu não teria parado. Sei que isso não é lá muito cristão, mas a estrada já estava com 10 centímetros de neve, e mesmo com tração nas quatro rodas é complicado conseguir voltar a andar depois de parar. É mais fácil a gente dizer: “Ah, eles devem ter conseguido sair, pegaram uma carona” etc., etc. Mas era já o topo da terceira colina maior depois dos Roydmans, e por ali o terreno fica plano ainda algum tempo. Então eu parei, e assim que saí do carro ouvi uns gemidos. Era *você*, Paul.

Ela lhe deu um estranho sorriso maternal.

Pela primeira vez o pensamento emergiu na mente de Paul Sheldon: *Eu estou encrocado. Essa mulher não bate bem.*

6

Ela ficou sentada ao lado enquanto Paul jazia no que parecia ser o quarto de hóspedes, e falou pelos vinte minutos seguintes. Seu corpo se fortalecia com a sopa, e a dor nas pernas recrudescia. Ele se forçou a prestar atenção no que ela dizia, mas não conseguiu completamente. Sua mente se bifurcara. De um lado ele a escutava contar como o salvara dos destroços do Camaro 74 — aquele era o lado em que a dor pulsava e mordida como um par de mourões rachados começando a aparecer intermitentes entre as oscilações da maré vazante. Do outro lado ele podia se ver no Hotel Boulderado, terminando seu novo romance, em que — aleluia — Misery Chastain não aparecia.

Havia várias razões para ele não escrever mais sobre Misery, mas um motivo pairava acima dos demais, férreo e irrevogável: Misery — Hosana nas *alturas* — tinha morrido finalmente. Morrera faltando cinco páginas para o fim de *O Filho de Misery*. Quando *isso* aconteceu, as lágrimas rolaram desimpedidas, incluindo as de Paul — exceto que as dele eram causadas por gargalhadas histéricas.

Ao finalizar o novo livro, um romance contemporâneo sobre um ladrão de carros, ele se lembrava de ter datilografado a sentença final de *O Filho de Misery*: “Assim, Ian e Geoffrey saíram juntos do adro da igreja de Little Dunthorpe, apoiando-se mutuamente em sua dor, determinados a encontrar suas vidas novamente.” Enquanto datilografava a última linha ele gargalhava tão forte que mal conseguia bater nas teclas certas, tendo que refazer o trabalho várias vezes. Mas tudo dera certo, graças à boa e velha fita corretiva IBM. Ele escreveu FIM embaixo e então começou a saracotear pelo quarto — aquele mesmo quarto no Hotel Boulderado — gritando *Livre finalmente! Livre finalmente! Deus Todo-Poderoso, até que enfim eu estou livre! A vaca tonta finalmente bateu as botas!*

O novo romance se chamava *Carros Velozes*, e ele não gargalhara ao terminá-lo. Apenas ficou parado olhando para a máquina de escrever por um instante, pensando: *Periga você ter acabado de ganhar o American Book Award do ano que vem, meu chapa*. Então ele pegou o...

— ...machucado na sua têmpora direita, mas não parecia sério. Mas suas pernas... eu logo vi, mesmo com a luz acabando, que as suas pernas não estavam...

...telefone e ligou para o serviço de quarto pedindo uma garrafa de Dom Pérignon. Lembrava-se de ter ficado esperando o pedido, caminhando de um lado para outro no quarto onde finalizara todos os seus livros desde 1974. Lembrava-se de dar uma nota de cinquenta dólares de gorjeta ao funcionário e de perguntar se o rapaz sabia qual a previsão do tempo. Lembrava-se de o empregado, feliz e empolgado, dizer sorrindo que a tempestade que se aproximava deveria se dirigir para o sul, na direção do Novo México. Lembrava-se da sensação gelada da garrafa, o som discreto da rolha sendo empurrada. Lembrava-se do gosto seco e um tanto ácido do primeiro gole, e de abrir a bolsa de viagem e ver a passagem de avião para Nova York. Lembrava-se de ter decidido subitamente, no calor do momento...

— ...que era melhor levar você para casa imediatamente! Foi uma luta carregar você para a picape, mas eu sou uma mulher grande — você deve ter notado — e eu tinha uma pilha de cobertores atrás no carro. Eu deitei você, enrolei todo, e já ali, mesmo com pouca luz, eu achei que você parecia *familiar!* Eu pensei em talvez...

...tirar o velho Camaro do edifício-garagem e dirigir para o oeste em vez de pegar o avião. Ora, o que esperava por ele em Nova York? A casa, vazia, soturna, nada acolhedora, provavelmente arrombada. *Dane-se!*, pensou ele, bebendo mais champanhe. *Vá para o oeste, meu jovem, vá para o oeste!* A ideia era louca o suficiente para fazer sentido. Levar apenas uma muda de roupas e...

— ...a bolsa que eu encontrei. Eu peguei também, mas não tinha mais nada que eu pudesse ver e eu fiquei com medo de que você fosse morrer, então liguei a velha Bessie e peguei o...

...seu manuscrito de *Carros Velozes* e pegar a estrada para Vegas ou Reno ou quem sabe até Los Angeles. Ele se lembrava de que a ideia também parecera tola a princípio — uma viagem que o guri de 24 anos que ele era quando vendera seu primeiro romance poderia ter feito — mas não um homem de 42

anos. Mais algumas taças de champanhe e a ideia já não parecia nem um pouco tola. De fato, parecia quase nobre. Como uma Grande Odisseia para Algum Lugar, uma maneira de se acostumar novamente com a realidade depois do terreno fictício do romance. E então ele...

— ... apagou apagadinho! Eu tinha certeza de que você ia morrer... assim, certeza *mesmo!* Aí eu peguei sua carteira do bolso traseiro, olhei sua carteira de motorista e vi o nome *Paul Sheldon* e pensei: *Ah, deve ser coincidência.* Mas a foto na carteira *também* parecia com você, e eu fiquei tão assustada que tive que me sentar um pouco na cozinha. No começo eu achei que ia desmaiar. Depois de um tempo eu comecei a pensar que a *foto* também era uma coincidência — a gente nunca sai parecendo com a gente nessas fotos de documento —, mas aí encontrei seu cartão da Associação de Escritores e o da PEN,¹ e foi quando vi que você...

...tinha se encrencado quando a neve começou a cair, mas bem antes disso ele tinha parado no bar do Boulderado e dado vinte dólares a George por mais uma garrafa de Dom Pérignon, que ele secou dirigindo pela rodovia I-70, subindo as Montanhas Rochosas sob o céu de cor azul metálica. Em algum ponto a leste do Túnel Eisenhower ele desviara da barreira porque as estradas estavam vazias e secas, a tempestade estava indo para o sul e, que diabos, o maldito túnel o deixava nervoso. Ele estava escutando uma velha fita cassete de Bo Diddley e não ligou o rádio até o Camaro começar a deslizar e escorregar e ele perceber que não se tratava de um chuvisco passageiro, e sim de coisa séria. Parecia que no fim a tempestade não estava se dirigindo para o sul. Parecia na verdade que estava vindo na direção dele e que era uma encrenca da grossa

(como essa em que você está agora)

mas ele estava bêbado o suficiente para achar que podia escapar dirigindo. Assim, em vez de parar em Cana e pedir abrigo, ele seguiu em frente. Lembrava-se da tarde se tingindo lentamente de um cinza fosco, como uma lente. Lembrava-se da champanhe perdendo o efeito. Lembrava-se de se inclinar para diante para pegar os cigarros no painel e da última derrapagem, que ele ainda tentou domar, mas que começou a piorar rapidamente. Lembrava-se do baque forte e pesado e do mundo girando, céu e terra trocando de lugar... Ele...

— ... *gritou!* E quando ouvi você gritando, eu soube que você ia viver. Gente morrendo geralmente não grita. Não tem energia. Eu sei. Eu decidi que

faria você viver. Então peguei um pouco de analgésico e fiz você tomar. E aí você dormiu. Quando você acordou e começou a gritar novamente, eu dei um pouco mais. Você teve febre por algum tempo, mas eu também cuidei disso. Eu dei Keflex para você. Você ficou por um fio umas duas vezes, mas agora já passou. Eu prometo. — Ela se levantou. — E agora é hora de você descansar, Paul. Você precisa recuperar sua força.

— Minhas pernas doem.

— Sim, aposto que doem. Daqui a uma hora você pode tomar mais remédio.

— Agora. Por favor. — Ele sentiu vergonha de implorar, mas não pôde se conter. A maré se fora e os mourões rachados estavam à mostra, dolorosamente reais, impossíveis de evitar e de tratar.

— Em uma hora — disse ela, firme. Ela foi em direção à porta segurando a tigela e a colher.

— Espere!

Ela se voltou, olhando para ele com uma expressão severa e amorosa. Ele não gostou da expressão. Não gostou *nem um pouco*.

— Já passaram duas semanas desde que você me salvou?

Ela pareceu dispersa novamente e irritada. Aos poucos ele perceberia que Annie não tinha uma ideia precisa de tempo.

— Tipo isso.

— Eu estava inconsciente?

— Quase o tempo todo.

— O que eu comi?

Ela o encarou.

— Foi por IV.

— IV? — repetiu ele, e ela confundiu sua surpresa atônita com ignorância.

— Intravenoso. Alimentei você por meio de tubos. Por isso essas marcas em seu braço. — Ela olhou para ele com uma expressão ponderada e séria. — Você me deve a vida, Paul. Eu espero que você se lembre disso. Espero que você mantenha isso em mente.

E então saiu.

7

A hora passou. De alguma forma, finalmente a hora passou.

Ele jazia na cama, suando e tremendo. Do outro cômodo vieram primeiro os sons de Hawkeye e Hot Lips, e então dos DJs da WKRP, a estação de rádio louca e imprevisível de Cincinnati. A voz de um locutor surgiu, louvou as facas Ginsu, deu um número 0800 e informou aos telespectadores de Colorado — que pelo jeito andavam subindo pelas paredes por um bom conjunto de facas Ginsu — que os Atendentes Estavam A Postos.

Paul Sheldon também estava A Postos.

Ela reapareceu bem no momento em que o relógio na outra sala bateu as oito com dois comprimidos e um copo de água.

Ele se ergueu avidamente sobre os cotovelos enquanto ela se sentava na cama.

— *Finalmente* eu comprei seu livro novo. Comprei faz dois dias — disse ela. Gelo tilintava no copo. Era um som enlouquecedor. — *O Filho de Misery*. Estou amando... É tão bom quanto os outros. Melhor! O melhor!

— Obrigado — ele conseguiu dizer. Ele podia sentir o suor porejando na testa. — Por favor... minhas pernas... doem muito...

— Eu *sabia* que ela se casaria com Ian — disse ela, sorrindo sonhadoramente — e acho que no final Geoffrey e Ian vão voltar a ser amigos. Eles *voltam*? Não, não diga! Eu quero descobrir eu mesma. Eu estou lendo devagar para durar. Sempre parece que passa tanto tempo até sair outro.

A dor pulsava em suas pernas como um círculo de aço apertando sua virilha. Ele se tocara na região e imaginara que a pélvis estava intacta, mas algo parecia retorcido e esquisito. Abaixo dos joelhos era como se *nada* estivesse intacto. Ele não queria olhar. Ele podia ver as formas deformadas e nodosas delineadas sob o cobertor, e já era o suficiente.

— Por favor? Srta. Wilkes? Está doendo...

— Me chame de Annie. É como meus amigos me chamam.

Ela lhe passou o copo. Estava frio e perolado de umidade. Ela ficou com os comprimidos. Os comprimidos na mão dela eram a maré. Ela era a lua e tinha trazido a maré que recobriria os mourões. Ela levou os comprimidos até a boca de Paul. Ele abriu a boca imediatamente... e então ela recuou.

— Eu tomei a liberdade de espiar dentro da sua bolsa. Você não se importa, não é?

— Não, não, claro que não. O remédio...

As gotas de suor em sua testa pareciam quentes e frias em turnos. Ele iria gritar? Achava que sim.

— Eu vi que tem um manuscrito — disse ela, segurando os comprimidos na mão direita e girando-os lentamente. Os comprimidos caíram na outra mão. Os olhos de Paul os seguiram. — Se chama *Carros Velozes*. Não é um romance de *Misery*, eu sei. — Ela olhou para ele com uma leve censura. Mas, como antes, misturada com amor. Era um olhar *maternal*. — Não havia carros no século XIX, nem velozes nem lentos! — Ela deu risinhos pela brincadeira. — Eu também tomei a liberdade de dar uma olhada nele... Você não se importa, não é?

— Por favor — gemeu ele. — Não me importo, mas por favor...

A mão esquerda dela girou. Os comprimidos rolaram, hesitaram e então caíram de volta na mão direita com um leve ruído.

— E se eu lesse? Você se importaria se eu lesse?

— Não... — Seus ossos estavam estilhaçados, suas pernas repletas de estilhaços pustulentos de vidro quebrado. — Não... — Ele conjurou algo que esperava que parecesse com um sorriso. — Não, claro que não.

— Porque eu jamais faria uma coisa dessas sem permissão — disse ela, sincera. — Eu respeito demais você. Na verdade, Paul, eu amo você — ela enrubesceu rápido, de forma alarmante. Um dos comprimidos caiu sobre o cobertor. Paul tentou pegá-lo, mas ela foi mais rápida. Ele gemeu, mas ela não notou. Depois de pegar o comprimido ela pareceu se abstrair novamente, olhando para a janela. — Eu quis dizer... sua *mente*. Sua *criatividade*. Só isso.

Em desespero, pois aquilo era a única coisa que lhe ocorria falar, ele disse:

— Eu sei. Você é minha fã número um.

Ela não pareceu apenas se alegrar com aquilo; ficou realmente *esfuziante*.

— Sim! *Exatamente!* E nesse caso você não se importaria se eu lesse, não é? No espírito de amor de fã. Mesmo eu não gostando dos seus outros livros tanto

quanto gosto das histórias de *Misery*?

— Não — disse ele, e fechou os olhos. *Faça chapéus de soldado com as páginas se quiser, mas... por favor... eu estou morrendo de dor...*

— Você é bom — disse ela, gentilmente. — Eu *sabia* que você era bom. Só de ler os seus livros eu sabia. Um homem que consegue imaginar Misery Chastain, primeiro pensar nela, depois *soprar vida* dentro dela, não podia ser outra coisa.

Os dedos dela subitamente estavam em sua boca com uma intimidade chocante, sordidamente bem-vindos. Ele sugou os comprimidos e os engoliu antes de conseguir levar o copo de água à boca.

— Parece um bebê — disse ela, mas Paul não podia vê-la porque seus olhos ainda estavam fechados e ele sentiu a ferroada das lágrimas. — Mas tão *bonzinho*. Há tanta coisa que eu quero perguntar... tanta coisa que eu quero saber.

As molas rangeram quando ela se levantou.

— Nós vamos ser bem felizes aqui — disse ela, e embora um clarão de horror iluminasse seu coração, Paul permaneceu de olhos fechados.

8

Paul vagou à deriva. A maré veio e ele vagou à deriva. A TV ficou ligada no outro cômodo por algum tempo e então foi desligada. Às vezes o relógio dava as horas e ele se perdia entre elas.

IV. Por meio de tubos! Por isso essas marcas no seu braço.

Ele se ergueu sobre um cotovelo, tateou pela lâmpada e finalmente a ligou. Olhou para os braços e nas dobras do cotovelo viu fracas manchas roxas e ocres sobrepostas, com um buraco cheio de sangue negro no centro de cada uma.

Ele se recostou, olhando para o teto, escutando o vento. Estava perto do topo da Grande Divisória continental, no meio do inverno, com uma mulher ruim do juízo, que o alimentara por via intravenosa quando ele estava inconsciente, que tinha um suprimento aparentemente ilimitado de drogas, uma mulher que não contara a ninguém que ele estava ali.

Tudo aquilo era importante, mas ele começou a perceber que havia algo mais importante: a maré estava recuando outra vez. Ele começou a aguardar o som do despertador no andar de cima. Ainda demoraria até o relógio disparar, mas era hora de começar a esperar que desse a hora.

Annie era louca, mas ele precisava dela.

Ah, eu realmente estou na merda, pensou ele e encarou o teto sem ver nada realmente enquanto as gotas de suor começavam a brotar em sua testa.

9

Na manhã seguinte ela trouxe mais sopa e disse a ele que tinha lido quarenta páginas do “livro manuscrito”, como ela chamava. E disse que achava que não era tão bom quanto os outros.

— É difícil de acompanhar. Fica pulando para a frente e para trás.

— É uma técnica. — Ele estava a meio caminho entre a dor e a não dor, e assim podia pensar um pouco melhor sobre o que ela dizia. — É só técnica. O assunto... o assunto determina a forma. — Ele supunha vagamente que os truques do ofício poderiam interessar, quem sabe até fasciná-la. Certamente tinham fascinado o público das oficinas literárias em que ele às vezes dava palestras quando era jovem. — Entende, a mente do rapaz está confusa, e por isso...

— Sim! Ele é *muito* confuso, e por isso não é muito interessante. Não é que ele seja *desinteressante* — eu tenho certeza de que você não conseguiria criar um personagem *desinteressante* —, só é *menos* interessante. E os palavrões! Quase toda frase tem palavrão! Não tem... — Ela ponderou, dando-lhe sopa automaticamente, enxugando sua boca quase sem olhar quando um pouco de sopa escorria, da mesma maneira que uma datilógrafa experiente nem precisa olhar para o teclado. E assim ele compreendeu sem esforço que ela tinha sido enfermeira. Não uma médica. Oh, não, médicos não sabiam antecipar a hora de enxugar, nem prever a trajetória de pingos de sopa tão acertadamente.

Se a previsão do tempo tivesse um pingo da competência que Annie Wilkes tem, eu não estaria nessa merda, pensou ele, amargo.

— Não tem *nobreza!* — ela disse, alto, com um espasmo súbito que quase derramou sopa de carne com cevada no rosto pálido de Paul.

— Sim — concordou ele, paciente. — Eu entendo o que você quer dizer, Annie. É verdade, Tony Bonasaro não tem nobreza. Ele é um pivete de cortiço tentando sair de um ambiente ruim, entende, e essas palavras... todo mundo usa essas palavras no...

— Não usam *não!* — interrompeu ela, lançando-lhe um olhar de reprovação. — Você acha que eu falo isso quando entro na loja para comprar ração? O que você acha que eu *falo?* “Tony, me dá aí um saco dessa *caquinha* de ração de porco, um saco desse milho pra vaca *mequetrefe* e me dá essa *titica* de remédio pra carrapato?” E você acha que ele responde o quê? “*Caraca*, pode deixar dona Annie, já vou pegar essa *pinoia* que a srta. pediu?”

Annie olhou para ele, e seu rosto agora parecia um céu onde tornados podiam surgir a qualquer momento. Ele ficou recostado na cama, com medo. A tigela de sopa tremia nas mãos dela. Uma gota caiu no cobertor, depois outra.

— E depois o quê, eu vou ao banco e digo pro sr. Bollinger: “Olha aqui essa *meleca* desse cheque, pode ir passando cinquenta dólares pra cá, seu velho do *diacho?*” Você acha que quando me intimaram pra depor em Den...

Um jorro de sopa de carne cor de lodo caiu no cobertor. Ela olhou para aquilo, então para ele, e seu rosto se contorceu.

— Olha aí! Olha o que você me fez fazer!

— Sinto muito.

— *Ah! Sente! Muito!* — ela arremessou a tigela no canto, estilhaçando-a. Sopa borrifou pela parede e Paul arquejou.

Ela pareceu se desligar. Só ficou ali sentada por uns bons trinta segundos. Durante esse tempo o coração de Paul Sheldon pareceu não bater uma única vez.

Ela pareceu voltar a si um pouco de cada vez, e então deu um risinho súbito.

— Esse meu *gênio*...

— Sinto muito — disse ele, sentindo a garganta seca.

— E *devia* sentir mesmo. — Seu rosto se nublou outra vez e ela olhou pesarosa para a parede. Ele pensou que ela ia se apagar outra vez, mas em vez disso ela suspirou e se ergueu da cama.

— Você não precisa usar essas palavras nos livros da *Misery*, porque eles não usavam essas palavras naquela época. Não tinham nem sido inventadas. Acho que tempos brutos pedem palavras brutas, mas *aquele* era um tempo bom. Você devia ficar nas histórias de *Misery*, Paul. Falo sinceramente como sua fã número um.

Ela foi até a porta e olhou para ele.

— Vou deixar o livro manuscrito na sua bolsa e terminar *O Filho de Misery*. Talvez eu volte a ler o outro quando terminar.

— Não faça isso se for ficar aborrecida. — Ele tentou sorrir. — Eu preferiria que você não se aborresse. Eu meio que dependo de você, sabe?

Ela não devolveu o sorriso.

— Sim. Depende sim. Depende, não depende, Paul?

Ela saiu.

10

A maré se afastou. Os mourões retornaram. Ele começou a esperar que o relógio batesse. Duas batidas. As batidas vieram. Ele jazia sobre os travesseiros observando a porta. Ela veio. Estava de saias, usando um avental por cima do suéter. Em uma mão trazia um balde de limpeza.

— Acho que você quer essa *meleca* desse remédio agora.

— Sim, por favor. — Ele tentou sorrir de forma que a agradasse e sentiu vergonha outra vez; ele se sentia grotesco, um estranho para si mesmo.

— Estou com ele aqui, mas primeiro preciso limpar a sujeira ali do canto. A sujeira que *você* fez. Você vai ter que esperar eu terminar.

Paul ficou deitado com as pernas sob o cobertor desenhando as formas de galhos quebrados e sentindo o suor frio escorrendo lentamente pelo rosto. Ele ficou deitado e observou. Ela foi até o canto do quarto, pôs o balde no chão, se abaixou para pegar os pedaços da tigela e levou os cacos para fora, retornou e se ajoelhou perto do balde, pegou um trapo úmido; o torceu e começou a limpar a sopa seca da parede. Ele ficou deitado, observou e finalmente começou a tremer e o tremor piorava a dor mas ele não podia se conter. Ela se voltou e o

viu tremendo e encharcando a roupa de cama de suor e lhe deu um pequeno sorriso tão astuto que ele sentiu que poderia matá-la facilmente.

— Acabou secando — disse ela, voltando o rosto para o canto. — Infelizmente vai demorar um pouco, Paul.

Ela esfregou. A mancha desapareceu lentamente do gesso, mas ela continuou mergulhando o trapo no balde, torcendo e esfregando e repetindo o processo. Ele não podia ver seu rosto, mas a ideia — a *certeza* — de que a mente dela se apagara e que ela continuaria a esfregar a parede por horas o atormentava.

Finalmente — logo antes de o relógio bater uma vez, dando as duas e meia — Annie se levantou e jogou o trapo na água. Ela tirou o balde do quarto sem uma palavra. Ele ficou deitado na cama, escutando as tábuas pontuarem a passagem daquele corpo pesado com rangidos, ouviu quando ela derramou a água — e, incredivelmente, o som da torneira quando voltou a encher o balde. Ele começou a chorar silenciosamente. A maré jamais estivera tão longe. Ele não via nada a não ser baixios úmidos e os mourões rachados que projetavam sombras perpetuamente aleijadas.

Ela voltou e ficou apenas um instante na passagem, observando seu rosto úmido com aquela mistura de severidade e amor materno. Então seus olhos foram até o canto, onde não havia mais sinal da mancha de sopa.

— Eu tenho que enxaguar agora, ou o sabão vai deixar fosco. Eu tenho que fazer tudo. Tenho que fazer tudo certinho. Morar sozinha não é desculpa para relaxar em serviço. Minha mãe tinha um lema, Paul, e eu carrego ele comigo. Ela dizia: “Pau que nasce torto nunca se endireita.”

— Por favor — gemeu ele. — Por favor, está doendo. Eu vou morrer.

— Não. Não morre não.

— Eu vou gritar — disse ele e começou a chorar mais alto. Doía chorar. Machucava as pernas e o coração. — Não vou conseguir evitar.

— Então grite. Mas lembre-se de que *você* fez aquela sujeira. Não eu. A culpa não é de mais ninguém, só sua.

De alguma forma Paul conseguiu não gritar. Ele observou enquanto ela mergulhava o trapo, o torcia e enxaguava, mergulhava, torcia e enxaguava. Finalmente, quando o relógio que ficava onde ele achava ser a sala de estar começou a bater as três, ela se ergueu e pegou o balde.

Ela vai sair. Vai sair e eu vou ouvi-la derramando a água na pia e acho que ela não vai voltar por horas porque acho que ela não terminou de me castigar.

Mas em vez de sair, Annie foi até a cama e pegou algo do bolso do avental. Ela pegou não dois comprimidos mas três.

— Aqui — disse ela, ternamente.

Ele os enfiou na boca com avidez. E ao olhar para cima viu que ela erguia o balde amarelo em sua direção. O balde preencheu sua visão como uma lua de plástico. Água cinzenta se derramava da beirada, pingando no cobertor.

— É para tomar com isso. — A voz ainda era terna.

Ele a encarou com os olhos arregalados.

— Anda. Eu sei que você consegue engolir a seco, mas acredite, eu posso fazer os comprimidos voltarem rapidinho. É só água da limpeza, não vai fazer mal.

Ela se debruçou sobre ele como um monólito, inclinando um pouco o balde. Ele podia ver o trapo girando lentamente no fundo escuro como um bicho afogado. Viu uma camada fina de sabão na superfície. Parte dele gemeu, mas parte nenhuma hesitou. Ele bebeu rápido, fazendo descerem os comprimidos, e o gosto era como quando sua mãe o obrigava a escovar os dentes com sabão.

Seu estômago se contorceu e ele fez um ruído cavo.

— Eu não vomitaria, Paul. Só vai ter mais às nove da noite.

Annie olhou para ele por um instante com um olhar vazio e sem vida; então seu rosto se iluminou e ela sorriu.

— Você não vai me aborrecer de novo, não é?

— Não — sussurrou ele. Aborrecer a lua que trazia a maré? Que ideia! Que *péssima* ideia!

— Eu amo você — disse ela e o beijou na bochecha. Annie saiu sem olhar para trás, carregando o balde como uma mulher robusta do campo carregaria o balde de leite, um pouco longe do corpo para que nada derramasse.

Ele ficou recostado na cama, sentindo o gosto de sujeira e gesso na boca e na garganta. Gosto de sabão.

Não vou vomitar... não vou vomitar... não vou vomitar!

Finalmente o pensamento foi parecendo menos urgente e ele percebeu que caía no sono. Conseguira evitar vomitar por tempo suficiente e o remédio começou a agir. Ele vencera.

Daquela vez.

11

Ele sonhou que estava sendo devorado por um pássaro. Não era um bom sonho. Houve um estampido e ele pensou: *Sim, ótimo, muito bem! Atira nele! Atira nessa porra!*

Então ele estava acordado, sabendo que era apenas Annie Wilkes fechando a porta de trás. Tinha saído para fazer as tarefas. Ele ouviu o ruído abafado dos passos na neve. Ela passou por sua janela, vestida em um casaquinho com o capuz levantado. Sua respiração saía em tufos de vapor que se afastavam do rosto enquanto ela seguia. Ela não olhou para ele, provavelmente concentrada nas tarefas do celeiro. Alimentar os animais, limpar as baias, quem sabe fazer umas bonecas vodu — ele não duvidaria disso. O céu era de um roxo escuro. Já era o pôr do sol. Cinco e meia, talvez seis da tarde!

A maré se demorava, e ele poderia voltar a dormir — *queria* voltar a dormir —, mas precisava pensar sobre aquela situação bizarra enquanto ainda era capaz de ter pensamentos mais ou menos racionais.

Estava descobrindo que o pior era que não queria pensar naquilo mesmo quando podia, mesmo sabendo que não seria possível acabar com aquela situação sem pensar antes. Sua mente tentava afastar o assunto como uma criança empurra a refeição mesmo sabendo que não pode sair da mesa até comer tudo.

Ele não queria pensar a respeito porque *viver* aquilo já era difícil demais. Não queria pensar porque, sempre que o fazia, imagens incômodas apareciam — a maneira como ela apagava, como o fazia se lembrar de ídolos de pedra, e agora havia também a lembrança do balde amarelo de plástico indo em direção ao seu rosto como uma lua despencando do céu. Pensar *naquelas* coisas não mudaria sua situação e era realmente pior do que não pensar em nada, mas quando ele parava para pensar em Annie Wilkes e em sua situação, preso na casa dela, esses eram os pensamentos que apareciam, sufocando todos os outros. Seu coração começava a bater rápido demais, um pouco por medo, mas também por vergonha. Ele se via colando os lábios à borda do balde amarelo,

via a água suja com a camada de sabão e o trapo flutuando, se via bebendo sem hesitar. Jamais contaria aquilo para ninguém — se conseguisse escapar algum dia — e achou que talvez tentasse até mentir sobre aquilo para si mesmo, embora soubesse que jamais conseguiria.

Ainda assim, arrasado ou não (e ele estava arrasado), ele ainda queria viver.

Pense, porra! Jesus Cristo, você não consegue nem tentar de tanto medo.

Não era verdade — mas era *quase*.

Então um pensamento estranho e zangado lhe ocorreu: *Ela não gostou do livro novo porque é burra demais para entender.*

O pensamento não era só estranho. Naquelas circunstâncias, a opinião dela sobre *Carros Velozes* não importava nada. Mas pelo menos pensar nas coisas que ela dizia era uma via de escape, e sentir raiva dela era melhor que sentir medo, e assim Paul perseguiu aquela ideia avidamente.

Burra demais? Não. Mal-acostumada demais. Não só não quer mudar, mas é hostil à própria ideia de mudança!

Sim. E ela podia ser louca, mas seu julgamento sobre o trabalho de Paul não era diferente do de centenas de milhares de pessoas pelo país — 90 por cento mulheres — que aguardavam indóceis cada novo episódio de quinhentas páginas sobre a vida turbulenta da órfã que ascendera socialmente até casar com um nobre. Não, não era mesmo. Elas queriam Misery, Misery, Misery. Sempre que Paul passava um ano ou dois escrevendo um de seus outros romances, que ele considerava seus trabalhos “sérios” — a princípio com certeza, depois esperança e por fim uma espécie de desespero sombrio —, ele recebia uma enxurrada de cartas de protesto dessas mulheres, muitas das quais se diziam suas “fãs número um”. O tom daquelas cartas variava de confusão (por algum motivo, eram as que mais o magoavam) a censura e até raiva, mas a mensagem era sempre a mesma: *Não era o que eu esperava, não era o que eu queria. Por favor volte a escrever sobre Misery. Eu quero saber o que Misery está fazendo!* Ele podia escrever o novo *À Sombra do Vulcão*, *Tess D’Urbervilles*, *O Som e a Fúria*... não importava. Elas só queriam Misery, Misery, Misery.

É difícil de acompanhar... ele não é interessante... e os palavrões!

A raiva voltou. Raiva pela lerdeza turrona de Annie, raiva por ela ter sido capaz de sequestrá-lo — mantê-lo prisioneiro, forçá-lo a escolher entre beber água suja ou sofrer a dor das pernas partidas — e então, ainda por cima, ter a cara de pau de *criticar* a melhor coisa que ele já escrevera.

— Vá pra puta que a pariu, sua *mequetrefe* — disse ele e subitamente sentiu-se melhor, sentiu-se ele mesmo novamente, embora soubesse que essa rebelião era mesquinha, risível e vazia: ela estava no celeiro, onde não podia ouvi-lo, e a maré ainda cobria os mourões rachados. Ainda assim...

Ele se lembrou dela entrando no quarto, sonegando os comprimidos, coagindo-o a permitir que ela lesse o manuscrito de *Carros Velozes*. Ele corou de vergonha e humilhação, mas agora havia raiva *verdadeira* também. De uma fâsca, a raiva passara a um fogo baixo e constante. Ele *jamais* mostrara um manuscrito a ninguém antes de tê-lo revisado e redatilografado. *Jamais*. Nem mesmo a Bryce, seu agente. *Jamais*. Ora, ele nem mesmo...

Por um momento seus pensamentos se interromperam. Ele ouviu o som longínquo de uma vaca mugindo.

Ora, ele nem fazia uma *cópia* até que a versão revisada estivesse pronta.

O manuscrito de *Carros Velozes* que estava com Annie Wilkes era de fato único. Ele queimara até as anotações.

Dois anos de trabalho duro, e ela não gostou, e era louca.

O que *ela* gostava era de *Misery*. *De quem* ela gostava era de Misery, não de um cucaracha boca suja ladrão de carros do Harlem latino.

Ele se lembrava de pensar: *Faça chapéus de soldado com as páginas se você quiser, mas... por favor...*

A raiva e humilhação retornaram, despertando o primeiro pulsar abafado de dor nas pernas. Sim. O trabalho, o orgulho do trabalho, o valor do próprio trabalho... tudo aquilo não passava de sombras quando a dor ficava realmente forte. Pensar no que ela fizera — pensar que ela *podia* fazer aquilo com ele, quando ele passara a maior parte da vida adulta pensando que a palavra “escritor” era sua definição mais importante — tornava-a um monstro completo, algo de que ele *precisava* escapar. Ela realmente *era* um ídolo, e se não o matasse, talvez matasse o que havia *dentro* dele.

Ele ouviu o grunhido ávido de um porco. Recordou então como Annie dissera temer que ele não fosse gostar da homenagem, mas ele achava que Misery era um ótimo nome para um porco. Lembrou-se de como ela tinha imitado um porco, como seu lábio superior franzira ao subir, como suas bochechas se achataram e ela *pareceu* mesmo um porco por um instante: *Oinc! GRUOOINC!*

Paul ouviu a voz dela chamando o animal no celeiro:

— Êêê, aquiii-qui-qui, porquim!

Ele se recostou, cobriu os olhos com o braço e tentou agarrar-se à raiva que sentia, pois a raiva o deixava valente. Um homem valente conseguia pensar. Um covarde, não.

Eis uma mulher que tinha sido enfermeira — disso ele tinha certeza. Ela ainda era enfermeira? Não, porque não saía para trabalhar. Por que ela já não trabalhava? Ela certamente não batia bem; dava pra ouvir os parafusos soltos chacoalhando quando ela mexia a cabeça. Se aquilo era óbvio para ele, mesmo em meio à névoa de dor em que vivia, certamente teria sido óbvio para os colegas de trabalho.

E ele tinha algumas informações extras que lhe permitiam julgar *quantos* parafusos ela tinha perdido, não é? Ela o arrastou dos destroços do carro e, em vez de chamar a polícia ou uma ambulância, o instalou em seu quarto de hóspedes, o alimentou por agulhas espetadas no braço e entupiu seu corpo de drogas. Tanto que ele chegou a ter parada respiratória pelo menos uma vez. Ela não contara a ninguém que Paul estava ali, e se não o fizera até o momento, é porque não tencionava fazê-lo.

Será que ela teria agido da mesma forma caso se tratasse de um zé-ninguém de algum cafundó? Não. Ele achava que não. Ela o aprisionara porque ele era Paul Sheldon e *ela...*

— Ela é minha fã número um — murmurou Paul e cobriu os olhos com o braço outra vez.

Uma memória horrível apareceu nas trevas: sua mãe o levara ao Zoológico de Boston. Lá ele vira um grande pássaro. Tinha uma plumagem belíssima — vermelho, roxo e azul real —, a mais bela que ele já vira... e os olhos mais tristes. Paul perguntara à mãe de onde era aquele pássaro. Ela disse que era da *África*, e ele entendeu que o bicho estava destinado a morrer na jaula, longe de onde quer que Deus o tivesse colocado originalmente, e ele chorou e sua mãe comprou um sorvete para calá-lo. Paul parou de chorar por alguns instantes, mas então se lembrou do pássaro e recomeçou a chorar e ela teve que levá-lo para casa, dizendo-lhe enquanto entravam no bonde de volta a Lynn que ele era fresco e frouxo.

As penas. Os *olhos*.

A pulsação nas pernas começou a acelerar.

Não. Não, não.

Ele apertou a dobra do cotovelo mais forte contra os olhos. Do celeiro vinham barulhos espaçados, como impactos abafados. Não dava para saber o que significavam, claro, mas em sua imaginação

(sua MENTE sua CRIATIVIDADE, é só isso)

ele podia vê-la empurrando fardos de feno do segundo andar com o calcanhar da bota, podia ver os fardos batendo no chão do celeiro.

África. Ele veio da África. Da...

Então ele ouviu a voz dela, agitada, cortando o pensamento feito faca afiada, quase gritando: *Você acha que quando me intimaram para depor em Den...*

Intimaram para depor. Quando me intimaram para depor em Denver.

Você jura dizer a verdade, toda a verdade e nada além da verdade, em nome de Deus?

(“Não sei de onde ele puxou isso.”)

Eu juro.

(“Ele está SEMPRE escrevendo essas coisas.”)

Diga o seu nome.

(“Ninguém do MEU lado da família tem essa imaginação.”)

Annie Wilkes.

(“Tão vívida!”)

Meu nome é Annie Wilkes.

Ele esforçou-se por fazê-la falar mais. Ela não falou.

— Vamos... — murmurou ele, com os olhos cobertos com o braço. Era a maneira como Paul pensava melhor, como *imaginava* melhor. Sua mãe gostava de dizer à srta. Mulvaney, vizinha de cerca, que ele tinha uma imaginação maravilhosa, tão vívida, e que estava sempre escrevendo historinhas tão interessantes (exceto, é claro, quando ela o chamava de fresco e frouxo).

— Vamos, vamos, vamos...

Paul podia ver a sala da audiência em Denver, podia ver Annie Wilkes no banco. Ela não usava jeans, e sim um vestido roxo escuro puído e um chapéu horroroso. Ele viu a sala repleta de testemunhas, viu o juiz calvo e de óculos. O juiz tinha um bigode branco. Havia um sinal sob o bigode branco. O bigode branco cobria parte do sinal, mas não tudo.

Annie Wilkes.

(“Ele aprendeu a ler aos 3 anos! Acredita nisso?”)

No espírito de... amor de fã...

(“Ele está sempre inventando coisa e escrevendo.”)

Agora eu preciso enxaguar.

(“África. Ele veio da”)

— Vamos... — ele sussurrou, mas não conseguiu mais nada. O meirinho pediu que ela dissesse o nome, ela repetiu várias vezes que seu nome era Annie Wilkes, mas não disse mais nada. Só ficou ali sentada, o corpo sólido e fibroso ocupando espaço, repetindo o nome, mas nada além disso.

Ainda tentando imaginar por que a ex-enfermeira que o fizera prisioneiro fora intimidada a depor em Denver, Paul adormeceu.

12

Ele estava em um quarto de hospital. Sentiu um alívio tão forte que achou que fosse chorar. Algo acontecera enquanto ele dormia, alguém tinha aparecido, ou quem sabe algo tivesse mudado no coração ou na mente de Annie. Não importava. Ele adormecera na casa da mulher-monstro e acordara no hospital.

Mas por que o teriam colocado em um quarto tão grande? Grande como um hangar! O lugar estava repleto de fileiras idênticas de homens deitados em camas com soros idênticos dependurados ao lado. Ele se ergueu e viu que os homens também eram idênticos — eram todos *ele*. Então Paul ouviu o bater longínquo do relógio e entendeu que as batidas vinham do outro lado do sonho. Era um sonho. A tristeza substituiu o alívio.

A porta do outro lado do quarto enorme se abriu e Annie Wilkes entrou — mas dessa vez vestida em um vestido longo com avental e uma touca de enfermeira. Estava vestida como Misery Chastain em *O Amor de Misery*. Ela trazia uma cesta de palha em um braço. Uma toalha cobria o conteúdo da cesta. Paul a viu dobrando a toalha para trás. Ela retirou algo da cesta e arremessou no rosto do primeiro Paul Sheldon que dormia. Era areia — Annie Wilkes fingia ser Misery Chastain fingindo ser o homem dos sonhos.² *Mulher dos sonhos*.

Então ele viu que o rosto do primeiro Paul Sheldon assumira um horrendo tom pálido ao primeiro contato com a areia, e o medo o acordou, levando-o de

volta ao quarto, onde Annie Wilkes o aguardava, inclinada sobre ele. Ela segurava a brochura grossa de *O Filho de Misery*. O marcador indicava que ela havia lido três quartos do livro.

— Você estava gemendo.

— Eu tive um sonho ruim.

— Sobre o quê?

A primeira mentira que surgiu em sua mente foi:

— Sobre a África.

13

Ela apareceu tarde na manhã seguinte, e seu rosto tinha um tom sujo de cinza. Ele estivera cochilando, mas ficou desperto de súbito, erguendo-se nos cotovelos.

— Srta. Wilkes? Está tudo be...

— Não.

Cristo, é um ataque cardíaco, pensou ele, e um rápido momento de apreensão foi substituído por júbilo. *É isso aí! Tomara que seja dos grandes! Tomara que exploda o peito!* Ele ficaria mais do que satisfeito em rastejar até o telefone, não importava o quanto doesse. Ele rastejaria sobre vidro partido, se fosse necessário.

E *tinha* sido um ataque do coração... mas não do tipo clínico.

Ela foi na direção de Paul, não cambaleando, mas quase *rolando*, como um marinheiro que sai do navio depois de uma longa viagem.

— O quê... — Ele tentou se encolher para longe dela, mas não havia para onde ir. Só havia a cabeceira da cama, e atrás, a parede.

— *Não!* — Annie alcançou o lado da cama, bateu contra ela, balançou e por um instante pareceu prestes a cair em cima de Paul. Então ficou ali, olhando para ele com o rosto branco feito papel, as veias do pescoço destacadas, uma veia pulsando no centro da testa. As mãos se fechavam em punhos sólidos feito rocha e abriam novamente.

— Seu... seu... seu *coisa feia!*

— O quê... eu não... — Mas então ele entendeu, e todo o seu torso pareceu se esvaziar e então sumir. Ele se lembrou de onde o marcador do livro estava na noite anterior — a um quarto do final. Ela terminara o livro. Sabia tudo o que havia para saber. Sabia que Misery não era estéril, afinal: *Ian* era. Teria ela ficado sentada na sala de estar que ele ainda não vira, de boca aberta e olhos arregalados quando Misery finalmente percebeu a verdade, tomou sua decisão e fugiu para se encontrar com Geoffrey? Teriam seus olhos se enchido de lágrimas quando ela compreendeu que Misery e Geoffrey não estavam tendo um caso pelas costas do homem que ambos amavam, muito pelo contrário, que estavam lhe dando o maior presente que podiam — um filho que ele acreditaria ser seu? Teria seu coração saltado no peito quando Misery contou a Ian que estava grávida e ele a estreitou nos braços com lágrimas rolando dos olhos, murmurando “Meu amor, oh, meu amor!” repetidas vezes? Ele teve certeza, naqueles poucos segundos, que tudo aquilo havia acontecido. Mas em vez de chorar com dor enlevada, como deveria ter feito quando Misery expirou ao dar à luz o menino que Ian e Geoffrey provavelmente criariam juntos, ela tinha ficado furiosa para valer.

— *Ela não pode ter morrido!* — Annie Wilkes gritou. Suas mãos se abriam e fechavam cada vez mais rápido. — *Misery Chastain NÃO PODE TER MORRIDO!*

— Annie... Annie, por favor...

Havia uma jarra de vidro cheia de água na mesa. Ela a pegou e sacudiu na direção dele. Água fria se derramou sobre seu rosto. Um cubo de gelo voou, bateu ao lado de sua orelha esquerda e deslizou pelo travesseiro até aninhar-se em sua clavícula. Em sua mente

(“*tão vívida!*”)

Paul a viu batendo com a jarra em seu rosto, viu-se morrendo de fratura craniana e hemorragia cerebral em meio a um jorro de água congelante. Seus braços se arrepriaram.

Ela queria fazer aquilo. Não havia a menor dúvida.

No último instante Annie girou para o lado oposto e arremessou a jarra na porta, onde ela se espatifou como a tigela no dia anterior.

Ela olhou para Paul e afastou o cabelo do rosto com as costas da mão. Duas pequenas manchas rosadas tinham aparecido em seu rosto antes pálido.

— Coisa feia! — arquejou ela. — Ah, seu coisa feia, como você *pôde?*

Paul falou rápido, com urgência, os olhos esgazeados cravados no rosto dela. Ele teve certeza naquele instante de que sua vida dependia do que conseguisse dizer nos próximos vinte segundos.

— Annie, em 1871 era *comum* as mulheres morrerem no parto. Misery deu a vida pelo marido, pelo melhor amigo e pelo filho. O *espírito* de Misery vai sempre...

— Eu não quero o *espírito* dela! — gritou Annie, curvando os dedos em garras e sacudindo-os para ele como se fosse arrancar seus olhos. — Eu quero *ela!* Você a *matou!* Você a *assassinou!* — Suas mãos se fecharam em punhos outra vez e bateram feito pistões contra os travesseiros, uma de cada lado da cabeça de Paul, deixando marcas profundas. Ele quicou feito um boneco de pano, suas pernas reclamaram e ele gritou:

— *Eu não a matei!*

Ela parou, encarando-o com a expressão estreita e sinistra — o olhar de *abismo*.

— É *claro* que não — disse ela, com sarcasmo amargo. — Se não foi você, Paul Sheldon, quem foi?

— Ninguém — respondeu ele, mais baixo. — Ela só morreu.

Ele sabia que era verdade. Se Misery Chastain fosse uma pessoa real, ele sabia que provavelmente teria sido chamado para “ajudar a polícia com o inquérito”, como se dizia eufemisticamente. Afinal, ele tinha um motivo: ele a odiava. Quatro anos antes, no dia 1º de abril, ele mandara imprimir um livreto e o enviara a uma dúzia de conhecidos próximos. Se chamava *O passatempo de Misery*. Nele, Misery passava um alegre fim de semana no campo mandando ver com Growler, o *irish setter* de Ian.

Ele podia tê-la matado... mas não o fizera. No final, apesar de desprezar Misery, a morte dela fora um tanto surpreendente para ele. Paul permanecera fiel a si mesmo o suficiente para que a arte imitasse a vida, ainda que debilmente, até o fim das aventuras batidas de Misery. Ela sofrera uma morte inesperada. O fato de ele ter saracoteado de júbilo não alterava nada.

— Mentira — murmurou Annie. — Eu pensei que você era *bom*, mas você *não é* bom. Você não passa de um coisa feia mentiroso.

— Ela não aguentou, foi só isso. Às vezes acontece. Na vida real é assim, às vezes a pessoa não...

Annie virou a mesa que havia ao lado da cama com um movimento. A gaveta abriu e caiu e o relógio e os trocados de Paul se espalharam pelo chão. Ele sequer sabia que estavam ali. Ele olhou de volta para ela, encolhido.

— Você acha que eu nasci *ontem*? — disse ela. Seus lábios se franziram, expondo os dentes. — No meu trabalho eu já vi dezenas de pessoas morrerem — *centenas*, melhor dizendo. Às vezes elas morrem gritando, e às vezes elas morrem dormindo... e sim, claro, às vezes elas não aguentam, que nem você disse.

“Mas personagens de história NÃO! Deus leva a gente quando chega a hora e um escritor é Deus para as pessoas da história, ele cria elas assim como Deus criou a gente e ninguém sabe onde Deus está nem tem como fazer Ele explicar nada, sim, tudo bem, mas escute o que eu vou dizer, seu coisa feia, e escute bem: no caso de Misery, Deus está com as duas pernas quebradas e Deus está na MINHA casa comendo da MINHA comida... e...”

Ela apagou. Se endireitou e ficou com os braços frouxos, dependurados, olhando para a parede onde havia uma fotografia do Arco do Triunfo. Ficou ali parada e Paul ficou deitado na cama com marcas de punhos no travesseiro, olhando para ela. Podia ouvir a água da jarra pingando no chão, e lhe ocorreu que ele poderia cometer assassinato. Aquela era uma questão que lhe ocorria às vezes — estritamente teórica, é claro —, mas agora já não era mais teórica e ele sabia a resposta. Se ela não tivesse arremessado a jarra, ele mesmo a teria espatifado contra o chão e tentado enfiar um dos cacos de vidro na garganta de Annie enquanto ela estava li parada e inerte feito um porta-chapéus.

Ele olhou para o conteúdo esparramado da gaveta, mas só viu trocados, uma caneta, um pente e seu relógio. Nada de carteira. E mais importante: nada de canivete suíço.

Annie voltou aos poucos, e a raiva finalmente passara. Ela olhou para Paul com tristeza.

— Acho melhor eu ir agora. Acho melhor eu não ficar perto de você por um tempo. Acho que não é... bom.

— Para onde você vai?

— Não interessa. Um lugar que eu conheço. Se eu ficar aqui, vou fazer algo estúpido. Eu preciso pensar. Adeus, Paul.

Ela atravessou o quarto.

— Você vai voltar para me dar o remédio? — perguntou ele, alarmado.

Annie pegou a maçaneta e puxou a porta, fechando-a sem responder. Pela primeira vez ele ouviu o barulho da chave girando.

Paul ouviu seus passos se afastando. Fez uma careta ao ouvi-la gritar com raiva — palavras que ele não conseguiu compreender — e então mais alguma coisa caiu e se quebrou. Uma porta bateu. Um motor engasgou e então começou a funcionar. Ele ouviu o guinchado baixo de pneus girando sobre neve compacta. O ruído do motor foi enfraquecendo até tornar-se um ronco distante, então um murmúrio, então nada.

Ele estava sozinho.

Sozinho na casa de Annie Wilkes, trancado no quarto. Entrevado na cama. A distância dali a Denver era... bom, como a distância entre o Zoológico de Boston e a África.

Ele ficou deitado olhando para o teto, com a garganta seca e o coração acelerado.

Depois de algum tempo o relógio da sala bateu o meio-dia e a maré começou a se afastar.

14

Cinquenta e uma horas.

Paul sabia quanto tempo por causa da caneta, a Flair Fine-Liner que estava em seu bolso no momento do acidente. Ele conseguira se abaixar e fisgá-la. Sempre que o relógio batia ele fazia uma marca no braço: quatro traços verticais e uma linha em diagonal para fechar o quinteto. Quando ela voltou, havia dez grupos de cinco e um traço. Os pequenos conjuntos, organizados a princípio, tornavam-se cada vez mais tortos à medida que o tremor nas mãos aumentava. Ele achava que não tinha deixado passar nenhuma hora. Consequira cochilar, mas não tinha dormido de verdade. A batida do relógio o acordava a cada hora.

Depois de um tempo ele começou a sentir fome e sede, mesmo em meio à dor. No começo o Rei da Dor estava lá na frente e Eu Tô Com Fome estava 200 metros atrás. Sede Pra Burro estava lá no final, na poeira. Então, por volta

do nascer do sol do dia em que Annie partira, Eu Tô Com Fome chegou a assustar o Rei da Dor, colando nele.

Paul passara a maior parte da noite cochilando e acordando, empapado de suor frio, certo de que morria. Depois de um tempo ele começou a *desejar* estar morrendo. Jamais soubera até então quanta dor era possível haver no mundo. Os mourões aumentavam continuamente de tamanho. Ele podia ver cracas incrustadas neles, pálidas formas afogadas dependuradas flácidas entre as rachaduras. Criaturas de sorte. Já não havia dor para elas. Por volta das três ele começou a gritar inutilmente.

Perto do meio-dia seguinte — a 24^a hora — ele percebeu que, por pior que fosse a dor em suas pernas e pélvis, outra coisa o machucava. Era a abstinência. Esse cavalo era o Vingança do Viciado. Ele precisava dos comprimidos em mais de uma maneira.

Ele cogitou tentar sair da cama, mas a ideia do impacto da queda e o aumento de dor que se seguia o impediam vez após vez. Ele podia imaginar muito bem

(“*Tão vívida!*”)

a sensação. Talvez tentasse mesmo assim, mas ela tinha trancado a porta. O que mais ele podia fazer além de rastejar até lá feito uma lesma e ficar no chão?

Em desespero ele afastou o cobertor pela primeira vez, desejando contra todas as evidências que a situação não fosse tão ruim quanto as formas ocultas sob o tecido sugeriam. Não era tão ruim — era pior. Ele olhou com horror para a área abaixo dos joelhos. Em sua mente ele ouviu a voz de Ronald Reagan em *Em Cada Coração um Pecado*, gritando: *Onde está o resto de mim?*

O resto de Paul estava lá, e ele ainda podia se safar. Parecia cada vez mais difícil, mas ele imaginou ser tecnicamente possível... mas também podia ser que ele jamais caminhasse novamente — e com certeza não até que suas pernas fossem quebradas outra vez, talvez em vários lugares, e afixadas com aço, e trabalhadas sem piedade, submetidas a sabe-se lá quantos procedimentos indignos e excruciantes.

Annie tinha imobilizado suas pernas. Ele sentira as formas rígidas sob o lençol, mas até então não soubera como ela o fizera. A parte inferior das pernas estava cercada por varas de aço finas que pareciam pedaços serrados de muletas de alumínio. As varas tinham sido laboriosamente envolvidas em bandagens, e dos joelhos para baixo ele parecia Imhotep exumado em seu sarcófago. As

pernas pareciam estranhamente erradas em seu caminho até os joelhos, dobrando-se para fora em alguns pontos, recuando para dentro em outros. Seu joelho esquerdo — um foco pulsante de dor — já não parecia existir. Havia uma panturrilha, uma coxa, e no meio um inchaço doentio que parecia um domo salino. A parte superior das pernas estava muito inchada e pareciam ter se abaulado. As coxas, virilha e mesmo o pênis ainda estavam manchados de hematomas.

Ele acreditara que a parte inferior das pernas tinha sido estilhaçada. Mas descobriu que não era o caso. Tinham sido *pulverizadas*.

Gemendo e chorando, ele puxou os lençóis de volta. Não iria sair rolando da cama. Melhor ficar ali, morrer ali, melhor aceitar aquele nível de dor, horrível como fosse, até que toda a dor sumisse.

Perto das quatro da tarde do segundo dia, Sede Pra Burro deu as caras. Ele já tinha notado a secura na boca e na garganta há muito tempo, mas agora era mais urgente. Sua língua parecia grossa, grande demais. Engolir doía. Ele começou a pensar na jarra de água que Annie espatifara.

Ele cochilou, acordou e cochilou.

O dia terminou e a noite caiu.

Paul tinha que urinar. Ele esticou o lençol de cima em volta do pênis, improvisando um filtro, e urinou nas mãos trêmulas, curvadas em concha. Ele tentou pensar naquilo como reciclagem e bebeu o que conseguiu segurar e lambeu as palmas das mãos. Eis aí outra coisa que ele jamais contaria a ninguém, se vivesse o bastante para isso.

Ele começou a acreditar que Annie tinha morrido. Ela era muito instável, e pessoas instáveis costumavam dar cabo da própria vida. Ele a viu

(*“Tão vívida!”*)

parando a velha Bessie no acostamento, pegando um .44 debaixo do assento, colocando o cano na boca e disparando. *“Se Misery morreu, eu não quero viver. Adeus, mundo cruel!”* — gritou Annie, em meio a uma chuva de lágrimas, e puxou o gatilho.

Ele gargalhou, gemeu e gritou. O vento gritou com ele... mas isso foi tudo.

Ou quem sabe um acidente? Seria possível? Ah, com certeza! Ele a viu dirigindo com uma expressão sombria, indo rápido demais e então

(*“Ele não puxou isso do MEU lado da família”*)

sua mente se apagaria e Annie sairia da estrada. Descendo, caindo, despencando. Um impacto e uma explosão. Annie morreria em uma bola de fogo sem nem se dar conta.

Se Annie tivesse morrido, ele morreria ali, um rato preso na ratoeira.

Ele continuou esperando que a inconsciência viesse oferecer alívio, mas a inconsciência se recusava. Em vez disso, deu a trigésima hora, a quadragésima hora; o Rei da Dor e Sede Pra Burro tornaram-se um só cavalo (Eu Tô Com Fome tinha ficado para trás há muito tempo) e ele começou a se sentir como um mero pedaço de tecido vivo em uma placa de microscópio ou uma minhoca em um anzol: uma coisa se retorcendo sem parar, esperando a hora de morrer.

15

Quando Annie apareceu por fim, ele imaginou que devia ser um sonho, mas então a realidade — ou o mero instinto de sobrevivência — assumiu o controle e ele começou a gemer e pedir e implorar, as palavras alquebradas saíam de um poço profundo de irrealidade. A única coisa que ele via com clareza é que ela usava um vestido azul-escuro e um chapéu com enfeites florais — exatamente a roupa que ele a imaginara usando no tribunal em Denver.

Ela estava corada e seus olhos faiscavam de vida e frescor. Aquilo era o mais próximo de beleza que Annie Wilkes jamais alcançaria, e mais tarde, quando ele tentou se lembrar daquela cena, as únicas imagens claras que apareciam eram as bochechas rosadas e o chapéu enfeitado. De alguma cidadela de sanidade e clareza objetiva o Paul Sheldon racional pensou: *Parece uma viúva que deu a primeira trepada depois de dez anos.*

Ela trazia um copo de água — um grande copo de água.

— Tome — disse ela, sustentando sua nuca com a mão ainda fria do clima lá fora para que ele pudesse se erguer e beber sem engasgar. Paul deu três goles rápidos. Os poros da planície árida de sua língua se abriram com o choque, e um pouco de água desceu pelo seu queixo até a camiseta. Annie afastou o copo. Ele pediu mais com um fio de voz, estendendo as mãos trêmulas.

— Não. Não, Paul. Devagarzinho, senão você vai vomitar.

Depois de algum tempo ela devolveu o copo e permitiu que ele desse mais dois goles.

— O remédio — disse Paul, tossindo. Ele chupou os lábios, passando a língua por eles, e então sugou a língua. Ele se lembrava vagamente de beber a própria urina, da temperatura quente, do gosto salgado. — Os comprimidos... está doendo... por favor, Annie, por favor, pelo amor de Deus me ajude *está doendo muito...*

— Eu sei que está, mas você tem que me escutar — disse ela, olhando para ele com a expressão maternal e severa. — Eu tive que ir pra longe pra poder pensar. Eu pensei bastante e espero ter pensado direito. Eu não tinha muita certeza... às vezes meus pensamentos ficam confusos, eu sei disso. Eu aceito isso. Por isso eu não consegui me lembrar de onde eu estava, todas aquelas vezes que me perguntaram. Então eu rezei. Deus existe, sabe, e Ele responde a orações. Sempre responde. Então eu rezei. Eu disse: “Meu Deus, Paul Sheldon pode ter morrido quando eu voltar.” Mas Deus disse: “Ele não morreu. Eu o poupei para que você lhe amostre o caminho a seguir.”

Ela disse *amostre*, mas Paul nem sequer a ouvia. Seus olhos estavam cravados no copo de água. Ela permitiu mais três goles. Ele bebeu feito um cavalo, arrotou e então gritou ao sentir o espasmo das câimbras.

Durante isso tudo Annie olhava para ele com ternura.

— Eu vou dar o seu remédio e acabar com sua dor, mas primeiro eu tenho um trabalho a fazer. Eu já volto.

Ela se levantou e foi até a porta.

— *Não!*

Annie não notou. Ele ficou na cama, metido em um casulo de dor, tentando não gemer, mas gemendo assim mesmo.

16

A princípio ele achou que havia começado a delirar. O que estava vendo era bizarro demais para pertencer à sanidade. Annie voltou empurrando uma churrasqueira a carvão portátil.

— Annie, está doendo muito. — Lágrimas rolavam por seu rosto.

— Eu sei, coração. — Ela beijou seu rosto, e o toque de seus lábios era suave como uma pluma. — Já, já.

Ela saiu e Paul ficou olhando estupidamente para a churrasqueira, algo feito para quintais e tardes de verão, que agora se postava em seu quarto, trazendo imagens inexoráveis de ídolos e sacrifícios.

E era sacrifício o que ela tinha em mente, é claro — quando voltou, Annie trazia o manuscrito de *Carros Velozes*, o resultado de dois anos de trabalho, o único exemplar existente. Na outra mão trazia uma caixa de fósforos Diamond Blue Tip.

17

— Não — disse ele, chorando e tremendo. Um pensamento o remordia, queimando feito ácido: por menos de cem pratas ele podia ter tirado uma cópia do manuscrito em Boulder. Muita gente — Bryce, suas ex-mulheres, até sua mãe — sempre lhe dissera que ele era louco por não tirar uma cópia de seus manuscritos e guardá-la. Afinal, o Boulderado podia pegar fogo, ou a casa em Nova York; podia haver um tornado ou enchente ou outra catástrofe natural. Ele sempre se recusara, sem nenhum motivo racional. Ele só achava que tirar cópias dava azar.

Bom, ali estava a catástrofe e o azar, tudo junto: Furacão Annie. Pelo jeito, em sua inocência, jamais passara pela mente de Annie que podia haver outra cópia de *Carros Velozes*, e se ele tivesse ao menos *escutado*, se tivesse gastado a porcaria dos cem dólares...

— Sim — respondeu ela, estendendo a caixa de fósforos. O manuscrito, em papel Hammermill Bond liso e branco, com a página de título no topo, estava no colo de Annie. Seu rosto ainda estava sereno.

— Não — disse ele e virou o rosto.

— Sim. É imundo. E além disso não é bom.

— Você não sabe o que é bom! Nem se tropeçasse no Bem e caísse de cara no Bom, ainda assim você não saberia, porque você tem mau gosto! — gritou ele, já sem se importar.

Ela riu suavemente. Parecia que seu mau gênio tinha tirado férias. Mas, conhecendo Annie Wilkes, Paul sabia que ele poderia voltar a qualquer momento com as malas na mão: *Não aguentei ficar longe! Como é que vocês estão?*

— Primeiro que o bem *não* me faria tropeçar. O *mal* sim, mas o bem, não. E depois, eu *conheço* o bem quando vejo... *você é bom, Paul. Só precisa de ajuda. Agora pegue os fósforos.*

Ele sacudiu a cabeça com força de um lado para outro.

— Não.

— Sim.

— Não!

— Sim.

— *Não, caralho!*

— Pode xingar o quanto quiser. Já ouvi isso antes.

— Eu não vou fazer isso.

Ele fechou os olhos.

Quando os abriu, ela estava segurando um quadrado de papelão onde estava escrito NOVRIL em letras azuis brilhantes. Mais abaixo, AMOSTRA, em letras vermelhas. NÃO DEVE SER ADMINISTRADO SEM PRESCRIÇÃO MÉDICA. Abaixo do aviso havia quatro comprimidos em bolhas de plástico. Ele estendeu o braço, mas Annie afastou a cartela.

— Quando você queimar o livro manuscrito. Aí eu lhe dou os comprimidos, os quatro, e a dor vai sumir. Você vai ficar em paz de novo, e quando estiver melhor, eu vou trocar sua roupa de cama. Eu vi que você se molhou, e deve estar desconfortável. Também vou trocar *suas* roupas. Você vai ficar com fome, e eu vou lhe dar sopinha. Talvez torradas sem manteiga... Mas até você queimar o livro manuscrito, Paul, eu não posso fazer nada. Sinto muito.

Sua língua queria dizer: *Sim! Sim, tudo bem!*, e por isso ele a mordeu. Ele se afastou outra vez — para longe da enlouquecedora cartela de papelão com os comprimidos brancos nas bolhas transparentes em formato de losango.

— Demônio...

Ele se preparou para a raiva dela, mas o que ouviu foi uma risada complacente, com um tom de tristeza sábia.

— Ah, sim! *Sim!* Isso é o que a criança diz quando a mamãe chega na cozinha e pega ela brincando com o que não deve. A criança não fala *assim*, claro, porque não tem a mesma educação que você. Ela diz: “Mamãe, você é malvada!”

Ela afastou os cabelos de Paul da testa febril. Os dedos desceram por sua bochecha, pelo lado do pescoço e então apertaram levemente o seu ombro, com compaixão, antes de se afastar.

— A mãe se sente mal quando o filho chama ela de malvada ou quando ele chora porque ela tomou o brinquedo, que nem você está chorando agora. Mas ela sabe que está certa, e por isso cumpre o seu dever. Como eu estou cumprindo o meu.

Annie deu três batidas com os nós dos dedos no manuscrito — 190 mil palavras e cinco vidas pelas quais um Paul Sheldon saudável e sem dor tinha se importado bastante, 190 mil palavras e cinco vidas que ele achava cada vez mais descartáveis à medida que o tempo passava.

Os comprimidos. Os comprimidos. Ele precisava da porra dos comprimidos. As vidas eram sombras, os comprimidos, não. *Eles* eram de verdade.

— Paul?

— *Não!* — soluçou ele.

O chacoalhar baixo dos comprimidos — silêncio — e depois o chacoalhar dos fósforos na caixa.

— Paul?

— *Não!*

— Estou esperando, Paul.

Oh por que em nome de Deus você está bancando o Horácio na ponte,³ seu cretino, quem em nome de Deus você quer impressionar? Você acha que isso é um filme, uma série de TV, acha que tem uma plateia julgando sua valentia? Você pode fazer o que ela quer ou pode tentar aguentar. Se tentar aguentar, vai acabar morrendo e ela vai queimar o manuscrito do mesmo jeito. O que você vai fazer, ficar sofrendo por um livro que não ia vender nem metade do que o livro de pior venda de Misery, e que aquele afetadinho malicioso do Peter Prescott ia cagar em cima na resenha pra Newsweek, esse grande oráculo da literatura? Anda, anda, seja esperto! Até Galileu se retratou quando viu que a coisa era séria!

— Paul? Eu estou esperando. Posso esperar o dia todo. Mas acho que você logo vai entrar em coma. Acho que já está perto, e eu tenho muita...

Sua voz continuou em um zumbido.

Sim! Me dê os fósforos! Um lança-chamas! Um helicóptero e napalm! Eu joga uma bomba nuclear nessa porra se você quiser, sua megera escrota!

Assim falou o oportunista, o sobrevivente. Mas outra parte, já débil, já quase comatosa, sucumbiu às trevas enquanto gemia: *Cento e noventa mil palavras! Cinco vidas! Dois anos de trabalho!* E o que realmente importava: *A verdade! Tudo o que você sabia sobre A PORRA DA VERDADE!*

As molas da cama rangeram quando ela se levantou.

— Ora! Você é um rapazinho teimoso, sabia? E eu não posso ficar sentada aqui a noite toda, embora quisesse! Afinal eu dirigi por quase uma hora, me apressando para chegar. Eu volto daqui a pouco para ver se você...

— Você queima, então!

Ela se voltou e olhou para ele.

— Não. Eu não posso fazer isso, embora quisesse, para poupar você dessa agonia.

— Por que não?

— Porque você tem que fazer isso por livre e espontânea vontade — ela disse, empertigada.

Ele começou a rir então, e o rosto de Annie se escureceu pela primeira vez desde seu regresso, e ela saiu do quarto levando o manuscrito sob o braço.

18

Quando voltou uma hora depois, ela trouxe os fósforos.

Ela pôs a primeira página na churrasqueira. Paul tentou acender um dos fósforos e não conseguiu. Eles ficavam caindo ou não raspavam direito na lixa lateral.

Annie pegou a caixa, acendeu um fósforo e o entregou aceso na mão dele. Paul encostou a chama no canto do papel e deixou o fósforo cair no fundo da churrasqueira, observando fascinado enquanto a chama provava o papel e

então o devorava. Annie tinha trazido um grande garfo de churrasco, e quando a página começou a se encarquilhar, ela a empurrou pelo gradil.

— Isso vai demorar demais — disse ele. — Eu não posso...

— Não, a gente vai fazer bem rápido. Mas você tem que queimar algumas páginas, Paul, como sinal do seu entendimento.

Ela pôs a primeira página de *Carros Velozes* na churrasqueira. Palavras que ele se lembrava de escrever 24 meses antes, na casa de Nova York:

“*Eu não tenho carro*’, disse Tony Bonasaro, indo até a moça que descia as escadas, ‘*e aprendo devagar, mas dirijo rápido*’.”

Ah, aquilo o fez se lembrar daquele dia como se fosse uma canção que se ouve no rádio. Ele se lembrava de caminhar pelos cômodos do apartamento, inchado com o livro, mais que inchado, *grávido*, e sentia a dor do parto. Lembrava-se de encontrar um dos sutiãs de Joan debaixo de uma almofada no sofá. Ela já tinha partido havia três meses, para ter uma ideia da qualidade do trabalho da equipe de limpeza. Lembrava-se de ouvir o tráfego de Nova York e, ao longe, o bater monótono de um sino de igreja conclamando os fiéis à missa.

Lembrava-se de se sentar.

Como sempre, o alívio abençoado de começar, uma sensação como cair em um buraco repleto de luz.

Como sempre, a certeza melancólica de que ele não escreveria tão bem quanto desejava escrever.

Como sempre, o terror de não conseguir terminar, de acelerar em um beco sem saída.

Como sempre, a sensação maravilhosa e empolgante de ter *começado a jornada*.

Ele olhou para Annie Wilkes e disse, baixo mas com clareza:

— Annie, por favor, não me faça fazer isso.

Ela segurava os fósforos imóveis diante dele e disse:

— A escolha é sua.

E assim ele queimou o livro.

Ela o fez queimar a primeira página, a última página e nove pares de páginas de vários pontos do manuscrito. Disse que nove era um número de poder, e nove dobrado dava sorte. Paul viu que ela tinha usado caneta hidrográfica para riscar os palavrões até a parte em que tinha lido.

— Agora — disse ela, quando o nono par de páginas queimou —, já que você foi um bom menino e soube levar na esportiva... Eu sei que dói quase tanto quanto suas pernas, e não vou prolongar mais isso.

Ela retirou a grelha e pôs o resto do manuscrito dentro da churrasqueira, esmagando os restos carbonizados das páginas já incineradas. A sala fedia a fósforo e papel queimado. *Parece a antessala do Inferno*, pensou ele, em delírio, e se houvesse alguma coisa na casca de noz enrugada que já fora seu estômago, Paul achou que teria vomitado.

Ela acendeu outro fósforo e entregou na mão dele. De alguma forma Paul conseguiu se inclinar e jogar o fósforo lá dentro. Não importava mais. Não importava.

Ela o cutucou.

Ele abriu os olhos, extenuado.

— Apagou.

Annie riscou outro fósforo e o entregou a ele.

De alguma forma ele conseguiu se inclinar para diante outra vez, acordando suas pernas, que uivaram, e encostou o fósforo no canto da pilha de papel. E dessa vez o fogo se espalhou.

Ele voltou a se recostar, de olhos fechados, ouvindo o crepitar das chamas, sentindo o calor próximo.

— Minha nossa! — gritou ela, alarmada.

Ele abriu os olhos e viu que pedaços de papel calcinado subiam no ar quente.

Annie saiu do quarto, atabalhoada. Ele ouviu água da torneira batendo no fundo do balde. Observou sem reação um pedaço escuro do manuscrito flutuar pelo quarto e pousar em uma das cortinas de gaze. Houve um breve clarão — ele chegou a se perguntar se o quarto ia pegar fogo — que fulgurou uma vez e então se apagou, deixando um pequeno buraco como marca de cigarro. Cinzas caíam na cama. Algumas pousavam em seus braços. Ele não se importou nem se mexeu.

Annie voltou, e seus olhos saltavam de um canto a outro, tentando seguir o curso de cada página carbonizada que subia em zigue-zague pelo ar. As chamas estalavam e subiam pelas beiradas da churrasqueira.

— Minha nossa! — repetiu ela, segurando o balde e olhando ao redor, tentando decidir onde jogar água, ou se seria mesmo necessário jogar água. Seus lábios tremiam, úmidos de saliva. Paul viu quando ela passou a língua por eles, umedecendo-os outra vez.

— Minha nossa! Minha nossa! — parecia ser tudo o que ela conseguia dizer.

Mesmo preso nas tenazes implacáveis da dor, Paul sentiu um momento de prazer intenso — foi quando Annie Wilkes pareceu estar assustada. Aquela era uma expressão que ele podia vir a amar.

Outra página subiu, sendo ainda devorada por pequenas línguas azuis de fogo baixo, e aquilo fez Annie se decidir. Dizendo “Minha nossa!” outra vez, ela despejou o balde com cuidado dentro da churrasqueira. Houve um chiado monstruoso e uma coluna de fumaça se ergueu. O cheiro era úmido e horrível, calcinado e algo cremoso.

Quando Annie saiu, ele conseguiu se erguer sobre o cotovelo uma última vez. Olhou para dentro da churrasqueira e viu algo que parecia um tronco de madeira queimado flutuando em uma fonte imunda.

Depois de algum tempo, Annie Wilkes retornou.

Inacreditavelmente, ela estava cantarolando.

Ela o ergueu sentado e empurrou os comprimidos para sua boca.

Ele engoliu e se recostou, pensando: *Eu vou matar essa mulher.*

20

— Coma — disse ela, de muito longe, e Paul sentiu uma pontada de dor. Abriu os olhos e viu-a sentada ao seu lado; pela primeira vez ele estava na mesma altura que Annie, encarando-a. Compreendeu, com surpresa cansada e distante, que pela primeira vez em eras incontáveis, ele estava sentado... realmente sentado.

Quem liga?, pensou e permitiu que seus olhos se fechassem de novo. A maré tinha chegado. Os mourões estavam cobertos. A maré finalmente viera, e da

próxima vez que fosse embora, talvez fosse para sempre, e por isso ele iria surfar nas ondas enquanto havia ondas para surfar. Mais tarde pensaria sobre estar sentado direito...

— *Coma!* — repetiu ela, e a dor retornou mordendo o lado esquerdo da cabeça, fazendo-o choramingar e tentar se afastar.

— Coma, Paul! Você tem que acordar um pouco só para comer, senão...

Zzzzzing! Sua orelha. Ela estava apertando.

— Tá — murmurou ele. — *Tá!* Não precisa arrancar, Jesus...

Ele forçou os olhos a abrir. Parecia haver um bloco de cimento amarrado às suas pálpebras. Súbito a colher foi enfiada em sua boca, derramando sopa quente garganta abaixo. Ele engoliu para não sufocar.

Então, inesperadamente — *a recuperação mais surpreendente que este locutor já viu, senhoras e senhores!* —, Eu Tô Com Fome irrompeu na pista. Foi como se a primeira colherada de sopa tivesse despertado sua barriga de um transe hipnótico. Ele engoliu o resto o mais rápido que pôde, parecendo ficar mais faminto enquanto engolia.

Paul tinha uma vaga lembrança de ver Annie levando a churrasqueira fumegante para fora, e depois trazendo um item que, em seu estado dopado e confuso, ele imaginou ser um carrinho de supermercado. A ideia não o surpreendeu nem intrigou. Ele *estava* hospedado na casa de Annie Wilkes, afinal. Churrasqueiras, carrinhos de supermercado... quem sabe amanhã não haveria um parquímetro e uma ogiva nuclear? Quando se vive no parque de diversões, a festa nunca termina.

Paul adormecera, mas agora compreendia que o carrinho de compras era uma cadeira de rodas dobrável. Ele estava sentado nela com as pernas atadas e rígidas estendidas para diante e sua área pélvica inchada e desconfortável, reclamando da nova posição.

Ela me pôs aqui enquanto eu estava apagado, pensou ele. *Ergueu-me nos braços. Peso morto. Deus, ela deve ser bem forte.*

— Pronto! Fico feliz de ver como você tomou a sopa, Paul. Eu acho que você vai sarar. Não vai ficar “novinho em folha” — não mesmo —, mas se não tivermos mais nenhum... *contratempo*... acho que você vai sarar direitinho. Agora eu vou trocar essa roupa de cama suja, e depois vou trocar essas *suas* roupas sujas também, e depois, se não estiver doendo muito e você ainda tiver fome, eu vou trazer umas torradinhas.

— Obrigado, Annie — disse ele com humildade e pensou: *Sua garganta. Se eu puder, vou fazer você lambe os lábios e dizer “Minha nossa!” Mas só uma vez, Annie.*

Só uma vez.

21

Quatro horas depois ele estava de volta na cama e teria queimado *todos* os seus livros por um único comprimido de Novril. Ficar sentado não tinha sido incômodo na hora — pois havia droga o bastante em sua corrente sanguínea para adormecer metade do exército prussiano —, mas agora parecia que um enxame de abelhas estava à solta na metade inferior do seu corpo.

Ele gritava bem alto — a comida devia ter *algo* a ver com isso, pois ele não se lembrava de ser capaz de gritar assim desde que emergira da nuvem escura.

Paul sentiu a presença dela de pé do lado de fora do quarto, parada por um bom tempo no corredor antes de finalmente entrar, lenta, desligada, apagada, olhando para a maçaneta ou quem sabe as linhas nas palmas das mãos sem ver nada realmente.

— Aqui.

Ela lhe deu o remédio: dois comprimidos dessa vez.

Ele engoliu, segurando o pulso dela para firmar o copo.

— Eu trouxe dois presentes para você da cidade — disse ela, se levantando.

— Ah, é?

Ela apontou para a cadeira de rodas no canto, com os descansos de aço para pernas estendidos.

— O outro eu mostro amanhã. Agora durma, Paul.

22

Mas o sono demorou bastante tempo para chegar. Ele flutuou na onda da droga e pensou em sua situação atual. Parecia um pouco mais fácil agora. Era mais fácil do que pensar no livro que ele criara e depois destruía.

Coisas... coisas isoladas como pedaços de tecido que podiam ser costurados para formar uma colcha de retalhos.

Eles estavam a quilômetros dos vizinhos que, segundo Annie, não gostavam dela. Qual era o nome? Boynton. Não, *Roydman*. Isso. Roydman. E qual a distância até a cidade? Não seria muito longe, com certeza. Ele estava em um círculo cujo diâmetro devia ter entre 25 e 73 quilômetros. A casa de Annie Wilkes ficava nesse círculo, e a dos Roydmans, e o centro de Sidewinder, não importava o quão pequena fosse a cidade...

E meu carro. Meu Camaro está em algum ponto desse círculo também. Será que a polícia o encontrou?

Paul achava que não. Ele era uma pessoa famosa. Se um carro tivesse sido encontrado com documentação em seu nome, uma verificação rápida diria que ele tinha estado em Boulder e então tinha desaparecido. A descoberta do carro destruído e vazio teria dado início a uma busca, a reportagens...

Ela nunca assiste ao jornal na TV, nem no rádio... a menos que use fones de ouvido.

Era como o cão na história de Sherlock Holmes — o que não latiu. Seu carro não tinha sido encontrado porque a polícia não tinha procurado por ele. Se *tivesse* sido encontrado, eles teriam vindo verificar todos que morassem dentro desse círculo hipotético, não viriam? E quantas pessoas podia haver dentro desse círculo, tão perto da Encosta Ocidental? Os Roydmans, Annie Wilkes, talvez dez ou 12 outras pessoas?

E só porque o carro ainda não tinha sido encontrado, não queria dizer que *nunca* o seria.

Sua imaginação vívida (que ele não puxara do lado da família da *mãe*) assumiu o controle. O policial era alto, bonito de um jeito frio, com costeletas talvez um pouco maiores do que o regulamento permitia. Usava óculos escuros nos quais a pessoa interrogada veria o próprio reflexo duplicado. Sua voz tinha a reverberação típica do Meio-Oeste.

Nós encontramos um carro virado no meio da descida da Montanha Humbuggy. Pertence a um escritor famoso chamado Paul Sheldon. Achamos um

pouco de sangue nos assentos e no painel, mas nem sinal dele. Deve ter se arrastado para fora, talvez até vagado para longe em choque...

Era uma piada, considerando o estado de suas pernas, mas claro que eles não teriam como saber a extensão dos ferimentos. Apenas iriam pressupor que, se ele não estava no local do acidente, provavelmente tinha forças para se afastar dali, nem que fosse apenas um pouco. O curso das deduções não levaria a uma possibilidade tão improvável quanto sequestro. Não a princípio, pelo menos, e mais provavelmente nunca.

Você se lembra de ver alguém na estrada no dia da tempestade? Um homem alto, 42 anos, cabelo ruivo? Provavelmente usando jeans, camisa xadrez de flanela e um casaco? Com uma aparência meio machucada? Cacete, talvez até nem soubesse o próprio nome.

Annie daria café ao policial na cozinha; Annie se certificaria de que todas as portas dali até o quarto de hóspedes permaneciam bem fechadas. Caso ele gemesse.

Uai, oficial, não, eu não vi ninguém. Na verdade eu voltei da cidade rapidinho quando Tony Roberts me falou que a tempestade não ia virar pro sul.

Ele viu o policial deixando a xícara de café na mesa e se levantando: *Bem, se a srta. vir alguém que bata com a descrição, por favor entre em contato conosco o mais rápido possível. Ele é bem famoso. Apareceu na People. Em outras revistas também.*

Com certeza, oficial!

E ele iria embora.

Talvez algo assim *já tivesse* acontecido e ele não tivesse notado. Talvez o policial imaginário tivesse se materializado e visitado Annie enquanto ele estava apagado. Afinal ele passava muito tempo dopado, não é? Mas ao continuar pensando naquilo ele ponderou que era improvável. Ele *não era* um zé-ninguém de algum cafundó, nem um vagabundo de passagem. Ele tinha aparecido na *People* (primeiro livro campeão de vendas) e na *Us* (primeiro divórcio); Walter Scott fizera uma pergunta sobre ele no programa de TV *Personality Parade*. Haveria outras averiguações, talvez via telefone, talvez pessoalmente, pelos próprios policiais. Quando uma celebridade — e até uma semicelebridade, como escritores — desaparecia, havia encrenca.

Isso é o que você acha, cara.

Achar, deduzir, não importava... de um jeito ou de outro, era melhor que ficar ali sem fazer nada.

E quanto às barreiras laterais da estrada?

Ele tentou se lembrar e não conseguiu. Só se lembrava de tentar alcançar os cigarros, do jeito fantástico como céu e terra tinham trocado de lugar, e então das trevas. Mas novamente, o processo dedutivo (ou achismo, se você estivesse a fim de ser chato) indicava que não havia proteção lateral. Proteções amassadas e rompidas alertariam as equipes de manutenção de estradas.

Então o que *tinha* acontecido exatamente?

Ele perdera o controle do carro em um local onde a queda não era muito pronunciada — apenas o bastante para que o carro virasse. Se a queda fosse maior e mais íngreme, haveria proteções laterais no local. Nesse caso, teria sido difícil ou impossível para Annie Wilkes ir buscá-lo, e ainda por cima arrastá-lo sozinha de volta para a estrada.

Então onde estava seu carro? Enterrado na neve, é claro.

Paul cobriu os olhos com o braço e viu um trator de neve vindo pela estrada onde duas horas antes ele tinha capotado. O trator é uma mancha alaranjada apagada em meio à neve. O dia está no fim. O motorista está agasalhado até os olhos e usa um boné antiquado de ferroviário azul e branco. À direita, no fundo de uma depressão rasa que um pouco mais à frente se tornará uma ravina, está o Camaro de Paul Sheldon, e o adesivo desbotado azul HART PARA PRESIDENTE no para-choque traseiro é o item de cor mais brilhante lá embaixo. O sujeito dirigindo o trator não vê o carro. O adesivo é desbotado demais e não chama atenção. As pás laterais bloqueiam a maior parte da visão dos lados, e além disso, está quase escuro e ele está cansado. Ele só quer terminar aquela última passagem para poder virar o trator, voltar para a cidade e pegar uma xícara de café quente.

Ele passa pelo local, as pás empurram neve suja para fora da estrada. O Camaro, com neve até as janelas, agora é soterrado até o teto. Mais tarde, na hora mais escura de um alvorecer tempestuoso quando até as coisas mais próximas parecem irreais, o motorista do segundo turno fará o caminho contrário e, empurrando mais neve, terminará de sepultar o veículo.

Paul abriu os olhos e olhou para o teto de gesso. Havia uma série de rachaduras finas como fios de cabelo que formavam um trio de letras “V” entrecruzadas. Ele se acostumara com elas no decorrer dos dias sem fim em que

ficara ali deitado e voltou a tracejá-las mentalmente, pensando em palavras com “V” como *vadia, vagabunda, vampira e vaca*.

Sim.

Podia ter acontecido desse jeito. Podia sim.

Será que ela tinha pensado no que aconteceria quando o carro dele fosse encontrado?

Talvez tivesse. Ela era louca, não queria dizer que fosse burra.

E no entanto ela não havia considerado que Paul podia ter uma cópia de *Carros Velozes*.

É. E tinha razão. A vaca tinha razão. Eu não tinha uma cópia.

Imagens das páginas enegrecidas flutuando, as chamas, os sons, o cheiro de destruição — ele rilhou os dentes e tentou evitar as imagens, pensando em qualquer outra coisa. Uma imaginação *vívida* nem sempre era algo *bom*.

Não, não havia uma cópia, mas nove entre dez escritores teriam feito uma — especialmente se estivessem sendo pagos tão bem quanto você, mesmo por livros que não eram os de Misery. Ela nem pensou nisso.

Ela não é uma escritora.

E nem é burra, como já vimos. Eu acho que ela é cheia de si mesma: seu ego não é só grande, é grandioso. Queimar o livro pareceu a coisa certa a fazer, e a ideia de que seu conceito de algo certo pudesse ser atrapalhado por algo tão medíocre feito uma fotopiadora Xerox e alguns trocados... esse pontinho nunca piscou no radar dela, meu chapa.

Suas outras deduções podiam ser castelos de areia, mas essa opinião sobre Annie Wilkes lhe pareceu sólida como a Rocha de Gibraltar. Devido às suas pesquisas para *Misery*, ele tinha bastante conhecimento sobre neuroses e psicoses; sabia que, embora um psicótico latente pudesse ter períodos alternados de depressão profunda e alegria e hilaridade quase agressiva, o ego inchado e doente subjazia a tudo, certo de que todos os olhos se voltam para ele, certo de ser a estrela de um drama grandioso cujo resultado milhões aguardam com a respiração presa.

Um ego assim simplesmente ignora certos padrões de pensamento. Esses padrões são previsíveis, pois progridem na mesma direção: da pessoa instável para objetos, situações ou outras pessoas fora do seu campo de controle (ou fantasia: pode haver alguma diferença para o neurótico, mas para o psicótico, trata-se da mesma coisa).

Annie Wilkes quis destruir *Carros Velozes* e assim, para ela, aquela era a única cópia existente.

Talvez eu pudesse ter salvado essa droga dizendo que havia cópias. Ela teria entendido que destruir o manuscrito era inútil. Ela...

Sua respiração, que vinha se acalmando, preparando o sono, parou em sua garganta e ele arregalou os olhos.

Sim, ela teria visto que era inútil. Teria sido forçada a reconhecer a existência de um padrão que se afastava de sua esfera de influência. O ego seria machucado e guincharia...

Eu tenho um gênio ruim!

Se ela tivesse sido forçada a encarar o fato de que não *poderia* destruir aquele “livro sujo”, será que não teria decidido destruir o *criador* do livro sujo? Afinal, não havia uma cópia de Paul Sheldon.

Seu coração agora batia rápido. O relógio começou a bater na outra sala e ele ouviu os passos pesados dela no andar de cima. O som baixo dela urinando. A descarga. Os sons abafados de seus pés indo de volta para a cama. O ranger das molas.

Você não vai me deixar aborrecida de novo, vai?

Sua mente tentou iniciar um galope como um cavalo trotador tentando mudar de ritmo. O que significava toda aquela psicologia barata no que dizia respeito ao seu carro? No que dizia respeito ao que aconteceria quando ele fosse encontrado? O que aquilo significava para *ele*?

— Espere um minuto — murmurou ele no escuro. — Espere, espere aí, calma. Mais devagar.

Ele cobriu os olhos com o braço outra vez e conjurou o policial de óculos escuros e costeletas grandes. *Encontramos um carro capotado descendo a Montanha Humbuggy* e blá-blá-blá.

Mas *dessa* vez Annie não o convidou para um café. Dessa vez ela não se sentiria a salvo até que ele saísse de sua casa e se afastasse pela estrada. Mesmo da cozinha, mesmo com duas portas fechadas entre eles e o quarto de hóspedes, mesmo com o hóspede dopado, o policial poderia ouvir um gemido.

Se seu carro fosse encontrado, Annie Wilkes saberia que estava encrencada, não é?

— Sim — sussurrou Paul. Suas pernas começaram a doer, mas ele mal notou, absorto no horror da última constatação.

Ela estaria encrencada não porque o levara para casa, especialmente se a casa ficasse mais perto que Sidewinder (como Paul acreditava). Isso resultaria em uma medalha e associação vitalícia ao Fã-Clube de Misery Chastain (para vergonha infinita de Paul, tal coisa realmente existia). O problema *é que* ela o levara para casa e o instalara no quarto de hóspedes sem contar para ninguém. Não ligara pedindo uma ambulância: “Aqui é a Annie na estrada da Montanha Humbuggy e eu encontrei um sujeito aqui, parece que o King Kong sapateou em cima dele.” O problema *é que* ela o entupira de drogas às quais não deveria ter acesso para começo de conversa — o fato de ele já sentir-se viciado corroborava isso. O problema *é que* Annie Wilkes tinha sido intimada para depor em Denver... *e não no papel de testemunha*, Paul pensou. *Eu aposto tudo nisso.*

Então ela fica vendo o policial indo embora em seu carro novinho (novinho exceto pelos pedaços emplastados de neve e sal aninhados nos recessos do pneu e sob os para-choques) e se sente segura outra vez... mas não *muito* segura, porque agora ela é como um animal contra o vento. E os predadores agora sentiram o cheiro.

Os policiais não vão parar de procurar, pois ele não é um zé-ninguém de um cafundó qualquer. Ele é Paul Sheldon, o Zeus literário de cuja frente surgiu Misery Chastain, diva das bancas de jornal e queridinha dos supermercados. Quem sabe depois de terem falhado em encontrá-lo eles parem de procurar, ou pelo menos vão procurar em outra parte, mas talvez um dos Roydmans a tivesse visto naquela noite — talvez tivessem visto algo esquisito na carroceria da velha Bessie, algo enrolado em um cobertor, uma forma vagamente humana... Mesmo se não tivessem visto nada, era bem a cara dos Roydmans fazer algo assim só para complicar o lado de Annie, já que não gostavam dela.

Os policiais podiam voltar, e da próxima vez o seu hóspede podia não estar tão quieto...

Ele se lembrou dos olhos dela chismando de um lado a outro quando o fogo na churrasqueira quase escapou ao controle. Viu a língua dela espetada entre os lábios. Podia se lembrar dela andando para a frente e para trás, mãos abrindo e fechando, olhando de vez em quando para o quarto de hóspedes onde ele jazia perdido em sua nuvem. De vez em quando ela dizia “Minha nossa!” para os cômodos vazios.

Ela roubara um pássaro raro com belas penas — um pássaro raro vindo da África.

E o que eles fariam se descobrissem?

Ora, a intimidariam para depor outra vez, é claro. A intimidariam para depor em Denver. E dessa vez talvez ela não saísse incólume.

Ele afastou o braço dos olhos. Olhou para as letras “V” que se espriavam ao acaso pelo teto. Ele não precisava cobrir os olhos com o braço para ver o resto. Ela poderia ficar com ele por um dia ou uma semana. Talvez fosse necessário mais um telefonema ou uma visita para que ela decidisse se livrar de sua *avis rara*. Mas ela o faria, da mesma forma que cães selvagens começam a enterrar suas presas ao serem caçados por algum tempo.

Ela lhe daria cinco pílulas em vez de duas, ou o sufocaria com o travesseiro. Talvez apenas atirasse nele. Certamente haveria um rifle por ali — quase todo mundo que vivia no interior tinha um. E isso resolveria o problema.

Não... não com um rifle.

Muito sujo.

Podia deixar provas.

Nada daquilo acontecera ainda porque ninguém tinha encontrado o carro. Podiam estar à procura de Paul em Nova York ou Los Angeles, mas ninguém estava procurando por ele em Sidewinder, Colorado.

Mas na primavera...

As letras “V” se arrastavam pelo teto. *Vulnerável. Vencido. Varrido.*

O pulsar nas pernas agora era mais insistente. Da próxima vez que o relógio batesse ela viria, mas Paul quase sentia medo de que ela pudesse ler aqueles pensamentos em seu rosto, como o resumo de uma história horrível demais para se escrever. Seus olhos vagaram à esquerda. Havia um calendário na parede. Mostrava um menino descendo uma colina de tobogã. Segundo o calendário, era fevereiro, mas se seus cálculos estivessem certos, já era começo de março. Annie Wilkes apenas esquecera de virar a página.

Quanto tempo até que o derretimento da neve expusesse seu Camaro com as placas de Nova York e os documentos no porta-luvas indicassem que o proprietário era Paul Sheldon? Quanto tempo até que o policial a visitasse, ou até que ela lesse a respeito nos jornais? Quanto tempo até a primavera?

Seis semanas? Cinco?

Pode ser tudo o que me resta de vida, pensou Paul e começou a tremer. Suas pernas já haviam despertado totalmente, e foi só depois de ela vir e lhe dar outra dose do remédio que ele conseguiu adormecer.

23

Na tarde seguinte ela trouxe a Royal. Era um modelo de escritório, de uma era em que máquinas elétricas, TVs em cores e telefones com botões eram só coisa de ficção científica. Negra e formal feito um par de sapatos sociais. Havia placas de vidro nas laterais, revelando as catracas, molas, alavancas e varetas. Uma alavanca de retorno de aço, fosca pela falta de uso, se projetava de um lado feito o polegar de um caronista. O cilindro, de borracha dura, riscada e marcada, estava coberto de poeira. A palavra ROYAL aparecia na parte frontal da máquina, formando um semicírculo. Grunhindo, ela a depôs na cama, entre os pés de Paul, depois de erguê-la para que ele a inspecionasse.

Ele olhou para a máquina.

Estava sorrindo para ele de um jeito sacana?

Cristo, era o que *parecia*.

Já de cara a máquina prometia problemas. A fita — de dois tons, vermelho e preto — estava gasta. Ele já nem lembrava que *existiam* fitas assim. A visão daquela não causou nenhuma pontada de nostalgia.

— E então? — Ela sorria, ansiosa. — O que você acha?

— É boa! — respondeu ele, imediatamente. — Uma antiguidade mesmo.

O sorriso dela arrefeceu.

— Eu não comprei nada de antiguidade. É de segunda mão, mas está *bem conservada*.

Ele respondeu com sinceridade afetada:

— Ah! Sim, na verdade não tem *isso* de máquina de escrever velha. Uma máquina boa dura para sempre. Essas de escritório então são *tanques!*

Ele teria dado tapinhas nela, se pudesse alcançá-la. Teria até *beijado*.

O sorriso retornou. Paul sentiu o coração desacelerar um pouco.

— Eu comprei na Usados Novos. Não é um nome meio besta? Mas Nancy Dartmonger, a dona, é meio besta mesmo. — Annie ensombrou-se um pouco, mas ele viu imediatamente que o problema não era com *ele* — Paul estava descobrindo que o instinto de sobrevivência podia *ser* apenas instinto, mas criava uma incrível empatia. Ele percebeu que se sentia mais sintonizado com os ciclos e humores de Annie. E conseguia escutá-la como se ela fosse um relógio de corda.

— Besta e *má*. Dartmonger! Devassa que ela é! Se divorciou duas vezes e agora mora com um *barman*. Por isso, quando você disse que era uma antiguidade...

— A máquina está boa.

Ela fez uma longa pausa e então disse, como se confessasse:

— Está faltando o “n”.

— Está?

— Sim. Está vendo?

Ela inclinou a máquina e, olhando para o semicírculo de tipos, Paul constatou que um deles estava faltando, como um molar em uma boca cheia de dentes gastos, mas inteiros.

— Sim, vi.

Ela depôs a máquina na cama outra vez. A cama balançou um pouco. Paul estimou o peso da máquina em até 22 quilos. Ela viera de uma época em que não havia ligas metálicas nem plástico... nem adiantamentos editoriais na casa dos seis dígitos, novelizações de filmes, o *USA Today*, o *Entertainment Tonight*, celebridades fazendo comerciais para cartões de crédito ou vodca.

A Royal sorriu para ele de um jeito sacana, prometendo problemas.

— Ela queria 45 dólares mas deixou por quarenta, por causa do “n” que falta. Ela deu um sorriso maroto que dizia: “Aqui não tem trouxa.”

Ele sorriu de volta. Era maré alta, o que tornava mais fácil sorrir e mentir.

— *Deixou?* Então você não pechinhou?

Annie se empertigou um pouco.

— Eu disse que o “n” era uma letra importante.

— Ah, você fez muito bem! *Puxa!* — Eis aí uma nova descoberta: puxa-saquismo é fácil quando você se acostuma um pouco.

O sorriso dela ficou mais significativo, convidando-o a compartilhar um segredo delicioso.

— Eu disse que “n” era uma das letras do nome do meu escritor favorito.

— São *duas* letras do nome da minha *enfermeira* favorita.

O sorriso dela incandesceu. Inacreditavelmente, suas bochechas sólidas ficaram rubras.

É assim que ficaria, pensou ele, uma fornalha construída dentro da boca de um daqueles ídolos de pedra das histórias de H. Rider Haggard. À noite, ficaria desse jeito mesmo.

— Seu *enrolão!* — disse ela, afetando faceirice.

— Não sou! Não mesmo!

— Bom! — Ela pareceu estranha por um momento, não apagada, apenas contente, um pouco trapalhada, levando alguns instantes para organizar as ideias. Paul talvez pudesse sentir algum prazer com o jeito que as coisas se encaminhavam se não fosse o peso da máquina, sólida feito Annie e igualmente problemática, ali parada, sorrindo com um dente faltando e prometendo problemas.

— A cadeira de rodas foi bem mais cara. Equipamento de ostomia anda os *olhos da cara* desde a época em que eu... — ela se interrompeu, franziu o cenho e limpou o pigarro. Então olhou outra vez para ele, sorrindo. — Mas já era *hora* de você começar a se sentar, e eu não ligo nem um pouco pro preço. E você não pode datilografar deitado, não é?

— Não...

— Eu peguei uma tábua... cortei do tamanho certinho. E papel... espere aí!

Ela correu para fora do quarto feito uma menininha, deixando Paul e a máquina avaliando-se mutuamente. O sorriso dele desaparecera no momento em que ela lhe deu as costas. O da Royal não mudou. Mais tarde ele supôs ter sabido do que se tratava aquilo tudo, assim como supôs ter sabido como era o som que a máquina faria, como ela estalaria sorrindo como Ducky Daddies, o velho personagem de tirinha de jornal.

Ela voltou com uma resma de papel Corrasable Bond envolta em celofane e uma tábua de mais ou menos um metro de largura e 1,20 metro de comprimento.

— Olhe! — Ela pôs a tábua nos braços da cadeira que se postava ao lado de sua cama como uma solene visita esquelética. Ele já podia ver o próprio fantasma atrás daquela tábua, entalado feito um prisioneiro.

Ela pôs a máquina de escrever em cima da tábua, de frente para o fantasma, e colocou a resma de Corrasable Bond — o papel que ele mais odiava no mundo por causa do jeito que as folhas se borravam ao ser manuseadas — ao lado. Ela tinha criado uma espécie de estúdio para entrevados.

— O que você acha?

— Parece bom — disse ele, proferindo a maior mentira de sua vida com perfeita facilidade, e então fez a pergunta cuja resposta já sabia. — O que é que você acha que eu vou escrever?

— Ora, Paul! — Ela se voltou para ele, e seus olhos dançaram animados em seu rosto afogueado. — Eu não *acho*, eu *sei*! Você vai usar essa máquina para escrever um romance novo! Seu melhor romance! *O Retorno de Misery*!

24

O Retorno de Misery. Ele não sentiu nada. Imaginou que um homem que tivesse acabado de decepar a mão em uma serra circular talvez sentisse o mesmo tipo de nada, encarando com surpresa anestesiada o toco do punho esguichando sangue.

— Sim! — O rosto de Annie se acendeu como um farol. As mãos poderosas agarravam o espaço entre os seios. — Um livro só pra mim, Paul! Meu pagamento por cuidar de você! O único exemplar do novo livro de Misery! Eu vou ter algo que ninguém mais no mundo tem, não importa o quanto queiram! *Pense só!*

— Annie, Misery morreu — e ao dizer isso, incredivelmente Paul já pensava: *Eu posso ressuscitá-la*. O pensamento o encheu de repulsa cansada, mas não foi nenhuma surpresa. Afinal, um homem que bebia água suja de um balde de limpeza não teria maiores problemas em escrever por encomenda.

— Não morreu não — respondeu Annie, sonhadoramente. — Mesmo quando... mesmo quando eu fiquei muito aborrecida com você, eu sabia que ela não tinha morrido mesmo. Eu sabia que você não podia ter matado Misery. Porque você é *bom*.

— Sou? — perguntou ele e olhou para a máquina de escrever. Ela sorria para ele. *Vamos descobrir o quanto você é bom mesmo, camarada*, ela parecia

sussurrar.

— Sim!

— Annie, eu não sei se consigo sentar na cadeira de rodas. Da última vez...

— Da última vez doeu, ah, com certeza. E da próxima vez vai doer também. Talvez até um pouco mais. Mas vai vir um dia... e não vai demorar muito, embora não pareça, quando vai doer menos. E um pouco menos. E depois, menos.

— Annie... me diga uma coisa.

— Claro, coração!

— Se eu escrever essa história para você...

— *Romance!* Um livrão grandão como os outros; talvez até maior!

Ele fechou os olhos por um momento, então os abriu.

— Ok. Se eu escrever esse *romance* para você, você vai me deixar ir embora quando eu terminar?

Por um momento alguma inquietação apareceu no rosto de Annie e ela olhou para Paul com cuidado e atenção.

— Você fala como se eu estivesse mantendo você *prisioneiro*, Paul.

Ele não disse nada e continuou a encará-la.

— Eu acho que, quando você terminar, já vai estar forte o bastante para... para lidar com as pessoas novamente. Era isso que você queria ouvir?

— Sim, era isso o que eu queria ouvir.

— Olha, vou te contar! Eu sabia que escritores têm egos inflados, mas não achava que eram ingratos também!

Ele continuou olhando para Annie e depois de um instante ela virou o rosto, impaciente e um pouco atarantada.

Finalmente ele disse:

— Vou precisar de todos os livros de Misery, se você tiver, porque não tenho minha bíblia aqui.

— Claro que tenho! Ahm... “bíblia”, como assim?

— É o documento onde ficam todas as informações sobre uma série: personagens, locais, tudo indexado com referências cruzadas. Linhas do tempo, informações históricas...

Ele viu que ela mal prestava atenção. Era a segunda vez em que ela não demonstrava o menor interesse nos truques do ofício que fascinariam toda uma turma de aspirantes a escritor. Ele achava que o motivo era bem simples. Annie

Wilkes era a plateia perfeita, uma mulher que adorava as histórias sem se importar nem um pouco com a mecânica por trás dos panos. Ela era a encarnação do estereótipo vitoriano do Leitor Fiel. Ela não queria saber de bíblias e índices, pois para ela Misery e os personagens que a rodeavam eram perfeitamente reais. Índices não queriam dizer nada para ela. Se ele tivesse falado do censo populacional de Little Dunthorpe, talvez ela tivesse se interessado.

— Vou pegar os livros pra você. Eles estão com os cantos das páginas dobrados, mas isso é um sinal de que o livro foi lido direitinho, e que foi muito apreciado também, não é?

— Sim — respondeu ele. Não havia por que mentir dessa vez. — É, sim.

— Eu vou estudar encadernação — disse ela, sonhadoramente. — Eu mesma vou encadernar *O Retorno de Misery*. Tirando a Bíblia que era da minha mãe, vai ser o único livro com capa de verdade que eu vou ter.

— Que bom — disse ele, só para ter o que responder. Sentia-se um pouco enjoado.

— Bom, eu vou sair para você ficar pensando em paz. Que emocionante! Você não acha?

— Sim, Annie. Com certeza...

— Daqui a meia hora eu volto com peito de frango e purê de batata com ervilha. E até gelatina, porque você se comportou direitinho. E pode deixar que vou dar seu remédio pra dor na hora certa. Você pode até tomar mais um comprimido à noite, se precisar. Quero que você descanse e durma bem, porque você precisa trabalhar agora. Aposto que vai até sarar mais rápido se estiver trabalhando!

Ela foi até a porta, parou lá por um instante e então lhe soprou um beijo grotesco.

A porta se fechou atrás dela. Ele não queria olhar para a máquina de escrever ainda e resistiu por algum tempo, mas finalmente seus olhos se cravaram nela. A máquina estava na mesa e sorria de um jeito sacana. Era como olhar para um instrumento de tortura inativo — bota malaia, mesa de estiramento ou pêndulo —, mas que em breve seria utilizado.

Acho que quando você terminar, já vai estar forte o bastante para... para lidar com as pessoas novamente.

Ah, Annie, você estava mentindo para nós dois. Eu sabia e você sabia também. Eu vi em seus olhos.

A perspectiva limitada que se abria para ele era bem desagradável: seis semanas que ele passaria sofrendo com os ossos quebrados e reatando laços com Misery Chastain, nome de solteira “Carmichael”, seguidas por um enterro às pressas no quintal. Ou talvez ela desse seus restos de comer para Misery — haveria certa justiça *nisso*, embora sórdida e sinistra.

Então não faça. Aborreça ela. Ela já é um barril de pólvora normalmente. Você só tem que sacudi-la um pouco. Faça ela explodir. É melhor que ficar aqui sofrendo.

Ele tentou olhar para os “VV” entrecruzados, mas logo estava olhando para a máquina outra vez. Ela estava ali parada, muda e pesada e cheia de palavras que ele não queria escrever, sorrindo com um dente faltando.

Acho que você não acredita nisso, meu velho. Eu acho que você quer ficar vivo mesmo que doa. Se você tiver que trazer Misery de volta pro bis, você vai trazer. Vai tentar, pelo menos. Mas antes você vai ter que lidar comigo... e acho que eu não fui com a sua cara.

— Eu digo o mesmo — grunhiu Paul.

Então olhou pela janela, onde podia ver neve fresca caindo. Mas logo ele estava olhando para a máquina de escrever novamente, com um fascínio ávido e enojado, sem sequer se dar conta de que seu olhar tinha mudado de direção.

25

Sentar na cadeira não doeu tanto quanto ele temia, e isso era bom, porque sua experiência prévia tinha deixado claro que mais tarde iria doer *bastante*.

Annie pôs a bandeja de comida na mesa e então empurrou a cadeira de rodas para perto da cama. Ela o ajudou a sentar — houve um clarão de dor grave na área pélvica, mas logo passou. E então ela se inclinou para diante e o lado do seu pescoço pressionou o ombro de Paul como o pescoço de um cavalo. Por um momento ele sentiu o pulsar de seu fluxo sanguíneo e seu rosto se contorceu de nojo. Então o braço direito dela passou firme por suas costas e o esquerdo passou debaixo de suas nádegas.

— Tente não se mexer do joelho pra baixo enquanto isso — disse ela, e então simplesmente o deixou escorregar para a cadeira. Com a facilidade de alguém enfiando um livro num espaço vazio na estante. Sim, ela era forte. Mesmo que ele estivesse em boa forma, uma luta entre ele e Annie seria como uma criança enfrentando um urso.

Ela pôs o apoio na frente dele.

— Viu como encaixou direitinho? — perguntou ela e foi até a mesa para pegar a comida.

— Annie?

— Sim.

— Dá para você virar a máquina? De frente pra parede?

Ela franziu a testa.

— Uai, pra que isso?

Porque eu não quero ela sorrindo pra mim a noite toda.

— É superstição minha, coisa antiga. Eu sempre viro a máquina para a parede antes de começar a escrever. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Todas as noites quando estou escrevendo, aliás.

— Que nem quando a gente tenta não pisar nas rachaduras da calçada? Eu sempre evito pisar em rachaduras.

Ela virou a máquina, que agora só podia sorrir para a parede.

— Melhor?

— Bem melhor.

— Você é tão *bobo* — disse ela e se aproximou para lhe dar de comer.

26

Ele sonhou com Annie Wilkes. Ela estava na corte de um califa, conjurando diabretes e gênios da garrafa. Depois, voou pelo paço em um tapete mágico. Quando o tapete passou por ele (o cabelo de Annie a seguia, soprado pelo vento; seus olhos eram brilhantes e duros feito os olhos de um capitão de navio navegando entre icebergs), Paul viu que era todo tecido em verde e branco: era uma placa de carro do Colorado.

Era uma vez, Annie estava chamando. Era uma vez e foi assim que aconteceu. Foi no tempo do avô do meu avô. Essa é a história de um rapazinho pobre. Foi um homem quem contou. Era uma vez. Era uma vez.

27

Quando ele acordou, Annie o sacudia e o sol da manhã iluminava o quarto. A neve parara de cair.

— Acorda, dorminhoco! — Annie estava quase cantarolando. — Eu trouxe iogurte e ovo cozido bem gostoso, e aí você pode começar.

Ele olhou para seu rosto ávido e sentiu uma emoção nova e estranha: esperança. Ele sonhara que Annie era Sherazade. O corpo sólido envolto em vestes diáfanas, os grandes pés metidos em sandálias rosas com borlas e pontas curvas. Ela andava de tapete mágico e recitava as frases encantadas que abrem as portas das melhores histórias. Mas é claro que *Annie* não era Sherazade. *Ele* era. E se o que ele escrevesse fosse bom o suficiente, se ela não pudesse matá-lo até descobrir como tudo acabava, não importava o quão alto e forte gritassem os seus instintos animais que ela *precisasse* matá-lo...

Será que ele não teria uma chance?

Ele olhou para além dela e viu que Annie tinha virado a máquina de escrever antes de acordá-lo. Ela sorria para ele, resplendente, com o dente faltando, dizendo-lhe que era bom ter esperanças, e que era nobre lutar, mas que no fim só o que importava era o seu destino: a ruína.

28

Ela o empurrou para a janela e ele sentiu o sol pela primeira vez em semanas. Parecia-lhe sentir a pele branca e emaciada, pontilhada aqui e ali com escaras, murmurando um agradecimento. Os caixilhos da janela se recobriam de neve,

e ao esticar a mão ele sentiu uma redoma de frio envolvendo o vidro. A sensação era refrescante e nostálgica, como uma mensagem de um velho amigo.

Pela primeira vez em semanas — pareciam anos — ele podia olhar para uma geografia diferente daquela de seu quarto, imutável: o velho papel de parede, a imagem do Arco do Triunfo, o longo, longo mês de fevereiro simbolizado pelo menino deslizando de tobogã (ele pensou que sua mente se voltaria para o rosto e quepe daquele menino sempre que janeiro se tornasse fevereiro, mesmo se ele vivesse para ver a mudança dos meses outras cinquenta vezes). Olhou para aquele novo mundo com a mesma avidez com que tinha assistido seu primeiro filme — *Bambi* — quando criança.

O horizonte estava próximo; sempre estava nas Montanhas Rochosas, onde vistas mais amplas do mundo eram sempre interrompidas por placas de rocha erguidas. O céu tinha um tom perfeito de azul de manhã cedo e sem nuvens. Um tapete de floresta verde subia o flanco da montanha mais próxima. Havia talvez 280 metros de terreno aberto entre a casa e o começo da floresta. A capa de neve que recobria a distância era de um branco perfeito e cegante. Era impossível dizer se a terra sob a neve era arada ou se era campo não cultivado. A visão desse quadrado aberto era interrompida apenas por uma construção: um celeiro vermelho. Quando Annie falava dos bichos ou quando ele a via passando por sua janela, rompendo as baforadas de ar quente com a proa impenetrável do rosto, Paul imaginara uma construção depauperada como uma ilustração de livro de terror para crianças: arquivadas cedendo ao peso de anos de neve acumulada, janelas empoeiradas e baças, algumas quebradas e tampadas com pedaços de papelão, portas duplas talvez tortas, pendendo para diante com as dobradiças arreventadas. Aquela estrutura nova e bem-conservada, com tinta vermelha escura e vigas cor de creme, parecia a garagem para cinco carros de algum rico do interior, disfarçada de celeiro. Na frente havia um jipe Cherokee com uns cinco anos, mas obviamente bem-cuidado. De um lado havia um arado Fisher em um suporte de madeira artesanal. Para conectar o jipe ao arado, Annie só precisava dar a ré com cuidado, de forma que os ganchos da armação se encaixassem nas ranhuras do arado, e em seguida usava o botão de travamento no painel do carro. O veículo perfeito para uma mulher que vivia sozinha e não tinha vizinhos para chamar caso precisasse de ajuda (exceto os Roydmans coisa feia, é claro, e Annie provavelmente não aceitaria um prato de costeletas deles nem se estivesse morrendo de inanição).

A trilha tinha sido bem arada, provando que ela de fato usava o equipamento. Mas ele não conseguia ver a estrada, pois a casa se intrometia no campo de visão.

— Então você está admirando meu celeiro, Paul.

Ele olhou para o lado, assustado. O movimento rápido e mal calculado despertou a dor, que rosnou no que restava de suas canelas e no domo salino empolado que substituíra seu joelho esquerdo. A dor deu algumas voltas, incomodando-o, aprisionada na caverna de ossos, e então voltou a dormir seu sono leve.

Annie trazia comida em uma bandeja. Comida mole, comida de inválidos... mas seu estômago grunhiu da mesma forma. Ela se aproximou e Paul viu seus sapatos brancos com solas de borracha.

— Sim. É muito bonito.

Ela pôs a tábua nos braços da cadeira e a bandeja sobre a tábua. Puxou uma cadeira para o lado de Paul e se sentou, observando-o enquanto ele comia.

— Que o quê! Minha mãe dizia que quem ama o feio, bonito lhe parece. Eu mantenho o celeiro ajeitadinho porque se não fizesse isso os vizinhos iam falar. Eles estão sempre procurando algum motivo para me incomodar, ou espalhar intriga. Então eu prefiro deixar tudo ajeitadinho. É muito importante manter as aparências. E o celeiro não dá muito trabalho, é só não deixar as coisas acumulando. Tirar a neve do telhado é a parte mais cricrizinha.

A parte mais cricrizinha, pensou ele. Guarde isso pra botar em suas memórias. Se você tiver a chance de um dia escrever as suas memórias. Junto com coisa feia e que o quê e todo o resto.

— Há dois anos eu contratei Billy Haversham para colocar fitas térmicas no telhado. A gente liga e elas esquentam e derretem o gelo. Mas não vou precisar delas muito mais tempo. A neve já está derretendo sozinha.

Uma garfada de ovos ia em direção à sua boca. O garfo parou no meio do caminho e Paul olhou para o celeiro. Havia uma fileira de pontas de gelo cercando a borda do telhado. As pontas pingavam, e rápido. Cada gota brilhava ao cair em um canal estreito de gelo que ficava na lateral do celeiro.

— Já está 7° e nem são nove horas ainda! — Annie continuou a falar alegremente enquanto Paul imaginava o para-choque traseiro do Camaro aparecendo entre a neve suja e refletindo a luz do sol. — Mas não deve durar. O tempo deve voltar a fechar logo, logo e ainda vem tempestade por aí, mas a

primavera está chegando, Paul, e minha mãe sempre dizia que a esperança da primavera é que nem a esperança do Paraíso.

Ele pousou o garfo ainda com o bocado de ovos no prato.

— Não quer mais? Acabou?

— Acabei — disse ele e imaginou os Roydmans voltando de Sidewinder de carro. Ele viu um facho de luz atingir o rosto da sra. Roydman, fazendo-a franzir o rosto e erguer a mão. *O que é aquilo ali embaixo, Ham?... Louca uma pinoia, estou dizendo que tem alguma coisa ali embaixo! Quase fiquei cega com o reflexo! Dê a ré, eu quero ver o que era!*

— Então vou levar a bandeja para você começar. — Ela lhe lançou um olhar cálido. — Nem sei dizer o quanto estou empolgada, Paul.

Ela saiu e o deixou sentado na cadeira de rodas, olhando para a água que escorria das pontas de gelo que se agarravam à borda do telhado do celeiro.

29

— Eu preciso de outro tipo de papel, se der pra comprar — disse ele, quando ela terminou de ajeitar a máquina de escrever na tábua.

— Outro tipo? — perguntou ela, batendo na resma de papel Corrasable Bond envolta em celofane. — Mas esse aqui é o mais caro de *todos!* Foi o que *eu pedi* quando comprei na Paper Patch!

— Sua mãe nunca lhe disse que o mais caro nem sempre é o melhor?

O cenho de Annie escureceu. Sua postura defensiva inicial foi substituída por indignação. Paul imaginou que um acesso de fúria se seguiria.

— Não, *nunca* disse. O que ela *disse*, Seu Sabichão, é que o barato sai caro.

Paul percebera que o temperamento de Annie era como a primavera no Meio-Oeste. Ela era uma mulher cheia de tornados em potencial, e se ele fosse um fazendeiro observando um céu parecido com o rosto de Annie, teria ido imediatamente reunir a família no porão para protegê-la da tempestade. A testa dela estava pálida. Suas narinas abriam e fechavam como um animal sentindo o cheiro de incêndio. Suas mãos tinham começado a se abrir e fechar rapidamente, pegando e espremendo ar.

A necessidade que ele tinha dela e sua vulnerabilidade insistiam para que ele recuasse, que a apaziguasse enquanto ainda havia tempo — se é que ainda havia —, como uma tribo das histórias de Rider Haggard teria apaziguado sua deusa furiosa com algum sacrifício à sua efígie.

Mas havia outra parte dele, mais calculista e menos amedrontada, lembrando-o de que ele não poderia ser Sherazade se ficasse assustado e dócil sempre que ela se enfezava. Annie apenas se enfezaria mais. *Se você não tivesse algo que ela quer*, uma parte dele ponderava, *ela teria levado você para o hospital imediatamente ou teria matado você para se proteger dos Roydmans — pois para Annie o mundo está cheio de Roydmans, eles estão atrás de cada arbusto. E se você não enfrentar essa vaca agora, Paulie, meu velho, então não vai conseguir nunca.*

Ela começou a respirar mais forte, quase hiperventilando. O ritmo de suas mãos se abrindo e fechando também acelerava, e ele soube que em um instante ela estaria além de qualquer apaziguamento.

Reunindo a pouca coragem que lhe restava, tentando obter desesperadamente o tom certo de irritação pronunciada, mas casual, ele disse:

— E pode parar com isso. Ficar com raiva não vai mudar nada.

Ela estacou como se Paul a tivesse estapeado e olhou magoada para ele.

— Annie — disse ele, paciente —, isso não é nada demais.

— É um truque. Você não quer escrever meu livro e aí fica dando desculpas pra não começar. Eu sabia que você ia fazer isso. Ai, ai. Mas não vai funcionar. Nã...

— Que bobagem. Eu falei que não queria começar?

— Não... não, mas...

— Não, porque eu *vou*. Venha aqui e eu mostro qual é o problema. Traga aquele pote *webster* aqui, por favor.

— Aquele o quê?

— O copinho de lápis e caneta. O pessoal de redação de jornal chama de pote *webster*. Por causa de Daniel Webster. — Aquela era uma mentira inventada no calor do momento, mas teve o efeito desejado. Ela pareceu mais confusa do que nunca, perdida em um mundo de especialistas sobre o qual nada sabia. A confusão dispersou e diminuiu sua raiva ainda mais. Paul viu que ela não sabia nem se tinha algum *direito* a estar zangada.

Ela levou o porta-lápis e o bateu com força na tábua. Ele pensou: *Porra! Eu venci!* Não... não era bem assim. *Misery* tinha vencido.

Mas aquilo também não estava certo. Sherazade. Era Sherazade quem tinha vencido.

— E então? — perguntou Annie, rabugenta.

— Olhe aqui.

Paul abriu a resma de papel Corrasable e tirou uma folha. Ele pegou um lápis com a ponta feita e riscou uma linha. Então fez outra linha, paralela à primeira, com uma caneta esferográfica. Depois, deslizou o dedão pela superfície do papel. As linhas se borraram na direção em que ele deslizara o dedo, a linha do lápis um pouco mais que da caneta.

— Viu?

— E daí?

— Fita de máquina também borra. Não borra tanto quanto a linha do lápis, mas é pior que a linha da caneta.

— E você vai ficar borrando as páginas com o dedo, é?

— Só mexer nas páginas já faz isso. Elas ficam encostando umas nas outras e depois de alguns dias fica tudo assim. Quando um manuscrito está sendo trabalhado, a gente mexe muito nas páginas. A gente volta e procura em algum lugar por um nome, uma data... Nossa, Annie, uma das primeiras coisas que você aprende nesse ramo de negócios é que editores odeiam ler manuscritos datilografados em Corrasable Bond quase tanto quanto odeiam ler manuscritos escritos à mão.

— Não fale assim. Eu odeio quando você fala desse jeito.

Ele olhou para ela, honestamente confuso.

— Falar assim *como*?

— Quando você perverte o talento que Deus lhe deu chamando de “ramo de negócios”. Eu *odeio* isso.

— Sinto muito.

— É pra sentir mesmo — disse ela, ríspida. — Por que não se chama logo de prostituta?

Não, Annie, pensou ele, furioso de repente. Eu não sou uma prostituta. Carros Velozes foi o que me fez deixar de ser uma. E pensando bem, foi por isso que matei a escrota da Misery. Eu estava indo para a Costa Oeste para celebrar minha alforria do prostíbulo. O que você fez foi me puxar dos destroços e me meter de volta na zona. Dois dóla papai-mamãe, quatlo dóla completinha. E de vez em

quando eu vejo em seus olhos que uma parte de você sabe muito bem disso. Um júri pode absolver você por insanidade, mas eu não, Annie. Esse aqui não.

— Faz sentido. Agora, sobre o papel...

— Eu vou pegar a meleca do papel! Só me diga qual é o tipo e eu pego.

— Mas você tem que entender que eu estou do seu lado...

— Essa é boa. Ninguém fica do meu lado desde que minha mãe morreu há vinte anos.

— Acredite no que quiser, então. Se você é tão insegura que não acredita que eu estou grato por você salvar minha vida, o problema é seu.

Ele a observava astutamente, e de novo percebeu nos olhos de Annie um quê de incerteza, de querer acreditar. Bom. Muito bom. Ele olhou para Annie com toda a sinceridade que conseguiu reunir e imaginou outra vez que enfiava um caco de vidro em sua garganta, derramando de uma vez por todas o sangue que fazia funcionar aquele cérebro louco.

— Pelo menos você devia perceber que eu estou do lado do *livro*. Você falou de encaderná-lo. Acho que você está falando de encadernar o manuscrito. As páginas datilografadas?

— Claro que é disso que estou falando.

Pode apostar. Porque se você levar o manuscrito para uma gráfica, vai levantar suspeitas. Você até é ingênua no que diz respeito ao mundo dos livros e das editoras, mas não tão ingênua. Paul Sheldon está sumido e a gráfica pode se lembrar de receber um manuscrito do tamanho de um romance sobre o personagem mais famoso de Paul Sheldon, e bem na época em que o sujeito desapareceu, não é? E certamente lembrariam das instruções — instruções tão esquisitas que qualquer gráfica se lembraria. Uma cópia impressa de um manuscrito do tamanho de um romance.

Uma só.

— *Como era ela, oficial? Bom, era uma mulher grande. Que nem um ídolo de pedra num romance de H. Rider Haggard. Só um minuto, eu tenho o nome e endereço dela aqui nos arquivos... é só eu ver a segunda via da nota fiscal...*

— Essa não é uma ideia ruim. Um manuscrito encadernado pode ficar bem bonito. Tipo uma edição in-fólio. Mas, Annie, livro é pra durar, e se eu escrever usando esse papel, daqui a dez anos você vai ter só um monte de folhas em branco. A menos, é claro, que você o deixe sempre na estante.

Mas ela não faria isso, não é? Cristo, não. Ela iria pegar o livro todos os dias, quem sabe de hora em hora. Ia se faltar de ficar admirando.

O rosto de Annie agora tinha uma estranha expressão endurecida. Ele não gostou daquela teimosia, da aparência turrone e desafiadora. Faziam-no ficar nervoso. Ele conseguia calcular sua fúria, mas havia algo naquela nova expressão que era tanto infantil quando opaco.

— Não precisa falar mais. Eu já falei que vou pegar o papel. Qual é o tipo?

— Essa papelaria onde você compra...

— A Paper Patch.

— Sim, Paper Patch. Diga que você quer duas resmas... uma resma são quinhentas folhas...

— Eu sei disso. Eu não sou burra, Paul.

— Eu sei que não — disse ele, ficando mais nervoso ainda. A dor começara a murmurar por dentro de suas pernas e falava mais alto ainda na área da pélvis. Ele estava sentado havia mais de uma hora e sentia o corpo reclamando.

Esfrie a cabeça, pelo amor de Deus. Não ponha a perder tudo o que já conseguiu!

Mas eu consegui alguma coisa? Ou só estou imaginando?

— Peça duas resmas de papel estêncil de fibra longa. Uma marca boa é a Hammermill Bond. Triad Modern também. Duas resmas de papel estêncil vão custar mais que esse pacote de Corrasable, e deve dar para o trabalho todo, escrever e revisar.

— Eu já estou indo — disse ela e se levantou.

Ele olhou para ela, alarmado, compreendendo que ela iria deixá-lo ali sem medicação outra vez, e sentado, ainda por cima. Já doía ficar sentado. A dor seria monstruosa quando ela voltasse, mesmo que fosse rápido.

— Não precisa ir agora — disse ele, falando rápido. — Esse aqui é bom pra começar, afinal eu vou ter que reescrever mesmo...

— Só sendo muito burro para querer trabalhar bem usando uma ferramenta ruim. — Ela pegou o pacote de Corrasable Bond e arrancou a folha de papel com as linhas borradas e as amassou. Em seguida jogou tudo na cesta de lixo e se voltou para ele. A expressão turrone e endurecida cobria seu rosto como uma máscara. Os olhos brilhavam como moedas manchadas.

— Eu vou à cidade agora. Eu sei que você quer começar logo, porque está *do meu lado* — ela disse as últimas palavras com sarcasmo intenso (e Paul

achou que com um ódio por si mesma que ela jamais perceberia) —, então nem vou deitar você na cama.

Annie sorriu, e seus lábios franzidos para o alto lembraram um boneco de ventríloquo grotesco. Ela foi até o lado de Paul em seus sapatos brancos e silenciosos de enfermeira. Seus dedos tocaram os cabelos dele. Paul recuou. Ele tentou se conter mas não conseguiu. O sorriso morto-vivo se alargou.

— Mas eu acho que ainda deve demorar um dia... ou dois... quem sabe até três, para você poder começar a escrever *O Retorno de Misery*. É, talvez leve aí uns três dias para você conseguir sentar novamente. Por causa da dor. Que chato. Eu tinha deixado champanhe esfriando na geladeira. Vai ter que ficar pra depois.

— Annie, de verdade, eu posso começar se você...

— Não, Paul. — Ela foi até a porta e se voltou para ele, encarando-o com a expressão endurecida. Só os olhos, as moedinhas manchadas, pareciam vivas sob suas sobrancelhas. — Eu quero que você pense numa coisa enquanto isso. Você pode achar que pode me enganar, me passar para trás. Eu sei que eu pareço lerda e burra. Mas eu não sou burra, Paul, e eu não sou lerda.

Subitamente seu rosto se transformou. A teimosia endurecida se esfacelou e o que se revelou por trás foram as feições de uma criança enfurecida até a loucura. Por um momento Paul acreditou que a intensidade do horror iria matá-lo. Teria ele pensado que havia obtido vantagem? Teria mesmo? Seria possível tentar bancar a Sherazade quando o algoz era insano?

Ela voou na direção dele. As pernas grossas avançaram, joelhos flexionando, cotovelos balançando de um lado para outro feito pistões no ar parado de um quarto de doente. Os cabelos sacudiam e batiam em seu rosto, soltando-se dos grampos que os prendiam. Sua aproximação não era silenciosa. Soava como os passos de Golias atravessando o Vale dos Ossos Secos. O quadro do Arco do Triunfo sacudiu na parede com estrépito.

— *Iiiiiii-iaááá!* — gritou ela e bateu com o punho fechado no domo salino inchado que já fora o joelho esquerdo de Paul.

Ele jogou a cabeça para trás e uivou. As veias da testa e do pescoço saltaram pulsando. A dor se irradiou explodindo do joelho e envolvendo-o no interior branco e radiante de uma supernova.

Ela tirou a máquina da tábua e a bateu com força no lintel, erguendo o bloco de metal como se fosse uma caixa de papelão vazia.

— Então fique aí sentado — disse ela, com os lábios repuxados no ricto sorridente — e lembre-se de quem é que manda, e em tudo o que eu posso fazer para machucar você se você se comportar mal ou tentar me enganar. Fique aí sentado e grite o quanto quiser, porque ninguém pode ouvir. Ninguém para aqui porque todo mundo sabe que Annie Wilkes é louca, todo mundo sabe o que ela fez, mesmo que tenham me absolvido.

Ela voltou à porta e virou-se para ele outra vez. Paul gritou ao imaginar outro ataque iminente e isso a fez sorrir ainda mais.

— E eu digo mais. Eles acham que eu sou culpada e escapei... e estão certos. Pense a respeito, Paul, enquanto eu vou à cidade comprar essa meleca desse papel.

Ela saiu, batendo a porta com tanta força que a casa pareceu sacudir. Então ele ouviu o clique da fechadura.

Paul se recostou na cadeira, tremendo, tentando não tremer porque doía, mas sem conseguir evitar. Lágrimas desciam por sua face. Várias vezes ele viu em sua mente o momento em que ela voou pela sala, vez após vez a viu batendo com o punho nos restos do seu joelho com a força de um bêbado irritado batendo em uma barra de carvalho, vez após vez ele era engolido pela terrível supernova azul e branca de dor.

— Por favor, Deus, por favor — gemeu ele e ouviu o motor do Cherokee sendo ligado com um estampido e um rugido. — Por favor, Deus, por favor... me deixe escapar ou me mate... me deixe escapar ou me mate.

O rugido do motor sumiu ao longe e Deus não fez nada. Paul ficou com suas lágrimas e a dor, que agora tinha acordado completamente e atacava todo o seu corpo.

30

Mais tarde ele pensou que o mundo, em sua perversidade infalível, provavelmente consideraria o que ele fez como um ato de heroísmo. E ele provavelmente deixaria que o fizessem — mas de fato não passou de uma tentativa desesperada de autopreservação.

Parecia-lhe ouvir baixinho um locutor louco de entusiasmo — Howard Cosell, Warner Wolf ou talvez o maluquete Johnny Most — descrevendo a cena, como se seus esforços para chegar ao armário de remédios antes que a dor o matasse fossem algum estranho evento esportivo; um programa para entrar no lugar do *Futebol Americano de Segunda à Noite*, talvez. Qual seria o nome de um esporte assim? *Caça ao Bagulho?*

— Eu *não* acredito na garra que esse menino Sheldon está mostrando! — apregoava o locutor na cabeça de Paul Sheldon. — Acho que ninguém aqui no Estádio Annie Wilkes ou o pessoal que está nos assistindo em casa achou que ele teria a menor *chance* de botar a cadeira para andar depois daquele tostão que ele levou, mas eu acho que... sim! Está andando! Olho no replay!

Suor escorria por sua testa e picava seus olhos. Ele lambeu o sal e as lágrimas dos lábios. Os tremores não passavam. A dor era como o fim do mundo. Ele pensou: *Chega um ponto em que a própria discussão sobre a dor se torna redundante. Ninguém sabe que existe dor desse tamanho no mundo. Ninguém. É como estar possuído por demônios.*

Era apenas o pensamento fixo nos comprimidos, o Novril que ela tinha em algum lugar da casa, que o fazia se mover. A porta fechada do quarto... a possibilidade de que a droga não estivesse no banheiro do andar de baixo como ele presumira, mas escondido em outro lugar... a chance de que ela voltasse e o surpreendesse... nada daquilo importava, eram apenas sombras atrás da dor. Ele lidaria com cada problema a seu tempo, ou acabaria morrendo. Aquilo era tudo.

Mover-se fazia com que o aro de fogo abaixo de sua cintura apertasse mais, mordendo suas pernas feito aros cravejados de pregos quentes. Mas a cadeira se moveu. Lentamente a cadeira começou a se mover.

Ele avançara pouco mais de um metro antes de perceber que, do jeito que ia, acabaria passando pela porta, indo parar no outro canto, a menos que virasse um pouco.

Ele agarrou a roda direita, convulsionando,

(pense nos comprimidos, pense no alívio dos comprimidos)

e aplicou nela todo o peso de que dispunha. A borracha gritou baixinho no assoalho de madeira feito guinchos de ratos. Ele fez pressão, os músculos outrora fortes e agora flácidos tremeram feito geleia, seus lábios arrepanharam-se sobre os dentes rilhados e a cadeira de rodas girou lentamente.

Ele agarrou as duas rodas e fez a cadeira se movimentar. Dessa vez, andou 1,5 metro e parou para se endireitar. No momento seguinte apagou.

Paul nadou de volta à realidade cinco minutos depois, ouvindo a voz abafada do locutor: “Ele está tentando continuar! Eu não acredito na *garrra* desse menino Sheldon!”

A parte frontal de sua mente lidava apenas com a dor. A parte de trás direcionava os olhos. Ele viu o item perto da porta e moveu-se até ele. Abaixou o torso para diante, mas as pontas dos seus dedos pararam a 10 centímetros do assoalho, onde um dos três grampos de cabelo que tinham caído do cabelo de Annie durante o ataque tinha ficado. Ele mordeu o lábio, sem perceber o suor que escorria por seu rosto e pescoço, escurecendo a camisa do pijama.

“Eu acho que ele não consegue pegar o grampo, amigos — foi uma explosão fan-*tás-ti*-ca, mas infelizmente acho que vai ficar por aí.”

Bom, talvez não.

Ele tombou de lado, curvando-se para a direita, de início tentando ignorar a dor no flanco direito — que parecia cada vez mais uma bolha de pressão parecida com um dente retido — e então desistindo e gritando. Como ela dissera, não havia ninguém por perto para ouvir.

As pontas dos seus dedos ainda se dependuravam a 2 centímetros do chão, indo e voltando acima do grampo, e seu quadril direito pareceu que simplesmente explodiria num jorro branco de geleia de osso.

Oh Deus por favor por favor me ajude...

Ele forçou-se a descer mais, apesar da dor. Seus dedos roçaram o grampo mas só conseguiram empurrá-lo alguns milímetros para diante. Paul escorregou para baixo, ainda curvado para a direita, e a dor o fez gritar novamente. Seus olhos estavam arregalados, a boca estava aberta, a língua dependurava-se entre seus dentes como o cordão de uma cortina. Gotículas de cuspe pingavam no assoalho.

Ele apertou o grampo entre os dedos... como uma pinça... quase o perdeu... e então prendeu-o firme no punho.

Endireitar-se trouxe uma nova carga de dor, e ao finalizar a ação ele só conseguiu ficar sentado arfando por algum tempo, com a cabeça voltada para trás tanto quanto as costas duras da cadeira permitiam. O grampo ficou na tábua sobre os braços da cadeira. Por algum tempo teve certeza de que vomitaria, mas então passou.

O que você está fazendo?, perguntou uma parte cansada de sua mente, depois de algum tempo. *Vai esperar que a dor passe? Não vai passar. Ela anda sempre repetindo os provérbios da mãe, mas a mãe dele também tinha uns ditados, não tinha?*

Sim. Tinha.

Sentado ali, com a cabeça atirada para trás, o rosto brilhando de suor, cabelo emplastado na testa, Paul recitou um deles em voz alta, quase como um encantamento:

— Nem bruxaria nem galho de arruda, Deus ampara quem se ajuda.

É. Então chega de esperar, Paulie — a única bruxa que vai aparecer é Annie Wilkes, campeã dos pesos pesados.

Ele se moveu outra vez, fazendo a cadeira de rodas avançar lentamente até a porta. Estava trancada, mas ele achava que podia destrancá-la. Tony Bonasaro, que agora não passava de flocos de cinza calcinada, era um ladrão de carros. Como parte da preparação para escrever *Carros Velozes*, Paul estudara a mecânica do roubo de carros com um policial aposentado chamado Tom Twyford. Tom mostrara-lhe como fazer ligação direta, como usar a tira fina e maleável de metal que os ladrões de carro usam para destravar a tranca de uma porta, como dar curto em um alarme antifurto.

Ou então, dissera Tom, em um dia de primavera em Nova York dois anos e meio antes, digamos que você não queira roubar um carro. Você tem um carro, mas está com pouca gasolina. Você tem uma mangueira, mas o tanque do carro que você escolheu para fazer a doação tem uma tampa com trava. Isso é um problema? Não se você souber o que está fazendo, porque essas tampas de tanque são mais fáceis que mastigar água. Você só precisa de um grampo de cabelo.

Cinco intermináveis segundos se passaram em que Paul manobrou incessantemente a cadeira para que ela ficasse do jeito certo, com a roda direita quase tocando a porta.

O buraco da fechadura era antiquado, fazendo Paul pensar nas ilustrações de John Tenniel para *Alice no País das Maravilhas* dispostas no centro de uma fechadura manchada. Ele escorregou um pouco na cadeira — dando um latido curto de dor — e olhou. Podia ver um corredor pequeno levando ao que era claramente a sala de estar. Um tapete vermelho escuro, um divã antiquado, estofado com material similar, um abajur com borlas.

À esquerda, no meio do corredor, havia uma porta aberta. A pulsação de Paul acelerou. Certamente era o banheiro do andar de baixo. Ele a ouvira pegando água de lá (inclusive a vez em que Annie enchera o balde de limpeza de onde ele bebera tão entusiasticamente), e não era dali que ela sempre vinha antes de lhe dar o remédio?

Ele achava que era.

Paul pegou o grampo, que escorregou dos seus dedos, bateu na tábua e quicou para a beirada.

— *Não!* — gritou ele, rouco, e bateu com a mão no grampo antes que ele caísse. Agarrou-o firme no pulso e apagou novamente.

Embora não tivesse como saber, achou que tinha ficado apagado mais tempo da segunda vez. A dor — exceto a excruciante agonia no joelho esquerdo — parecia ter amainado um pouco. O grampo estava na tábua sobre os braços da cadeira. Dessa vez ele flexionou os dedos da mão direita várias vezes antes de pegá-lo.

Agora, pensou ele, desdobrando-o e segurando-o na mão direita. Não vai tremer. Foque nisso. NÃO VAI TREMER.

Ele inclinou o torso para diante segurando o grampo e o enfiou no buraco, escutando o locutor em sua mente

(tão vívida!)

descrever a ação.

Suor porejava sem parar, descendo por seu rosto feito óleo. Ele escutou... e mais do que isso, *sentiu*.

O tambor de um cadeado barato é como o pé curvo de uma cadeira de balanço, dissera Tom Twyford, fazendo o movimento com a mão para demonstrar. Você quer virar uma cadeira de balanço? É a coisa mais fácil do mundo, não é? Basta pegar pelos pés e empurrar para cima até ela virar... mole, mole. É a mesma coisa com cadeados assim. Empurre o tambor para cima e abra a tampa de combustível rápido, antes que ela feche.

Paul tocou o tambor duas vezes, mas o grampo escapuliu e o tambor voltou à posição antes que ele pudesse começar a movê-lo. O grampo estava começando a dobrar e Paul imaginou que ele quebraria depois de mais duas ou três tentativas.

— Por favor, Deus — disse ele, tentando outra vez. — Por favor, Deus, hein? Só me dá uma folga, é só o que eu peço.

(Bom amigos, Sheldon teve um desempenho heroico hoje, mas essa é a última chance. Todo mundo mudo no estádio...)

Ele fechou os olhos e a voz do locutor começou a desaparecer enquanto ele escutava com atenção o chacoalhar discreto do grampo no cadeado. Agora! Resistência! O tambor! Ele podia vê-lo como o pé curvo de uma cadeira de balanço, pressionando a lingueta do cadeado, prendendo-a no lugar, prendendo-o no lugar.

É mais fácil que mastigar água, Paul. É só ficar frio.

Quando doía daquele jeito, era difícil ficar frio.

Ele agarrou a maçaneta com a mão esquerda, passando-a por baixo do braço direito, e começou a aplicar suave pressão no grampo. Um pouco mais... um pouco mais...

Em sua mente ele podia ver a peça curva começando a se mover em seu recesso empoeirado. Ele podia ver a lingueta do cadeado retraindo. Por Deus, não precisa ir até o fim, não — não precisa virar a cadeira (para usar a metáfora de Tom Twyford). Bastava só a lingueta sair da jamba — um empurrão...

O grampo estava dobrando e escorregando ao mesmo tempo. Ele sentiu acontecer, e em desespero empurrou para cima o mais forte que pôde, virou a maçaneta e sacudiu a porta. Houve um *estalo*, o grampo se partiu (o pedaço no buraco da fechadura ficou lá dentro) e Paul ficou considerando seu fracasso bestamente antes de perceber que a porta se abria pouco a pouco, com a lingueta do cadeado projetando-se como um dedo de metal.

— Jesus — murmurou ele. — Jesus, obrigado.

Olho no replay!, gritou Warner Wolf, exultante, e milhares de torcedores no Estádio Annie Wilkes — sem mencionar os milhões que assistiam de casa — irromperam em vivas delirantes.

— Agora não, Warner — ganiu ele e começou o longo e cansativo processo de manobrar a cadeira de forma a alinhá-la e conseguir passar pela porta.

31

Houve um momento ruim — não, não só ruim: terrível, horrível — quando pareceu que a cadeira não iria passar. Não era mais que 5 centímetros, mas 5

centímetros eram demais. *Ela a trouxe dobrada, por isso você pensou que fosse um carrinho de compras*, informou-lhe sua mente.

No fim ele conseguiu passar apertado, posicionando-se alinhado com a porta e rodas e inclinando-se para diante o suficiente para agarrar as jambas da porta. As tampas do eixo das rodas gritaram ao raspar na madeira, mas ele conseguiu passar.

Então apagou outra vez.

32

A voz dela o despertou do transe. Paul abriu os olhos e viu que ela apontava uma espingarda para ele. Os olhos dela brilhavam de fúria. Cuspe reluzia em seus dentes.

— Se você quer tanto assim sua liberdade, Paul, vou ter prazer em concedê-la.

Ela puxou os dois percussores.

33

Ele se sacudiu, esperando o impacto do tiro. Mas ela não estava lá, é claro. Sua mente já reconhecia tratar-se de um sonho.

Sonho não: aviso. Ela pode voltar a qualquer momento. A qualquer momento mesmo.

A qualidade da luz que vinha da porta semiaberta do banheiro tinha mudado, tornando-se mais forte. Parecia a luz do meio-dia. Ele quis que o relógio batesse para ter certeza da hora, mas o aparelho permaneceu obstinadamente silencioso.

Da outra vez ela ficou fora por cinquenta horas.

Ficou mesmo. E pode muito bem ficar oitenta dessa vez. Ou talvez você escute o Cherokee se aproximando em cinco segundos. Caso você não saiba, amigão, a

previsão do tempo até consegue avisar sobre a aproximação de tornados... já dizer a hora e o lugar certinho, aí nem fodendo.

— É isso aí — disse ele e fez a cadeira de rodas avançar para o banheiro. Olhando para dentro, ele viu uma sala austera ladrilhada com pequenos hexágonos brancos. Uma banheira com aletas enferrujadas sob as torneiras postava-se sobre pés em forma de garra. Ao lado, um armário de toalhas. À frente, a pia. Acima da pia, o armário de remédios.

O balde de limpeza estava na banheira — ele podia ver a tampa de plástico.

O corredor era amplo o suficiente para ele girar a cadeira e ficar de frente para a porta, mas agora seus braços tremiam de exaustão. Ele tinha sido um garoto fracote, e por isso tentara cuidar razoavelmente do corpo na idade adulta, mas seus músculos agora eram os músculos de um inválido e o garoto fracote estava de volta, como se todo o tempo gasto nadando, correndo e malhando tivesse sido apenas um sonho.

Pelo menos aquela porta era mais ampla — não muito, mas o suficiente para permitir uma passagem tranquila. Paul passou pelo desnível com um baque suave e então as rodas da cadeira giraram suavemente pelo ladrilho. Ele sentiu um cheiro azedo que associou automaticamente com hospitais. Provavelmente Lysol. Não havia vaso sanitário, mas ele já desconfiava disso. Os únicos sons de descarga vinham do andar de cima, e agora que pensava no assunto, percebeu que sempre havia uma descarga depois que ele usava o penico. No cômodo havia apenas a banheira, a pia e o armário de roupa de cama e banho com a porta aberta.

Ele olhou rapidamente para as pilhas organizadas de toalhas de corpo e rosto azuis. Já as conhecia bem dos banhos de esponja que recebera de Annie. Então voltou sua atenção para o armário de remédios em cima da pia.

Estava fora de alcance.

Não importava o quanto tentasse, estava a uns bons 22 centímetros acima da ponta dos dedos. Ele podia ver isso, mas ainda se esforçava, incapaz de acreditar que o Destino ou Deus ou Seja Lá O Quê pudesse ser tão cruel. Ele parecia um defensor de baseball tentando desesperadamente alcançar um *home run* que não tinha a menor chance de pegar.

Paul fez um ruído magoado e frustrado, abaixou a mão e então se recostou, arfando. A nuvem cinzenta ameaçou descer. Ele forçou-se a expulsá-la e olhou

em volta, procurando algo que pudesse usar para abrir a porta do armário de remédios e viu um esfregão encostado rígido no canto — uma longa vara azul.

Você vai usar isso? Sério? Bom, talvez dê pra abrir o armário de remédios e derrubar a porra toda na pia. Mas as garrafas vão quebrar e mesmo se não houver garrafas — até parece, todo mundo tem ao menos uma garrafa de Listerine — não tem como você botar de volta o que cair. E quando ela voltar e vir a bagunça, hein? E aí?

— Eu digo a ela que foi Misery — grasnou ele. — Eu digo que ela veio aqui procurando algum elixir pra voltar à vida.

Então ele irrompeu em lágrimas. Mas mesmo em meio às lágrimas seus olhos varriam o cômodo, procurando alguma coisa, qualquer coisa, inspiração, uma folga, uma porra de uma f...

Ele olhava para o armário de toalhas quando sua respiração frenética travou na garganta. Seus olhos se arregalaram.

Na primeira olhadela ele vira as prateleiras com as pilhas de lençóis e capas de travesseiro e toalhas de corpo e de rosto. Agora ele olhava para o *chão* do armário e ali havia algumas caixas de papelão. Algumas, rotuladas com UPJOHN. Outras, com LILLY. Algumas, com CAM FARMACÊUTICA.

Ele virou a cadeira com rispidez, se machucando e sem se importar.

Por favor, Deus, que não seja xampu nem absorventes nem fotos da santa mãezinha...

Ele pegou uma das caixas atabalhoadamente, puxou-a e abriu. Nada de xampu ou amostras Avon. Longe disso. Havia um monte de remédios na caixa, a maioria em caixas pequenas com AMOSTRA escrito do lado. No fundo, algumas cápsulas e comprimidos de cores diferentes rolaram soltos. Algumas ele conhecia, como Motrim e Lopressor, o remédio para pressão alta que seu pai tomara durante os três últimos anos de vida. Outras ele jamais tinha visto.

— Novril — murmurou ele, vasculhando a caixa loucamente enquanto o suor escorria por seu rosto e suas pernas pulsavam e latejavam. — Novril, cadê a porra do *Novril*?

Nada de Novril. Ele fechou as tampas da caixa e a empurrou de volta para o armário, fazendo apenas um esforço perfunctório para deixar tudo como estava antes. Não devia ser problema, o lugar parecia um monturo...

Esticando-se bem para a esquerda, ele conseguiu agarrar outra caixa. Ele a abriu e mal conseguiu acreditar no que viu.

Darvon. Darvocet. Composto de Darvon. Morphose e Complexo de Morphose. Librium. Valium. E Novril. Dúzias e dúzias e dúzias de caixas de amostra. Caixas lindas. Caixas queridas. Oh, caixas amadas e adoradas. Ele abriu uma com violência e viu os comprimidos que ela lhe dava a cada seis horas, encapsuladas em bolhas de plástico.

NÃO DEVE SER ADMINISTRADO SEM PRESCRIÇÃO MÉDICA, dizia a caixa.

— Oh, meu Jesus, o doutor *chegou!* — arquejou Paul. Ele rasgou o celofane com os dentes e mastigou três comprimidos, mal percebendo o gosto terrivelmente amargo. Ele parou, olhou para as cinco unidades que restavam na cartela mutilada de celofane e engoliu mais uma.

Ele olhou em volta rapidamente, com o queixo enfiado no peito e os olhos assustados e astutos. Embora ele soubesse que era cedo demais para sentir algum alívio, ele *sentia*. Parecia que *ter* os comprimidos era ainda mais importante que *tomá-los*. Era como se ele tivesse recebido o controle da lua e das marés, ou tivesse estendido as mãos e tomado. Era um pensamento enorme, impressionante... e também assustador, com tons de culpa e blasfêmia.

Se ela voltar agora...

— Tudo bem, certo. Já entendi.

Ele tentou calcular quantas das caixas de amostra poderia pegar sem que ela percebesse que um ratinho chamado Paul Sheldon andava tirando lasquinhas do suprimento.

Ele deu uma risadinha ao pensar nisso, um som aliviado e agudo, e percebeu que o remédio não estava funcionando apenas em suas pernas. Usando um termo vulgar, ele tinha conseguido fazer a cabeça.

Anda logo, seu idiota. Você não tem tempo para ficar curtindo a onda.

Ele pegou cinco caixas — trinta comprimidos. Teve que se conter para não pegar mais. Em seguida sacudiu as caixas e os frascos, esperando que o resultado ficasse parecido com o estado em que encontrara os remédios ao abrir a caixa. Ele tampou a caixa e a pôs de volta no armário de toalhas.

Um carro se aproximava.

Ele se ergueu, arregalando os olhos. Em pânico, suas mãos desabaram sobre os braços da cadeira e agarraram forte. Se era Annie, ele estava ferrado e era o fim da história. Ele jamais conseguiria manobrar aquele troço enorme e desajeitado de volta ao quarto a tempo. Talvez ele conseguisse bater nela uma vez com o esfregão antes de ela torcer seu pescoço como uma galinha.

Ele sentou na cadeira com as caixas de amostra de Novril no colo e as pernas quebradas estiradas rígidas para diante e esperou que o carro passasse ou se aproximasse.

O som aumentou sem parar... e então começou a diminuir.

Ok. Você precisa de outro aviso, Paul, benzinho?

Na verdade, não precisava. Ele olhou uma última vez para as caixas. Elas lhe pareceram iguais como estavam quando ele as vira pela primeira vez — embora ele as visse em meio a uma névoa de dor e não pudesse ter muita certeza. Mas ele sabia que as pilhas de caixas talvez não estivessem jogadas tão ao acaso como pareciam, ah, não mesmo. Annie tinha a percepção aumentada dos neuróticos, e talvez tivesse memorizado cuidadosamente a posição de cada caixa. Talvez conseguisse, com uma única olhada casual, perceber imediatamente o que tinha acontecido. Saber disso não o amedrontou. Em vez disso, ele sentiu resignação — precisara de remédio, e de alguma forma conseguira escapar do quarto para obtê-lo. Se fosse haver consequências, punição, ele poderia enfrentar tudo sabendo que não poderia ter agido de outra forma. E de tudo o que Annie lhe fizera, tal resignação certamente era um sintoma do pior: ela o transformara em um animal alquebrado de dor, incapacitado para tomar quaisquer escolhas morais.

Ele recuou lentamente a cadeira pelo banheiro, olhando para trás de vez em quando para se certificar de que não estava saindo de curso. Antes, movimentar-se assim o teria feito urrar, mas a dor já desaparecia sob a superfície lisa e macia do efeito da droga.

Ele rolou para o corredor e parou quando um pensamento terrível o acometeu: se o piso do banheiro estivesse um pouco úmido ou mesmo um pouco sujo...

Ele olhou para o chão, e por um momento a ideia de que devia ter deixado rastros nos ladrilhos brancos e limpos foi tão persuasiva que ele chegou a *ver* as marcas. Paul sacudiu a cabeça e olhou de novo. Nada de marcas. Mas a porta estava mais aberta do que antes. Ele avançou, girou a cadeira um pouco para a direita para conseguir se inclinar e agarrar a maçaneta, e então puxou a porta. Olhou com atenção e, depois de alguns segundos, puxou mais um pouco. Pronto. Agora estava igual.

Paul estendeu as mãos para as rodas, de forma a girar a cadeira e voltar para o quarto, quando percebeu que estava mais ou menos de frente para a sala de

estar, e a sala de estar era onde a maioria das pessoas deixava o telefone e...

Luz estourou em sua mente como um sinalizador em campo de névoa.

— *Alô, Delegacia de Polícia de Sidewinder, oficial Humbuggy falando.*

— *Me escute, oficial Humbuggy. Escute com muita atenção e não me interrompa, porque eu não sei quanto tempo tenho. Meu nome é Paul Sheldon. Estou ligando da casa de Annie Wilkes. Eu estou preso aqui já tem pelo menos duas semanas, talvez um mês. Eu...*

— *Annie Wilkes!*

— *Venham para cá agora mesmo. Mandem uma ambulância. E pelo amor de Deus, venham antes que ela volte...*

— “Antes que ela volte” — gemeu Paul. — Ah, sim. Genial.

Por que você acha que ela sequer tem telefone? Você já a ouviu ligando pra alguém? Para quem ela ligaria? Os Roydmans camaradas?

Só porque ela não tem com quem ficar de papo o dia todo não quer dizer que ela não saiba que acidentes acontecem. Ela pode cair das escadas, quebrar um braço ou perna... o celeiro pode pegar fogo...

Quantas vezes você ouviu algum telefone tocar?

Então agora tem um mínimo? Seu telefone tem que tocar pelo menos uma vez por dia senão a Mountain Bell vem e toma ele? E eu andei apagado a maior parte do tempo.

Você está abusando da sorte. Está abusando da sorte e sabe disso.

Sim. Ele sabia, mas pensar no telefone, a sensação do plástico negro frio sob os dedos, o clique do *dial* ou o som de bipe ao pressionar “0” — eram tentações muito fortes para resistir.

Paul manobrou a cadeira de rodas até que ela ficou de frente para a sala, e então ele a moveu.

A sala tinha um cheiro de ar parado, mofado e cansado. Embora as cortinas que recobriam as janelas em arco só estivessem repuxadas pela metade, permitindo uma bela visão das montanhas, a sala parecia escura demais. Paul achou que era porque as cores da sala eram escuras demais. Vermelho-escuro predominava, como se alguém tivesse derramado um monte de sangue ali.

Sobre o lintel ficava um retrato em sépia de uma mulher austera com olhos pequenos enterrados num rosto carnudo. A boca de botão estava franzida. A fotografia, protegida em uma moldura rococó dourada, era do tamanho da

fotografia do presidente que fica no lobby das agências de correio em cidades grandes. Paul não precisava de um testemunho juramentado para saber que aquela era a santa mãe de Annie.

Ele avançou pela sala. O lado esquerdo da cadeira bateu contra uma mesinha coberta de bibelôs de cerâmica. Eles tilintaram e um deles caiu — um pinguim de cerâmica em cima de um bloco de gelo.

Sem pensar, Paul estendeu a mão e pegou o bibelô. O gesto foi quase casual... e então veio a reação. Ele segurou o pinguim apertado no punho fechado, tentando forçar a tremedeira a passar. *Você pegou, tranquilo, além disso tem carpete, não teria quebrado...*

Mas se TIVESSE!, gritou sua mente. *Se TIVESSE!* Por favor, volte pro quarto antes que você deixe algum sinal... alguma marca...

Não. Ainda não. Ainda não, não importava o quão assustado estivesse. Aquilo havia custado demais. Se havia algo a ser obtido, ele queria — e iria obter.

Ele olhou a sala, repleta de móveis pesados e deselegantes. Era para o lugar ser dominado pelas janelas e pela espetacular vista das Rochosas, mas em vez disso era dominado pela fotografia da mulher corpulenta aprisionada na moldura horrenda, com volutas e adornos imitando fitas douradas enrodilhadas.

Em uma mesa encostada ao sofá em que ela se sentava para assistir televisão havia um telefone.

Gentilmente, mal se atrevendo a respirar, ele pôs o pinguim de cerâmica (AGORA MINHA HISTÓRIA FOI CONTADA!, dizia a legenda impressa no bloco de gelo) de volta na mesinha de bibelôs e avançou pela sala na direção do telefone.

Havia uma mesinha de centro em frente ao sofá. Ele passou ao largo. Nela havia um buquê de flores secas em um vaso verde feio. O conjunto todo parecia pesado e instável, pronto a tombar ao menor toque.

Não havia carros vindo lá fora — apenas o som do vento.

Ele pegou o receptor do telefone e ergueu-o lentamente.

Uma estranha sensação de fracasso encheu sua mente mesmo antes de colar o receptor ao ouvido e ouvir o silêncio. Ele depôs o receptor lentamente, e um trecho de canção de Roger Miller surgiu em sua mente, parecendo fazer

sentido, embora não fizesse: *No phone, no pool, no pets... I ain't got no cigarettes...*⁴

Ele seguiu o fio do telefone com os olhos, viu o pequeno módulo quadrado na base do aparelho e o plugue enfiado nele. Tudo parecia em perfeita ordem.

Como o celeiro, com as fitas térmicas.

Manter as aparências é muito, muito importante.

Ele fechou os olhos e viu Annie removendo o plugue e enchendo o buraco com cola. Viu quando ela enfiou o plugue no buraco, onde a cola endureceria, estragando a recepção para sempre. A companhia telefônica não tinha como saber que havia algo errado. Só se alguém ligasse para Annie e avisasse que a linha estava com defeito, mas ninguém ligava para Annie, não é mesmo? Ela receberia a conta telefônica todo mês e pagaria imediatamente, mas o telefone era apenas uma peça de decoração, parte de sua batalha sem fim para *manter as aparências*, como o celeiro em bom estado de conservação, com a tinta vermelha, madeirame cor de creme e fitas térmicas para derreter o gelo. Teria ela inutilizado o telefone para o caso de Paul tentar alguma coisa? Teria ela previsto a possibilidade de que ele pudesse escapar do quarto? Ele duvidava. O telefone — o telefone *funcionando* — teria lhe dado nos nervos bem antes de ele aparecer. Ela teria ficado deitada à noite, acordada, olhando para o teto do quarto, ouvindo o gemido agudo do vento, imaginando as pessoas que deviam estar pensando nela com desgosto ou malignidade — todos os Roydmans do mundo —, pessoas que podiam, a qualquer momento, resolver ligar para ela e gritar: *Foi você mesmo, Annie! Eles levaram você pra Denver, e a gente sabe que foi você! Eles não levam ninguém inocente lá pra Denver!* Ela teria pedido e obtido um número não listado, é claro. Pessoas julgadas e absolvidas de crimes notórios (e ela não teria que ter ido até Denver se não fosse notório) costumavam fazer isso. Mas mesmo um número não listado não traria conforto a uma neurótica feito Annie Wilkes por muito tempo. *Eles* estavam de conluio contra ela, *eles* podiam obter o número se *eles* quisessem, provavelmente os advogados que tinham ficado contra ela ficariam felizes de informar o número para qualquer um que pedisse, e as pessoas *iriam* pedir, ah, sim — pois ela via o mundo como um lugar sombrio, repleto de massas humanas moventes feito o mar, um universo malévolo cercando um palco pequeno no qual um único ponto luminoso brilhava... ela. Então era melhor se livrar do telefone, silenciá-lo, como ela silenciaria *Paul* se soubesse que ele tinha ido tão longe.

O pânico despertou agitado em sua mente, dizendo que ele *tinha* que sair dali e voltar para o quarto, esconder os comprimidos em algum lugar, voltar para seu lugar na janela para que, quando ela voltasse, não visse *diferença nenhuma, diferença nenhuma mesmo*, e dessa vez ele concordou. Concordou de todo o coração. Ele recuou com cuidado do telefone e, ao chegar à área mais desimpedida do cômodo, começou a tarefa laboriosa de girar a cadeira com cuidado para não topar com a mesinha de centro.

Paul tinha quase terminado de se virar quando ouviu um carro se aproximando e soube, simplesmente *soube* que era Annie retornando da cidade.

34

Ele quase desmaiou, presa do maior terror que já experimentara, um terror repleto de culpa profunda e emasculante. Subitamente lembrou-se do único incidente em sua vida que era remotamente similar, em desespero, ao que agora sentia. Ele tinha 12 anos. Eram as férias de verão. O pai estava no trabalho, a mãe estava passando o dia em Boston com a sra. Kaspbrak, da casa em frente. Ele encontrara um maço dos cigarros da mãe e acendera um. Fumara com entusiasmo, sentindo-se enjoado mas alegre, como imaginava que ladrões se sentiam ao assaltar um banco. Na metade do cigarro, com a sala cheia de fumaça, ele ouvira a mãe abrindo a porta da frente.

— *Paulie? Sou eu, eu esqueci minha bolsa!*

Ele começara a sacudir os braços loucamente para dissipar a fumaça, sabendo que não adiantaria, sabendo que tinha sido surpreendido, sabendo que ia apanhar.

Dessa vez ele não iria apenas apanhar.

Ele se lembrou do sonho que tivera em uma das ocasiões em que apagara: Annie armando os gatilhos gêmeos da espingarda e dizendo: *Se você quer tanto sua liberdade, Paul, vou ficar feliz em concedê-la.*

O som do motor começou a diminuir enquanto o carro desacelerava. Era ela.

Paul colocou mãos que ele mal sentia nas rodas e empurrou a cadeira na direção do corredor, dando uma última olhada para o pinguim de porcelana no

bloco de gelo. Estava no mesmo local de antes? Ele não sabia dizer. Teria que esperar pelo melhor.

Ele avançou pelo corredor na direção do quarto, ganhando velocidade. Esperava passar direto, mas estava um pouco fora de rumo. Apenas um pouco... mas a passagem era tão estreita que não dava para passar. A cadeira bateu à direita da porta e recuou um pouco.

Marcou a parede?, gritou sua mente. *Jesus Cristo, arranhou a tinta, deixou marca?*

Não. Um pequeno amassado, mas nada de arranhões. Graças a Deus. Ele recuou e manobrou freneticamente, tentando negociar com a estreiteza da passagem.

O barulho do motor do carro cresceu ao se aproximar, ainda desacelerando. Ele ouviu o ruído dos pneus esmagando a neve.

Calma... é com jeitinho...

Ele foi para a frente e então as calotas do eixo das rodas bateram contra as jambas da porta. Ele empurrou mais forte, sabendo que não adiantaria. Estava preso na porta como uma rolha em uma garrafa de vinho, incapaz de avançar ou recuar...

Paul fez um último esforço e os músculos dos braços tremeram como cordas de violino tensas demais. A cadeira passou produzindo o mesmo barulho baixo e agudo.

O Cherokee virou, entrando no caminho até a casa.

Ela está carregando pacotes, murmurou sua mente, *as resmas de papel, quem sabe outras coisas, ela vai vir com cuidado pelo caminho por causa da neve, você já chegou, o pior passou, ainda há tempo, ainda há tempo...*

Ele avançou mais para dentro do quarto, e então girou em um semicírculo desajeitado. Ao deixar a cadeira paralela à porta aberta do quarto, Paul ouviu o motor do Cherokee ser desligado.

Ele se inclinou para diante, agarrou a maçaneta e tentou fechar a porta. A lingueta da fechadura, ainda projetada para fora como um dedo de aço, bateu contra a jamba. Ele a empurrou com o polegar. A lingueta começou a se mover... e então parou. Simplesmente parou, impedindo que a porta se fechasse.

Ele olhou para a porta estupidamente por um instante, pensando no velho ditado da Marinha: *Tudo o que PODE dar errado VAI dar errado.*

Por favor, Deus, já chega, não basta ela ter inutilizado o telefone?

Paul largou a lingueta, que sacou toda para fora outra vez. Ele a empurrou outra vez e deu com a mesma obstrução. Dentro das entranhas do cadeado ele ouviu um chacoalhar esquisito e compreendeu. Era a parte do grampo que tinha se quebrado. Tinha caído de mau jeito e estava impedindo a lingueta de se retrair completamente.

Ele ouviu a porta do Cherokee se abrir. Ouviu até o grunhido de Annie quando saía do carro. Ouviu o farfalhar das sacolas de papel quando ela reuniu os pacotes.

— *Andaaa...* — sussurrou ele e começou a forçar repetidamente a lingueta. A cada vez ela entrava um milímetro e então parava. Paul ouvia o maldito grampo chacoalhando lá dentro. — *Anda... anda... anda...*

Ele estava chorando outra vez, sem se dar conta, e lágrimas e suor se misturavam em seu rosto. Estava vagamente cômico de que ainda sentia muita dor apesar de toda a medicação que consumira, e que iria pagar um preço alto por todo aquele esforço.

Não tão alto quanto o que ela vai cobrar se você não conseguir fechar a porra dessa porta, Paulie.

Ele ouviu os passos cautelosos dela se aproximando pelo caminho. As sacolas farfalhando... e o tilintar das chaves quando ela as retirou da bolsa.

— *Anda... anda... anda...*

Dessa vez, quando ele empurrou a lingueta, houve um clique dentro da fechadura e o dedo de metal deslizou 4 milímetros para dentro da porta. Não era o suficiente para passar pela jamba... mas era quase.

— *Por favor... andaaa...*

Ele começou a forçar a lingueta mais rápido, sacudindo-a, e ouviu Annie abrir a porta da cozinha. Então, como um retorno odioso ao dia em que sua mãe o surpreendera fumando, Annie gritou alegremente:

— *Paul? Sou eu! Eu trouxe o papel!*

Fui pego! Fui pego! Por favor Deus, não Deus, não deixe ela me machucar Deus...

Seu polegar pressionou desesperadamente a lingueta e houve um estalo abafado quando o grampo quebrou. A lingueta escorregou toda para dentro da porta. Ele ouviu quando Annie abriu o zíper do casaco na cozinha.

Ele fechou a porta. O clique da trava

(ela ouviu? ouviu ouviu só pode ter ouvido!)

soou como um tiro de largada.

Ele fez a cadeira recuar até a janela, manobrando enquanto os passos dela ficavam mais altos no corredor.

— Eu trouxe o papel, Paul! Você está acordado?

Não dá... não vai dar... ela vai ouvir...

Ele deu um último empurrão e fez a cadeira rolar para o local perto da janela justo quando ela enfiou a chave na fechadura.

Não vai funcionar... o grampo... ela vai desconfiar...

Mas o grampo devia ter caído no fundo da fechadura, pois a chave funcionou perfeitamente. Ele ficou na cadeira com os olhos semiabertos, esperando com todas as forças que a cadeira estivesse no local certo (ou pelo menos perto o bastante para que ela não notasse), esperando que ela interpretasse seu rosto empapado de suor e os tremores apenas como reações à abstinência do remédio, e mais do que tudo, que não tivesse ficado nenhum rastro...

E, quando a porta se abriu, ele olhou para baixo e viu que, terrivelmente preocupado em não deixar pequenos rastros espalhados, acabara ignorando algo que era um verdadeiro estouro de boiada: as caixas de Novril ainda estavam em seu colo.

35

Ela trazia dois pacotes de papel, um em cada mão, sorrindo.

— É certinho o que você pediu, não é? Triad Modern. Duas resmas, e mais duas na cozinha, pra algum imprevisto. Então você...

Ela se interrompeu e olhou para ele, franzindo o cenho.

— Você está *ensopado* de suor! E está com uma cor... — Ela fez uma pausa.
— O que você andou fazendo?

E embora aquilo fizesse com que a vizinha amedrontada dos seus instintos mais baixos começasse a gritar que ele tinha sido pego e que era melhor desistir e confessar esperando misericórdia, Paul conseguiu encarar os olhos desconfiados dela com uma expressão de ironia exausta.

— Eu acho que você sabe o que eu andei fazendo... sofrendo!

Ela tirou um lenço de papel do bolso da saia e enxugou a testa dele. O lenço voltou empapado. Ela sorriu com aquela terrível expressão maternal fingida.

— Você passou muito mal?

— Muito. Muito. Agora será que eu posso...

— Eu *avisei* para não me aborrecer. Vivendo e aprendendo, não é? Bom, se você viver, vai acabar aprendendo.

— Posso tomar o remédio agora?

— Já, já. — Os olhos dela não se despregavam do rosto suado de Paul, examinando a palidez macerada e as manchas vermelhas. — Antes eu quero ter certeza de que você não precisa de mais nada. Alguma coisa que a burra da Annie Wilkes esqueceu porque ela não sabe como é que o Seu Sabichão escreve um livro. Quero ter certeza de que você não quer que eu volte à cidade para comprar um gravador, ou pantufinhas de escritor, ou sei lá o quê. Porque se você quiser, eu vou! Seu desejo é uma ordem. Não vou nem parar para lhe dar o remédio antes. Vou direto pra velha Bessie outra vez e parto pra cidade. E então, Seu Sabichão? Está tudo como você gosta?

— Está tudo como eu gosto. Annie, por favor...

— E você não vai mais me aborrecer?

— Não. Eu não vou mais aborrecer você.

— Porque quando eu me aborreço eu viro outra pessoa. — Ela olhou para baixo, para as mãos de Paul, que se dobravam apertadas sobre a virilha, escondendo as caixas de amostra de Novril. Annie ficou olhando por um bom tempo.

— Paul? — perguntou ela, suavemente. — Paul, porque suas mãos estão assim?

Ele começou a chorar. Chorava de culpa e odiava aquilo mais do que tudo: além de todo o resto que aquela mulher monstruosa lhe fizera, ela também o fizera sentir-se culpado. E assim ele chorou de culpa... mas também por puro cansaço de criança.

Ele olhou para ela, lágrimas descendo pelo rosto, e usou a última carta de que dispunha.

— Eu quero o remédio e preciso do penico. Eu estou segurando desde que você saiu, Annie, mas não posso segurar mais e eu não quero me molhar de novo.

Ela deu um sorriso brando, radiante, e afastou os cabelos de Paul da sua testa.

— Oh, coitadinho. Annie fez você sofrer um bocado, não é? Sofrer demais! Annie malvada! Vou pegar o urinol agora mesmo.

36

Ele não teria ousado esconder os comprimidos debaixo do tapete mesmo que achasse que haveria tempo para isso antes de ela voltar. As caixas eram pequenas, mas ainda formariam calombos óbvios no tapete. Quando ouviu Annie indo até o banheiro, ele pegou as caixas, voltou-se dolorosamente para trás e as enfiou nos fundilhos da cueca. Os cantos duros de papelão espetaram suas nádegas.

Ela voltou com o urinol, um recipiente antiquado de metal com o formato absurdo de um secador de cabelos. Na outra mão, trazia dois comprimidos de Novril e um copo de água.

Mais dois além dos que você tomou há meia hora podem fazer você entrar em coma e matar você, ele pensou, e uma segunda voz respondeu imediatamente: *Por mim, ótimo.*

Ele tomou os comprimidos com a água.

Ela estendeu o urinol para ele.

— Você precisa de ajuda?

— Eu posso fazer isso.

Ela se virou, respeitosa, enquanto ele enfiava o pênis no recipiente frio e urinava. Calhou de estar olhando para ela quando o barulho de líquido escorrendo começou, e Paul viu que ela sorria.

— Acabou? — perguntou ela depois de alguns instantes.

— Sim. — Ele de fato precisava urinar bastante. Só não tivera tempo de pensar naquilo em meio a toda a comoção.

Ela pegou o urinol e o depositou com cuidado no chão.

— Agora vamos pôr você na cama. Você deve estar exausto e suas pernas devem estar cantando a ave-maria.

Ele aquiesceu, embora a verdade é que não estivesse sentindo *nada*. Os dois comprimidos extras estavam levando-o à inconsciência numa velocidade alarmante, e ele começava a ver as coisas através de camadas cinzentas de gaze. Ele agarrou-se a um pensamento: ela iria erguê-lo, e ao fazer isso não tinha como não notar que seus fundilhos estavam recheados de pequenas caixas.

Ela o empurrou para o lado da cama.

— Só mais um minutinho, Paul, e você vai poder tirar um cochilo.

— Annie, por favor, só mais cinco minutos? — Ele ainda conseguiu dizer.

Ela olhou para ele e apertou os olhos.

— Você não estava morrendo de dor, sabichão?

— E estou... Está doendo... demais. O joelho. Quando você... ahm, perdeu a calma. Eu não aguento ser levantado ainda. Só preciso de cinco minutos pra... pra...

Ele sabia o que queria dizer mas estava ficando mais difícil. As palavras sumiam, perdiam-se na névoa cinzenta. Ele olhou para ela indefeso e soube que seria mesmo pego.

— Para deixar o remédio agir?

Ele aquiesceu com gratidão.

— É claro. Eu vou só guardar umas coisas e já volto.

Assim que ela saiu do quarto ele esticou as mãos para trás, puxou as caixas e começou a enfiá-las debaixo do colchão, uma por uma. As camadas de gaze cinzenta ficavam mais espessas a cada segundo e escureciam cada vez mais rápido.

Empurre bem para dentro, ele pensou, concentrado. Aí, se ela trocar a roupa de cama, não vai acabar puxando as caixas junto com o lençol. Empurre bem pra dentro... bem pra...

Ele enfiou a última caixa debaixo do colchão, então se recostou na cadeira e olhou para o teto, onde os “VV” dançavam, ébrios, ao longo do gesso.

África, pensou ele.

Agora preciso enxaguar.

Ah, eu me meti numa encrenca feia...

Marcas! Será que eu deixei marcas? Será que eu...

Paul Sheldon perdeu a consciência. Quando ele acordou, 14 horas tinham se passado e lá fora nevava outra vez.

1 Associação internacional de escritores.

2 *Sandman* no original, literalmente “homem da areia”: personagem folclórico responsável pelo sono e pelos sonhos.

3 Públio Horácio Cocles, oficial militar romano do final do século VI a.C. Defendeu sozinho a Ponte Sublícia, impedindo que Roma fosse tomada pelos etruscos.

4 “Sem telefone, sem piscina, sem animais de estimação... Eu não tenho cigarros...”

II

MISERY

Escrever não causa sofrimento, mas é fruto do sofrimento.

— MONTAIGNE

1

O RETORNO DE MISERY

Paul Sheldon

Para Annie Wilkes

CAPÍTULO 1

Embora Ian Carmichael não fosse se mudar de Little Dunthorpe nem por todas as joias da Rainha, ele tinha que admitir que, quando chovia em Cornwall, chovia mais forte que em qualquer outro lugar da Inglaterra.

Havia uma toalha velha pendurada em um gancho no vestíbulo, e depois de pendurar o casaco encharcado e remover as botas, ele a usou para secar os cabelos loiros escuros.

Ao longe, da sala de estar, vinha o som de Chopin em cascatas fluidas, e ele parou, com a toalha ainda na mão, e escutou.

O que descia por seu rosto já não era apenas água da chuva — eram lágrimas.

Ele se lembrou de Geoffrey dizendo: “Não chore na frente dela, meu velho — essa é a única coisa que você não deve jamais fazer!”

Geoffrey estava certo, é claro. O caro Geoffrey raramente errava. Mas às vezes, quando estava sozinho, ele não conseguia evitar pensar quão perto a Morte chegara de levar Misery, e então era impossível conter as lágrimas. Ele a amava tanto. Sem ela, morreria. Sem Misery, simplesmente não haveria mais vida para ele, ou dentro dele.

O trabalho de parto fora demorado e difícil, mas não mais demorado e difícil que o de muitas outras jovens que ela ajudara, declarou a

parteira. Foi só depois da meia-noite, uma hora depois de Geoffrey partir em meio à tempestade para buscar o médico, que a parteira ficara alarmada. Foi quando a hemorragia começou.

— Meu caro Geoffrey! — Dessa vez ele falou alto ao entrar na cozinha enorme e quente demais.

— O senhor disse alguma coisa, patrãozinho? — perguntou a sra. Ramage, a governanta ranzinza, mas adorável, dos Carmichael, ao chegar da despensa. Como sempre, sua touca estava torta e ela recendia ao rapé que — assim ela acreditava piamente depois de tantos anos — era seu vício secreto.

— Não foi nada, sra. Ramage — disse Ian.

— Seu casaco pingou um horror ali na entrada, o sr. deve ter quase se afogado vindo pra cá!

— Sim, quase me afoguei — respondeu Ian e pensou: Se Geoffrey tivesse retornado com o médico apenas dez minutos atrasado, acho que ela teria morrido. Aquele era um pensamento que ele tentava inibir forçosamente — era tanto inútil quanto mórbido —, mas pensar na vida sem Misery era tão terrível que aquele pensamento às vezes o surpreendia.

Então, interrompendo aquelas ideias sombrias, houve um som de choro saudável de bebê. Seu filho, acordado e mais do que pronto para a refeição da tarde. Ele podia ouvir vagamente os sons produzidos por Annie Wilkes, a competente enfermeira de Thomas, enquanto ela o apascentava e trocava suas fraldas.

— Eta que o pequeno está com a garganta boa hoje — observou a sra. Ramage. Ian passou um momento refletindo outra vez sobre agora ser pai, e então a voz da esposa o chamou:

— Olá, amor.

Ele olhou para ela, para sua Misery, seu amor. Ela se postava graciosamente no umbral. Seus cabelos castanhos, com misteriosos fulgores de um rubro profundo, eram como brasas flutuando sobre os ombros, bastos e belos. Sua tez ainda era pálida, mas Ian viu os primeiros sinais de cor em suas faces. Seus olhos eram negros e

profundos, e o brilho dos lampiões da cozinha fulgurava em cada um como pequenos diamantes sobre feltro negro de joalheria.

— Meu amor! — gritou ele e correu até ela, como tinha corrido aquele dia em Liverpool, quando parecia certo que os piratas a tinham raptado, como Jack “Louco” Wickersham jurara que fariam.

A sra. Ramage lembrou-se subitamente de algo que deixara por terminar na sala de estar e os deixou sozinhos — mas ela partiu com um sorriso no rosto. A sra. Ramage também tinha momentos em que não podia evitar imaginar como seria a vida se Geoffrey e o médico não tivessem chegado uma hora depois naquela noite sombria e tempestuosa há dois meses, ou se a transfusão de sangue experimental (em que seu jovem patrão corajosamente transferira o próprio sangue para as veias exauridas de Misery) não tivesse funcionado.

— Arre, t’escojuro — disse ela enquanto seguia pelo corredor. — Tem coisa que não compensa ficar matutando. — Era um bom conselho, e o próprio Ian lhe dissera aquilo. Mas ambos tinham descoberto que às vezes era mais fácil dar bons conselhos que recebê-los.

Na cozinha, Ian abraçou forte Misery, sentindo a alma viver e morrer e então viver novamente no cheiro doce da pele cálida da esposa.

Ele tocou seu peito e sentiu a batida forte e regular do seu coração.

— Se você tivesse morrido, eu teria morrido com você — sussurrou ele.

Ela passou os braços pelo pescoço de Ian, apertando o peito mais forte contra a mão dele.

— Quietinho, meu amor, não seja bobo. Eu estou aqui... bem aqui. Agora me beije! Se eu morrer, acho que será de desejo por você.

Ele pressionou os lábios contra os dela e enfiou as mãos em seus gloriosos cabelos castanhos, e por alguns instantes não houve mais nada além deles dois.

2

Annie pôs as três páginas na mesinha ao lado de Paul e ele esperou para ver o que ela diria. Estava curioso, mas não realmente nervoso. Surpreendera-se com o quão fácil fora retornar ao mundo de Misery. O mundo dela era brega e melodramático, mas isso não mudava o fato de que retornar a esse mundo não fora nem um pouco repelente, como ele imaginara que seria. Na verdade, foi até reconfortante, como calçar um par de pantufas velhas. Assim, ele ficou de queixo caído e positivamente atônito quando ela disse:

— Não está direito.

— Você... você não gostou? — Ele mal podia acreditar. Como ela podia ter gostado dos outros romances de *Misery* e não gostar desse? Era tão próximo do mundo de *Misery* a ponto de ser caricatural: a maternal sra. Ramage cheirando rapé na despensa, Ian e Misery se bolinando feito um casal de jovens com tesão voltando pra casa do baile de formatura, e...

Agora era a vez de *ela* parecer atônita.

— *Gostar?* É claro que eu gosto. É *lindo*. Quando Ian a embalou em seus braços, eu chorei. Não aguentei. — Os olhos dela estavam mesmo um pouco vermelhos. — E a enfermeira do Thomas, você deu meu nome a ela... tão fofo!

Ele pensou: *E foi esperto também. Pelo menos é o que eu espero. Aliás, fofo, o nome do bebê era para ser Sean, caso você queira saber. Eu mudei porque decidi que já tinha “n” demais faltando nessa porra.*

— Então... eu acho que não entendo.

— Não, não entende mesmo. Eu não falei nada sobre *gostar*, eu falei que não estava *direito*. Você trapaceou. Vai ter que mudar.

Ele já a considerara como a plateia perfeita? Ah, rapaz... *Tenho que admitir, Paul, quando você comete um engano, é pra valer mesmo.* O Leitor Fiel acabara de se transformar em Editor Implacável.

Sem que ele sequer notasse o que acontecia, o rosto de Paul se rearranjou na expressão de concentração sincera que ele sempre fazia ao escutar editores. Ele chamava de sua expressão “Posso Ajudar, Moça?”, pois a maioria dos editores era como mulheres que levam o carro à oficina e dizem ao mecânico que dê um jeito no barulho esquisito no capô ou nos ruídos engasgados sob o painel, e por favor é pra ontem. Um olhar de concentração sincera era bom porque os lisonjeava, e quando editores ficavam lisonjeados, às vezes desistiam de algumas de suas ideias idiotas.

— Como assim trapaceei?

— Bom, Geoffrey foi a cavalo buscar o médico. Até aí tudo bem. Isso foi no Capítulo 38 de *O Filho de Misery*. Mas o médico não apareceu, como você sabe, porque o cavalo de Geoffrey tropeçou na viga superior da cancela de pedágio daquele traste do sr. Cranthorpe quando Geoffrey tentou pular por cima — eu espero que *aquele* coisa feia receba o que merece em *O Retorno de Misery*, Paul, espero mesmo — e Geoffrey quebrou o ombro e as costelas e ficou lá a noite quase toda na chuva até que o pastorzinho de ovelhas veio e o encontrou. Então o doutor nunca apareceu. Entendeu?

— Sim. — Subitamente ele não conseguia desgrudar os olhos do rosto dela.

Paul achara que ela estava se dando ares de editora, talvez até tentando assumir o papel de colaboradora, dizendo-lhe o quê e como escrever. Mas não era o caso. O sr. Cranthorpe, por exemplo. Ela *esperava* que o sr. Cranthorpe recebesse o que merecia, mas não exigiu nada. Ela via o curso criativo da história como algo fora de seu controle, embora obviamente controlasse *Paul*. Mas algumas coisas eram impossíveis. Criatividade ou falta dela não tinham a menor importância nesses casos. Tentar essas coisas impossíveis era tão tolo quanto proclamar uma lei revogando a gravidade, ou tentar jogar pingue-pongue com um tijolo. Ela era *mesmo* o Leitor Fiel, mas o Leitor Fiel não era um Otário Fiel.

Ela não permitiria que ele matasse Misery... mas também não permitiria que ele trapaceasse para trazê-la de volta à vida.

Mas Cristo-Jesus, eu a matei, pensou ele, cansado. *O que é que eu vou fazer agora?*

— Quando eu era menina, eles passavam seriados no cinema. Um episódio por semana. O Vingador Mascarado, Flash Gordon, tinha um também sobre Frank Buck, o homem que foi até a África para capturar animais selvagens e

que conseguia dominar leões e tigres só olhando pra eles. Você se lembra dos seriados?

— Lembro sim, mas *você* não é dessa época, Annie... você deve ter visto na TV, ou algum irmão ou irmã mais velho contou pra você.

Covinhas apareceram rapidamente e desapareceram nos cantos da boca de Annie.

— Tá bom, seu enrolão! Mas é, eu *tinha* um irmão mais velho, e todo sábado à tarde nós íamos ao cinema. Isso foi em Bakersfield, Califórnia, onde eu cresci. Eu gostava das notícias, dos desenhos e dos filmes, mas do que eu gostava mesmo era dos seriados. Eu ficava pensando neles a semana inteira. Quando a aula era chata, ou quando eu tinha que tomar conta dos quatro pestes da sra. Krenmitz. Como eu odiava aqueles pestinhas.

Annie ficou-se em um silêncio amuado, encarando o canto do quarto. Ela tinha se desligado. Era a primeira vez que isso acontecia em alguns dias, e Paul se perguntou inquieto se aquilo significava que ela estava passando para a parte mais baixa do ciclo. Caso positivo, era melhor se preparar para o pior.

Finalmente ela retornou. Como sempre, com uma expressão de vaga surpresa, como se não esperasse ver o mundo ainda ali.

— O Homem Foguete era o meu favorito. Lá ia ele no final do Capítulo 6, Morte no Céu, desmaiado enquanto o avião despencava sem controle. Ou no fim do Capítulo 9, Chamas da Morte, amarrado em uma cadeira em um depósito pegando fogo. Ou então o perigo era um carro sem freios, ou gás venenoso, ou choques elétricos.

Annie falava dessas coisas com um afeto que era bizarro por ser obviamente genuíno.

— O termo pra isso é “gancho” — arriscou ele.

Ela franziu a testa.

— Eu sei disso, Seu Sabichão. Gente, às vezes eu penso que você me acha muito burra!

— Não, Annie, não mesmo.

Ela fez um gesto impaciente, e ele viu que seria melhor — ao menos naquele dia — não interrompê-la.

— Era divertido ficar pensando em como ele ia sair das enrascadas. Às vezes eu acertava, às vezes não. Mas eu não me importava, contanto que o pessoal que escrevia as histórias não trapaceasse.

Ela olhou para ele com afinco para se certificar de que ele estava entendendo. Paul achava que estava tudo claro demais.

— Por exemplo, quando ele estava desmaiado no avião. Ele acordou e tinha um paraquedas debaixo do assento. Ele pulou do avião e usou o paraquedas e eu achei que foi justo.

Milhares de professores de literatura discordam, meu bem, pensou Paul. Você está falando do que chamamos de deus ex machina, o deus saído da máquina, usado pela primeira vez nos anfiteatros gregos. Quando o dramaturgo metia o herói em alguma complicação sem saída, uma cadeira adornada com flores descia no palco. O herói se sentava nela e era erguido para a salvação. Mesmo o pastor de ovelhas mais tosco entenderia o simbolismo: o herói fora salvo por um deus. Mas o deus ex machina — às vezes chamado de “truque do paraquedas debaixo do assento” — saiu de moda ali pelo ano 1700. Exceto, é claro, para coisas como o Homem Foguete e os livros de Nancy Drew. Acho que você não foi informada a respeito, Annie.

Por um momento grotesco, impossível de esquecer, Paul achou que iria ter um ataque de riso. Considerando o gênio com que ela andava aquela manhã, isso certamente teria resultado em alguma punição dolorosa e desagradável. Ele ergueu a mão rápido para tapar a boca, cobrindo o sorriso que teimava em aparecer ali, e fingiu que tossia.

Ela bateu nas costas dele com força o suficiente para doer.

— Melhorou?

— Sim, obrigado.

— Eu posso continuar, Paul, ou você ainda quer espirrar? É para eu pegar o balde? Você está com vontade de vomitar?

— Não, Annie. Pode continuar. Isso é muito interessante.

Ela pareceu um pouco apaziguada — não muito, mas um pouco.

— Quando eu vi o paraquedas debaixo do assento, eu achei justo. Talvez não fosse muito *realista*, mas era justo.

Ele pensou a respeito, surpreso — os ocasionais clarões de sensatez de Annie nunca deixavam de surpreendê-lo —, e decidiu que era verdade. *Justo* e *realista* podiam ser sinônimos no melhor dos mundos possíveis, mas se aquele era o caso, então este não era o melhor dos mundos.

— Mas houve outro episódio — continuou ela — e foi bem igual a isso que você escreveu ontem, Paul, então preste atenção.

— Sou todo ouvidos.

Ela o encarou atentamente para se certificar de que ele não estava brincando. O rosto de Paul, no entanto, estava pálido e sério — o rosto de um estudante responsável. A vontade de rir desaparecera quando ele percebeu que Annie talvez soubesse tudo sobre *deus ex machina*, exceto o nome.

— Muito bem. Esse episódio era de carro sem freio. Os bandidos tinham colocado o Homem Foguete — na verdade, o Homem Foguete em sua identidade secreta — em um carro sem freios, e então soldaram as portas e empurraram o carro por uma estrada cheia de curvas montanha abaixo. Oh, Paul, eu estava sentada na pontinha da cadeira.

Ela estava sentada na pontinha da cama — Paul se sentava do outro lado do quarto na cadeira de rodas. Já tinham se passado cinco dias desde sua expedição ao banheiro e à sala, e ele se recuperara daquela experiência mais rápido do que teria acreditado. Parecia que não ter sido pego tinha um maravilhoso efeito restaurador.

Ela olhou vagamente para o calendário, onde o menino sorridente seguia montado no tobogã por um fevereiro infinito.

— Então lá estava o pobre Homem Foguete, preso no carro sem o foguete e sem o capacete especial, tentando manobrar, parar o carro, abrir a porta, tudo ao mesmo tempo. Mais ocupado que banheiro de rodoviária!

Sim, Paul de repente podia ver. De forma instintiva ele entendeu exatamente como uma cena tão absurdamente melodramática podia ser trabalhada para aumentar o suspense. O cenário passando veloz em um ângulo assustador. Corta para o pedal de freio, que afunda todo quando o pé do homem (ele viu o pé claramente, usando um sapato estilo anos 1940) faz pressão nele. Corta para o lado de fora, onde podemos ver as marcas da solda na porta fechada. Estúpido, com certeza, e nem um pouco literário, mas dava para conseguir algo com aquela cena. Dava para acelerar corações com ela. Não era Chivas Regal: era o equivalente ficcional da pior cachaça artesanal.

— E aí a gente via que a estrada terminava em um penhasco e todo mundo no cinema sabia que, se o Homem Foguete não saísse daquele carro velho antes de chegar no penhasco, babau! Oh, Paul! E lá vem o carro, com o Homem Foguete ainda tentando usar o freio ou arrombar a porta, e então... o carro caiu! Voou pelo ar e caiu lá embaixo! Bateu no lado do penhasco e explodiu,

pegou fogo e caiu no mar. Aí apareceu a legenda dizendo SEMANA QUE VEM: CAPÍTULO 11 — O VOO DO DRAGÃO.

Ela estava na beirada da cama com as mãos apertadas bem juntas. Seu colo amplo subia e descia rápido.

— Bom! — continuou ela, olhando apenas para a parede. — Depois disso eu nem *vi* o filme! Durante a semana eu não pensei no Homem Foguete de vez em quando... eu pensei nele *o tempo todo*. Como ele podia ter saído daquela enrascada? Eu não fazia ideia.

“No próximo sábado, quando deu meio-dia, eu já estava na frente do cinema, embora a bilheteria só abrisse à uma e quinze e o filme só começasse às duas. Mas, Paul... o que aconteceu... você não imagina!”

Paul não disse nada, mas podia imaginar. Ele entendeu como ela podia ter gostado do que ele escrevera e ainda assim dizer que estava errado — e dizer não com a sofisticação literária às vezes pouco confiável de um editor, mas com a certeza sólida e incontestável do Leitor Fiel. Ele entendeu e se espantou de ver que estava envergonhado. Ela estava certa. Ele *tinha* trapaceado.

— O novo episódio sempre começava com o fim do *último*. Eles mostraram ele descendo a montanha, mostraram o penhasco, mostraram ele batendo na porta, tentando abrir... E aí, justo antes do carro despencar, a porta se abriu e ele pulou pra estrada! O carro saiu da estrada e caiu lá embaixo, e todos os meninos estavam gritando e aplaudindo porque o Homem Foguete tinha escapado, mas *eu* não estava comemorando, Paul. Eu fiquei *louca*! Eu comecei a gritar: “Não foi assim, não foi assim que aconteceu semana passada!”

Annie se levantou e começou a caminhar rápido de um lado a outro, com a cabeça baixa, o cabelo descaindo por seu rosto, batendo o punho na palma aberta e com os olhos chispando.

— Meu irmão tentou me fazer parar, eu lutei e ele cobriu minha boca com a mão, e eu mordi a mão dele e continuei gritando: “Não foi assim que aconteceu semana passada! Vocês são burros? Vocês não lembram? Vocês têm amnésia?” E meu irmão disse: “Você está louca, Annie!”, mas eu sabia que eu não estava. E o gerente veio e disse que se eu não calasse a boca eu teria que sair e eu disse: “Ah, eu vou sair sim, isso foi trapaça da grossa, não foi isso o que aconteceu na semana passada!”

Annie olhou para Paul e ele viu puro assassinato nos olhos dela.

— *Ele não saiu da meleca do carro! O carro caiu no mar com ele lá dentro! Entendeu?*

— Sim.

— *VOCÊ ME ENTENDEU?*

Subitamente ela pulou na direção dele com ferocidade ágil, e embora Paul tivesse certeza de que ela iria machucá-lo novamente — talvez por não conseguir botar as mãos no roteirista coisa feia que trapaceara e retirara o Homem Foguete do carro antes do penhasco —, ele não se moveu. Paul podia ver as sementes da instabilidade de Annie naquela lembrança que ela compartilhara, mas também quedava-se pasmo: a injustiça de que ela se sentira vítima era, apesar da infantilidade, completamente, indiscutivelmente real.

Ela não bateu nele. Apenas agarrou a parte da frente do robe que ele usava e o puxou para a frente até que seus rostos quase se tocaram.

— *ENTENDEU MESMO?*

— Sim, Annie, sim.

Ela o encarou com aquele olhar negro e furioso, e provavelmente viu a verdade ali, porque depois de um momento ela o empurrou de volta com desprezo.

Ele fez uma careta por causa da dor espessa e aguda, mas logo a sensação começou a sumir.

— Então você sabe o que é que está errado.

— Acho que sei. — *Mas Deus me ajude porque eu não faço ideia de como vou consertar essa porra.*

E a outra voz retornou imediatamente: *Eu não sei se Deus vai ajudar ou atrapalhar, mas sei de uma coisa: se você não der um jeito de ressuscitar Misery de um modo que Annie possa acreditar, ela vai matar você.*

— Então conserte — disse ela, ríspida, e saiu do quarto.

3

Paul olhou para a máquina de escrever. Ali estava ela. “Nn”! Ele jamais considerara quantos “nn” havia em uma linha média de texto.

Eu achei que você era bom, disse a máquina. A mente de Paul a dotara de uma voz desdenhosa, mas imatura, a voz de um pistoleiro adolescente em um banguê-banguê de Hollywood, um guri querendo fazer fama na cidade. *Você não é tão bom assim. Porra, não consegue nem agradar uma ex-enfermeira obesa. Talvez seu osso de escrever tenha fraturado na batida também... mas ele não está sarando...*

Ele se recostou tanto quanto a cadeira permitia e fechou os olhos. Seria mais fácil suportar a rejeição de Annie se ele pudesse culpar a dor, mas a verdade é que a dor havia diminuído um pouco de intensidade.

Os comprimidos roubados estavam enfiados em segurança entre o colchão e a armação da cama. Ele não tomara nenhum. Saber que ele os tinha, que eram como um seguro anti-Annie, já bastava. Ela os encontraria se enfiasse na cabeça de virar o colchão, mas aquele era um risco que ele estava preparado para correr.

Não houvera mais problemas entre eles depois da comoção por causa do papel. O remédio era administrado regularmente, e ele o tomava. Ele se perguntava se Annie sabia que ele estava viciado.

Ei, Paul, qual é, tá fazendo um draminha, não tá não?

Não, não estava. Três noites antes, quando teve certeza de que Annie estava no andar de cima, ele surrupiara uma das caixas de amostra e lera a bula inteira, embora pudesse ter parado de ler já ao constatar qual o principal ingrediente do Novril: C-O-D-E-Í-N-A.

O fato é que você está sarando, Paul. Abaixo dos joelhos você parece um garrancho de criança, mas você está sarando. Empirin ou aspirina já bastariam para você. Não são mais suas pernas que precisam do Novril... é o seu cérebro.

Ele teria que diminuir o consumo, fingir tomar alguns comprimidos. Até que ele conseguisse, Annie o teria preso em uma corrente, além da cadeira de rodas — uma corrente de comprimidos de Novril.

Ok, eu finjo engolir alguns comprimidos de vez em quando. Deixo embaixo da língua enquanto engulo o outro. Daí escondo debaixo do colchão junto com os outros quando ela sair com o copo. Mas hoje não. Não me sinto pronto para começar hoje. Eu começo amanhã.

Ele ouviu a voz da Rainha de Copas dando um sermão em Alice: *Aqui ontem nós tomamos jeito, e planejamos tomar jeito amanhã, mas hoje nunca tomamos jeito.*

Ho-hô, Paulie, você é impossível, disse a máquina, na voz durona de pistoleiro que ele imaginara para ela.

— Nós coisas feias não somos muito engraçados, mas nunca paramos de tentar... você tem que admitir — murmurou ele.

Bom, é melhor começar a pensar sobre toda a droga que você anda tomando, Paul. É melhor você começar a pensar bem sério a respeito.

Subitamente ele decidiu, no impulso do momento, que começaria a fingir tomar os comprimidos assim que conseguisse escrever um primeiro capítulo que Annie gostasse — que ela não considerasse trapaça.

Parte dele — a parte que escutava a contragosto até as melhores e mais justas sugestões editoriais — protestou que a mulher era louca, que não havia como saber o que ela aceitaria ou não, que tudo o que ele tentasse seria uma aposta.

Mas outra parte — uma parte bem mais sensata — discordou. Ele sabia o que funcionaria para a história quando encontrasse. A história boa faria a merda que ele dera a Annie para ler — que lhe custara três dias e inúmeros falsos começos — parecer um cocô de cachorro do lado de um dólar de prata. Ele não tinha notado que aquilo não prestava? Não parecia coisa dele trabalhar tão laboriosamente, nem encher a cesta de lixo com rascunhos amorfos ou meias páginas que terminavam com linhas como: “Misery voltou-se para ele, com os olhos brilhando e os lábios murmurando as palavras mágicas: Ah seu merda burro **ESTÁ TUDO ERRADO!!!**” Ele atribuíra aquilo à dor e ao fato de não estar só escrevendo pelo ganha-pão, mas pela sobrevivência imediata. Ideias que eram apenas mentiras plausíveis. O fato é que as coisas haviam empacado. O trabalho não progredira porque ele estava trapaceando e sabia disso.

Bom, ela te pegou direitinho, seu merda, disse a máquina de datilografia em sua voz agressiva e insolente. *Não foi? O que você vai fazer agora?*

Ele não sabia, mas achava que teria que fazer alguma coisa, e rápido. Não se importara com o gênio de Annie aquela manhã. Imaginou que devia se considerar com sorte por ela não ter quebrado suas pernas outra vez com um taco de baseball, ou mergulhado seus dedos em ácido de bateria ou algo parecido para indicar sua insatisfação com a maneira como ele começara o livro dela. Críticas daquele tipo eram sempre possíveis, considerando-se a visão única que Annie tinha do mundo. Se ele saísse daquilo vivo, talvez escrevesse para Christopher Hale. Hale criticava livros para o *New York Times*. A

mensagem diria: “Sempre que meu editor me ligava para dizer que você estava planejando resenhar um dos meus livros no *Times*, eu chegava a ficar com as pernas bambas. Você falou bem de mim algumas vezes, Chris, meu chapa, mas também já me sacaneou bonito, não é verdade? Mas, bom, eu só queria dizer para você mandar bala e fazer o seu pior, porque eu descobri uma nova escola crítica, meu amigo. É a escola “Churrasco do Colorado” ou “Balde de Limpeza”. E faz as coisas que vocês escrevem tão assustadoras quanto andar de carrossel no Central Park.

Que divertido, Paul, você aí escrevendo bilhetinhos imaginários para críticos, sempre é engraçado, mas não está na hora de você começar a trabalhar?

Sim. Estava sim.

A máquina olhava para ele e sorria.

— Eu te odeio — disse Paul, sem entusiasmo, e olhou pela janela.

4

A tempestade de neve durante a qual Paul acordara após sua expedição ao banheiro continuou por dois dias. Pelo menos 45 centímetros de neve e fortes precipitações. Quando o sol finalmente apareceu entre as nuvens, o Cherokee de Annie no terreiro não passava de um monte de neve.

Mas agora o sol tinha saído e o céu estava claro outra vez. Um sol com tanto calor quanto brilho — calor que ele podia sentir no rosto e nas mãos, ali sentado. As pontas de gelo no telhado no celeiro pingavam outra vez. Ele pensou rapidamente em seu carro na neve, e então pegou uma folha de papel e a inseriu na máquina. Datilografou O RETORNO DE MISERY no canto superior esquerdo e o número 1 no canto superior direito. Fez girar o carro de retorno cinco vezes, centralizou o cilindro e digitou CAPÍTULO 1. Batia nas teclas mais forte do que o necessário, para ter certeza de que ela o ouviria datilografando algo finalmente.

Mas daí tinha todo um espaço em branco abaixo de CAPÍTULO 1, parecendo um banco de neve onde ele podia cair e morrer sufocado em neve.

África.

Contanto que não trapaceassem.

O pássaro veio da África.

Havia um paraquedas debaixo do assento.

África.

Agora eu preciso enxaguar.

Ele estava se distraíndo e sabia que não deveria. Se ela entrasse no quarto e o visse cochilando em vez de escrevendo, ela ficaria louca — mas ele se permitiu deixar a mente vagar. Não estava apenas cochilando. De um jeito estranho, ele pensava. Considerava. *Procurava.*

Procurava o quê, Paulie?

Era óbvio. O avião estava em queda livre. Ele procurava o paraquedas debaixo do assento. Ok? Tá bom?

Tá bom. Quando o Homem Foguete encontrou o paraquedas debaixo do assento, não foi trapaça. Talvez não tenha sido muito realista, mas não foi trapaça.

Sua mãe o mandara por dois anos a um acampamento no Centro Comunitário de Malden. E lá eles tinham uma brincadeira: ficavam sentados em círculo, a brincadeira era como os seriados de Annie e ele quase sempre venciam... Como era o nome da brincadeira?

Ele podia ver 15 ou vinte meninos e meninas sentados em círculo em um canto escuro do playground, todos usando camisetas do Centro Comunitário de Malden e escutando com atenção enquanto o monitor explicava as regras do jogo. *“Sai Dessa.” O nome do jogo era “Sai Dessa”, e era igual aos seriados de Annie. O nome do jogo era “Sai Dessa”, e é o mesmo nome desse jogo aqui, não é, Paulie?*

Sim, pior que era mesmo.

Na brincadeira de “Sai Dessa”, o monitor começava uma história sobre um sujeito chamado Zezé Pé-Frio. Ele estava, por exemplo, perdido em uma selva na América do Sul. De repente ele olha ao redor e vê leões atrás dele... leões dos lados... e, meu Deus, leões à frente. Zezé Pé-Frio está cercado de leões... e eles estão chegando perto. São só cinco da tarde, mas isso não é problema pros felinos. Os leões da América do Sul acham que essa história de jantar às oito é coisa de frutinha.

O monitor tinha um cronômetro, e a mente sonolenta de Paul Sheldon o viu com clareza cegante, embora a cena já tivesse mais de trinta anos. Ele podia ver os números de latão, a agulha menor embaixo que marcava os décimos de segundo, podia ver a marca impressa em letras pequenas: ANNEX.

O monitor procurava alguém no círculo de crianças e escolhia uma delas. “Daniel. Sai dessa?” Quando ele dizia “Sai dessa”, dava partida no cronômetro.

Daniel então tinha dez segundos exatos para continuar a história. Se ele não começasse a falar nesses dez segundos, tinha que sair do grupo. Mas se ele conseguisse fazer Zezé fugir dos leões, o monitor procurava outra criança no grupo e fazia outra pergunta, uma que fazia Paul se lembrar da situação em que estava. A pergunta era “Valeu?”

As regras para aquela parte da brincadeira eram as mesmas de Annie. Realismo não era necessário, o que era preciso era ser honesto. Daniel podia dizer, por exemplo: “Por sorte, Pé-Frio tinha uma espingarda e bastante munição. Ele atirou em três leões e o resto fugiu.” Nesse caso, então *valia*. Ele recebia o cronômetro e continuava a história, terminando com Pé-Frio se afogando em areia movediça ou algo assim, e então ele dizia “Sai dessa” para outra pessoa e ligava o cronômetro.

Mas dez segundos não era muito tempo, e era fácil ficar nervoso e... fácil trapacear. A próxima criança podia dizer: “Aí um pássaro enorme, um abutre dos Andes, veio e Pé-Frio pegou ele pelo pescoço e o pássaro puxou ele da areia movediça!”

Quando o monitor perguntava “Valeu?”, as crianças levantavam a mão se achassem que tinha valido, e se achassem que não tinha valido, não levantavam. No caso do abutre dos Andes, com certeza teriam pedido para o menino sair do grupo.

Sai dessa, Paul?

Sim. Isso é o meu ganha-pão. É assim que eu consigo manter as casas em Nova York e Los Angeles, e ter mais carros que muito ferro-velho por aí. Porque eu posso, e não preciso pedir desculpas por isso, porra. Tem um monte de sujeitos por aí que escrevem prosa melhor que eu, e que entendem melhor as pessoas e o significado da humanidade... porra, eu sei disso. Mas quando o monitor pergunta “Valeu?” sobre o trabalho deles, apenas algumas pessoas erguem as mãos, às vezes. Mas elas sempre erguem as mãos pra mim... ou para Misery... e no fim dá tudo no mesmo. Sai dessa? Sim. Pode apostar que eu consigo. Tem um milhão de coisas no mundo que eu não sei fazer. Não sei jogar bola. Não sei consertar uma pia. Não sei andar de patins ou fazer um Fá na guitarra. Tentei duas vezes manter um casamento e não consegui, Mas se você quiser que eu arrebate você, assuste ou envolva você, faça você

chorar ou sorrir, então sim, eu posso sair dessa. Eu consigo e consigo de novo até você pedir água. Eu consigo. Eu POSSO.

A voz insolente de pistoleiro da máquina de escrever sussurrou naquele sonho cada vez mais denso.

O que nós temos aqui, pessoal, é muita conversa e muitas páginas em branco.

Sai dessa?

Sim. Sim!

Valeu?

Não. Ele trapaceara. Em O Filho de Misery o médico nunca chegou a tempo. Talvez alguns de vocês tenham se esquecido do que aconteceu semana passada, mas o ídolo de pedra jamais esquece. Paul tem que sair do grupo. Com licença, com licença. Agora eu preciso enxaguar. Agora eu preciso...

5

— ...enxaguar — murmurou ele e escorregou para a direita. Isso fez com que sua perna esquerda ficasse um pouco torta, e o clarão de dor no joelho esmagado foi o suficiente para acordá-lo. Menos de cinco minutos haviam se passado. Ele podia ouvir Annie lavando pratos na cozinha. Geralmente ela cantava ao fazer as tarefas, mas agora não estava cantando. Havia apenas o tilintar dos pratos e o chiado ocasional da água de enxágue. Outro sinal ruim. *Previsão do tempo especial para os moradores de Sheldon County: estado de alerta antitornados até as 17 horas de hoje. Repetindo, estado de alerta...*

Mas era hora de parar de brincar e começar a trabalhar. Ela queria Misery de volta dos mortos, mas tinha que ser sem trapaça. Não necessariamente realista, mas sem trapaça. Se ele conseguisse fazer isso aquela manhã, talvez conseguisse descarrilar a depressão que sentia se aproximando antes que ela ficasse forte demais.

Paul olhou pela janela com o queixo na palma da mão. Agora tinha acordado completamente, pensando rápido e com afinco, mas sem se dar conta do processo. As duas ou três camadas de sua mente consciente, que se preocupavam com coisas tipo a última vez em que ele tinha usado xampu ou se

Annie não se atrasaria com a próxima remessa de droga, pareciam ter sumido completamente. Aquela parte de sua mente tinha saído de fininho para pegar um sanduíche ou algo assim. Havia sinais dos seus sentidos, mas ele não estava fazendo nada com a informação. Não via o que via nem escutava o que escutava.

Outra parte dele estava procurando furiosamente por ideias, rejeitando-as, tentando combiná-las, rejeitando as combinações. Ele sentia que isso estava acontecendo mas não tinha nenhum contato direto com a experiência nem queria ter. Era bem sujo na oficina lá embaixo.

Ele entendia que o que estava fazendo agora era TENTANDO TER UMA IDEIA. TENTAR TER UMA IDEIA não era a mesma coisa que TER UMA IDEIA. TER UMA IDEIA era uma maneira mais humilde de dizer “Eu estou inspirado” ou “Eureca! Minha musa falou!”

A ideia para *Carros Velozes* surgira um dia em Nova York. Ele saíra de casa sem nenhum outra ideia além de comprar um videocassete para a casa na 83rd Street. Ao passar por um estacionamento, vira um funcionário tentando abrir a porta de um carro à força. Aquilo fora tudo. Ele não fazia ideia se o que testemunhara era lícito ou ilícito, e dois ou três quarteirões depois não se importava mais. O funcionário tornara-se Tony Bonasaro. Ele sabia tudo a respeito de Tony exceto seu nome, que depois ele pescou de uma lista telefônica. Metade da história já existia em sua mente, desenvolvida, e o resto surgia rapidamente. Ele se sentia energético, feliz, quase bêbado. A musa chegara, uma visita tão agradável quanto um cheque inesperado na caixa de correio. Ele tinha saído para comprar um videocassete e conseguira algo muito melhor. Ele TIVERA UMA IDEIA.

Este outro processo — TENTAR TER UMA IDEIA — não tinha nem um pouco daquele glamour, mas era tão misterioso... e tão necessário quanto. Porque quando você escrevia um romance, quase sempre aparecia um bloqueio em algum ponto, e não fazia sentido continuar até se TER UMA IDEIA.

Seu procedimento costumeiro quando era necessário TER UMA IDEIA era colocar o casaco e sair para caminhar. Se ele não precisasse TER UMA IDEIA, ele levava um livro e saía para uma caminhada. Sabia que caminhar era um bom exercício, mas era tedioso. Se você não tivesse com quem conversar enquanto caminhava, era necessário ter um livro. Mas se você precisava TER UMA IDEIA, o tédio atacava o bloqueio criativo como a quimioterapia ataca o câncer.

Pela metade de *Carros Velozes*, Tony matava o tenente Gray quando este tentava algemá-lo em um cinema em Times Square. Paul queria que Tony não fosse pego — pelo menos por enquanto — porque para o ato final da história Tony precisava estar em liberdade. Mas Tony não podia simplesmente deixar Gray lá sentado no cinema com uma faca espetada sob a axila esquerda, pois pelo menos três outras pessoas sabiam que Gray tinha saído para encontrar Tony.

Livrar-se do corpo era o problema, e Paul não sabia como resolvê-lo. Era um bloqueio. Era a brincadeira. *Tony Pé-Frio matou esse cara em um cinema em Times Square e agora ele precisa levar o corpo de volta ao carro sem ninguém dizer: “Ei, moço, esse cara aí tá morto mesmo ou desmaiou ou o quê?” Se ele conseguir levar o corpo de Gray até o carro, ele pode dirigir até Queens e desová-lo em uma construção abandonada. Paulie? Sai dessa?*

Não havia prazo de dez segundos, claro. Não havia contrato pelo livro, pois ele o escrevera por conta própria e por isso não havia prazo de entrega. Mas *sempre* havia um prazo, um período após o qual era melhor desocupar a moita, e os escritores sabiam disso. Se um livro ficasse bloqueado por tempo demais, ele começaria a apodrecer, a se desconjuntar. Todos os pequenos truques e ilusões começavam a aparecer.

Ele saía para caminhar sem pensar em nada, da mesma forma como agora não pensava em nada. Caminhara 4 quilômetros antes que alguém mandasse uma mensagem lá da oficina: *E se ele ateasse fogo no cinema?*

Parecia que podia funcionar. Não havia uma sensação de euforia, nenhum sentimento real de inspiração. Ele parecia um carpinteiro que olhava para um pedaço de madeira que talvez servisse.

Ele podia atear fogo no estofado do assento ao lado, que tal? Os assentos de cinema velho são sempre rasgados. Haveria fumaça. Bastante fumaça. Ele poderia esperar o máximo que conseguisse, e então arrastaria Gray consigo. Gray passaria fácil como vítima de asfixia. O que você acha?

Ele achava que funcionaria. Não era genial, e havia muitos detalhes a resolver, mas parecia que funcionaria. Ele TIVERA UMA IDEIA. O trabalho podia continuar.

Ele jamais precisara TER UMA IDEIA para *começar* um livro, mas compreendia instintivamente que não era impossível.

Paul ficou sentado quieto na cadeira, com o queixo na palma das mãos, olhando para o celeiro. Se ele pudesse caminhar, estaria lá fora, no campo. Ele ficou sentado quieto, quase cochilando, esperando que algo acontecesse, sem perceber nada ao redor exceto que coisas estavam acontecendo lá embaixo, que edifícios inteiros de faz de conta estavam sendo erguidos, avaliados, reprovados e demolidos em um piscar de olhos. Dez minutos se passaram. Quinze. Agora Annie passava o aspirador de pó na sala de estar (mas ainda não cantava). Ele ouviu, mas nada fez a respeito. Era um som desconexo que entrava em sua cabeça e saía como água correndo por um canal.

Finalmente o pessoal lá embaixo deu sinal de vida, como sempre acontecia. Os pobres coitados nunca paravam de dar duro, e ele não os invejava nem um pouco.

Paul ficou sentado quieto, começando a TER UMA IDEIA. Sua mente consciente retornou — o DOUTOR CHEGOU — e pegou a ideia como se fosse uma carta enfiada pela fenda da porta. Ele começou a examiná-la. Quase a rejeitou (teria havido um gemido baixo vindo da oficina lá embaixo?), então reconsiderou e decidiu que metade dela era utilizável.

Outro clarão de ideia, esse mais brilhante que o primeiro.

Paul começou a martelar com os dedos na janela.

Por volta de 11 da manhã ele começou a datilografar. Bem lentamente a princípio: batidas individuais seguidas por períodos de silêncio, alguns chegando a 15 segundos. Era o equivalente sonoro de um arquipélago visto do alto: uma cadeia de torrões separados por amplos trechos de azul.

Pouco a pouco os intervalos de silêncio começaram a encurtar, e agora havia rajadas de barulho de teclas. Teria soado agradável na máquina elétrica de Paul, mas o som da Royal era grosso e realmente irritante.

Mas Paul não notou a voz de Ducky Daddies da máquina de escrever. Ele estava aquecendo ao chegar no final da primeira página. Ao chegar no final da segunda, já estava na quarta marcha.

Depois de algum tempo Annie desligou o aspirador de pó e ficou no umbral da porta, olhando para ele. Paul não fazia ideia de que ela estava ali. Na verdade, não fazia ideia nem que *ele mesmo* estava ali. Finalmente escapara. Estava no adro de Little Dunthorpe, respirando o ar úmido da noite, sentindo o cheiro de limo e terra e névoa. Ele ouviu o relógio na torre da igreja presbiteriana dar as duas e mencionou isso na história no momento seguinte.

Quando era bom, ele conseguia ver através do papel. E ele podia ver através do papel agora.

Annie o observou por um bom tempo. Sua face pesada não sorria nem se movia, mas parecia satisfeita, de alguma forma. Depois de algum tempo ela se afastou. Seus passos eram pesados, mas Paul não os escutou também.

Ele trabalhou até as três aquela tarde, e às oito horas ele pediu que ela o ajudasse a voltar à cadeira. Ele escreveu por mais três horas, mas perto das dez da noite a dor ficara bem ruim. Annie veio às 11. Ele pediu mais 15 minutos.

— Não, Paul, já chega. Você está branco feito sal.

Ela o pôs na cama e ele adormeceu em três minutos. Ele dormiu a noite toda pela primeira vez desde que saíra da nuvem cinzenta, e pela primeira vez seu sono não teve sonhos.

Pois estivera sonhando acordado.

6

O RETORNO DE MISERY

Paul Sheldon

Para Annie Wilkes

CAPÍTULO 1

Por um momento Geoffrey Alliburton não teve certeza de quem era o velho à porta, e não somente por que a campainha o acordara de um sono pesado. Ele pensou que o que tinha de mais irritante na vida na aldeia é que não havia pessoas suficientes para que houvesse completos desconhecidos. Em vez disso, o número era o suficiente apenas para impedir o reconhecimento imediato de muitos dos aldeões. Às vezes era necessário orientar-se por alguma fisionomia de família — e tais fisionomias não excluía a improvável mas dificilmente impossível ocorrência de bastardia. Era possível aturar momentos assim, embora com uma sensação de envelhecimento por não conseguir se lembrar de um certo nome. As coisas ficavam

cosmicamente constrangedoras quando dois desses rostos conhecidos apareciam ao mesmo tempo e tornava-se necessário fazer as apresentações.

— Espero não estar lhe incomodando, senhor — disse o visitante. Ele torcia sem parar um quepe de tecido barato nas mãos, e à luz do lampião que Geoffrey segurava, seu rosto parecia enrugado, amarelado e bastante preocupado; até assustado. — É que eu não quis ir ao dr. Bookings, nem queria perturbar Sua Excelência. Pelo menos não sem falar antes com o senhor, se o senhor me entende.

Geoffrey não entendia, mas de repente deu-se conta de quem era o visitante. A menção ao dr. Bookings, pastor da Igreja Anglicana, bastara. Há três dias o dr. Bookings realizara os últimos ritos de Misery no adro ao lado da casa paroquial, e aquele camarada estivera presente — mas de maneira furtiva no fundo da cena, onde era mais difícil ser notado.

Seu nome era Colter. Ele era um dos sacristãos. Sendo brutalmente honesto: era um coveiro.

— Colter. O que posso fazer por você?

Colter falou com hesitação.

— São os barulhos, senhor. Os barulhos no adro. A esposa de Sua Excelência não está descansando em paz, senhor, não mesmo, e eu estou com um medo...

Geoffrey sentiu como se o tivessem golpeado no torso. Ele inspirou, sentindo dor quente dilacerando seu flanco, onde suas costelas tinham sido immobilizadas pelo dr. Shinebone. O diagnóstico sinistro do dr. Shinebone fora de que Geoffrey se arriscava a pegar pneumonia após jazer no fosso a noite inteira na chuva gelada, mas três dias tinham se passado e não houvera sinal de febre ou tosse. Ele já sabia que não haveria. Deus não dispensava os culpados assim tão facilmente. Ele acreditava que Deus o deixaria viver para perpetuar as lembranças de sua pobre e perdida amada por muito, muito tempo.

— O senhor está bem? — perguntou Colter. — Ouvi que o senhor teve um baque feio noite dessas. — Ele fez uma pausa. — Na noite que ela morreu.

— Eu estou bem — Geoffrey respondeu, lentamente. — Colter, os sons que você disse que escuta... você sabe que é só imaginação, não é?

Colter pareceu chocado.

— Imaginação? Mas senhor! Só falta o senhor dizer que não acredita em Jesus e na vida eterna! Uai, o Duncan Fromsley não viu o velho Patterson dois dias depois do enterro, brilhando branco que nem fogo-fátuo (e Geoffrey pensou que devia ser fogo-fátuo mesmo, junto com seja lá o que o velho Fromley tivesse tomado)? E metade da porcaria da cidade não viu o velho monge papista andando pelas muralhas da Mansão Ridgeheath? Até mandaram duas moças lá da tal da Sociedade Mediúnica de Londres pra ver!

Geoffrey conhecia as senhoras de quem Colter falava. Uma dupla de megeras histéricas provavelmente sofrendo das calmarias e monções da meia-idade, ambas todas feito baratas.

— Fantasmas existem que nem eu ou o senhor — disse Colter, sincero. — Essa ideia não me incomoda, mas esses barulhos são feios como o quê, tanto que eu estou evitando de ir no adro... mas eu tenho que cavar a sepultura do neném dos Roydman amanhã, estão...

Geoffrey orou silenciosamente pedindo paciência. A vontade de esbravejar contra o pobre sacristão era quase incontrollável. Ele estivera cochilando pacificamente em frente à lareira com um livro no colo quando Colter apareceu, acordando-o. E ele passava cada vez mais tempo acordado, sentindo a cada segundo a mágoa enraizar-se mais profundamente em seu ser, junto com a certeza de que sua amada se fora. Jazia havia três dias na sepultura. Em breve seria uma semana... um mês... um ano... dez anos. A mágoa era como uma rocha limítrofe ao oceano. Ao dormir, era como se a maré subisse, e havia alívio. O sono era como a maré que cobria a rocha da mágoa. Ao acordar, no entanto, a maré começava a recuar e logo a rocha aparecia à vista outra vez, uma coisa incrustada de cracas, indisputavelmente real, algo que existiria para sempre ou até que Deus determinasse sua destruição.

E aquele tolo ousava ir até ele para falar de fantasmas!

Mas a expressão de Colter era tão desamparada que Geoffrey conseguiu se controlar.

— A srta. Misery — a esposa de Sua Excelência — era muito amada — disse Geoffrey, baixinho.

— Sim, senhor, era mesmo — concordou Colter, fervorosamente. Ele passou o quepe para a mão esquerda, e com a mão direita puxou um lenço vermelho gigante do bolso. Com os olhos úmidos, ele assoou-se barulhentosamente.

— Todos nós sofremos com o passamento dela.

As mãos de Geoffrey foram até sua camisa e esfregaram sem parar as bandagens de musselina grossa por baixo.

— Sim senhor, sofremos sim senhor. — As palavras de Colter eram abafadas pelo lenço, mas Geoffrey podia ver seus olhos. O homem estava mesmo chorando. O resto de sua raiva egoísta dissolveu-se em piedade. — Ela era uma boa mulher, sim senhor! Era uma mulher excelente, e Sua Excelência ficou muito mal por causa disso...

— Sim, ela era boa — disse Geoffrey, e para seu embaraço percebeu que suas próprias lágrimas não demorariam a surgir, como um aguaceiro ameaçando um final de tarde de verão. — E às vezes, Colter, quando alguém muito bom falece — alguém muito querido de todos —, nós achamos difícil dizer adeus. Então acontece de imaginarmos que a pessoa não partiu. Está me entendendo?

— Sim, senhor! Mas os barulhos... se o senhor ouvisse!

— Que barulhos? — perguntou Geoffrey, com paciência.

Ele pensou que Colter falaria então de sons que poderiam ser apenas o vento nas árvores, sons amplificados pela sua própria imaginação, é claro — ou talvez um texugo descendo erráticamente o Arroio de Little Dunthorpe, que ficava atrás do adro. E por isso ele não estava preparado quando ouviu Colter sussurrar em uma voz aflita:

— Sons de gente arranhando, senhor! Parece como se ela estivesse viva lá embaixo, tentando abrir caminho de volta pro mundo dos vivos!

CAPÍTULO 2

Quinze minutos depois, novamente sozinho, Geoffrey aproximou-se do aparador da sala de jantar. Cambaleava de um lado a outro como um homem andando pelo convés de um navio na tempestade. Sentia-se como um homem em uma tempestade. Ele poderia até acreditar quase com alegria que era a febre que o dr. Shirebone tinha previsto, mais forte do que o antecipado, mas não era febre o que fazia brotar rosas selvagens em suas faces e fazia sua testa ficar da cor de cera de vela, nem era febre o que fazia suas mãos tremerem tão violentamente que ele quase derrubou a garrafa de brandy ao pegá-la do aparador.

Se havia uma chance — a melhor chance — de que a ideia monstruosa que Colter plantara em sua mente fosse verdade, então ele não podia se dar ao luxo de perder tempo. Mas ele achava que, sem uma bebida, acabaria desmaiando no chão.

Geoffrey Alliburton então fez algo que jamais fizera em toda a sua vida, algo que jamais fez novamente. Ele ergueu a garrafa, levou-a à boca e bebeu.

Então, afastando-se, murmurou:

— Vamos ver isso. Por Deus, vamos ver isso. E se eu sair nessa missão insana só para descobrir que no fim era apenas a imaginação de um coveiro velho... eu vou arrancar as orelhas de Colter, não importa o quanto ele tenha amado Misery.

CAPÍTULO 3

Ele pegou a charrete e partiu sob um céu sinistro, ainda não de todo escuro, onde a lua crescente sumia e reaparecia entre recifes de nuvens. Ele parara para vestir a primeira coisa que encontrou no armário do corredor — um casaco castanho-escuro cuja cauda agora se enfunava ao vento enquanto ele chicoteava Mary. A velha égua não apreciava a velocidade que Geoffrey exigia. Geoffrey não gostava da dor cada vez mais forte no ombro e no flanco... mas não havia o que fazer.

Sons de gente arranhando, senhor! Parece que ela ainda está viva lá embaixo tentando voltar pro mundo dos vivos!

Só isso não teria bastado para deixá-lo quase aterrorizado, mas ele se lembrou de quando fora à mansão Calthorpe no dia seguinte à morte de Misery. Ele e Ian tinham se olhado e Ian tentara sorrir, embora seus olhos fossem como gemas, cheios de lágrimas não derramadas.

— Seria mais fácil — dissera Ian — se ela parecesse... mais morta. Eu sei que isso parece...

— Bobagem — replicou Geoffrey, tentando sorrir. — O agente funerário certamente usou de toda sua perícia e...

— Agente funerário! — Ian quase gritou, e pela primeira vez Geoffrey percebeu que o amigo estava à beira da loucura. — Demônio! Como se eu fosse deixar algum papa-defuntos miserável vir aqui empoar meu amor e pintá-la feito uma boneca!

— Ian! Meu bom amigo! Agora escute... — Geoffrey aproximou-se para agarrar Ian pelos ombros mas acabara abraçando-o. Os dois choraram nos braços um do outro como crianças caídas. Em outro cômodo, o filho de Misery, um menino ainda sem nome, acordou e começou a chorar. A sra. Ramage, cujo próprio bom coração tinha-se partido, começou a entoar uma cantilena em uma voz rachada e cheia de dor.

Na hora, temendo pela sanidade de Ian, ele se preocupara menos com o que o amigo dissera e como dissera. Apenas agora as palavras retornavam, enquanto ele chicoteava Mary cada vez mais rápido em direção a Little Dunthorpe apesar da dor que sentia. As palavras o assombravam, fazendo-o pensar na história de Colter: Se ela parecesse mais morta. Se ela parecesse mais morta, meu velho.

E aquilo não era tudo. Na tarde daquele dia, enquanto os primeiros aldeões chegavam subindo a Colina Calthorpe para dar os pêsames ao seu senhor entulhado, o dr. Shinebone retornara. Ele parecia cansado, como se não estivesse muito bem. O que não era surpreendente em um homem que dizia ter apertado a mão de Wellington, o Duque de Ferro, quando ele (Shinebone, não Wellington) era garoto. Geoffrey

achava que a história sobre Wellington era um exagero, mas o velho Shinsky — como Ian e ele chamavam o velho médico quando eram crianças — acompanhara Geoffrey em todas as doenças da infância, e Shinsky já lhe parecia bastante velho mesmo na época. Mesmo levando em conta os olhos da infância que tendem a ver todos acima de 25 como anciãos, ele achava que Shinsky já devia ter uns 75.

Ele era velho... as últimas 24 horas tinham sido terríveis e frenéticas... será que um homem velho e cansado não poderia ter cometido um engano?

Um engano terrível, indizível?

Era aquele pensamento, mais que qualquer outro, que o fizera sair naquela noite gélida de ventania em que a lua aparecia hesitante entre as nuvens.

Teria ele cometido tal engano? Parte dele, uma parte covarde e mesquinha que preferiria perder Misery para sempre que testemunhar os resultados inevitáveis de um tal engano, negava a possibilidade. Mas quando Shinsky chegou...

Geoffrey estava sentado ao lado de Ian, que lembrava de maneira interrompida e pouco coerente como ambos haviam resgatado Misery das masmorras do palácio de Leroux, o visconde louco, como eles haviam escapado em uma carroça cheia de feno, e como Misery distraíra um dos guardas do visconde em um momento crucial esticando uma perna sua deliciosa para fora do feno. Geoffrey contribuía com as próprias lembranças da aventura, completamente imerso em dor, e ele amaldiçoou a dor que sentira então, pois por causa dela ele (e Ian, ele imaginava) mal tinha notado a presença de Shinsky.

Mas será que Shinsky não parecera estranhamente distante, estranhamente preocupado? Seria apenas cansaço, ou era alguma outra coisa... alguma suspeita?

Não, certamente que não, protestou sua mente, inquieta. A charrete voava subindo a Colina Calthorpe. A mansão estava às escuras, mas — ah, ótimo! — havia uma luz acesa no chalé da sra. Ramage.

— Anda, Mary! — gritou ele e estalou o chicote, fazendo uma careta. — Falta pouco, menina, aí você pode descansar!

Não pode ser o que você está pensando, não há como!!

Mas o exame que Shinnny realizara nas costelas quebradas e ombro luxado de Geoffrey tinha parecido meramente perfunctório, e ele mal falara com Ian, apesar da dor profunda e de seus frequentes gritos incoerentes. Não. Após uma visita que agora já não parecia ter durado mais do que o estritamente exigido pelas convenções sociais, Shinnny perguntara baixinho:

— Ela está...?

— Sim, na sala — Ian conseguiu dizer. — Meu pobre amor está na sala. Beije-a por mim, Shinnny, e diga que eu logo estarei com ela!

Ian irrompera em lágrimas novamente, e depois de murmurar palavras de condolência que mal foram ouvidas, Shinnny entrara na sala. Parecia a Geoffrey agora que o velho médico tinha ficado lá bastante tempo... ou talvez fossem apenas suas lembranças imprecisas. Mas quando o médico retornara, parecia quase alegre, e Geoffrey tinha certeza de que não havia nada de impreciso quanto àquela lembrança — a expressão de Shinnny era deslocada demais naquele ambiente de luto e lágrimas que a sra. Ramage já cobrira em cortinas negras.

Geoffrey seguira o velho médico e falara com ele na cozinha, um tanto hesitante. Ele esperava que o médico desse algum remédio para dormir a Ian, que parecia realmente em mau estado.

No entanto, Shinnny parecia completamente distraído. Ele disse:

— Não é mesmo como a srta. Evelyn-Hyde — disse ele. — Tenho certeza disso.

E assim retornara à caleche sem sequer responder à pergunta de Geoffrey. Geoffrey voltou para a mansão, já esquecendo-se da estranha declaração do médico, já atribuindo o comportamento estranho de Shinnny à idade, ao cansaço e à sua própria maneira de demonstrar luto. Seus pensamentos se voltaram para Ian novamente, e ele decidiu que, já que não havia remédio para fazer Ian dormir, então iria fazer o amigo beber uísque até desmaiar.

Ele esquecera, deixara para lá.

Até agora.

Não é mesmo como a srta. Evely-Hyde. Tenho certeza disso.

De quê?

Geoffrey não sabia, mas iria descobrir, não importava qual fosse o custo em saúde — e ele pressentia que o custo podia ser bem alto.

CAPÍTULO 4

A sra. Ramage ainda estava acordada quando Geoffrey começou a bater na porta do chalé, embora já tivessem se passado duas horas de sua hora de dormir. Desde que Misery falecera, a sra. Ramage começara a deitar-se cada vez mais tarde. Já que o sono ultimamente só vinha depois de um longo período revirando-se entre os lençóis, ela começara a preferir adiar o quanto possível a hora de ir para a cama.

Embora fosse uma mulher sensata e pragmática, a série súbita de batidas a fez dar um grito, e ela se queimou com o leite quente que derramava do bule para a xícara. Ultimamente ela estava sempre nervosa, sempre prestes a gritar. Não era por causa do luto, embora ela estivesse quase prostrada de dor — tratava-se de um sentimento estranho e forte que ela não se lembrava de jamais ter experimentado antes. Parecia às vezes que pensamentos indistintos — que era melhor permanecerem indistintos — revoavam por sua mente, um pouco além do alcance de sua atenção amargurada e cansada.

— São dez horas, quem bate? Seja lá quem for, fez eu me queimar com leite quente!

— É Geoffrey, sra. Ramage! Geoffrey Alliburton! Abra a porta, pelo amor de Deus!

A boca da sra. Ramage se abriu e ela lembrou a meio caminho da porta que estava apenas de camisola e touca de dormir. Jamais ouvira Geoffrey falando daquela forma, e não teria acreditado se alguém tivesse contado. Se havia um homem em toda a Inglaterra com o coração mais resolutivo que o de seu amado senhor, era Geoffrey — mas sua voz tremia como a de uma mulher quase histérica.

— Um minuto, sr. Geoffrey! Não estou apresentável!

— Para o diabo com isso! Não me importa se a senhora estiver pelada, sra. Ramage! Abra essa porta! Abra em nome de Jesus!

Ela ficou parada apenas um segundo e então foi até a porta, destrancou-a e a abriu. A aparência de Geoffrey a deixou mais que atônita, e novamente ela ouviu o atroar longínquo de pensamentos negros em algum ponto da mente.

Geoffrey ficou no umbral do chalé da governanta em uma estranha postura inclinada, como se seu espinhaço tivesse se deformado ao longo de muitos anos carregando um saco pesado. Sua mão direita apertava o ponto entre o braço e o flanco esquerdo. Seu cabelo estava emaranhado. Seus olhos castanho-escuros pareciam queimar no rosto pálido. Suas roupas impressionavam, considerando o quão cuidadoso Geoffrey Alliburton era no vestir — alguns até o chamavam de dândi. Ele usava um casaco antigo com o cinto torto, uma camisa branca sem plastrão e calças ásperas de sarja que caíam melhor em um jardineiro itinerante que no homem mais rico de Little Dunthorpe. Ele calçava apenas pantufas lisas.

A sra. Ramage, que também não estava vestida para o baile em sua comprida camisola branca e touca de rato almiscarado com fitas desatadas penduradas do lado do rosto, olhou para Geoffrey com preocupação crescente. Ele machucara outra vez as costelas que quebrara indo a cavalo buscar o médico três dias antes, era óbvio, mas não era apenas dor que incendiava seus olhos, contrastando com o rosto pálido. Era terror, somente a muito custo controlado.

— Sr. Geoffrey! O quê...

— Sem perguntas! — respondeu ele, rouco. — Não até que a senhora me responda uma coisa.

— O que é? — Ela estava bastante amedrontada. Sua mão esquerda apertou-se contra o peito farto.

— O nome srta. Evelyn-Hyde significa algo para a senhora?

E subitamente ela soube o motivo para o terrível sentimento agourento que a apossara desde a noite de sábado. Alguma parte de sua mente já devia ter atinado com aquela ideia horrenda e a

suprimido, pois a sra. Ramage não precisou de mais nenhuma explicação. Bastou o nome da infeliz srta. Charlotte Evelyn-Hyde, que antes morara em Storpington-Firkill, a aldeia a oeste de Little Dunthorpe, para que ela desse um grito.

— Por todos os santos! Oh, meu Jesus! Ela foi enterrada viva? Ela foi enterrada viva? Misery, meu coração, foi enterrada viva?

E então, antes que Geoffrey pudesse começar a responder, foi a vez de a sra. Ramage fazer algo que jamais havia feito e jamais faria novamente: ela foi ao chão, desmaiada.

CAPÍTULO 5

Geoffrey não tinha tempo para procurar saias para reanimar a sra. Ramage e se perguntou se uma senhora empedernida feito ela os teria. Mas debaixo da pia ele encontrou um trapo que tinha um vago cheiro de amônia. Ele não passou o trapo suavemente sob o nariz dela, mas pressionou-o brevemente contra o queixo. A possibilidade aventada por Colter não deixava margens para preocupações com a falta de jeito.

A sra. Ramage tremeu, gritou e abriu os olhos. Por um momento olhou para ele atônita, sem compreender onde estava. Então se sentou.

— Não. Não, sr. Geoffrey, diga que não é verdade, diga que não é verdade...

— Eu não sei se é verdade ou não. Mas precisamos descobrir imediatamente. Imediatamente, sra. Ramage. Eu não posso cavar sozinho, se for preciso cavar... — Ela o encarava com olhos arregalados e as mãos apertadas tão forte contra a boca que suas unhas estavam brancas. — A senhora pode me ajudar, se for preciso? Não há mais ninguém.

— Sua Excelência — respondeu ela, ainda em choque. — O sr. Ia...

— ...não deve saber de nada até que nós saibamos mais! Se Deus for bom, ele jamais saberá de nada. — Ele não confiaria a ela a esperança tácita que o assombrava, uma esperança que lhe parecia

quase tão monstruosa quanto seus medos. Se Deus fosse muito bom, Ia descobriria sobre os trabalhos daquela noite, quando sua esposa e único amor fosse devolvido a ele de entre os mortos quase tão miraculosamente quanto Lázaro.

— Oh, isso é horrível... horrível! — disse ela, em uma voz fraca e trêmula. A sra. Ramage conseguiu se erguer apoiando-se na mesa e ficou parada, ainda vacilante, com os fios de cabelo pendurados sobre o rosto feito as caudas de rato almiscarado de sua touca.

— A senhora consegue? Se não, vou eu mesmo sozinho tentar o melhor que puder.

Ela inspirou profundamente, estremeceu e expirou. Então seu corpo parou de balançar e ela se virou e foi na direção da despensa.

— No barracão lá fora há duas pás. E acho que uma picareta também. Leve para a charrete. E há meia garrafa de gim aqui na despensa. Ninguém mexe nela há cinco anos, desde que Bill morreu. Eu vou tomar um pouco e então vou com o senhor.

— A senhora é uma mulher corajosa. Seja rápida.

— Sim, pode deixar — disse ela e pegou a garrafa de gim com mãos que quase já não tremiam. Não havia poeira na garrafa, nem mesmo a despensa estava livre do incansável espanador da sra. Ramage, mas o rótulo que dizia CLOUGH & POOR BOOZIERS estava amarelado. — O senhor vá depressa também.

A sra. Ramage sempre odiara bebida alcoólica e seu estômago quis expulsar o gim, de sabor oleoso e cheiro de zimbro. Ela se concentrou e não vomitou a bebida. Aquela noite iria precisar.

CAPÍTULO 6

Sob nuvens que ainda voavam para o oeste, formas negras em um céu mais negro, e uma lua que aos poucos se aproximava do horizonte, a charrete voou em direção ao adro. Agora a sra. Ramage pilotava, estalando o chicote sobre a assustada Mary, que teria dito a eles, se cavalos pudessem falar, que aquilo estava errado — era para ela estar cochilando em sua baia aquecida àquela hora da noite. As pás e a picareta faziam barulho com os solavancos e a sra. Ramage achou que

qualquer pessoa que os visse levaria um grande susto: eles deviam parecer dois dos “ressuscitadores” do sr. Dickes⁵ ... ou quem sabe um ressuscitador sentado em uma charrete conduzida por um fantasma. Pois ela estava toda de branco, não tendo tido sequer tempo de jogar um robe sobre a camisola, que se enfiava ao redor de seus calcanhares fortes e delimitados por veias. As tiras da touca sacudiam loucamente às suas costas.

Eles chegaram à igreja. A sra. Ramage fez Mary dobrar subindo a pista que passava ao lado do prédio, estremeceu ao ouvir o som fantasmagórico do vento assobiando no telhado. Ela gastou um momento perguntando-se como um local sagrado feito uma igreja podia ser tão assustador à noite, e então percebeu que não era a igreja... era a missão.

Sua primeira ideia ao voltar do desmaio fora de que seu patrão deveria ajudá-los. Ele não havia participado de tudo, do bom e do ruim, sem jamais hesitar? No instante seguinte ela percebeu o quão insana era a ideia. Não se tratava da coragem de Sua Excelência, e sim de sua sanidade.

Ela não precisara que Geoffrey a lembrasse disso. A lembrança da srta. Evelyn-Hyde bastara.

Ela compreendeu que nem o sr. Geoffrey nem Sua Excelência moravam em Little Dunthorpe quando o caso sucedera. Fora há quase seis meses, na primavera. Misery entrara no róseo verão de sua gravidez. Não havia mais enjoos matinais, mas ainda faltava a última expansão de seu ventre com todos os desconfortos que a seguem. Ela mandara os dois homens para passar uma semana longe, caçando tetrazes, jogando cartas, futebol e sabe-lá-Deus que outras tolices masculinas em Oak Hall, Doncaster. Sua Excelência hesitara, mas Misery o assegurara de que ficaria bem, e só faltou empurrá-lo porta afora. A sra. Ramage não tinha dúvida de que Misery ficaria bem. Mas sempre que Sua Excelência e o sr. Geoffrey partiam para Doncaster, ela se perguntava se um deles — ou os dois — não voltaria morto, estirado em uma carroça.

Oak Hall era a herdade de Albert Fossington, colega de colégio de Geoffrey e Ian. A sra. Ramage acreditava, e com razão, que Bertie Fossington era louco. Há uns três anos ele comera seu pônei favorito de jogar polo, quando a criatura quebrou duas pernas e teve que ser sacrificada. Ele disse tratar-se de um gesto de afeição:

— Apreendi com os tições da Cidade do Cabo. Os Griquas. Uma rapaziada fantástica. Enfiam gravetos e sei lá o quê mais nos beijos. Acho até que alguns deles conseguem carregar os 12 volumes dos Mapas Reais de Navegação na boca, haha! Me ensinaram que o homem tem que comer aquilo que ele ama. Poético, de um jeito macabro, não é?

Apesar desse comportamento bizarro, o sr. Geoffrey e Sua Excelência mantinham uma grande afeição por Bertie (Será que vão comê-lo quando ele morrer?, pensou a sra. Ramage, lembrando-se de quando Bertie tentou jogar croquet com um dos gatos e acabou arrebatando a cabeça do bichinho), e na primavera anterior haviam passado quase dez dias em Oak Hall.

Dois dias depois da partida deles, a srta. Charlotte Evelyn-Hyde de Storing-on-Firkill fora encontrada morta no quintal de Cove o'Birches, sua propriedade. Um buquê de flores recém-colhidas jazia perto de sua mão. O médico da aldeia chamava-se Billford — um profissional de competência a toda prova. Ainda assim, ele chamara o dr. Shirebone para emitir opinião. Billford diagnosticara a doença fatal como ataque cardíaco, embora a vítima fosse bem jovem — tinha apenas 18 anos — e parecesse na flor da saúde. Billford ficara intrigado.

Algo não parecia certo mesmo. O velho Shirey também ficara intrigado, mas no final concordou com o diagnóstico. E o resto da aldeia fez o mesmo. O coração da moça tinha dado defeito e isso era tudo. Eram acontecimentos raros, mas todos podiam se lembrar de alguma história triste parecida. E foi provavelmente a opinião compartilhada de todos que salvou a carreira — e a cabeça — de Billford após o desenrolar sinistro da história. Embora todos

concordassem que a morte da moça era intrigante, não havia ocorrido a ninguém que ela podia não ter morrido na verdade.

Quatro dias depois do enterro, uma velha chamada sra. Soames — a sra. Ramage a conhecia por alto — notara uma coisa branca no chão do cemitério da igreja ao entrar para depor flores no túmulo do marido, que morrera no inverno anterior. Era grande demais para ser uma pétala, e ela achou que fosse um pássaro morto. Ao chegar perto, ela teve mais certeza de que o objeto não estava sobre o chão, mas de fato irrompia dele. Ela deu mais três passos hesitantes e viu dedos saindo da terra de um túmulo recente em um gesto grotesco de súplica. As pontas dos dedos manchadas de sangue tinham sido dilaceradas até expor o osso.

A sra. Soames correu do cemitério gritando até a rua principal de Stopping — perfazendo mais de um quilômetro — e contou o que vira ao oficial de polícia. Então desmaiou ali mesmo. Ela ficou de cama e não se levantou por quase um mês. E ninguém na aldeia poderia culpá-la.

O corpo da infeliz srta. Evelyn-Hyde foi exumado, é claro, e enquanto Geoffrey Alliburton fazia Mary parar em frente ao portão que levava ao adro da igreja de Little Dunthorpe, a sra. Ramage se viu desejando ardentemente não ter ouvido as histórias sobre a exumação — pois eram histórias horrendas.

O dr. Billford, abalado na raiz de sua sanidade, fizera um diagnóstico de catalepsia. A infeliz mulher pelo visto sucumbira a um ataque de inconsciência mórbida parecida com a que faquires indianos conseguem induzir voluntariamente em si mesmos antes de serem enterrados vivos ou terem o corpo trespassado por agulhas. Ela ficara inconsciente por 48 horas, talvez sessenta. Tempo suficiente para acordar não em seu quintal, colhendo flores, mas enterrada viva.

Ela lutara pela vida, e a sra. Ramage percebeu, enquanto seguia Geoffrey pelos portões para dentro da fina névoa que transformava as lápides das sepulturas em ilhas, que o que deveria ter redimido o incidente com sobreza na verdade apenas fizera tudo parecer mais horrível.

A moça estava noiva. Em sua mão esquerda — não a que ficara congelada acima do solo como a mão de uma afogada — ela usava o anel de noivado de diamante. Com o anel ela rasgara o forro de cetim do caixão e depois passara sabe Deus quantas horas usando-o para raspar a tampa de madeira. No fim, com o ar acabando, ela usara o anel com a mão esquerda para cortar e abrir caminho, e a mão direita para cavar. Não fora o suficiente. Sua tez apresentava a coloração arroxeada; seus olhos vermelhos de sangue encaravam o nada em uma expressão de horror final.

O relógio na torre da igreja começou a bater as 12 — a hora em que, segundo sua mãe, a porta entre a vida e a morte se abre um pouco e os mortos podem passar — e a sra. Ramage teve que usar todo o autoco ntrole para não gritar e sair correndo em pânico que não diminuiria, mas aumentaria a cada passo. Ela sabia que, se começasse a correr, iria correr até cair sem sentidos.

Mulher estúpida e medrosa! — pensou ela, repreendendo-se, e então acrescentou: Mulher estúpida, medrosa e egoísta! Você tem que pensar em Sua Excelência, não nos seus medos! Meu patrão... e se houver uma chance de que sua esposa...

Ah, mas não... só de pensar nisso já era loucura. Tempo demais havia se passado, muito, muito tempo.

Geoffrey a conduziu até o túmulo de Misesy e ambos ficaram olhando para a lápide, como se hipnotizados. LADY CALTHORPE, dizia a pedra. Além das datas de nascimento e falecimento, o único texto era: AMADA POR MUITOS.

Ela olhou para Geoffrey e disse, como alguém que acorda de um sono profundo:

— O senhor não trouxe as ferramentas.

— Não. Ainda não — respondeu ele e se arrojou no chão, encostando o ouvido contra a terra, que já exibia os primeiros sinais de grama nova entre os torrões empilhados de qualquer maneira.

Por um momento a única expressão que ela viu à luz do lampião que carregava era a mesma que Geoffrey tinha desde que ela abrisse a porta para ele: um olhar de medo agoniante. Então uma nova

expressão pareceu se evidenciar. A nova expressão era uma de puro horror misturada à esperança demente.

Ele olhou para a sra. Ramage com os olhos arregalados, movendo a boca.

— Acho que ela está viva — sussurrou ele, sem forças. — Oh, sra. Ramage...

Subitamente ele voltou para a posição em que estava, com a barriga para baixo, e gritou para o chão. Em outras circunstâncias, teria sido cômico.

— Misery! MISERY! NÓS CHEGAMOS! NÓS JÁ SABEMOS! AGUENTE! AGUENTE, MEU AMOR!

Ele estava em pé no instante seguinte e disparou na direção da charrete, onde estavam as ferramentas. Seus pés chutavam fiapos de névoa tênue, que se esgarçavam e sumiam.

Os joelhos da sra. Ramage cederam e ela despenhou no chão, quase a ponto de desmaiar outra vez. Sua cabeça parecia estar agindo por conta própria, e ela encostou o ouvido ao chão. Ela vira crianças naquela mesma postura na lixa do trem, escutando a aproximação da locomotiva pela vibração do solo.

E ela ouviu os sons baixos e dolorosos de alguém arranhando lá embaixo — não os ruídos de um animal entocado. Era o som de dedos desesperados raspando na madeira.

Ela respirou fundo, convulsivamente, seu coração pareceu voltar a bater com força redobrada e ela gritou:

— ESTAMOS CHEGANDO, MINHA SENHORA! ALELUIA, SANTO DEUS PERMITA QUE NÃO SEJA TARDE DEMAIS; ESTAMOS CHEGANDO!

Ela começou a arrancar sacos de terra do chão com dedos trêmulos, e embora Geoffrey retornasse já no instante seguinte, rapidamente a sra. Ramage conseguiu abrir um buraco de 20 centímetros de profundidade.

Ele já tinha avançado nove páginas no Capítulo 7 — Geoffrey e a sra. Ramage tinham conseguido retirar *Misery* no último segundo possível apenas para encontrar uma mulher que não tinha ideia de quem eles, ou ela própria, eram. Foi quando Annie entrou no quarto. Dessa vez Paul a ouviu. Ele parou de datilografar, triste por abandonar o sonho.

Ela segurava os seis primeiros capítulos ao lado da saia. Levava menos de vinte minutos para ela ler sua primeira tentativa; dessa vez, uma hora tinha se passado desde que ela levava as 21 páginas para ler. Ele olhou para ela tranquilo, notando com vago interesse que Annie Wilkes estava um pouco pálida.

— E então? Valeu?

— Sim — disse ela displicente, como se fosse óbvio —, e Paul achou que devia ser. — Valeu. E é bom. Emocionante. Mas é sinistro também! Não é como os outros livros de *Misery*. A pobre mulher que rasgou as pontas dos dedos... — Ela sacudiu a cabeça e repetiu: — Não é como os outros livros de *Misery*.

O homem que escreveu essas páginas estava em uma disposição de espírito muito sinistra, minha cara, pensou Paul.

— É para continuar?

— Eu mato você se não continuar! — respondeu ela, sorrindo um pouco. Paul não sorriu de volta. O comentário, que ele antes consideraria uma hipérbole banal, agora parecia-lhe ameaçador.

E no entanto algo na atitude de Annie parada ali na porta o fascinava. Era como se ela estivesse com um pouco de medo de chegar mais perto — como se ela achasse que havia algo nele que poderia queimá-la. Não era o assunto de enterro prematuro e ele era sábio o suficiente para ver isso. Não. Era a diferença entre sua primeira tentativa e a segunda. A primeira tinha a animação de uma redação tipo “O Que Eu Fiz Nas Férias” da quinta série. A segunda era diferente. Não que ele tivesse escrito particularmente bem — a história era boa, mas os personagens eram estereótipos previsíveis como sempre —, mas dessa vez ele conseguira ao menos gerar alguma força. Dessa vez havia calor pulsando entre as linhas.

Ele pensou, divertido: *Ela sentiu o calor. Acho que ela tem medo de que, se chegar perto demais, vá se queimar.*

— Bom, você não precisa me matar, Annie. — Ele fez um gesto para a máquina. — Eu *quero* continuar aqui. Então... vou continuar, está bem?

— Tudo bem.

Ela levou as páginas até ele, colocou-as sobre a tábua e se afastou rapidamente.

— Você quer ir lendo enquanto eu vou escrevendo?

Annie sorriu.

— Sim! Que nem nos seriados, quando eu era criança!

— Bom, eu não posso prometer um final com suspense no fim de *cada* capítulo. Não é assim que funciona.

— Pra mim, é sim — respondeu ela, com fervor. — Eu vou querer saber o que vai acontecer no Capítulo 18 mesmo que o 17 tenha terminado com Misery, Ian e Geoffrey sentados confortavelmente na varanda lendo o jornal. Eu já estou louca pra saber o que acontece depois, mas não me conte! — acrescentou ela, como se Paul tivesse se oferecido para contar.

— Bom, eu geralmente não mostro meu trabalho até que esteja pronto — disse ele, e então sorriu. — Mas já que essa é uma situação especial, eu ficarei feliz de deixar você ler capítulo a capítulo. — *E assim começaram as mil e uma noites de Paul Sheldon*, pensou ele. — Mas será que você podia fazer uma coisa por mim?

— O quê?

— Preencha os “nn”.

Ela sorriu para ele, eufórica.

— Seria uma honra. Eu vou deixar você sozinho.

Ela foi até a porta, hesitou e depois se virou. Então, com timidez profunda e quase dolorosa, pela primeira e última vez Annie fez uma sugestão editorial:

— Quem sabe não foi uma abelha?

Ele já tinha voltado a olhar para a folha de papel na máquina de escrever, procurando a saída. Procurando o buraco na folha de papel. Queria levar Misery de volta ao chalé da sra. Ramage antes de parar e olhou para Annie com impaciência cautelosamente disfarçada.

— Como?

— Uma abelha — repetiu ela, e ele notou o rubor que subia por seu pescoço até as bochechas. Logo, até suas orelhas ardiam. — Uma pessoa em cada 12 é alérgica a picada de abelha. Eu já vi muito isso antes de... de me

aposentar do meu emprego de enfermeira. A alergia se manifesta de muitas maneiras. Às vezes uma ferroada pode causar coma, que é parecido com o que as pessoas chamavam de... ahm... catalepsia.

Annie estava de um vermelho tão intenso que quase chegava ao roxo.

Paul considerou a ideia brevemente e então a jogou na pilha de refugos. Uma abelha poderia ter causado o infeliz enterro em vida da srta. Evelyn-Hyde. E até fazia sentido, considerando que o evento se passava na primavera, e no jardim, ainda por cima. Mas ele já decidira que a credibilidade dependia de os dois enterros em vida serem vinculados de alguma forma, e Misery tinha falecido no quarto. O fato de que o fim do outono não era estação de abelhas não era um problema na verdade. O problema era a raridade da reação cataléptica. Ele pensou que o Leitor Fiel não engoliria essa de duas mulheres não relacionadas em aldeias vizinhas sendo enterradas vivas com seis meses de intervalo como resultado de picadas de abelha.

Mas ele não podia dizer isso a Annie, e não só porque poderia irritá-la. Ele não podia dizer isso porque aquilo a magoaria, e apesar de toda a dor que ela lhe causara, ele descobriu que não poderia magoá-la daquela maneira. Ele próprio fora magoado da mesma forma.

Ele recorreu ao eufemismo mais comum nas oficinas literárias:

— Isso abre algumas possibilidades, sim. Vou colocar junto com as outras, Annie, mas também já andei pensando em algumas coisas. Talvez não sirva.

— Ah, eu sei disso: você é o escritor, não eu. Esqueça que eu falei. Desculpe.

— Não seja b...

Mas ela já havia saído, pesada, quase correndo pelo corredor até a sala. Ele olhava para o vazio. Seus olhos se fecharam — e então se arregalaram.

Dos dois lados da porta, a cerca de 20 centímetros do chão, havia marcas pretas. Ele imediatamente soube que tinham sido deixadas pelas calotas da cadeira de rodas, ao forçá-la para passar. Até o momento Annie não havia notado. Já fazia quase uma semana, e ela não ter notado era um pequeno milagre. Mas em breve — amanhã ou quem sabe até esta tarde — ela viria passar o aspirador, e então veria.

Ela veria.

Paul conseguiu escrever bem pouco pelo resto do dia.

O buraco no papel havia desaparecido.

8

Na manhã seguinte Paul estava recostado na cama, apoiado em uma pilha de travesseiros, bebendo café com o olhar culpado de um assassino que notou a peça de roupa manchada de sangue da qual ele esqueceu de se livrar. Súbito, Annie entrou correndo, com os olhos enormes arregalados. Ela segurava um pano de limpeza e, surpreendentemente, um par de algemas.

— O quê...

Ele só teve tempo para isso. Ela o agarrou com força e o sentou ereto. Dor, a pior em dias, urrou em suas pernas e ele gritou. A xícara de café voou da sua mão e se estilhaçou no chão. *As coisas costumam quebrar aqui*, pensou, e depois: *Ela viu as marcas. É claro. Provavelmente já viu faz tempo*. Era a única maneira de explicar aquele comportamento bizarro — ela vira as marcas, afinal, e aquele era o começo de algum castigo novo e espetacular.

— *Calado, estúpido* — sussurrou ela e prendeu as mãos dele às costas. Ele ouviu o clique das algemas e o som de um carro se aproximando.

Ele fez menção de falar ou quem sabe gritar outra vez, mas Annie enfiou o trapo em sua boca antes. Ele sentiu o gosto repelente e achou que devia ser do lustra-móveis.

— Não faça barulho — disse ela, inclinando-se sobre ele e segurando sua cabeça entre as duas mãos. Fios do seu cabelo faziam cócegas na testa e face de Paul.

— Paul, eu estou avisando. Se essa pessoa ouvir algum barulho, ou se *eu* ouvir algum barulho e *pensar* que ela ouviu, eu mato seja lá quem for, quantos forem, depois mato você, e aí me mato.

Ela se levantou. Os olhos dela estavam saltados. Suor porejava do seu rosto e havia algo como clara de ovo seca em seus lábios.

— *Lembre-se disso*, Paul.

Ele concordou com a cabeça, mas ela não viu. Já tinha disparado para fora.

Um Chevrolet Bel Air velho mas bem preservado parou atrás do Cherokee de Annie. Paul ouviu uma porta abrindo perto da sala e então fechando com

força. O ranger de inflexão interrogativa lhe dizia que era o armário em que ficavam os agasalhos.

O homem era tão velho e bem preservado quanto o carro de onde saía — sem dúvida um tipo do Colorado. Ele parecia ter 65, mas podia ter 80. Poderia tratar-se do sócio diretor de uma firma de advocacia ou um patriarca quase aposentado, dono de empreiteira — mas mais provavelmente era um fazendeiro ou corretor de imóveis. Do tipo de republicano que jamais usaria sapatos italianos finos nem colocava adesivos no para-choque. Devia ser algum funcionário da prefeitura, pois somente em assuntos da prefeitura um homem daqueles e uma reclusa feito Annie Wilkes poderiam se encontrar.

Paul a viu passar apressada na direção do carro, não para encontrar o visitante, mas interceptá-lo. Algo muito parecido ao devaneio de antes tinha se tornado realidade. Não um policial, mas alguém com AUTORIDADE. A AUTORIDADE chegara na casa de Annie, e sua chegada só podia significar o encurtamento de sua vida.

Por que não o convida a entrar, Annie?, pensou ele, tentando não se engasgar com o trapo empoeirado. *Por que não o convida a entrar e mostra seu pássaro africano?*

Ah, não. Mais fácil ela levar Paul até o aeroporto Stapleton e lhe dar uma passagem de primeira classe até Nova York que convidar o Sr. Homem de Negócios das Rochosas para entrar.

Ela já tinha começado a falar antes mesmo de chegar perto dele. O ar quente saía de sua boca como balões de história em quadrinhos. O homem estendeu a mão metida em uma luva esguia e elegante de couro negro. Annie olhou para a luva rapidamente, com desdém, e então começou a sacudir o dedo no rosto do homem. Mais balões saíam em tufos de sua boca. Ela terminou de enfiar o casaco e parou de sacudir o dedo para fechar o zíper.

O homem meteu a mão no bolso do casaco e tirou uma folha de papel, que mostrou a Annie quase como se pedisse desculpas. Embora Paul não tivesse como saber o que era exatamente, ele tinha certeza de que Annie tinha um adjetivo para aquilo. Quem sabe *meleca*.

Ela conduziu o homem pela pista, ainda falando. Eles passaram para além de onde sua vista alcançava. Ele podia ver as sombras como recortes de cartolina na neve, mas isso era tudo. Percebeu que ela agira assim de propósito.

Se ele, Paul, não conseguia vê-los, então não havia chance de o Sr. Rei do Gado olhar pela janela do quarto de hóspedes e *vê-lo*.

As sombras permaneceram naquela posição sobre a neve da entrada de carros de Annie por cinco minutos. Paul ouviu a voz dela elevar-se em um grito zangado. Foram cinco longos minutos para Paul. Seus ombros doíam. Ele viu que não podia se mexer para diminuir a dor. Depois de algemar suas mãos, ela conseguiu de alguma forma prendê-las à cabeceira da cama.

Mas o pior era o trapo em sua boca. O fedor de lustra-móveis fazia sua cabeça doer, e ele ficava cada vez mais nauseado. Ele se concentrou em controlar a náusea. Não tinha nenhum interesse em engasgar até a morte, com a traqueia cheia de vômito enquanto Annie discutia com um velho funcionário municipal que cortava o cabelo uma vez por semana no empório local e provavelmente usava polainas de borracha por cima dos sapatos oxford pretos durante todo o inverno.

Quando os dois reapareceram, a testa de Paul já estava molhada de suor frio. Annie agora segurava o papel, seguindo o Sr. Rei do Gado e sacudindo o dedo atrás dele enquanto os grandes balões de história em quadrinho se evolavam no ar da noite. O Sr. Rei do Gado não olhava para ela e seu rosto estava estudadamente impassível. Apenas seus lábios, apertados tão forte que quase desapareciam, denunciavam alguma emoção. Raiva? Talvez. Nojo? Sim. Mais provavelmente isso.

Você acha que ela é louca. Você e todos os seus camaradas do pôquer — que provavelmente controlam essa cidadezinha de quinta — provavelmente jogaram uma partida de Lowball⁶ ou qualquer porra assim para ver se pegava essa tarefa de merda. Ninguém gosta de trazer notícias ruins para gente louca. Mas, oh, Sr. Rei do Gado! Se o senhor soubesse o quanto ela é louca, acho que o senhor não daria as costas pra ela assim!

Ele entrou no Bel Air. Fechou a porta. Annie estava ao lado do carro, sacudindo o dedo para a janela fechada, e Paul ouviu a voz dela outra vez:

— ... acha que é tão mas tão mas tão *espeeerto!*

O Bel Air começou a dar ré lentamente. O Sr. Rei do Gado fazia questão de não olhar para Annie, que mostrava os dentes.

Ainda mais alto:

— *E ainda fica se achando o bambambã!*

Súbito ela chutou o para-choque dianteiro do carro do Sr. Rei do Gado, forte o bastante para derrubar blocos compactos de neve dos recessos dos pneus. O sujeito estava olhando por cima do ombro direito, manobrando o carro, e olhou para ela, assustado, arruinando a neutralidade cuidadosa que mantivera por toda a visita.

— Escute bem, seu coisa feia! *CARA FEIA PRA MIM É FOME! Gostou? É aí?*

Se ele tinha gostado ou não, o Sr. Rei do Gado não iria dar a Annie a satisfação de ver sua reação: sua expressão neutra retornou como um visor cobrindo seu rosto. Ele deu ré e saiu da linha de visão de Paul.

Ela ficou parada por um instante com as mãos em punho nos quadris, e então voltou para a casa. Ele ouviu a porta da cozinha abrir e ser fechada com violência.

Bom, ele foi embora, pensou Paul. O Sr. Rei do Gado foi embora, mas eu estou aqui. Ah, sim, eu estou aqui.

9

Mas dessa vez ela não descontou a raiva nele.

Ela entrou no quarto, ainda de casaco, mas com o zíper aberto. Ela começou a andar rápido para a frente e para trás, sem nem olhar para ele. O pedaço de papel ainda estava em sua mão, e de vez em quando ela o sacudia diante do próprio nariz como se repreendesse a si própria.

— Dez por cento de aumento de imposto! Inadimplência! Direito de hipoteca! Advogados! Pagamento trimestral! *Meleca! Cocô! Cocô-caquinha-MELECA!*

Ele grunhiu, mas ela não se voltou para olhar. Annie estava sozinha no quarto. Ela começou a caminhar mais rápido, cindindo o ar com o corpo sólido. Ele pensou que ela faria o papel em pedaços, mas parecia que ela não tinha coragem para isso.

— *Quinhentos e seis dólares!* — gritou ela, dessa vez sacudindo o papel em frente ao nariz dele. Ela puxou displicentemente o trapo que o sufocava e o jogou no chão. Paul baixou a cabeça e teve um espasmo como se fosse vomitar. Parecia que seus braços estavam se soltando das juntas. — Quinhentos e seis

dólares e *17 centavos!* Eles *sabem* que eu não quero ninguém aqui! Eu falei pra ele, não falei? E olhe! *Olhe!*

Ele teve outro acesso e arrotou forte.

— Se você vomitar, vai ficar todo sujo assim mesmo. Eu tenho problemas maiores pra resolver. Ele falou alguma coisa sobre expropriação da casa. O que é isso?

— Algemas... — grunhiu ele.

— Tá, tá — disse ela, impaciente. — Você parece *criança* às vezes. — Ela pegou a chave do bolso da saia e o empurrou ainda mais para a esquerda, impingindo seu nariz nos lençóis. Ele gritou, mas ela o ignorou. Houve um clique, o metal tilintou e suas mãos se soltaram. Ele se sentou, arquejando, então escorregou lentamente contra os travesseiros, lembrando de empurrar as pernas para a frente ao fazê-lo. Havia vincos pálidos em seus pulsos, e ele os viu ficando vermelhos.

Annie guardou as algemas no bolso da saia, naturalmente, como se instrumentos da polícia fossem comuns nas casas decentes, como lenço de papel ou cabides.

— O que é direito de hipoteca? A minha casa é deles, é isso?

— Não. Significa que você... — Ele limpou o pigarro e sentiu outra vez o gosto do trapo sujo. Seu peito estremeceu outra vez como se fosse vomitar. Ela não notou. Apenas ficou olhando impaciente para ele. Finalmente ele se controlou. — Quer dizer só que você não pode vendê-la.

— Só? *Só?* Só porque não é com o senhor, seu Paul Sheldon. Mas o Seu Sabichão aí não tá nem aí pros problemas de uma viúva velha, aposto.

— Ao contrário. Os seus problemas são *meus* problemas, Annie. Só quis dizer que a hipoteca não é nada comparado com o que eles *podem* fazer se você estiver inadimplente há muito tempo. Você *está?*

— Inadimplente. Isso é encrenca, não é?

— Encrenca da grossa, é sim.

— Aqui não tem nenhum irlandês ladrão, não! — Ele viu a borda inferior dos dentes dela quando seu lábio superior subiu. — Eu pago minhas contas. É só que... dessa vez eu...

Você esqueceu, não é? Você esqueceu, que nem vive esquecendo de mudar o mês na porra do calendário. Esquecer de fazer o pagamento trimestral é bem mais sério que esquecer de mudar a folha do calendário e você está zangada porque é a

primeira vez que você esquece de algo tão importante. O fato é que você está ficando pior, não é, Annie? Um pouquinho pior a cada dia. Gente psicótica consegue sobreviver no mundo — de certa forma — e às vezes, como eu acho que você sabe muito bem, eles fazem coisas horríveis e conseguem escapar. Mas existe um limite dividindo as terras da psicose gerenciável e não gerenciável. Você está se aproximando desse limite dia a dia... e parte de você sabe disso.

— Eu só não tive tempo ainda — disse Annie, amuada. — Com você aqui eu tenho andado mais enrolada que briga de polvo.

Uma ideia ocorreu a ele. Uma ideia muito boa. O potencial para ganhar crédito com Annie parecia quase ilimitado.

— Eu sei — disse ele, com sinceridade discreta. — Eu devo minha vida a você e só tenho causado problemas. Eu tenho cerca de quatrocentos dólares em minha carteira. Eu quero que você use para pagar essa prestação.

— Oh, Paul... — Ela olhava para ele, confusa e feliz. — Eu não posso usar o seu dinheiro...

— Não é meu. — Ele sorriu para ela, seu melhor sorriso “relaxa-neném”. E por dentro ele pensou: *O que eu quero, Annie, é que você se esqueça também quando eu conseguir uma faca, quando eu estiver bom o bastante para usá-la. Você vai fritar no inferno e nem vai notar que morreu.*

— Pode usar, é seu. Chame de adiantamento, se quiser. — Ele fez uma pausa, então calculou o risco e agiu: — Se você acha que eu não sei que se não fosse por você eu estaria morto, você é louca.

— Paul... eu não sei...

— Eu estou falando sério. — Ele permitiu que seu sorriso se transformasse em uma expressão de sinceridade vitoriosa (ou assim ele esperava — *por favor, Deus, que seja vitoriosa*). — Você fez mais do que salvar *minha* vida, sabe? Você salvou duas vidas; porque sem você, Misery ainda estaria na sepultura.

Ela olhava para Paul, esfuziante, sem nem lembrar-se do papel que tinha nas mãos.

— E você me mostrou meus erros, me colocou na trilha certa de novo. Eu devo a você muito mais que quatrocentas pratas. E se você não aceitar o dinheiro, vai me fazer me sentir mal.

— Bom, eu... tudo bem. Eu... agradeço.

— Era *eu* quem devia agradecer. Posso ver o papel?

Ela entregou o papel sem nenhum protesto. Era um aviso de pagamento atrasado de taxas. A hipoteca era pouco mais que uma formalidade. Ele deu uma olhada rápida nos termos e então devolveu o papel.

— Você tem dinheiro no banco?

Os olhos dela se afastaram dos dele.

— Eu tenho um pouco guardado, mas não no banco. Eu não acredito em bancos.

— Diz aí que eles não podem *executar* a hipoteca a menos que a conta não seja paga até o dia 25 de março. Que dia é hoje?

Annie fez uma careta na direção do calendário.

— Minha nossa! Está errado!

Annie virou a folha, e o menino no tobogã desapareceu. Paul viu a cena com uma sensação absurda de arrependimento. Março mostrava um arroio de águas claras serpeando tranquilamente entre margens nevadas.

Annie olhou o calendário de perto, apertando os olhos, e então disse:

— Vinte e cinco de março é *hoje*.

Cristo, quanto tempo, pensou ele.

— Claro, foi por isso que ele veio aqui. — *Ele não estava dizendo que iam executar a hipoteca, Annie, mas sim que eles iam fazer isso se você não pagasse o que deve antes do escritório deles fechar hoje à noite. O sujeito estava tentando fazer um favor a você.* — Mas se você pagar os 506 dólares antes de...

— E 17 centavos — acrescentou ela, ríspida. — Não se esqueça da meleca dos 17 centavos.

— Isso, e 17 centavos. Se você pagar antes que fechem o escritório hoje, então nada de hipoteca. Annie, se o pessoal da cidade realmente for do jeito que você fala...

— Eles me odeiam! Estão todos contra mim, Paul!

— ... então isso das taxas vai ser um jeito de eles tentarem atacar você. Chegar gritando e ameaçando com execução de hipoteca alguém que atrasou só um pagamento é meio estranho. É bem estranho. É estranho pra cacete, na verdade. Se você estivesse dois pagamentos atrasada, então sim, eles poderiam tentar tomar sua casa e vendê-la em um leilão. É meio agressivo, mas acho que eles têm esse direito.

Ela riu, um som áspero de latido.

— Que tentem! Eu arraso com eles todos! Pode apostar! Ah, sim senhor!

— No fim é mais fácil eles arrasarem *você* — disse ele, serenamente. — Mas isso não é o importante.

— E o que é, então?

— Annie, deve haver pessoas em Sidewinder que estão dois, três *anos* atrasados com as taxas. Ninguém está tomando as casas *delas* , nem leiloando os móveis *delas* na prefeitura. O pior que acontece com essas pessoas na maioria das vezes é que cortam a água delas. Veja os Roydmans. — Ele olhou astutamente para ela. — Você acha que *eles* pagam as taxas em dia?

— *Aqueles* favelados? — ela quase gritou. — *Hah!*

— Eu acho que eles estão armando contra você, Annie. — E ele realmente acreditava nisso.

— Eu não saio daqui! Eu vou ficar aqui só por despeito! Eu vou ficar e cuspir neles todos!

— Você tem mais 106 pratas para juntar aos quatrocentos na minha carteira?

— Sim. — Ela começava a parecer cautelosamente aliviada.

— Muito bem. Então eu sugiro que você pague essa droga de taxa hoje. — *E enquanto você está fora, eu vou ver o que posso fazer para limpar aquelas porras de marcas da porta. E depois disso, vou ver se consigo fazer alguma coisa para dar o fora daqui, Annie. Estou um pouco cansado da sua hospitalidade.*

Ele conseguiu sorrir.

— Acho que deve haver pelo menos 17 centavos no criado-mudo — disse ele.

10

Annie Wilkes tinha seu próprio conjunto de regras internas. À sua maneira, ela era estranhamente ordeira. Ela o fizera beber água do balde de limpeza; sonegara a medicação até ele sofrer em agonia; forçara-o a queimar a única cópia de seu romance; algemara-o e enfiara um trapo fedendo a lustra-móveis em sua boca; mas não pegou o dinheiro da carteira. Ela a trouxe até ele, a velha

e gasta carteira Lord Buxton que ele usava desde a faculdade, e a pôs em suas mãos.

Todos os cartões de identificação tinham sumido. Com *aquilo* ela não teve escrúpulos. Ele não perguntou a respeito. Parecia mais inteligente deixar para lá.

Seus meios de identificação tinham sumido, mas o dinheiro ainda estava lá, notas novas e ainda rígidas, a maioria de cinquenta dólares. Com uma clareza que era surpreendente e agourenta, ele se viu parando o Camaro na janela expressa do Banco de Boulder um dia antes de terminar *Carros Velozes* e sacando 450 dólares com um cheque endossado nas costas (quem sabe já naquela época o pessoal da oficina lá embaixo já estivesse falando em tirar férias... ele achou provável). O homem que fizera aquilo era livre, saudável e sentia-se bem, e não tivera o bom senso de apreciar sua situação. O homem que fizera aquilo havia observado a caixa da janela do atendimento expresso com um olhar atento e interessado: era uma loira alta, usando um vestido roxo que demarcava suas curvas com o toque gentil de um amante. E ela o observara também... Ele se perguntou o que ela acharia da maneira como ele estava agora, 18 quilos mais magro e parecendo dez anos mais velho, com pernas que eram um par de horrores entortados e inúteis.

— Paul?

Ele olhou para ela, segurando o dinheiro. Havia 420 no total.

— Sim?

Ela olhava para ele com aquela expressão desconcertante de amor maternal e ternura — desconcertante devido às trevas sólidas que se escondiam por trás.

— Você está chorando, Paul?

Ele passou a mão na face e, sim, estava molhada. Ele sorriu e lhe deu o dinheiro.

— Um pouco. Estava pensando em como você foi boa pra mim. Ah, acho que muita gente não entenderia... mas eu acho que entendo.

Os olhos dela também brilhavam quando ela se inclinou e tocou gentilmente os lábios dele. Ele sentiu algo no hálito dela, algo vindo das câmaras sombrias e azedas dentro dela, algo que cheirava a peixe morto. Era mil vezes pior que o gosto/cheiro do trapo. Fez com que ele se lembrasse do hálito azedo

(!respira praga RESPIRA!)

soprando para dentro de sua garganta como um vento sujo saído do inferno. Seu estômago convulsionou, mas ele sorriu para ela.

— Eu amo você, coração — disse ela.

— Você me põe na cadeira antes de ir? Eu quero escrever.

— É claro. — Ela o abraçou. — É claro, coração.

11

A ternura dela não incluía deixar a porta do quarto destrancada, mas isso não era problema. Ele não estava quase louco de dor e com sintomas de abstinência como da outra vez. Coletara quatro grampos de cabelo dela como um esquilo coletando nozes para o inverno, e os escondera sob o colchão junto com os comprimidos.

Quando Paul teve certeza de que ela tinha saído mesmo e não estava escondida por ali para ver se ele não ia “armar um fuzuê” (outro bordão de Annie que ele anotara em seu glossário particular), ele empurrou a cadeira até a cama para pegar os grampos, junto com a jarra de água e a caixa de lenços de papel do criado-mudo. Mover a cadeira de rodas com a máquina Royal em cima da tábua e na frente dele não foi muito difícil, pois seus braços tinham ficado bem mais fortes. Annie Wilkes ficaria surpresa em saber o *quão* forte estavam agora — e ele esperava sinceramente que em breve ela viesse a descobrir.

A Royal era uma merda de máquina de escrever, mas era ótima para malhar. Ele começara a erguê-la e baixá-la repetidamente sempre que estava na cadeira e Annie não estava no quarto. Seis levantadas de 15 centímetros foram tudo o que ele conseguira no começo. Agora ele conseguia levantá-la 18 a vinte vezes sem pausa. Não era pouca coisa — a tralha velha pesava pelo menos 20 quilos.

Ele mexeu na fechadura com um dos grampos, segurando outros dois na boca como uma costureira trabalhando em um vestido. Ele pensou que o pedaço de grampo ainda preso lá dentro poderia atrapalhá-lo, mas não foi o que aconteceu. Ele topou com o tambor quase imediatamente e o empurrou, levando a lingueta junto. Ele perdeu alguns segundos se perguntando se ela não teria colocado um cadeado do lado de fora da porta também. Paul se esforçara

para parecer mais fraco e mais doente do que se sentia, mas as suspeitas de um paranoico de verdade vão longe e chegam bem fundo. Então a porta se abriu.

Ele sentiu a mesma culpa nervosa e a vontade de fazer tudo rápido. Com os ouvidos apurados para ouvir a velha Bessie voltando — embora Annie só tivesse saído há 45 minutos —, ele pegou um chumaço de lenços de papel, molhou na água da jarra e se inclinou de lado, desajeitadamente. Rilhando os dentes e ignorando a dor, ele começou a esfregar a marca na jamba direita da porta.

Para seu grande alívio, a mancha começou a desaparecer quase imediatamente. As calotas das rodas não tinham atravessado a tinta como ele temia, mas somente a roçaram.

Ele deu ré, virou a cadeira e empurrou-a de volta para limpar a outra marca. Ao terminar o serviço o melhor que pôde, ele deu ré outra vez e olhou para a porta, tentando ver com os olhos desconfiadíssimos de Annie. As marcas continuavam lá, mas apagadiças, quase indiscerníveis. Ele achou que estava tudo bem.

Esperou que estivesse tudo bem.

— Porões antitornados — disse ele e lambeu os lábios, rindo sem alegria.
— Puta merda, amigos e vizinhos.

Ele voltou à porta e olhou ao longo do corredor. Mas agora que as marcas tinham sido apagadas ele não sentiu vontade de sair ou tentar fazer algo mais. Em outro dia sim. Ele saberia quando o dia chegasse.

O que ele queria fazer agora era escrever.

Ele fechou a porta e o clique da fechadura pareceu muito alto.

África.

O pássaro veio da África.

Mas não precisa chorar pelo pássaro, Paulie, porque depois de algum tempo ele se esqueceu do cheiro das campinas ao meio-dia, do som das feras nas fontes de água, do cheiro ácido das árvores ieka-ieka na grande clareira ao norte de Estrada Grande. Depois de algum tempo ele esqueceu da cor rubra do sol se pondo atrás do Kilimanjaro. Depois de algum tempo ele só conhecia o pôr do sol fosco e manchado de Boston. Aquilo era tudo de que ele se lembrava e tudo de que queria se lembrar. Depois de algum tempo ele já não queria ir embora, e se alguém o levasse de volta e o libertasse, ele ficaria apenas agachado no luar, com medo e dolorido e com

saudades de casa em duas direções desconhecidas e inevitáveis, até que algo aparecesse e o matasse.

— Ah, África, oh, merda — disse ele, com a voz trêmula.

Chorando um pouco, ele empurrou a cadeira de rodas na direção da cesta e enfiou lá os lenços molhados, debaixo dos papéis. Ele reposicionou a cadeira na janela e enfiou uma folha de papel na Royal.

E, aliás, Paulie, o para-choque do seu carro já está aparecendo entre a neve? Está aparecendo, rebrilhando tranquilamente ao sol, só esperando para alguém passar e ver enquanto você fica aqui sentado desperdiçando o que pode ser sua última chance?

Ele olhou indeciso para a folha de papel branco na máquina.

Agora não vou mais conseguir escrever. Isso estragou tudo.

Mas antes nada estragava isso. Sua imaginação *podia* ser estragada, ele sabia, mas, apesar da supostamente frágil natureza do ato criativo, aquela era a faceta mais resistente e estável da sua vida. Nada jamais conseguira poluir aquele poço de sonhos loucos. Nem a bebida, nem as drogas nem a dor. Ele correu para aquele poço como um animal sedento encontrando uma fonte ao entardecer e bebeu de suas águas. Ou seja, ele encontrou o buraco no papel e caiu dentro dele com alegria. Quando Annie voltou para casa às seis e quinze, ele já tinha terminado quase seis páginas.

12

Pelas próximas três semanas, Paul Sheldon sentiu-se cercado por uma estranha tranquilidade elétrica. Sua boca estava sempre seca. Os sons pareciam muito altos. Havia dias em que ele achava que podia dobrar colheres só de olhar para elas. Em outros dias, sentia vontade de chorar histericamente.

Além disso, separado daquela atmosfera e da coceira enlouquecedora em suas pernas que cicatrizavam, o trabalho continuava sereno. A pilha de páginas à direita da Royal ficava mais alta a cada dia. Antes daquela estranha experiência ele considerava quatro páginas por dia seu melhor desempenho (em *Carros Velozes* eram geralmente três páginas — e em certos dias, apenas duas —

até a corrida acelerada do final). Mas durante aquele período elétrico de três dias, que terminou com a tempestade de 15 de abril, Paul chegou à média de *12 páginas por dia* — sete pela manhã e mais cinco à tarde. Se alguém em sua vida pregressa (pois, sem nem se dar conta, era assim que ele agora pensava sobre isso) tivesse sugerido que ele podia trabalhar nessa velocidade, ele teria rido. Quando a chuva começou a cair, ele tinha 267 páginas de *O Retorno de Misery* — ainda era o rascunho, claro, mas ele o examinara e constatara que estava até bem limpo para uma primeira versão.

Parte do motivo é que ele estava levando uma vida realmente certinha. Nada de longas noites embaçadas pulando de bar em bar, dias embaçados bebendo café e suco de laranja e mandando tabletes de vitamina-B para dentro (dias em que ele se afastava tremendo ao resvalar os olhos na máquina de escrever). Nada de acordar ao lado de uma loira ou ruiva que ele encontrara na noite anterior — alguma dona que parecia uma rainha à meia-noite e às dez da manhã seguinte parecia o curupira. Nada mais de cigarros. Ele pedira alguns certa vez em uma voz hesitante e tímida, e ela lhe lançara um olhar tão sinistro que ele imediatamente lhe disse para esquecer. Agora ele era o Sr. Cara Limpa. Nada de hábitos ruins (exceto pelo vício em codeína, claro; ainda não fizemos nada a respeito disso, não é, Paul?), nada de distrações. *Olha só pra mim*, ele pensou uma vez, *o único monge drogado do mundo*. Acordava às sete. Tomava dois Novril com suco. Às oito vinha o café, servido na cama de *monsieur*. Um único ovo, pochê ou mexido, três vezes por semana. Cereal rico em fibras nos outros quatro dias. Então ele ia para a cadeira de rodas. Até a janela. Encontrava o buraco no papel. Caía no século XIX, quando homens eram homens e as mulheres usavam bustiês. Almoço. Cochilo da tarde. Levantava-se de novo, às vezes para editar, às vezes só para ler. Ela tinha tudo o que Somerset Maugham escrevera (uma vez Paul se pegou imaginando se ela teria o primeiro romance de John Fowles⁷ e decidiu que era melhor não perguntar), e Paul começou a avançar nos vinte e tantos volumes que compunham a obra de Maugham, fascinado pela compreensão que ele tinha do valor das histórias. Ao longo dos anos Paul ficara cada vez mais resignado com o fato de que não conseguia ler histórias como quando era garoto. Ao tornar-se um escritor, ele se condenara a uma vida de dissecação. Mas Maugham o seduzira e fizera dele uma criança outra vez, e era maravilhoso. Às cinco da tarde ela lhe dava um jantar leve, e às sete ela vinha com a televisão preto e branco e ambos assistiam

*M*A*S*H* e *WKRP in Cincinnati*. Depois, Paul escrevia. Ao terminar, ele empurrava a cadeira devagar (ele podia movê-la rápido, mas era bom que Annie não soubesse disso) até a cama. Ela o ouvia, entrava no quarto e o ajudava a deitar. Cabum. Apagava como uma lâmpada. E o dia seguinte era igual. E o seguinte. E o seguinte.

Toda essa disciplina explicava parte de sua fecundidade, mas Annie era um motivo maior. Afinal, fora sua única sugestão hesitante a respeito da picada de abelha que dera forma ao livro, fazendo-o parecer importante quando Paul acreditara firmemente que jamais sentiria isso a respeito de Misery novamente.

Ele estava certo de uma coisa desde o começo: na verdade, *O Retorno de Misery* não existia. Sua atenção tinha se voltado toda para encontrar uma maneira de tirar a vaca da sepultura sem trapacear antes que Annie decidisse inspirá-lo fazendo-lhe uma limpeza estomacal usando facas Ginsu. Detalhes como o *tema* do maldito livro teriam que esperar.

Durante os dois dias que se seguiram à viagem de Annie à cidade para pagar as taxas, Paul tentou esquecer seu fracasso em se aproveitar do que teria sido uma oportunidade de ouro de escapar e se concentrou em levar Misery até o chalé da sra. Ramage. Levá-la até a casa de Geoffrey não servia. Os servos — principalmente Tyler, o mordomo fofoqueiro de Geoffrey — veriam e comentariam. Ele também precisava estabelecer a amnésia completa que fora causada pelo choque de ser enterrada viva. Amnésia? Porra, a mulher mal conseguia falar. O que era até bom, considerando as inanidades que ela dizia geralmente.

Então, e agora? A vaca tinha saído da sepultura, e agora, cadê a porra da *história*? Será que Geoffrey e a sra. Ramage deveriam contar a Ian que Misery ainda estava viva? Paul achava que não, mas não tinha certeza — ele sabia que *não ter certeza* era o cantinho do purgatório reservado para escritores que dirigiam rápido sem ter ideia de para onde estão indo.

Ian não, pensou ele, olhando para o celeiro. *Ian ainda não*. *Primeiro o médico*. *O velho cuzão cheio de “nn” no nome*. *Shinebone*.

Pensar no médico fez com que ele se lembrasse do comentário de Annie sobre as picadas de abelha, e não pela primeira vez. Aquilo ficava voltando em momentos inesperados. *Uma pessoa em cada 12...*

Mas não funcionava. Duas mulheres sem parentesco em aldeias próximas, ambas alérgicas a picadas?

Três dias depois do Grande Resgate Financeiro de Annie Wilkes, Paul estava batendo cabeça nos minutos que antecediam o cochilo da tarde quando o pessoal da oficina apareceu, e apareceu com tudo. Não era um mero clarão de ideia daquela vez: os caras soltaram uma bomba H.

Ele sentou-se rígido na cama, ignorando a mordida da dor em suas pernas.

— *Annie! Annie, venha cá!*

Ele a ouviu descendo as escadas dois degraus por vez e então disparar pelo corredor. Seus olhos estavam assustados e arregalados quando ela entrou.

— Paul! O que foi? São câimbras? Você está...

— Não — disse ele, mas é claro que mentia. Sua *mente* estava com câimbras. — Não. Annie, desculpe se assustei você, mas você tem que me botar na cadeira. Porra, caralho! Já sei! — Os palavrões escapuliram, mas daquela vez não parecia importar. Annie olhava para ele com respeito e não sem algum espanto. Ali estava a versão secular do fogo de Pentecostes ardendo diante dos olhos dela.

— É claro, Paul.

Annie o pôs na cadeira tão rápido quanto pôde. Ela começou a empurrá-lo na direção da janela e Paul sacudiu a cabeça com impaciência.

— Não vai demorar muito — disse ele —, mas é muito importante.

— É sobre o livro?

— É *o livro*. Fique quieta. Não fale comigo.

Ignorando a máquina de escrever — ele nunca usava a máquina para escrever anotações —, Paul pegou uma das esferográficas e rapidamente encheu a folha com rabiscos que ninguém além dele poderia entender.

Elas TINHAM parentesco. A picada de abelha afetou ambas da mesma maneira porque elas ERAM parentes. Misery é uma órfã. E adivinha só: A tal Evelyn-Hyde era IRMÃ DE MISERY! Ou quem sabe meia-irmã. Talvez funcione melhor assim. Quem teria notado primeiro? Shinny? Não. Shinny é bobo. A sra. R. Ela pode ir falar com Charl. A mãe de E-H e...

E então ele atinou com uma ideia tão adorável — em termos de trama, pelo menos — que ele olhou para Annie com a boca aberta e os olhos arregalados.

— Paul? — Annie perguntou, nervosa.

— Ela *sabia* — sussurrou Paul. — É claro. Ou pelo menos suspeitava. Mas...

Ele se curvou sobre as anotações outra vez.

ela — a sra. R. — compreende imediatamente que a sra. E-H tem que saber que M. é parente da filha. Mesmo tipo de cabelo, algo assim. Lembrar que a mãe de E-H está começando a virar um pers. import. Você precisa pensar nela. A sra. R. começa a compreender que a sra. E-H PODE ATÉ TER SABIDO QUE MISERY FOI ENTERRADA VIVA! PUTA QUE PARIU! TÁ ÓTIMO! Talvez a dona tenha imaginado que Misery era resquício dos seus dias de “trepar e esquecer” e...

Ele largou a caneta, olhou para o papel, depois pegou a caneta outra vez e rabiscou mais algumas linhas.

Três pontos necessários.

1. Como a sra. E-H reage às suspeitas da sra. R.? Ela deve estar com intenção criminosa ou assustada pra valer. Prefiro assustada, mas acho que A. W. prefere intenção criminosa, então OK assass.

2. Como Ian fica sabendo?

3. A amnésia de Misery?

Ah, essa aqui vai dar trabalho. Misery chega a descobrir que sua mãe preferiu viver com a possibilidade de que não apenas uma mas *duas* de suas filhas tivessem sido enterradas vivas para não ter que falar?

Por que não?

— Se tiver como, você pode me ajudar a voltar pra cama? Desculpe se pareci maluco. Eu só estava emocionado.

— Está tudo bem, Paul. — Ela ainda soava atônita.

Desde então o trabalho progredira tranquilamente. Annie estava certa; a história estava se tornando bem mais sinistra que os outros livros de *Misery* — o primeiro capítulo não fora produto do acaso, mas sim uma premonição. Mas tinha uma trama mais rica que todos os romances de *Misery* exceto o primeiro, e os personagens eram mais vívidos. Os últimos três livros de *Misery* não tinham passado de histórias diretas de aventura com uma boa dose de sexo descrito de forma picante para agradar às senhoras. Mas ele começara a compreender que esse livro era um romance gótico e dependia portanto mais da trama que das situações. Os desafios eram constantes. O “Sai dessa” não era

só para o começo do livro. Pela primeira vez em anos, quase todos os dias ele tinha que “Sair dessa”... e ele estava descobrindo que *consequia sair sempre*.

Então veio a chuva, e as coisas mudaram.

13

De 8 a 14 de abril o clima ficou limpo e agradável. O sol brilhava em um céu sem nuvens e a temperatura às vezes subia até 20 graus. Trechos castanhos começaram a aparecer no campo atrás do conservado celeiro vermelho de Annie. Paul se escondia atrás do trabalho e tentava não pensar no carro, que já era para ter sido descoberto. Seu trabalho não ficou prejudicado, mas seu humor sim. Ele sentia cada vez mais como se vivesse em uma câmara de nuvens, respirando uma atmosfera rica em eletricidade esparsa. Sempre que o Camaro aparecia em sua lembrança ele chamava a Polícia Mental para levar o pensamento algemado para longe. O problema é que a peste da ideia sempre conseguia escapar e voltar, de um jeito ou de outro.

Uma noite ele sonhou que o Sr. Rei do Gado tinha voltado à casa de Annie. Ele saiu de seu Chevrolet Bel Air bem conservado segurando parte do para-choque do Camaro e um volante. *São seus?*, perguntava ele a Annie no sonho.

Paul acordara com o humor meio abalado.

Annie, por outro lado, jamais parecera tão alegre quanto naquela semana ensolarada de começo de primavera. Ela limpava; cozinhava refeições ambiciosas (embora tudo o que cozinhasse acabasse ficando com um gosto estranhamente industrial, como se anos comendo em refeitórios de hospital tivessem corrompido qualquer talento culinário que tivesse); todas as tardes ela metia Paul em um enorme cobertor azul, metia um boné de caça verde na cabeça dele e o empurrava para a varanda de trás.

Nessas ocasiões ele levava Maugham junto, mas raramente lia — estar fora de casa outra vez era uma experiência importante demais para que ele conseguisse se concentrar em outras coisas. Na maior parte do tempo Paul só ficava sentado sentindo o cheiro doce do ar frio em vez do odor estagnado do quarto e do clima abatido de um quarto de doentes. Ele ouvia o gotejar das

pontas de gelo e observava as sombras das nuvens rolando pelo campo que derretia. Por algum motivo, aquilo era o melhor de tudo.

Annie cantava em sua voz afinada, mas estranhamente sem timbre. Ela dava risadinhas infantis com as piadas de M*A*S*H e WKRP, rindo especialmente forte das piadas que eram um pouco pesadas (que, no caso de WKRP, eram a maior parte). Ela preenchia os “nn” incansavelmente enquanto Paul terminava os Capítulos 9 e 10.

A manhã do 15º dia surgiu com ventania e repleta de nuvens. E Annie mudou. Paul achou que talvez fosse o medidor do barômetro descendo. Era uma explicação tão boa quanto as outras.

Ela não apareceu com o remédio até as nove horas, e ele já estava precisando muito do alívio dos comprimidos, tanto que já pensava em pegar alguns do esconderijo. Não houve café da manhã. Só o remédio. Quando ela entrou, ainda usava a camisola rosada de retalhos de ficar em casa. Ele percebeu com apreensão crescente que havia marcas vermelhas como abrasões em suas bochechas e braços. Ele também viu manchas úmidas de comida na camisola. Ela só calçara uma das pantufas e por isso, ao se aproximar dele, produzia um som de pancada e outro de raspagem. *Pã-fssh, pã-fssh, pã-fssh*. Seu cabelo cobria o rosto. Os olhos estavam baços.

— Aqui. — Ela jogou os comprimidos para ele. Suas mãos também estavam cobertas com manchas mistas de algo pegajoso. Vermelho, marrom e branco grudento. Paul não tinha ideia do que era. Não tinha certeza se queria saber. Os comprimidos atingiram seu peito e quicaram em seu colo. Ela se virou para sair. *Pã-fssh, pã-fssh, pã-fssh*.

— Annie?

Ela parou mas não se virou. Parecia maior desse jeito, com os ombros arredondando a camisola, o cabelo parecendo um capacete amassado. Ela parecia uma mulher de Piltdown olhando para fora da caverna.

— Annie, você está bem?

— Não — disse ela indiferente e se virou. Olhou para ele com a mesma expressão sem vida e puxou com força o lábio inferior com a mão direita. Puxou o lábio e o torceu, beliscando mais forte. Sangue apareceu entre o lábio e a gengiva e então se derramou por seu queixo. Ela se virou e partiu sem dizer palavra, antes que a mente atônita de Paul pudesse convencê-lo de que ele havia mesmo visto aquilo. Ela bateu a porta... e a trancou. Ele a ouviu fazendo

pã-fssh enquanto seguia pelo corredor até a sala. Ouviu o ranger da cadeira favorita dela quando Annie se sentou. Nada mais. Nada de TV. Ela não cantava. Nem havia tilintar de talheres ou louça. Não, ela só estava sentada lá. Sentada lá não estando bem.

Então *houve* um som. Não se repetiu, mas era um som bem distinto. Um tapa. E forte pra cacete. E já que ele estava ali, atrás de uma porta trancada e Annie estava do outro lado, não era preciso ser Sherlock Holmes para compreender que ela se estapeara. A julgar pelo som, um tapa muito bem dado. Ele se lembrou dela puxando o lábio, enfiando as unhas curtas na carne sensível e rosada.

Subitamente Paul se lembrou de um fato sobre doenças mentais que ele usara no primeiro livro de *Misery*, onde grande parte da ação se passava no Hospital Psiquiátrico de Londres (*Misery* tinha sido mandada para lá pela vilã enlouquecida de ciúmes). *Quando uma personalidade maniaco-depressiva começa a entrar em um período de depressão profunda* — assim ele escrevera —, *um sintoma que pode surgir são atos de autopunição: tapas, socos, beliscões, queimaduras com cigarro etc.*

Subitamente Paul teve bastante medo.

14

Paul lembrava-se de um ensaio de Edmund Wilson em que Wilson dizia, em sua maneira tipicamente relutante, que a definição de Wordsworth para a criação de boa poesia — emoção lembrada em um momento de tranquilidade — servia também para a maior parte da ficção dramática. Provavelmente era verdade. Paul conhecera escritores que achavam impossível escrever depois de um mero entrevero conjugal, e ele simplesmente não conseguia escrever quando estava aborrecido. Mas havia épocas em que um tipo de efeito contrário ocorria — ocasiões em que ele se deixara absorver no trabalho não porque havia trabalho a fazer, mas porque era uma maneira de escapar do que o afligia. Eram as ocasiões em que dar um jeito na origem do problema era impossível para ele.

Aquela era uma dessas ocasiões. Quando deram 11 horas e Annie ainda não tinha retornado para colocá-lo na cadeira, ele decidiu fazer isso sozinho. Tirar a máquina do lintel seria impossível, mas ele podia escrever à mão. Tinha certeza de que poderia se içar até a cadeira, sabia que provavelmente era uma má ideia permitir que Annie soubesse da extensão de suas capacidades, mas precisava da *outra* dose diária, porra, e não podia escrever na cama.

Ele forcejou até chegar à beirada da cama, certificou-se de que a cadeira estava travada, agarrou os braços dela e se içou lentamente para o assento. Puxar as pernas uma de cada vez até os apoios foi a única parte que doeu. Ele empurrou a cadeira para a janela e pegou o manuscrito.

A chave chacoalhou na fechadura. Annie olhava para ele e seus olhos eram como buracos negros queimando em seu rosto. Sua bochecha direita estava inchando, e parecia que ela teria um hematoma pela manhã. Havia alguma coisa vermelha em sua boca e no queixo. Por um instante Paul achou que fosse mais sangue do lábio cortado, mas então ele viu as sementes. Era geleia ou cobertura de framboesa, não sangue. Ela olhou para Paul. Ele olhou para ela. Nenhum disse nada por algum tempo. Do lado de fora, as primeiras gotas de chuva batiam contra a janela.

— Se você pode subir na cadeira sozinho, Paul — disse ela finalmente —, então acho que pode preencher a porra dos “nn” sozinho.

Então ela fechou a porta e a trancou novamente. Paul ficou sentado olhando para a porta por um longo tempo, quase como se houvesse algo para ver ali. Estava chocado demais para fazer qualquer outra coisa.

15

Ele só a viu novamente no final da tarde. Depois daquela visita, tornou-se impossível trabalhar. Ele encetou duas tentativas fúteis, amassou o papel e desistiu. Não tinha como. Paul empurrou a cadeira de volta. No processo de sair da cadeira e subir na cama, uma de suas mãos escorregou e ele só não desabou por um triz. Fez descer a perna esquerda e, embora ela suportasse seu peso e o salvasse da queda, a dor foi excruciante — como se dezenas de

parafusos perfurassem o osso. Ele gritou, avançou para agarrar a cabeceira da cama e se içou em segurança. A perna esquerda pulsava, inútil, atrás dele.

Isso vai atraí-la, pensou ele, incoerente. Ela vai querer ver se eu virei o Luciano Pavarotti ou que porra foi essa.

Mas ela não apareceu e não havia como ele suportar a dor maldita na perna esquerda. Ele rolou desajeitadamente sobre a barriga, enfiou fundo o braço sob o colchão e pescou duas amostras de Novril. Engoliu dois a seco, então apagou.

Quando voltou a si, achou a princípio que ainda devia estar sonhando. Era surreal demais, como na noite em que Annie aparecera com a churrasqueira. Annie estava sentada ao lado da cama. Ela tinha colocado um copo cheio de cápsulas de Novril no criado-mudo. Na outra mão tinha uma ratoeira Victor. Havia um rato nela — um rato grande de pelo mosqueado de castanho-cinzento. A armadilha quebrara as costas do rato. As patas traseiras se dependuravam dos lados da ratoeira, convulsionando aleatoriamente. Gotas de sangue nos bigodes.

Não era sonho. Só mais um dia no parque de diversões de Annie Wilkes.

O hálito de Annie cheirava a cadáver se decompondo em meio à comida estragada.

— Annie? — Ele se ergueu, e seus olhos iam dela para o rato e de volta. Lá fora o entardecer se esvaía — um estranho entardecer azul cheio de chuva, que batia com força contra a janela. Fortes rajadas de vento sacudiam a casa, fazendo com que ela rangesse.

Seja lá o que estivesse errado com ela pela manhã, tinha piorado à noite. Piorado *muito*. Ele compreendeu que a via sem nenhuma das máscaras corriqueiras — aquela era a Annie real, a Annie lá dentro. A carne de seu rosto, que antes parecera tão assustadoramente sólida, agora pendia feito uma massa amorfa. Seus olhos estavam vazios. Ela tinha se vestido, mas a saia estava do avesso. Havia mais marcas de cicatriz em sua carne, mais manchas de comida na roupa. Quando ela se movia, Paul era atordoado por inúmeros odores conflitantes. Quase um braço inteiro de seu suéter de cardigã estava empapado com uma substância quase seca que cheirava a molho.

Ela mostrou a ratoeira.

— Eles entram no porão quando chove. — O rato preso guinchou debilmente e mordeu o ar. Os olhos negros, infinitamente mais vivos que os de seu algoz, rolaram nas órbitas. — Eu ponho ratoeiras. É preciso. Espalho

gordura de bacon nelas. Sempre pego uns oito ou nove. Às vezes eu encontro outros...

Ela apagou. Ficou apagada por quase três minutos, segurando o rato no ar, um caso perfeito de catatonia. Paul olhou para ela, olhou para o rato que guinchava e forcejava, e compreendeu que tinha realmente acreditado que as coisas não poderiam ser piores. Errado. Errado pra caralho.

Finalmente, quando começou a achar que ela havia zarpado para o esquecimento para sempre, sem alarde ou comoção, Annie abaixou o braço com a ratoeira e continuou como se não tivesse parado de falar.

— ... afogados nos cantos. Pobrezinhos.

Ela olhou para o rato e uma lágrima caiu no pelo empapado.

— Pobrezinhos, pobrezinhos.

Ela envolveu o rato em sua mão forte e com a outra puxou a peça de mola para trás. O rato convulsionou em sua mão, virando a cabeça para mordê-la. Seus guinchados eram agudos e terríveis. Paul pressionou a base da palma da mão contra a boca, que se contorcia.

— Como o coração dele bate! Como ele se esforça para escapar! Que nem nós, Paul. Que nem nós. Nós achamos que sabemos tanto, mas na verdade não sabemos mais do que um rato numa ratoeira: um rato com as costas quebradas que pensa que ainda quer viver.

A mão que segurava o rato fechou-se em um punho. Os olhos de Annie continuavam com a expressão distante e vazia. Paul queria olhar para o outro lado, mas não podia. Tendões começaram a se destacar na parte de dentro do braço de Annie. Sangue escorreu da boca do rato em um fluxo fino e abrupto. Paul ouviu seus ossos quebrando, e então os dedos grossos de Annie enfiaram-se na carcaça, desaparecendo até a segunda falange. Sangue espirrou no chão. Os olhos baços da criatura se estufaram.

Ela arremessou o cadáver no canto e limpou a mão displicentemente no lençol, deixando longas marcas vermelhas.

— Agora ele está em paz. — Ela deu de ombros e riu. — Vou pegar minha arma, Paul, que tal? Talvez a outra vida seja melhor. Para ratos e pessoas... não que haja grande diferença.

— Só depois que eu terminar — disse ele, tentando pronunciar cada palavra com cuidado. Era difícil, porque ele se sentia como se alguém tivesse enchido sua boca de novocaína. Ele já tinha visto Annie na pior antes, mas

jamais vira *nada* como aquilo. Se perguntou se já *chegara* a ficar tão mal assim. Era assim que depressivos ficavam antes de atirar em toda a família e neles próprios por último. Era o desespero psicótico da mulher que veste as crianças com as melhores roupas, leva-as para tomar sorvete, caminha com elas até a ponte mais próxima, então pega uma em cada braço e pula. Depressivos se matam. Psicóticos, acalentados no berço venenoso de seus egos, querem fazer um favor aos outros, levando-os junto.

Estou mais perto da morte do que jamais estive na vida, pensou ele, porque ela realmente fala sério. Essa puta fala sério.

— Misery? — perguntou ela, quase como se jamais tivesse ouvido aquela palavra antes. Mas uma faísca fugaz relampejara nos olhos dela, não? Ele achava que sim.

— Misery, sim. — Ele pensou em como prosseguir, desesperado. Cada abordagem possível parecia repleta de perigos. — Eu concordo que o mundo é um lugar bem escuro a maior parte do tempo — disse ele, e então acrescentou, estupidamente: — Principalmente quando chove.

Ah, seu idiota, pare de falar merda!

— Quer dizer... eu experimentei muita dor nas últimas semanas e...

— Dor? — ela olhou para ele com desdém bilioso. — Você não sabe o que é dor. Você não faz a menor *ideia*, Paul.

— Não... acho que não. Não comparado com você.

— Isso mesmo.

— Mas... eu quero terminar esse livro. Eu quero ver como tudo acaba. — Ele fez uma pausa. — E eu queria que você estivesse por perto para ver também. Para que escrever um livro se não há ninguém para ler? Você me entende?

Ele ficou lá olhando para a terrível face de pedra e sentindo o coração bater descompassado.

— Annie? Você entendeu?

— Sim... — Ela suspirou. — Eu quero saber como acaba. Acho que é a *única* coisa do mundo que eu ainda quero. — Aos poucos, aparentemente sem se dar conta do que fazia, Annie começou a lamber o sangue do rato dos dedos. Paul rilhou os dentes e disse a si mesmo que *não iria vomitar, não iria vomitar, não*. — É como esperar pelo final de um episódio daqueles seriados.

Ela olhou ao redor, amuada, e o sangue em sua boca fazia pensar em batom.

— Vou oferecer de novo, Paul. Eu posso ir pegar minha arma. Posso acabar com isso agora pra nós dois. Você não é burro. Sabe que eu não posso deixar você ir embora. Você já sabe disso há algum tempo, não é?

Não deixe seu olhar vacilar. Se ela vir seu olhar vacilando, vai matar você agora mesmo.

— Sim. Mas sempre termina, não é, Annie? No fim, todos nós morremos.

O vulto de um sorriso passou rápido nos cantos da boca de Annie e ela tocou o rosto de Paul rapidamente, com algum afeto.

— Acho que você pensa em escapar. Como um rato na ratoeira, não é? Mas você não vai escapar, Paul. Se essa fosse uma das suas histórias, talvez você conseguisse, mas não é. Eu não posso deixar você ir embora... mas posso ir com você.

E súbito, por um momento apenas, ele pensou em dizer: *Tudo bem, Annie — vá em frente. Vamos acabar com tudo.* Mas então sua vontade, sua necessidade de viver — e ainda havia bastante de ambas nele — falou mais alto e expulsou a fraqueza momentânea. Porque era fraqueza. Fraqueza e covardia. Feliz ou infelizmente, ele não podia se apoiar na muleta da doença mental.

— Obrigado — disse ele —, mas eu quero terminar o que comecei.

Ela suspirou e se levantou.

— Tudo bem. Acho que eu já sabia que você ia querer continuar, porque estou vendo que trouxe os comprimidos pra você mesmo sem me lembrar de ter feito isso. — Ela sorriu; uma pequena risada louca que pareceu sair daquele rosto lasso como se por ventriloquismo. — Eu vou ter que ficar longe algum tempo. Se eu não sair, não vai importar mais o que eu ou você queremos. Porque eu faço certas coisas. Eu tenho um lugar para ir quando me sinto desse jeito. Um lugar nas montanhas. Você já leu a história do Tio Remus, Paul?

Ele aquiesceu com a cabeça.

— Você se lembra do Coelho Quincas contando a João Honesto sobre seu Cantinho Feliz?

— Sim.

— É assim que eu chamo meu cantinho. Meu Cantinho Feliz. Lembra de como eu disse que estava voltando de Sidewinder quando encontrei você?

Ele aquiesceu com a cabeça.

— Bom, era mentira. Eu menti porque eu não conhecia você direito ainda. Na verdade eu estava voltando do meu Cantinho Feliz. Tem uma placa em

cima da porta que diz isso: CANTINHO FELIZ DA ANNIE. Às vezes eu fico feliz mesmo quando vou pra lá. Mas geralmente eu só grito.

— Quanto tempo você vai ficar lá, Annie?

Ela estava deslizando sonhadoramente em direção à porta.

— Não sei. Eu trouxe os comprimidos. Você vai ficar bem. Tome dois a cada seis horas. Ou seis a cada quatro horas. Ou todos de uma vez.

Mas o que eu vou comer?, era o que ele queria perguntar, mas não perguntou. Ele não queria que as atenções de Annie voltassem para ele — de jeito nenhum. Ele queria que ela saísse. Ficar ali com ela era como estar com o Anjo da Morte.

Ele ficou deitado na cama por um longo tempo, escutando a movimentação de Annie — primeiro no andar de cima, depois na escada, depois na cozinha. Esperava que ela mudasse de ideia e voltasse com a arma. Ele não relaxou nem quando ouviu a porta bater e trancar, nem quando ouviu os passos espadanando na água. A arma podia estar na Cherokee.

O motor da velha Bessie engasgou e acordou. Annie meteu o pé com força e os faróis se acenderam, iluminando uma cortina prateada de chuva. As luzes começaram a se afastar pelo caminho. Depois foram ficando cada vez mais fracas, e alguns segundos depois Annie havia partido. Dessa vez ela não estava descendo a montanha em direção a Sidewinder, mas subia em direção ao interior.

— Indo pro Cantinho Feliz — gemeu ele e começou a gargalhar. Ela tinha o seu cantinho para rir; Paul já tinha o dele. O acesso louco de alacridade cessou quando ele olhou para o corpo mutilado do rato no canto do quarto.

Um pensamento lhe ocorreu.

— Olha, no fim ela me deixou mesmo alguma coisa pra comer! — disse ele para ninguém e riu ainda mais forte. Na casa vazia, o Cantinho Feliz de Paul Sheldon parecia a cela acolchoada de um lunático.

16

Duas horas depois, Paul forçou a fechadura outra vez e pela segunda vez forçou a cadeira de rodas pela porta que era quase estreita demais. Pela última vez,

esperava. Levava dois lençóis no colo. Todos os comprimidos que escondera sob o colchão estavam enrolados em um lenço de papel enfiado na cueca. Planejava escapar, com ou sem chuva. Era sua chance e dessa vez ele iria aproveitar. Sidewinder ficava em um nível mais baixo, a estrada estaria escorregadia na chuva e estava mais escuro que uma mina de carvão. Ele iria tentar assim mesmo. Não tinha levado a vida de um santo ou herói, mas não queria morrer feito um pássaro exótico em um zoológico.

Ele se lembrou vagamente de uma noite que passara bebendo uísque com um dramaturgo depressivo chamado Bernstein no Lion's Head, no Village (e se ele vivesse para ver o Village novamente, iria se pôr sobre o que restava dos joelhos e beijaria a calçada imunda de Christopher Street). A certa altura a conversa aludiu aos judeus que viviam na Alemanha durante os difíceis quatro ou cinco anos antes que a *Wehrmacht* invadissem a Polônia e os trabalhos começassem para valer. Paul lembrava-se de ter dito a Bernstein, que perdera uma tia e um avô no Holocausto, que não entendia por que os judeus na Alemanha — porra, em toda a Europa, mas *especialmente* na Alemanha — não tinham saído de lá enquanto ainda era tempo. Eles não eram estúpidos, e muitos tinham experimentado a opressão em primeira mão. Certamente teriam adivinhado o que iria acontecer. Então por que ficaram?

A resposta de Bernstein lhe parecera frívola, cruel e incompreensível: *Muitos deles tinham pianos. Nós judeus gostamos muito de pianos. Quando se tem um piano, é difícil pensar em se mudar.*

Agora ele entendia. Sim. Primeiro tinha sido as pernas quebradas e a bacia esmagada. Depois, santo Deus, o livro tinha engrenado. De um jeito demente ele estava até se divertindo com a escrita. Seria fácil — fácil demais — pôr toda a culpa nos ossos quebrados, no remédio, quando na verdade era o *livro*. O livro e a passagem monótona de dias com a rotina de um convalescente. Tudo isso — mas principalmente a porra do *livro* — tinha se tornado seu piano. O que ela faria se, ao voltar do seu Cantinho Feliz, não o encontrasse? Queimaria o manuscrito?

— Foda-se essa merda — disse ele, e era quase verdade. Se ele vivesse, poderia escrever outro livro — até mesmo recriar aquele, se quisesse. Mas um homem morto não poderia escrever um livro nem comprar um novo piano.

Ele entrou na sala. Antes o local estava organizado, mas agora havia pratos sujos empilhados em todas as superfícies disponíveis. Pareceu a Paul que todos

os pratos da casa estavam ali. Annie não só se beliscava e estapeava quando estava deprimida. Parecia que ela também comia pra valer, e não ligava de limpar nada depois. Ele se lembrou vagamente do vento fétido que soprara por sua garganta quando ele estava na névoa e sentiu o estômago revirar. A maior parte dos restos era de doces. Sorvete seco ou secando em tigelas e pratos fundos. Farelo de bolo e manchas de torta. Restos de gelatina de limão coberta de chantilly seco e rachado em cima da TV perto de uma garrafa de plástico de 2 litros de Pepsi e um recipiente para molhos. A garrafa de Pepsi era quase tão grande quanto a ponta de um foguete Titan-II. A superfície da garrafa estava manchada e sebenta, quase fosca. Ele imaginou que ela bebera direto da garrafa, segurando-a com dedos melados de molho ou sorvete. Ele não ouvira o tilintar de talheres, o que não o surpreendera, pois não havia nenhum. Pratos e tigelas, mas nada de talheres. Ele viu manchas secas de líquidos derramados e escorrendo — sorvete — no carpete e no sofá.

Foi isso o que eu vi na camisola dela. O que ela estava comendo. E o hálito dela. A imagem de Annie como mulher de Piltdown voltou. Ele a viu sentada ali, enfiando sorvete na boca, ou mancheias de molho de galinha semicongelado empurrados com Pepsi, simplesmente comendo e bebendo em um profundo transe depressivo.

O pinguim sobre o bloco de gelo ainda estava na mesa de bibelôs, mas ela atirara vários outros no canto da sala, onde os restos jaziam espalhados em pequenos estilhaços pontiagudos.

Ele pensou nos dedos de Annie afundando-se no corpo do rato. As manchas vermelhas dos seus dedos na cama. Ele a viu lambendo o sangue dos dedos de forma provavelmente tão alheia como quando comera sorvete, gelatina e rocambole de geleia. Eram imagens terríveis, mas davam um maravilhoso incentivo à sua pressa.

O buquê de flores secas sobre a mesa tinha sido derrubado. Sob a mesa, quase escondido, jazia um prato de pudim de melão com crosta e um livro grande. A capa dizia DOCES LEMBRANÇAS. *Revisitar antigas lembranças quando se está deprimido não é uma boa ideia, Annie — mas acho que a essa altura do campeonato você já notou.*

Ele avançou pela sala. Seguindo em frente, ficava a cozinha. À direita, um corredor curto e espaçoso levava até a porta da frente. Além do corredor, um lance de escadas subia para o segundo andar. Dando uma olhada de relance

para a escada (havia gotas de sorvete em alguns degraus acarpetados e manchas brilhantes no corrimão), Paul foi em direção à porta. Ele imaginava que, se houvesse algum meio de escape para alguém entredado em uma cadeira de rodas, seria pela porta da cozinha, a que Annie usava ao sair para alimentar os animais, de onde ela saía a toda para encontrar o Sr. Rei do Gado — mas ele precisava verificar a porta da frente. Talvez houvesse alguma surpresa.

Não havia.

Os degraus da varanda eram tão hostis quanto ele temera, mas mesmo que houvesse uma rampa para cadeira de rodas (uma possibilidade que ele jamais teria aceitado em uma partida disputada de “Sai dessa!”, mesmo que fosse ideia de um amigo), ele não poderia usá-la. Havia três trancas na porta. O ferrolho não era problema. Mas os outros dois eram da marca Kreig, os melhores cadeados do mundo, de acordo com o amigo policial aposentado Tom Twyford. E onde estavam as chaves? Ahmm... deixa eu ver. A caminho do Cantinho Feliz de Annie? *Sim senhor! Deem um charuto pra esse homem e acendam com um maçarico!*

Ele deu ré, lutando contra o pânico, forçando-se a se lembrar que não esperava grande coisa da porta da frente mesmo. Ao chegar na sala, girou a cadeira e seguiu para a cozinha. Um cômodo antiquado com assoalho de linóleo brilhante e teto de estanho. A geladeira era velha mas silenciosa. Havia três ímãs presos à porta, todos em forma de doces: um chiclete, uma barra de chocolate Hershey e um caramelo. Uma das portas do armário estava aberta e ele viu prateleiras cobertas com oleado. Havia janelas grandes na pia e mesmo em dias nublados muita luz devia entrar por elas. Deveria ser uma cozinha alegre, mas não era. A lata de lixo aberta derramava seu conteúdo pelo chão e emitia o odor morno de comida estragando, mas aquele não era o único cheiro errado, nem o pior. Havia outro que parecia existir apenas em sua mente, mas que não era menos real por causa disso. Era *parfum de Wilkes*: o odor da obsessão psicótica.

Havia três portas ali, duas à esquerda e uma à frente, entre a geladeira e a despensa.

Ele foi até as portas da esquerda primeiro. Uma era um armário. Ele soube o que era antes de ver os casacos, chapéus, cachecóis e botas. O rangido breve das dobradiças bastou para informá-lo. A outra era a porta pela qual Annie saía. E

outro ferrolho e mais dois cadeados Kreig. Roydmans, não entrem. Paul, não saia.

Ele a imaginou rindo.

— Sua puta do *caralho!* — Ele bateu com o punho na porta. Doeu e ele apertou o lado da mão contra a boca. Odiava a picada das lágrimas, a visão momentaneamente duplicada ao piscar, mas não havia como parar. O pânico latejava mais forte agora, perguntando o que ele ia fazer, o que ele ia *fazer*, pelo amor de Deus, podia ser sua última chance...

O que eu vou fazer primeiro é verificar essa situação direitinho e com calma, pensou ele sombriamente. Quer dizer, se você se acalmar. Acha que consegue, seu merdinha?

Ele enxugou os olhos — chorar não o livraria daquilo — e olhou pela janela que havia no topo da porta. Não era realmente uma janela, mas 16 pequenos painéis. Ele poderia quebrar o vidro de cada um, mas teria que arrebentar as varetas também, e levaria horas sem uma serra — elas pareciam fortes. E depois? Um mergulho camicase na varanda de trás? Que grande ideia. Talvez conseguisse quebrar o espinhaço. Isso faria ele esquecer as pernas um pouco. E não demoraria muito para morrer lá fora exposto à chuva forte. Isso resolveria a merda desse problema de uma vez por todas.

Não. Não mesmo, porra. Talvez eu morra, mas juro por Deus que não vou morrer até ter uma chance de mostrar à minha fã número um o quanto eu gostei de conhecê-la. E não é uma promessa, é um juramento sagrado.

A ideia de retaliar as ações de Annie fez mais para acalmar seu pânico que toda a autorrecriação anterior. Um pouco mais calmo, ele mexeu no interruptor ao lado da porta. Uma lâmpada lá fora se acendeu, o que foi útil, pois a última luz do dia se extinguiu desde que ele saíra do quarto. O caminho até a entrada estava alagado e o quintal era um lamaçal só, com poças de água parada e torrões de neve derretida. Posicionando a cadeira completamente à esquerda da porta, pela primeira vez ele viu a estrada que passava pela casa, embora não fosse grande coisa — uma estrada de duas vias, de asfalto, entalada entre bancos de neve que se esfacelavam, brilhante feito pele de foca e coberta pela enxurrada de água da chuva e neve.

Talvez ela tenha trancado as portas para impedir os Roydmans de entrar, mas não precisava fazer isso para me impedir de sair. Se eu saísse nessa cadeira, ficaria entalado até as calotas em cinco segundos. Você não vai a parte alguma, Paul. Não

hoje à noite e provavelmente não ainda por semanas — só um mês depois da temporada de baseball o chão vai estar firme o suficiente para você sair pela estrada nessa cadeira de rodas. A menos que você queira se arremessar pela janela e rastejar.

Não, ele não queria fazer isso. Era fácil demais imaginar a dor nos ossos partidos depois de dez ou 15 minutos rastejando por poças frias e neve derretida feito um girino moribundo. E mesmo que ele conseguisse chegar até a estrada, quais seriam suas chances de parar um carro? Os únicos dois carros que ele ouvira além da velha Bessie tinham sido o Bel Air do Sr. Rei do Gado e o carro que o deixara aterrorizado ao passar pela casa da primeira vez em que ele escapara do “quarto de hóspedes”.

Ele desligou a luz e foi até a outra porta, a que ficava entre a geladeira e a despensa. Havia três trancas também, e essa nem dava para o lado de fora — pelo menos não diretamente. Havia outro interruptor ao lado da porta. Paul ligou-o e viu um puxadinho bem-arrumado que seguia a extensão da casa do lado contra o vento. A um canto havia uma pilha de madeira e um toco com um machado enfiado. No outro canto, uma bancada de trabalho e ferramentas penduradas em pregos. À esquerda havia outra porta. A lâmpada lá não era muito forte, mas era o bastante para que ele visse mais um ferrolho e outros dois cadeados Kreig.

Os Roydmans... todo mundo... contra mim...

— Não sei quanto *a eles* — disse Paul para a cozinha vazia —, mas *eu* com certeza estou.

Desistindo das portas, Paul foi até a despensa. Antes de olhar para a comida estocada nas prateleiras, ele olhou para os fósforos. Havia duas cartelas de fósforo de papelão e pelo menos duas dúzias de caixas de Diamond Blue Tips empilhadas.

Por um momento ele considerou simplesmente atear fogo na casa, depois começou a rejeitar a ideia como a mais ridícula que já tivera — e então viu algo que o fez reconsiderar o plano brevemente. Havia outra porta na despensa, e essa não estava trancada.

Ele a abriu e viu degraus íngremes e instáveis descendo até o porão. Um cheiro quase maligno de mofo e vegetais podres veio lá de baixo nas trevas. Ele ouviu ruídos baixos como guinchos e pensou no que Annie dissera: *Eles vão pro porão quando chove. Eu coloco ratoeiras. Tenho que colocar.*

Ele bateu a porta com força. Uma gota de suor escorreu por sua têmpora e entrou pelo canto do olho, ardendo. Paul enxugou o olho. Saber que a porta levava ao porão, ver que não havia cadeados nela, tudo isso fez a ideia de incendiar a casa parecer racional por um momento: ele poderia se esconder lá embaixo. Mas a escada era muito íngreme, a possibilidade de morrer carbonizado se a casa desabasse sobre a abertura do porão antes que os bombeiros de Sidewinder chegassem pareceu bem mais real, e os ratos lá embaixo... por algum motivo, o som dos ratos era o pior.

Como o coração dele bate! Como ele luta para escapar! Como nós, Paul. Como nós.

— África — disse Paul e não se ouviu falando. Ele começou a olhar para as latas e os sacos de comida na despensa, tentando decidir o que poderia pegar sem despertar suspeitas da próxima vez que ela fosse até ali. Parte dele percebeu o que isso significava: ele desistira da ideia de escapar.

Só por agora, protestou sua mente perturbada.

Não, respondeu uma voz mais profunda, implacável. *Para sempre, Paul. Para sempre.*

— Eu jamais vou desistir. Está entendendo? *Jamais.*

Ah, não?, sussurrou a voz cínica. *Bom... vamos ver, não é?*

Sim. Vamos ver, sim.

17

A despensa de Annie parecia mais um abrigo antibombas. Ele imaginou que aquilo se devia à situação de Annie: uma mulher vivendo sozinha no interior, onde se espera que alguém possa passar um dia — mas às vezes uma ou duas semanas — sem contato com o resto do mundo. Talvez até os melecas dos Roydmans tivessem uma despensa de fazer cair o queixo de um morador da cidade. Mas ele duvidava que os melecas dos Roydmans ou seja lá quem fosse tivessem algo que chegasse perto do que ele via. Não era uma despensa, era um puta de um supermercado. Ele achou que havia algum simbolismo na despensa de Annie: as fileiras de produtos tinham algo a dizer sobre a tênue fronteira entre o Estado Soberano da Realidade e a República Popular da Paranoia. Mas

em sua situação atual, tais amenidades não pareciam dignas de atenção. Foda-se o simbolismo. Pegue a comida.

Sim, mas tome cuidado. Não era só pelo que ela poderia dar por falta. Paul não podia pegar mais do que podia esconder se ela voltasse de súbito... e de que outra forma ela voltaria? O telefone estava mudo e ele não achava que Annie lhe enviaria um telegrama. Mas no final as coisas das quais ela daria falta ou que encontraria em seu quarto não importavam. Afinal, ele tinha que comer. Ele também era viciado nisso.

Sardinhas. Muita sardinha em latas retangulares com chave para girar. Ótimo. Ele levaria algumas. Latas de pasta de presunto. Não havia chave, mas ele podia abrir algumas latas na cozinha e comê-las primeiro. Enterrar as latas vazias na montanha de lixo que já havia ali. Havia uma embalagem aberta de passas Sun-Maid, com caixas menores dentro, que o texto do celofane rasgado chamava de “minilanches”. Paul juntou quatro minilanches ao monte que já carregava no colo, e também caixas de porção individual de sucrilhos sem açúcar. Ele notou que não havia caixas de cereal açucarado. Annie devia ter comido tudo em seu último ataque depressivo.

Em uma prateleira mais alta ele viu tiras de carne-seca, empilhadas como a madeira que vira no barracão de Annie. Ele pegou quatro, tentando não destruir a estrutura piramidal, e comeu uma com avidez, apreciando a gordura e o sal. Ele enfiou a embalagem na cueca para se livrar dela depois.

Suas pernas começavam a doer. Ele decidiu que, se não ia escapar nem incendiar a casa, era melhor voltar para o quarto. Era um anticlímax, mas as coisas podiam ser piores. Ele podia tomar dois comprimidos e escrever até ficar com sono. Então dormiria. Ele duvidava que ela voltaria aquela noite. Em vez de diminuir, a tempestade estava ficando mais forte. A ideia de escrever em paz e então dormir — sabendo que estava perfeitamente sozinho, que Annie não iria entrar de supetão no quarto com alguma ideia louca ou exigência demente — o atraía, com ou sem anticlímax.

Ele deu ré para sair da despensa, parou para desligar as luzes, se lembrando de que ele tinha que

(enxaguar)

pôr tudo de volta em ordem enquanto se retirava. Se a comida acabasse antes de ela voltar, ele sempre podia voltar e pegar mais,

(como um rato faminto, não é, Paulie?)

mas ele não podia esquecer de ser cuidadoso. Não seria bom esquecer o simples fato de que arriscava a vida cada vez que saía do quarto. Não seria bom mesmo.

18

O álbum sob a mesinha de centro da sala chamou sua atenção enquanto ele se movia pela sala. DOCES LEMBRANÇAS. Era grande como o primeiro livro infólio das obras de Shakespeare e grosso como uma Bíblia.

Curioso, Paul pegou o álbum e abriu.

Na primeira página havia uma coluna de jornal com a manchete NÚPCIAS DE WILKES-BERRYMAN. Havia uma foto de um homem pálido de rosto estreito e uma mulher de olhos escuros e boca franzida. Paul olhou da foto para o retrato sobre o lintel. Não havia dúvida. A mulher que o jornal identificava como Crysilda Berryman (*eis aí um nome digno de um romance de Misery*, pensou ele) era a mãe de Annie. Escrito em boa letra e tinta negra sob a notícia: *Bakersfield Journal*, 30 de maio de 1938.

Na página dois havia um anúncio de nascimento: Paul Emery Wilkes, nascido no Bakersfield Receiving Hospital em 12 de maio de 1939. Pai, Carl Wilkes. Mãe, Crysilda Wilkes. O nome do irmão mais velho de Annie fez seu coração parar. Devia ser o irmão com quem ela ia ao cinema ver os seriados. O irmão dela se chamava Paul também.

A página três anunciava o nascimento de Anne Marie Wilkes em 1º de abril de 1943. O que significava que Annie tinha pouco mais de 44 anos. O fato de que ela nascera no Dia da Mentira não passou despercebido a Paul.

O vento soprava forte do lado de fora. A chuva batia forte contra a casa.

Fascinado, esquecendo temporariamente a dor, Paul virou a página.

A próxima notícia era da primeira página do *Bakersfield Journal*. A foto mostrava um bombeiro em uma escada, uma silhueta negra contra um fundo brilhante de chamas que lambiam as janelas de um prédio.

Cinco pessoas, quatro da mesma família, morreram nas primeiras horas da manhã de quarta-feira, vítimas de um incêndio em um complexo de apartamentos em Watch Hill Avenue. Três das vítimas eram crianças: Paul Krenmitz, 8 anos, Frederick Krenmitz, 6 anos, e Alison Krenmitz, 3 anos. A quarta vítima foi o pai, Adrian Krenmitz, de 41 anos. O sr. Krenmitz resgatou a única sobrevivente, Laurene Krenmitz, de 18 meses. De acordo com a sra. Jessica Krenmitz, o marido pôs a criança em seus braços e disse: “Eu já volto com os outros. Reze por nós.” “Foi a última vez que o vi com vida”, disse ela.

A quinta vítima, Irving Thalman, de 58 anos, era solteiro e vivia no último andar do prédio. O apartamento do terceiro andar estava vazio na hora do incêndio. Carl Wilkes e sua família, que foram inicialmente dados como desaparecidos, saíram do prédio na terça-feira à noite por causa de um vazamento de água na cozinha.

“Eu lamento muito pela sra. Krenmitz e por sua perda”, a sra. Crysilda Wilkes disse ao nosso repórter. “Mas agradeço a Deus por ter poupado meu marido e meu casal de filhos.”

Michael O’Whunn, chefe do departamento de bombeiros, disse que o incêndio começou no porão do prédio. Ao ser interrogado quanto à possibilidade de incêndio criminoso, ele disse:

“É mais provável que um bêbado tenha entrado no porão, enchido a cara e então causado o incêndio sem querer, com um cigarro. Ele deve ter fugido em vez de tentar apagar o incêndio, e cinco pessoas morreram. Espero que consigamos capturar esse elemento.” Ao ser perguntado sobre possíveis pistas, O’Whunn disse: “Posso afirmar que a polícia tem várias pistas e está investigando a fundo.”

A mesma escrita em tinta negra embaixo: *28 de outubro de 1954.*

Paul ergueu o olhar. Ele estava completamente parado, mas sua pulsação latejava forte na garganta. Sentia as entranhas quentes, ardendo.

Pestinhas.

Três das vítimas eram crianças.

As quatro pestinhas da sra. Krenmitz no andar de baixo.

Oh não, ah, Cristo, não...

Eu odiava aqueles pestinhas.

Ela era só uma criança! Nem estava em casa no dia!

Ela tinha 11 anos. Velha e inteligente o suficiente para quem sabe derramar querosene perto de uma garrafa de bebida barata, acender uma vela e colocá-la no meio do querosene. Talvez nem achasse que fosse funcionar. Talvez achasse que o querosene evaporaria antes que a vela queimasse até o fim. Talvez achasse que eles escapariam com vida... talvez só quisesse assustá-los, fazê-los mudar de casa. Mas ela fez, Paul, ela fez isso e você sabe.

Sim. Ele viu que era verdade. E quem suspeitaria dela?

Paul virou a página.

Era outra notícia do *Bakersfield Journal*, dessa vez com a data de 19 de julho de 1957. Mostrava uma foto de Carl Wilkes, com aparência um pouco mais envelhecida. Uma coisa era clara: ele não ia envelhecer mais que isso. A notícia relatava o seu óbito.

CONTADOR DE BAKERSFIELD MORRE EM QUEDA BIZARRA

Carl Wilkes, morador de Bakersfield, morreu pouco depois de dar entrada no Hernandez General Hospital a noite passada. Ele tropeçou em uma pilha de roupas que foi deixada na escada enquanto ia até o primeiro andar para atender o telefone. O dr. Frank Canley, o médico de plantão, disse que Wilkes morreu de fraturas múltiplas no crânio e pescoço quebrado. Ele tinha 44 anos.

Wilkes deixa a esposa, Crysilda, um filho, Paul, de 18 anos, e uma filha, Anne, de 14 anos.

Quando Paul virou a página, acreditou por um momento que Annie havia colado duas cópias do obituário do pai, por sentimentalismo ou acidente (ele achou que a última possibilidade era a mais provável). Mas tratava-se de um outro evento, e o motivo da similaridade entre os dois casos era bem simples: nenhum dos dois tinha sido acidente.

Ele sentiu o terror simples e total dominá-lo.

A boa letra sob a notícia dizia: *Los Angeles Call, 29 de janeiro de 1962.*

ESTUDANTE DA USC MORRE EM QUEDA BIZARRA

Andrea Saint James, estudante de enfermagem da USC, foi declarada morta no Mercy Hospital na zona norte de Los Angeles a noite passada, vítima do que parece ter sido um acidente bizarro.

A srta. Saint James dividia um apartamento fora do campus da Universidade em Delorme Street com outra estudante de enfermagem, Anne Wilkes, de Bakersfield. Um pouco antes das 23h, a srta. Wilkes ouviu um grito curto seguido de “terríveis sons de pancadas”. A srta. Wilkes, que estava estudando, correu até o terceiro andar e viu a srta. Saint James caída no térreo “em uma posição não natural”.

A srta. Wilkes disse que quase caiu também na pressa de prestar ajuda. “Nós tínhamos um gato chamado Peter Gunn, mas já não o víamos há dias e pensamos que a carrocinha devia tê-lo capturado porque nós nunca nos lembrávamos de botar uma coleira nele. Ele estava morto na escada. Ela tropeçou no gato. Eu cobri Andrea com meu suéter e então chamei o hospital. Eu sabia que ela estava morta, mas não sabia quem mais chamar.”

A srta. Saint James, de Los Angeles, tinha 21 anos.

— Jesus...

Paul sussurrou o nome várias vezes. Sua mão tremia demais ao virar a página. Havia um recorte de jornal que dizia que o gato de rua adotado pelas enfermeiras havia sido envenenado.

Peter Gunn. Nome legal para um gato, pensou Paul.

A síndica tinha ratos no porão. Reclamações dos inquilinos tinham resultado em um aviso dos fiscais de habitação no ano anterior. A síndica causara transtorno em uma reunião subsequente do Conselho Municipal, que foi agitado o suficiente para ser mencionado pelos jornais. Annie sabia disso. Tendo recebido uma multa alta dos funcionários municipais, que não gostavam de ser xingados, ela enchera o porão com iscas envenenadas. O gato come o veneno. O gato agoniza por dois dias no porão. O gato então se arrasta com as últimas forças para chegar perto das donas o mais possível antes de morrer — e mata uma das donas.

*Uma ironia digna de Paul Harvey,*⁸ pensou Paul Sheldon e riu com abandono. *Aposto que foi a melhor notícia do jornal naquele dia também.*

Bom. Muito bom.

Só que nós sabemos que Annie pegou um pouco do veneno do porão e o deu para o gato, e se o velho Peter Gunn não quis comer, ela provavelmente enfiou a isca à força goela abaixo com um graveto. Quando ele morreu, ela o dispôs na escada e

esperou que funcionasse. Talvez soubesse que a companheira chegaria em casa um pouco alta. Eu não me surpreenderia. Um gato morto, uma pilha de roupas. Mesmo modus operandi, como Tom Twyford diria. Mas por que, Annie? Os recortes dizem tudo, menos isso. POR QUÊ?

Como modo de autopreservação, parte de sua imaginação tinha se tornado Annie ao longo das últimas semanas e agora era essa parte-Annie que falava com uma voz seca e incontestável. E embora o que dissesse fosse perfeitamente insano, também fazia perfeito sentido.

Eu a matei porque ela ouvia rádio tarde da noite.

Eu a matei por causa do nome imbecil que ela deu ao gato.

Eu a matei porque fiquei cansada de vê-la chupando a língua do namorado no sofá e ele com a mão enfiada tão fundo na saia dela que parecia que estava procurando petróleo.

Eu a matei porque a peguei colando em um exame.

Eu a matei porque ela me pegou colando em um exame.

Os detalhes específicos não importam, não é? Eu a matei porque ela era uma meleca de uma babaca, e foi o suficiente.

— E talvez ela fosse uma Dona Sabichona — sussurrou Paul. Ele arremessou a cabeça para trás e deu outra risada aguda e amedrontada. Então essas eram as Doces Memórias? Annie com certeza tinha alguns doces bem azedos guardados ali.

Ninguém jamais conectou as duas quedas? Primeiro o pai, depois a colega de quarto? Você está falando sério?

Sim, ele estava falando sério. Os acidentes tinham acontecido com cinco anos de intervalo, em cidades diferentes. Tinham sido noticiados por jornais diferentes em um estado populoso em que as pessoas provavelmente estavam sempre caindo de escadas e quebrando o pescoço.

E ela era muito, muito inteligente.

Parecia quase tão inteligente quanto o próprio Satã. Só agora ela começava a ratear. E seria pouco conforto para ele se Annie finalmente fosse condenada pela morte de Paul Sheldon.

Ele virou a página e descobriu outro recorte do *Bakersfield Journal* — o último. A manchete dizia: SRTA. WILKES SE FORMA EM ENFERMAGEM. Moça local avança na carreira. 17 de maio de 1966. A foto era de uma Annie Wilkes surpreendentemente bonita, usando uniforme e quepe de enfermeira e

sorrindo para a câmera. Era a foto de formatura, é claro. Ela se formara com honras. *E só precisou matar uma colega de quarto*, pensou Paul e deu outra gargalhada aterrorizada. O vento soprou contra o lado da casa como se respondesse. A fotografia da mamãe de Annie sacudiu um pouco na parede.

O próximo recorte era de Manchester, New Hampshire, do *Union-Leader*. 2 de março de 1969. Parecia um simples obituário sem qualquer relação com Annie Wilkes. Ernest Gonyar, de 79 anos, morrera no Saint Joseph's Hospital. A causa da morte não era declarada, e o texto dizia apenas: “Depois de uma longa batalha contra a doença.” Ele deixava a esposa, 12 filhos e uns quatrocentos netos e bisnetos. Nada como a falta de televisão para produzir mais descendentes que um coelho, pensou Paul e gargalhou novamente.

Ela o matou. Foi isso que aconteceu com o bom e velho Ernie. Por que outro motivo seu obituário estaria ali? Esse é o Livro dos Mortos de Annie, não é?

Por que, pelo amor de Deus? POR QUÊ?

Com Annie Wilkes, essa pergunta jamais terá uma resposta não insana. Como você sabe.

Outra página, outro obituário do *Union-Leader*. 19 de março de 1969. A mulher era identificada como Hester “Queenie” Beaulifant, de 84 anos. Na foto ela parecia com algo cujos ossos tivessem sido exumados dos Poços de Piche de La Brea. A mesma doença que levara Ernie também levara “Queenie” — parece que havia um monte de “longas batalhas contra a doença” por aí. Assim como Ernie, ela falecera no Saint Joseph's Hospital. Visitas às 14h e 18h no dia 20 de março na Funerária Foster. Enterro no Cemitério Mary Cyr em 21 de março às 16h.

Deviam ter tocado Annie, Won't You Come by Here,⁹ cantada pelo Coro do Tabernáculo Mórmon, pensou Paul e gargalhou forte outra vez.

Havia mais três obituários do *Union-Leader* nas páginas seguintes. Dois idosos haviam morrido da favorita das gentes, “longa batalha contra a doença”. O terceiro era de uma mulher de 46 anos chamada Paulette Simeaux. Paulette morrera da segunda preferida, “curta batalha contra a doença”. Embora a foto que acompanhava a notícia fosse ainda mais granulada e desfocada que o normal, Paul viu que Paulette Simeaux fazia “Queenie” Beaulifant parecer o Pequeno Polegar. Ele achou que a doença havia sido curta mesmo: uma trombose violenta, seguida da estadia no Saint Joseph, seguida de... de quê, exatamente?

Ele realmente não queria pensar nos detalhes... mas todos os três obituários confirmavam o mesmo hospital como local de óbito.

E se olhássemos o registro de enfermeiras de março de 1969, será que encontraríamos o nome WILKES? Pode apostar a meleca da cueca.

Santo Deus, o álbum era enorme.

Por favor, chega. Não quero mais olhar. Já entendi. Vou colocar esse álbum exatamente onde encontrei. Então vou voltar para o meu quarto. Acho que não estou mais com vontade de escrever. Acho que vou só tomar mais um comprimido e dormir. Seguro contra pesadelo. Mas chega das doces lembranças de Annie Wilkes, por favor. Por favor.

Mas suas mãos pareciam decidir por si sós; continuavam a virar as páginas cada vez mais rápido.

Mais duas breves notícias sobre mortes no *Union-Leader*: uma no final de setembro de 1969, uma no começo de outubro.

19 de março de 1970. Uma notícia do *Herald* de Harrisburg, Pennsylvania. Uma última página. ANUNCIADA NOVA EQUIPE DO HOSPITAL. Havia uma foto de um homem calvo e de óculos que pareceu a Paul o tipo que come meleca em segredo. A matéria dizia que, além do novo diretor de publicidade (o sujeito calvo e de óculos), outros vinte profissionais tinham se juntado ao Riverview Hospital: dois médicos, oito enfermeiras, pessoal de cozinha, atendentes e um zelador.

Annie era uma das enfermeiras.

Na página seguinte, pensou Paul, eu vou ver uma notícia curta sobre a morte de um velhinho ou velhinha que morreu no Riverview Hospital em Harrisburg, Pennsylvania.

Correto. Um pobre pateta que morrera da favorita das gentes, “longa batalha”.

Seguido por um idoso que morrera da eterna segunda colocada, “curta batalha”.

Seguido por uma criança de 3 anos que caíra em um poço, sofrera graves ferimentos na cabeça e fora levada em coma até o Riverview.

Atordoado, Paul continuou a virar as páginas enquanto o vento e a chuva batiam contra a lateral da casa. O padrão era inescapável. Ela arranjava emprego, matava algumas pessoas e seguia em frente.

Subitamente uma imagem surgiu, vinda de um sonho que sua mente consciente já esquecera, ganhando assim a ressonância de oráculo de um déjà-vu. Ele viu Annie Wilkes em um longo vestido com avental e a cabeça coberta com o quepe, uma Annie que parecia uma enfermeira do Hospital para Lunáticos de Londres. Ela trazia uma cesta. Pegava alguma coisa de dentro dela. Era areia, que então jogava nos rostos dos pacientes pelos quais passava. Não era a areia balsâmica do sono. Era areia envenenada. Estava matando todos eles. Quando atingia os pacientes, seus rostos ficavam pálidos e as linhas dos monitores das máquinas ficavam retas.

Talvez ela tenha matado os filhos dos Krenmitz porque eram pestinhas... e a colega de quarto... talvez até o próprio pai. Mas esses outros?

Mas ele sabia. A Annie que havia nele sabia. Velhos e doentes. Todos eram velhos e doentes exceto a sra. Simeaux, e ela não devia passar de um vegetal quando Annie chegou. A sra. Simeaux e o menino que caíra no poço. Annie os matara porque...

— Porque eram ratos numa ratoeira — sussurrou ele.

Pobrezinhos. Pobrezinhos.

Claro. Era isso. No ponto de vista de Annie, as pessoas do mundo se dividiam em três grupos: pestinhas, pobrezinhos... e Annie.

Ela se movera inexoravelmente para o Oeste. De Harrisburg até Pittsburgh, de lá até Duluth e depois Fargo. Então, em 1978, Denver. Em todos os casos o padrão era o mesmo: uma matéria “bem-vindos a bordo” em que o nome de Annie era mencionado entre outros (Paul presumiu que ela perdera o “bem-vindos a bordo” de Manchester por não saber que jornais locais publicavam essas coisas), e então duas ou três mortes discretas. Depois o ciclo começava de novo.

Quer dizer, até Denver.

A princípio, parecia tudo igual. Havia a matéria sobre a NOVA EQUIPE que mencionava o nome de Annie, dessa vez no jornal interno do Denver's Receiving Hospital. O jornal interno era identificado pela letra bonita de Annie como *A Padiola*.

— Mas que belo nome para um jornal de hospital — Paul disse para a sala vazia. — Me surpreende que não tenham chamado logo de “Exame de Fezes”. Ele deu mais uma gargalhada aterrorizada. Virou a página e viu o primeiro

óbito, tirado do *Rocky Mountain News*. Laura D. Rothberg. “Longa batalha.” 21 de setembro de 1978. Denver Receiving Hospital.

Então o padrão mudou completamente.

A próxima página anunciava um casamento em vez de um funeral. A foto mostrava Annie, não de uniforme mas em um vestido branco de renda. Ao seu lado, segurando suas mãos, estava um homem chamado Ralph Dugan. Dugan era terapeuta corporal. BODAS DE DUGAN-WILKES, dizia a manchete. *Rocky Mountain News*, 2 de janeiro de 1979. Dugan não era nem um pouco notável, exceto por uma coisa: ele parecia o pai de Annie. Paul achou que se o bigode “tou-facinho” de Dugan fosse rapado — algo em que ela deve ter insistido logo após a lua de mel — a semelhança seria incrível.

Paul verificou a espessura do monte de páginas à frente e pensou que Ralph Dugan devia ter checado seu horóscopo — seu *horror-scopo*, melhor dizendo — no dia que propôs casamento a Annie.

Acho que há chances muito boas de em algum ponto mais adiante eu encontrar uma notícia breve sobre você. Algumas pessoas têm encontros em Samarra.¹⁰ Você eu acho que teve um encontro com uma pilha de roupas ou um gato morto na escada. Um gato morto com um nome bonitinho.

Mas ele estava errado. A próxima notícia era sobre NOVOS MORADORES do jornal de Nederland. Nederland era uma cidade pequena a oeste de Boulder. Paul achou que não era muito longe dali. Por um instante ele não conseguiu encontrar Annie no recorte cheio de nomes, e então percebeu que procurava pelo nome errado. Ela estava lá, mas tinha se tornado parte de uma empresa homossexual chamada “Sr. e Sra. Ralph Dugan”.

Paul ergueu a cabeça subitamente. Era um carro chegando? Não... apenas o vento. Com certeza era o vento. Ele olhou para o álbum de Annie.

Ralph Dugan voltara a ajudar os entrevados, coxos e cegos no Arapahoe County Hospital. Provavelmente Annie retornara ao trabalho honrado de enfermeira, ajudando e confortando os gravemente feridos.

Agora começam as mortes, pensou ele. A única dúvida era sobre Ralph: ele aparece no começo, no meio ou no final?

Mas ele estava errado novamente. Em vez de óbito, o próximo recorte mostrava uma fotocópia de um panfleto de imobiliária. No canto superior esquerdo havia a foto de uma casa. Paul só a reconheceu pelo celeiro próximo — pois ele jamais vira a casa pelo lado de fora.

Embaixo, na letra firme de Annie: *Depósito pago em 3 de março de 1979. Papéis assinados em 18 de março de 1979.*

Um lar para os anos de aposentadoria? Paul duvidava. Para passar o verão? Não. Não podiam arcar com as despesas. Então...?

Bom, talvez fosse só fantasia, mas que tal isso: talvez ela realmente ame Ralph Dugan. Talvez um ano tenha se passado e ela não tenha desconfiado de caquinha nenhuma dele. *Alguma coisa* certamente tinha mudado. Não tinha havido mais obituários desde...

Ele voltou as páginas para ver.

Desde Laura Rothberg em setembro de 1978. Ela parara de matar mais ou menos na mesma época em que conhecera Ralph. Mas isso fora na época, e isto é agora. Agora a pressão está começando a aumentar de novo. Os interlúdios depressivos estão retornando. Ela olha para os idosos... os doentes terminais... e pensa em como são pobrezinhos, e talvez pense: *É esse ambiente que me deprime. Os corredores ladrilhados, os cheiros e o guinchar dos sapatos de sola de crepe e os sons de pessoas sofrendo. Se eu sair daqui, vou ficar bem.*

Assim, Ralph e Annie pareciam ter retornado para o interior.

Ele virou a página e piscou.

Na página, escrito com tanta força que o papel se rasgara em vários pontos, aparecia: 23 de AGO. de 1980 VAI SE FODER!

O papel era bem grosso mas não resistira à fúria da mão que manuseara a caneta.

Era a coluna DIVÓRCIOS do jornal de Nederland, mas ele precisou virar o álbum para ter certeza de que Annie e Ralph eram mencionados. Ela colara o recorte de cabeça para baixo.

Sim, eles eram mencionados. Ralph e Anne Dugan. Motivo: crueldade psicológica.

— Divorciados após uma curta batalha — murmurou Paul e ergueu o rosto outra vez, achando ter ouvido um carro se aproximando. O vento, era apenas o vento... mas era melhor que ele retornasse à segurança do quarto. Não era só a dor nas pernas que piorava. Ele estava prestes a ter uma síncope nervosa.

Mas ele se curvou sobre o álbum outra vez. De um jeito estranho, era quase bom demais para deixar pra lá, como um romance tão repelente que não se consegue largar até terminar.

O casamento de Annie terminara de maneira bem mais civilizada do que Paul esperava. Parecia justo dizer que o divórcio ocorrera após uma curta batalha — pois um ano e meio de felicidade conjugal não era tanta coisa assim.

Eles compraram uma casa em março, o tipo de coisa que não se faz quando um casamento está caindo aos pedaços. O que aconteceu? Paul não sabia. Ele podia inventar uma história, mas não passaria disso. Então, relendo o recorte, ele notou algo sugestivo. *Angela Ford pedira divórcio de John Ford. Kirsten Frawley, de Stanley Frawley. Danna McLaren, de Lee McLaren. E...*

Ralph Dugan, de Anne Dugan.

Essa é a maneira americana, não é? Homens propõem casamento, mas são as mulheres que pedem divórcio. Não é sempre assim, mas é quase sempre. Então o que essa estrutura gramatical nos diz? Angela está dizendo: “Você não passa de um moleque, Jack!” Kirsten está dizendo: “Você não é mais um galã, Stan!” Danna está dizendo: “Caia fora daqui, Lee!” E o que Ralph, o único homem listado na primeira coluna, está dizendo? Acho que ele está dizendo: “Me deixa sair daqui!”

— Talvez ele tenha visto o gato morto na escada — disse Paul.

Próxima página. Mais uma matéria tipo NOVOS MORADORES. Agora do *Camera*, de Boulder, Colorado. Uma fotografia dos novos membros da equipe no gramado do Boulder Hospital. Annie estava na segunda fileira, e seu rosto era um círculo branco vazio sob o quepe com a listra preta. Pronta para a estreia de mais um show. A data embaixo era 9 de março de 1981. Ela voltara a usar o nome de solteira.

Boulder. Ali Annie tinha enlouquecido de verdade.

Ele virou as páginas cada vez mais rápido com horror crescente, e os dois pensamentos que se repetiam eram: *Como em nome de Deus eles não notaram logo?* e *Como em nome de Deus ela escapou deles?*

10 de maio de 1981 — “curta batalha”. 14 de maio de 1981 — “longa batalha”. 23 de maio — “longa batalha”. 9 de junho — “curta batalha”. 15 de junho — “curta”. 16 de junho — “longa”.

Curta. Longa. Longa. Curta. Longa. Longa. Curta.

As páginas passavam por seus dedos. Ele podia sentir o odor fraco de cola de papel seca.

— Cristo, quantos ela matou?

Se fazia sentido presumir que cada obituário colado no álbum equivalia a um assassinato, então ela havia matado mais de trinta pessoas no fim de 1981...

sem um único erguer de sobrelance das autoridades. Claro que a maioria das vítimas era idosa, mas ainda assim...

Em 1982 Annie finalmente tropeçou. O recorte do *Camera* de 14 de janeiro mostrava seu rosto impassível e pálido em *halftone* sob uma manchete que dizia: NOMEADA NOVA ENFERMEIRA-CHEFE DA MATERNIDADE.

Em 29 de janeiro as mortes no berçário começaram.

Annie preservara toda a sequência de eventos meticulosamente. Paul não teve problemas para entender. *Se o pessoal que quer ver você pelas costas pusesse as mãos nesse álbum, Annie, você seria metida numa cadeia — ou sanatório — até o fim dos tempos.*

As primeiras duas mortes de crianças não despertaram suspeita — uma das notícias mencionava graves defeitos de nascença. Mas bebês — defeituosos ou não — não eram como idosos morrendo de falência renal ou vítimas de acidentes de carro trazidas ainda vivas apesar de estarem com metade da cabeça faltando ou com buracos no torso do tamanho de um volante de carro. E então ela começara a matar os saudáveis junto com os adoentados. Ele imaginou que Annie — cada vez mais perdida em uma espiral de psicose — começara a ver todos ali como pobrezinhos.

Em meados de março de 1982 tinha havido cinco mortes na maternidade do Boulder Hospital. Iniciou-se uma rigorosa investigação. No dia 24 de março o *Camera* aventou a possibilidade de leite em pó estragado ser a causa das mortes. Uma “fonte confiável dentro do hospital” era mencionada, e Paul se perguntou se a fonte não era a própria Annie Wilkes.

Outro bebê morreu em abril. Dois em maio.

Então, na primeira página do *Denver Post* de 1º de junho:

ENFERMEIRA-CHEFE DA MATERNIDADE INTERROGADA SOBRE MORTES DE
CRIANÇAS

Nenhuma Acusação Feita Ainda, diz Porta-voz da Polícia

Por Michael Leith

Anne Wilkes, 39 anos, enfermeira-chefe da maternidade no Boulder Hospital, está sendo interrogada hoje sobre as mortes de oito crianças — mortes que ocorreram no espaço de alguns meses. Todas as mortes sucederam após a srta. Wilkes tomar posse.

Ao ser perguntada se a srta. Wilkes estava presa, a porta-voz da Polícia, Tamara Kinsolving, respondeu que não. Ao ser perguntada se a srta. Wilkes fora por vontade própria prestar depoimento, a srta. Kinsolving respondeu: “Na verdade não foi isso o que aconteceu. As coisas são um pouco mais sérias que isso.” Perguntada se Wilkes tinha sido acusada de algum crime, a srta. Kinsolving respondeu: “Não. Não ainda.”

O resto do artigo mencionava a carreira de Annie. Era óbvio que ela andara um bocado por aí, mas não havia indício de que os pacientes em todos os hospitais em que Annie trabalhara — não só os de Boulder — costumavam bater as botas quando ela estava por perto.

Paul olhou para a fotografia que acompanhava a matéria, fascinado.

Annie sob custódia. Santo Deus, Annie sob custódia. O ídolo não caído, mas ameaçando cair... ameaçando...

Ela aparecia subindo degraus de pedra na companhia de um policial robusto, com uma expressão vazia, quase entediada. Ela usava o uniforme e os sapatos brancos de enfermeira.

Na próxima página: WILKES LIBERADA, NÃO DIZ NADA EM INTERROGATÓRIO.

Ela escapara. De alguma maneira, Annie escapara. Era a hora de ela sumir e aparecer em outro lugar: Idaho, Utah, talvez Califórnia. Em vez disso ela voltou ao trabalho. E em vez de uma coluna de NOVOS MORADORES de algum lugar mais a oeste, havia uma grande manchete da primeira página do *Rocky Mountain News* de 2 de julho de 1982:

O Horror Continua:

MAIS TRÊS CRIANÇAS MORREM NO BOULDER HOSPITAL

Dois dias depois as autoridades prenderam um servente porto-riquenho, soltando-o nove horas depois. Então, em 19 de julho, o *Denver Post* e o *Rocky Mountain News* anunciaram a prisão de Annie. Houve um inquérito preliminar no começo de agosto. No dia 9 de setembro ela foi a julgamento pelo assassinato de Anjinho Christopher, um bebê do sexo feminino de um dia de idade. Além de Anjinho Christopher, havia mais sete acusações de homicídio qualificado. A matéria dizia que algumas das vítimas de Annie tinham vivido tempo suficiente para receber nomes de verdade.

Entre os relatos do julgamento havia Cartas ao Editor que saíram nos jornais de Denver e de Boulder. Paul compreendeu que Annie selecionara os mais hostis — os que reforçavam sua visão preconceituosa da humanidade como *Homo pestinhis* —, mas de qualquer maneira o conteúdo das cartas era realmente agressivo. Parecia haver um consenso: a força seria algo bom demais para Annie Wilkes. Um dos remetentes a chamara de Mulher Dragão, e o nome pegou. A maioria parecia achar que a Mulher Dragão merecia ser perfurada até a morte com garfos incandescentes, e os remetentes chegavam a se oferecer para perfurá-la.

Ao lado de uma das cartas Annie escrevera, em uma letra patética e trêmula bem diferente de sua escrita usual: *Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras não me atingem.*

Ficou claro que o maior erro de Annie foi não parar quando as pessoas finalmente desconfiaram que algo estava acontecendo. A história tinha sido horrível, mas, pelo jeito, não horrível o suficiente. O ídolo apenas estremeceu. O caso da promotoria era inteiramente circunstancial e, em certos pontos, fraco demais. O promotor tinha uma marca de mão no rosto e no pescoço de Anjinho Christopher, com o mesmo tamanho da mão de Annie e ainda a marca do anel de ametista que ela usava no quarto dedo da mão direita. O promotor também tinha um registro das entradas e saídas da maternidade que correspondia mais ou menos às mortes das crianças. Mas Annie era a enfermeira-chefe da maternidade, e estava *sempre* entrando e saindo de lá. A defesa conseguiu isolar dezenas de ocasiões em que Annie entrara na maternidade sem que *nada* de sinistro ocorresse. Paul achava que isso era como provar que meteoros jamais atingiam a Terra baseando-se em cinco dias consecutivos em que nenhum meteoro tinha caído na parte norte da fazenda do Roceiro João, mas ele compreendia o peso que o argumento teria com o júri, de qualquer forma.

A promotoria preparou o cerco tão bem quanto possível, mas a impressão da mão com o anel foi a prova mais incriminadora de que conseguiram dispor. O fato de o Estado do Colorado ter escolhido levar Annie a julgamento, considerando a pouca chance de condenação baseada nas provas, deixou Paul com uma hipótese e uma certeza. A hipótese era que Annie tinha dito coisas bastante sugestivas — talvez até incriminadoras — durante o primeiro interrogatório. Seu advogado conseguira impedir a inclusão da transcrição do

interrogatório nas provas admissíveis no julgamento. A certeza era de que a decisão de Annie de representar a si mesma no inquérito preliminar tinha sido extremamente infeliz. Pois seu advogado não conseguiu impedir a inclusão desse depoimento nos autos do processo (apesar de ele ter tentado de todas as maneiras possíveis), e embora Annie não tivesse jamais confessado abertamente durante os três dias de agosto em que ela “fora chamada para depor em Denver”, Paul achava que era como se ela tivesse confessado tudo.

Os trechos dos recortes colados no álbum continham algumas pérolas:

“Eles me faziam sentir triste? É claro que me faziam ficar triste, considerando o mundo em que vivemos.”

“Eu não tenho nada de que ter vergonha. Eu nunca sinto vergonha. As coisas que eu faço são para sempre, eu nunca fico remoendo esse tipo de coisa.”

“Se eu fui ao funeral de alguma delas? É claro que não. Eu acho funerais muito tristes e deprimentes. E eu não acredito que bebês tenham alma.”

“Não, eu não chorei em momento algum.”

“Se eu me senti culpada? Acho que é uma pergunta filosófica, não é?”

“É claro que eu entendo suas perguntas. Eu entendo *todas* as suas perguntas. Eu sei que vocês todos querem me pegar.”

Paul achou que, *se ela tivesse insistido em se representar no julgamento, seu advogado teria atirado nela para calar sua boca.*

O caso foi a júri no dia 13 de dezembro de 1982. E havia uma surpreendente fotografia do *Rocky Mountain News*, uma foto de Annie sentada calmamente em sua cela lendo *A Missão de Misery*. A manchete dizia: TRISTEZA? NÃO PARA A MULHER DRAGÃO. Annie lê calmamente enquanto espera o veredito.

E então, em 16 de dezembro, as manchetes diziam: MULHER DRAGÃO INOCENTADA. Um jurado que pedira para não ser identificado dissera: “Eu tive sérias dúvidas sobre a inocência dela, sim. Infelizmente, também tive dúvidas razoáveis sobre a culpa dela. Espero que ela seja julgada outra vez por alguma das outras acusações. Talvez a promotoria possa construir um caso mais forte com alguma delas.”

Todos sabiam que tinha sido ela, mas ninguém podia provar. Assim, ela escapara por entre seus dedos.

O caso era concluído nas próximas quatro páginas. O promotor disse que Annie certamente seria julgada por alguma das outras acusações. Três semanas depois, ele disse que jamais havia dito aquilo. No começo de fevereiro de 1983, o escritório da promotoria emitiu um comunicado dizendo que, embora os casos de infanticídio no Boulder Hospital ainda estivessem em aberto, o caso contra Anne Wilkes tinha se encerrado.

Escapou por entre os dedos.

O marido não testemunhou nem pela acusação nem pela defesa. Me pergunto, por que será?

Havia mais páginas no álbum, mas ele podia ver, pelo modo como ficavam coladas umas às outras, que ele já estava no final da história de Annie (até o momento). Graças a Deus.

A próxima página era do *Sidewinder Gazette* de 19 de novembro de 1984. Campistas tinham encontrado o corpo mutilado e parcialmente desmembrado de um jovem na seção leste do Santuário de Vida Selvagem de Grider. O jornal da semana seguinte o identificava como Andrew Pomeroy, de 23 anos, natural de Cold Stream Harbor, Nova York. Pomeroy se mudara de Nova York para Los Angeles em setembro do ano anterior, na base da carona. Seus pais souberam dele pela última vez no dia 15 de outubro. Ele ligara a cobrar de Julesburg. O corpo foi encontrado em um leito seco de rio. A polícia trabalhava com a hipótese de que Pomeroy tinha sido morto perto da Interestadual 9, sendo levado pela correnteza até o Santuário de Vida Selvagem durante as chuvas de primavera. O laudo do legista dizia que os ferimentos tinham sido causados por um machado.

Paul se perguntou, não exatamente sem motivo, o quão longe ficaria o Santuário de Vida Selvagem de Grider dali.

Ele virou a página e viu o último recorte — pelo menos por enquanto — e subitamente perdeu o fôlego. Era como se, após atravessar a custo o necrológio sinistro quase insuportável das páginas anteriores, ele desse de cara com o *próprio* obituário. Não era, ainda, mas...

— Mas é perto o suficiente — disse Paul baixinho, com a voz embargada.

Era da *Newsweek*. A coluna “Mudanças”. Abaixo do divórcio de uma atriz de TV e acima da morte de um magnata do aço do Meio-Oeste aparecia o

seguinte item:

DESAPARECIDO: *Paul Sheldon*, 42 anos, romancista mais conhecido por sua série de livros sobre a adorável e sexy cabeça de vento Misery Chastain, foi dado como desaparecido por seu agente, Bryce Bell. Bell disse: “Acho que ele está bem, mas gostaria que ele entrasse em contato para me tranquilizar. E as ex-mulheres dele gostariam que ele entrasse em contato para tranquilizar as contas bancárias delas.” Sheldon foi visto pela última vez há sete semanas em Boulder, no Colorado, aonde foi para terminar um romance.

O recorte era de duas semanas atrás.

Dado como desaparecido. Era tudo. Apenas “dado como desaparecido”. Eu não estou morto, não é como estar morto.

Mas era como estar morto, e de repente ele precisava tomar o remédio porque não eram apenas suas pernas que doíam. *Tudo* doía. Ele colocou o álbum cuidadosamente no lugar e começou a empurrar a cadeira de rodas de volta para o quarto de hóspedes.

Do lado de fora, o vento soprava em rajadas mais fortes do que nunca, arremessando chuva fria contra a casa, e Paul seguiu na direção oposta, gemendo assustado, tentando desesperadamente se controlar e não irromper em lágrimas.

19

Uma hora mais tarde, dopado e caindo no sono, ele achou que o som do vento uivante agora confortava em vez de ameaçar. *Eu não vou escapar. Não mesmo. Como é que Thomas Hardy fala em seu último romance, Judas o Obscuro? “Alguém podia ter vindo e acabado com o terror que o rapaz sentia, mas ninguém fez isso... porque ninguém faz isso.” É. Certo. Seu navio não vai chegar porque não há barcos para mais ninguém. O Cavaleiro Solitário está ocupado filmando comercial de sucrilhos e o Super-homem está fazendo filmes em Hollywood. Você*

está por conta própria, Paulie. Sozinho da silva. Mas talvez seja bom. Porque talvez você saiba qual é a resposta afinal, não é?

Sim, claro que sabia.

Se ele quisesse escapar, teria que matá-la.

Sim. Essa é a resposta. Acho que é a única que existe. É a mesma brincadeira de sempre: “Sai dessa!”

Ele respondeu sem hesitação alguma. *Sim, eu posso.*

Seus olhos se fecharam. Ele dormiu.

20

A tempestade continuou por todo o dia seguinte. Na noite seguinte as nuvens se abriram e se dissiparam. A temperatura despencou de 16 graus para 3 negativos. Todo o mundo lá fora congelou. Sentado à janela do quarto, olhando para o mundo matutino de gelo ofuscante no segundo dia sozinho, Paul ouvia Misery guinchando no celeiro e uma das vacas mugindo.

Ele frequentemente ouvia os animais. Eram tão parte do cenário de fundo quanto o relógio dando as horas na sala. Mas ele não lembrava de ter ouvido o porco gritar tanto. Achava que a vaca já tinha mugido daquela forma uma vez antes, mas fora um som maligno ouvido ao longe em um sonho maligno, pois então ele estava imerso na própria dor. Foi quando Annie partiu pela primeira vez, deixando-o sem remédio. Ele crescera em um subúrbio de Boston e vivera a maior parte da vida em Nova York, mas achava que sabia o que significavam os berros doloridos do animal. Uma das vacas precisava ser ordenhada. A outra pelo jeito não, provavelmente sem leite por causa dos hábitos erráticos de ordenha de Annie.

E o porco?

Fome. Era tudo. E era o bastante.

Não teriam nenhum alívio aquele dia. Ele duvidou que Annie conseguisse voltar mesmo se quisesse. Aquela parte do mundo tornara-se um grande ringue de patinação. Ele ficou um pouco surpreso com a força da empatia que sentia pelos animais e com a força de sua raiva por Annie, que do alto de seu egoísmo arrogante os deixara para sofrer nas baias.

Se seus animais pudessem falar, Annie, eles lhe diriam quem é a coisa feia aqui.

Ele próprio se sentia confortável à medida que os dias se passavam. Comia comida enlatada, bebia água da jarra nova, tomava o remédio com regularidade, cochilava toda tarde. A história de Misery, sua amnésia e sua outrora desconhecida (e espetacularmente vil) progenitora seguiam velozmente na direção da África, onde se passaria a segunda parte do romance. A ironia é que Annie o forçara a escrever o que sem dúvida era o seu melhor romance de Misery. Ian e Geoffrey estavam em Southampton preparando uma escuna chamada *Lorelei* para a jornada. Misery, que continuava tendo acessos de transe cataléptico nos momentos mais inconvenientes (e que morreria quase instantaneamente se viesse a ser picada por outra abelha), seria curada — ou morta — no Continente Negro. Pois a 242 quilômetros de Lawstown (um pequeno acampamento anglo-holandês na ponta norte do perigoso crescente da Berbéria) viviam os bourkas, os nativos mais perigosos da África. Os bourkas eram chamados às vezes de “Povo-Abelha”. Poucos brancos que se aventuraram no território dos bourkas retornaram, mas os que o fizeram contavam histórias fabulosas sobre um rosto de mulher aparecendo no flanco de um alto platô esfacelado, um rosto implacável de boca aberta e com um enorme rubi engastado na testa de pedra. Havia outra história — apenas um boato, certamente, mas muito persistente — de que nas inúmeras cavernas dentro da rocha atrás da testa enfeitada de joias do ídolo vivia uma colmeia de abelhas albinas gigantes, enxameando protetoramente em volta da rainha, uma monstruosidade coloidal de peçonha infinita... e magia infinita.

Durante o dia ele se distraía com aquela tolice agradável. À noite ele ficava sentado quieto, escutando os guinchados do porco e pensando em como ele mataria a Mulher-Dragão.

Ele descobriu que brincar de “Sai dessa!” na vida real era bem diferente de brincar em um círculo de crianças ou em frente a uma máquina de escrever. Quando era apenas um jogo (e ainda era só um jogo mesmo quando davam dinheiro a você por isso), dava para pensar em algumas coisas bem loucas e fazê-las parecer críveis: o vínculo entre Misery Chastain e a srta. Charlotte Evelyn-Hyde, por exemplo (elas revelaram-se meias-irmãs; Misery mais tarde descobriria o pai na África vivendo com o Povo-Abelha bourka). Na vida real, no entanto, o improvável parecia perder o poder.

Não que Paul não tivesse tentado. Havia muitos remédios no banheiro — certamente ele poderia usá-los para tirá-la do caminho, não é? Ou pelo menos incapacitá-la o suficiente para que ele a eliminasse. O Novril, por exemplo. Se ela tomasse uma boa quantidade, ele nem precisaria fazer nada. Annie apagaria para sempre, sozinha.

Essa é uma ideia muito boa, Paul. Eu vou dizer o que você vai fazer. Pegue um monte de comprimidos e esconda no sorvete dela. Ela vai achar que é pistache e vai comer tudo.

Não, claro que *isso* não funcionaria. Nem dava para tentar a gracinha de abrir as cápsulas e misturar o pó no sorvete. Novril era de um amargor a toda prova. Ele provaria e sabia. Ela reconheceria o gosto imediatamente em meio à doçura esperada... *e então ai de você, Paul. Jesus cristinho, ai de você.*

Numa história teria sido uma ideia muito boa. Na vida real, no entanto, simplesmente não funcionava. Ele não tinha certeza de que se arriscaria a fazer aquilo, mesmo que o pó branco dentro dos comprimidos fosse quase ou completamente sem gosto. Não era seguro o suficiente, não era certo o suficiente. Aquilo não era um jogo. Era sua vida.

Outras ideias passaram por sua mente e foram rejeitadas ainda mais rapidamente. Uma ideia consistia em suspender algo (ele pensou imediatamente na máquina de escrever) sobre a porta para que Annie fosse morta ou nocauteada ao entrar no quarto. Outra era estender um fio na escadaria. Mas o problema em ambos os casos era o mesmo do Novril no sorvete: não havia certeza o suficiente de que funcionariam. Ele se viu incapaz de pensar no que poderia lhe acontecer se ele tentasse matar Annie e falhasse.

Enquanto a escuridão se adensava ao final do segundo dia, os guinchados de Misery continuavam, monótonos como sempre. Era um som como o de uma porta com dobradiças enferrujadas abrindo e fechando ao vento. Mas a vaca subitamente fez silêncio. Paul imaginou com inquietação se o odre do pobre animal teria se rompido, resultando em morte por hemorragia. Por um momento sua imaginação

(tão vívida!)

tentou mostrar-lhe uma imagem da vaca jazendo morta em uma poça de sangue e leite e ele expulsou o pensamento rapidamente. Ele disse a si mesmo para não ser tão imbecil. Vacas não morriam daquele jeito. Mas a voz que o

admoestava não passava convicção. Ele não sabia se vacas morriam daquele jeito ou não. E além disso, seu problema não era a vaca, não é?

Todas as suas ideias sofisticadas se reduzem a um fato: você quer matá-la por controle remoto, você não quer o sangue dela em suas mãos. Você é como um homem que adora um bom bife, mas que não suportaria passar uma hora no abatedouro. Mas escute, Paulie, e escute bem: esta é a hora em que você precisa encarar a realidade. Não vai ser nada sofisticado. Nada de preseçadas. Certo?

Certo.

Ele voltou até a cozinha e abriu as gavetas até encontrar as facas. Ele selecionou a maior faca de açougueiro e voltou para seu quarto, onde fez uma pausa para limpar as marcas das calotas dos lados da porta. Apesar dos seus esforços, os sinais de sua passagem estavam se tornando mais fortes.

Não importa. Se ela não notar nada dessa vez, não vai mais notar.

Ele pôs a faca no criado-mudo, se içou até a cama, então enfiou a faca sob o colchão. Quando Annie voltasse, ele iria pedir um copo de água gelada, e quando ela se inclinasse sobre ele para lhe dar de beber, ele iria enfiar a faca em sua garganta.

Nada sofisticado.

Paul fechou os olhos e caiu no sono, e quando o Cherokee retornou sussurrando pelo caminho às quatro da manhã com as luzes e o motor desligados, ele não se moveu. Ele não fazia ideia de que ela tinha retornado até sentir a picada da agulha no braço e acordar vendo o rosto de Annie pairando acima do seu.

21

A princípio ele achou que sonhava a respeito do livro, que a escuridão eram as trevas de sonho das cavernas atrás da enorme cabeça de pedra da Deusa-Abelha bourka e que a picada fora uma picada de abelha...

— Paul?

Ele murmurou algo que não significava nada — algo que significava apenas “saia daqui, voz do sonho, caia fora”.

— *Paul.*

Não era a voz do sonho. Era a voz de Annie.

Ele forçou os olhos a abrirem. Sim, era ela, e por um momento seu pânico cresceu ainda mais. Então simplesmente acabou, sumiu feito algum fluido escorrendo pelo ralo.

Mas que porra...?

Ele estava totalmente desorientado. Ela estava ali nas sombras como se jamais tivesse saído, vestindo uma das saias de lã e um suéter feioso. Ele viu a seringa na mão de Annie e entendeu que não fora uma picada e sim uma injeção. Ora, porra, dava no mesmo. A deusa o pegara. Mas o que ela tinha...?

O pânico cegante tentou irromper outra vez e novamente só encontrou um circuito morto. Tudo o que ele sentia era uma surpresa intelectual. E curiosidade sobre de onde Annie tinha vindo e por que o fizera agora. Ele tentou erguer as mãos e elas se ergueram — mas só um pouco. Era como se pesos invisíveis estivessem dependurados de suas mãos. Elas caíram de volta no lençol com um baque abafado.

Não importa o que ela me injetou. Isso é a página final do livro. Chegou a hora de escrever FIM.

O pensamento não causou medo. Em vez disso ele sentiu uma euforia sedada.

Pelo menos ela está fazendo de um jeito bondoso... de um jeito...

— Ah, *aí* está você! — disse Annie e acrescentou com brejeirice: — Eu *estou vendo* você, Paul... esses olhos azuis. Eu já mencionei como seus olhos azuis são lindos? Mas acho que outras mulheres já disseram isso... mulheres bem mais bonitas, e mais despachadas que eu pra essas coisas também.

Ela voltou. Voltou de mansinho à noite e me matou com uma picada de abelha, seringa, sei lá, e dane-se a faca debaixo da cama. Eu sou só mais um na lista de vítimas dela. E então, enquanto a euforia gélida da injeção se espraiava, ele pensou, quase se divertindo: *Que Sherazade de merda que eu sou.*

Ele pensou que logo o sono retornaria — o sono final —, mas não foi o que aconteceu. Ele a viu guardar a seringa no bolso da saia e então ela se sentou... não onde se sentava geralmente, e sim ao pé da cama. Por um momento ele viu apenas as costas sólidas de Annie enquanto ela se curvava como se para verificar alguma coisa. Ele ouviu um baque de madeira, um clangor metálico e então algo chacoalhando — este último som ele reconheceu de algum lugar. Após um instante ele se lembrou. *Pegue os fósforos, Paul.*

Diamond Blue Tips. Ele não sabia o que mais ela tinha ali ao pé da cama, mas aquilo com certeza eram fósforos.

Annie voltou-se para ele e sorriu outra vez. À parte o que mais pudesse ter acontecido, sua depressão apocalíptica passara. Annie ajeitou um cacho de cabelo atrás da orelha com um gesto jovial que contrastou com o tom baço e fosco das melenas.

Tom baço e fosco das melenas oh cara cê tem que lembrar disso esse aí até que não é mau, eita ferro, estou chapado, o passado foi só o prólogo dessa merda falai benzinho agora é que a história começa porra estou fodido esse bagulho é bom mesmo estou surfando numa onda de cristal indo pra lua num Rolls-Royce isso é...

— O que você quer primeiro, Paul? A notícia boa ou a ruim?

— A boa primeiro. — Ele conseguiu dar um grande sorriso bobo. — Acho que a notícia ruim é que chegou o FIM, não é? Acho que você não gostou do livro, não é? Que pena... eu tentei. Estava até indo bem. Eu estava começando a... sabe... começando a engrenar a quinta.

Ela olhou para ele com censura.

— Eu *amo* o livro, Paul. Eu falei pra você, e eu não minto. Eu amo tanto que não quero ler mais nada até terminar. Desculpe por fazer você preencher os “nn”, mas é que eu não quero espiar.

O grande sorriso bobo se abriu ainda mais e Paul achou que os cantos de sua boca se encontrariam em sua nuca, dariam um nó e o topo de sua cabeça cairia. Talvez aterrissasse no penico perto da cama. Em algum recesso profundo e obscuro de sua mente, onde a droga ainda não tinha chegado, os alarmes disparavam. Ela amava o livro, o que significava que não iria matá-lo. Seja lá o que estivesse acontecendo, ela não iria matá-lo. E a menos que seu conhecimento a respeito de Annie Wilkes fosse completamente errôneo, isso significava que ela tinha algo pior planejado para ele.

A luz no quarto não parecia fosca. Era maravilhosamente pura, cheia de um charme cinzento ancestral. Uma luz em meio à qual ele podia imaginar garças vislumbradas em meio à névoa azul-metálica postando-se em uma só pata nos lagos das terras altas, manchas de mica nas pedras projetando-se da grama de primavera em prados que brilhavam com o clarão difuso do vidro das janelas, elfos ocupados entrando em filas para o trabalho sob folhas de hera úmidas de orvalho e...

Oh RAPAZ você está muito doido, pensou Paul e deu uma risadinha débil.

Annie sorriu também.

— A *boa* notícia — disse ela — é que o seu carro sumiu. Eu andava muito preocupada com o seu carro, Paul. Eu sabia que seria necessário uma tempestade como essa para ele sumir, e mesmo assim não tinha certeza se funcionaria. A enxurrada da primavera cuidou do Pomeroy coisa feia, mas um carro pesa bem mais que um homem, não é? Mesmo que seja um homem cheio de caquinha que nem ele. Mas a tempestade e a enxurrada juntas deram conta do recado. Seu carro sumiu. Essa é a *boa* notícia.

— O quê... — mais alarmes distantes. Pomeroy... ele conhecia aquele nome, mas não lembrava exatamente *de onde*. Então ele se lembrou. Pomeroy. O finado e saudoso Andrew Pomeroy, de 23 anos, morador de Cold Stream Harbor, Nova York. Encontrado no Santuário da Vida Selvagem de Grider, seja lá onde *isso* fosse.

— Então, Paul — disse ela, na voz certinha que ele conhecia tão bem. — Não precisa fingir para mim. Eu sei que você sabe quem era Andy Pomeroy porque eu sei que você viu meu álbum. Acho que eu queria que você visse, sabe? Se não, por que eu deixaria o álbum à vista? Mas eu me preveni, sabe, eu sempre me previno. E foi batata, os fios tinham partido.

— Os fios...?

— Ah, sim. Uma vez eu li sobre um jeito de descobrir se alguém anda mexendo nas coisas da gente. É só colar um fio fino ao comprimento da gaveta. Quando você voltar, se os fios não estiverem mais lá, é porque alguém abriu a gaveta. Alguém andou bisbilhotando. Viu como é fácil?

— Sim, Annie. — Ele estava ouvindo, mas o que queria mesmo era ficar viajando na maravilhosa textura da luz.

Outra vez ela se curvou para verificar seja lá o que estivesse ao pé da cama. Outra vez ele ouviu um leve clangor e um baque feito madeira batendo em algum objeto metálico. Então Annie voltou-se para ele, ajeitando o cabelo com displicência.

— Eu fiz isso com meu álbum, mas não usei qualquer fio... não, usei meus fios de cabelo. Pus três fios com a capa fechada, em três lugares diferentes, e quando voltei hoje de manhã — bem cedo, bem devagarinho que nem um ratinho para não acordar você —, os três fios tinham caído, então eu soube que você tinha olhado. — Ela fez uma pausa e sorriu. Para Annie, era um belo sorriso, e no entanto tinha alguma coisa desagradável que ele não soube

precisar. — Mas eu não fiquei surpresa. Eu sabia que você tinha saído do quarto. *Essa* é a notícia ruim. Eu já sei disso faz muito, *muito* tempo, Paul.

Ele achou que deveria se sentir desalentado e furioso. Ela soubera, soubera quase desde o começo, parecia... mas ele só conseguia sentir aquela euforia flutuante e sonhadora, e o que ela dizia não parecia tão importante quanto a gloriosa qualidade da luz cada vez mais forte do dia que estava quase chegando.

— Mas — disse ela, com o ar de alguém voltando a falar de negócios — estávamos falando do seu carro. Eu tenho pneus com cravos, Paul, e lá no meu cantinho na montanha eu tenho um conjunto de correntes para pneus. Ontem no começo da tarde eu já estava me sentindo muito melhor. Eu passei a maior parte do tempo lá de joelhos, orando, e a resposta veio, como sempre, e era bem simples, como sempre. Paul, o que você leva ao Senhor em oração, Ele devolve mil vezes mais. Então eu pus as correntes nos pneus e voltei para cá. Não foi fácil, e eu sabia que talvez fosse me acidentar mesmo com os cravos e as correntes. Eu também sabia que “acidentes sem importância” são raros nessas estradas cheias de curvas. Mas em minha mente estava tudo bem, porque eu me sentia segura na vontade do Senhor.

— Que reconfortante, Annie.

Ela olhou para ele por um instante com algum susto e certa suspeita... e então relaxou e sorriu.

— Eu tenho um presente para você, Paul — disse ela, com doçura, e antes que ele pudesse perguntar o que era (pois não tinha certeza se queria receber presentes de Annie), ela continuou: — As estradas *estavam* congeladas pra burro. Eu quase saí da estrada duas vezes. Da segunda vez, a velha Bessie derrapou fazendo um círculo e continuou deslizando e descendo a montanha! — Annie riu, jovial. — Então eu fiquei presa num banco de neve, isso já perto de meia-noite, mas uma equipe do Departamento de Obras Públicas de Eustice que estava espalhando areia pela estrada veio e me ajudou.

Paul tentou dizer: “Viva o Departamento de Obras Públicas de Eustice!”, mas o que saiu foi apenas um borrão mal-articulado: *Vivau depadamenti obishpubíshhhtichh...*

— Os 3 quilômetros vindo pela autoestrada foram a parte mais difícil. A estrada do condado é a Rota 9, sabe, a mesma estrada em que você se acidentou. Eles tinham coberto ela todinha de areia. Eu parei onde você tinha saído da pista e procurei pelo seu carro. E eu sabia o que tinha que fazer se eu o

visse. Porque haveria perguntas, e eu seria a primeira a ser interrogada, por motivos que você sabe muito bem.

Eu estou bem adiantado, Annie, pensou ele. *Eu examinei essa possibilidade há três semanas.*

— Um dos motivos de eu ter trazido você aqui é que tudo pareceu ser mais do que uma coincidência... pareceu mais a mão da Providência divina.

— O que pareceu a mão da Providência, Annie?

— Seu carro capotou quase no mesmo lugar onde eu me livrei daquele nojento do Pomeroy. O que disse que era artista. — Ela fez um gesto de desdém com a mão, mexeu com os pés e causou outra vez o barulho de madeira e metal lá embaixo no chão.

“Eu o encontrei quando voltava de Estes Park. Eu tinha ido ver uma feira de bibelôs. Eu gosto de bibelôs de porcelana.”

— Eu notei — disse Paul. Sua voz parecia vir de anos-luz de distância. *Capitão Kirk! Estamos recebendo uma transmissão subetérica!*, ele pensou e deu uma risadinha débil. A parte mais profunda de sua mente, a parte ainda não tocada pela droga, tentou fazer com que ele calasse a boca, mas para quê, afinal? Ela sabia. *É claro que ela sabe. A Deusa-Abelha bourka sabe de tudo.* — Eu gosto muito do pinguim no bloquinho de gelo.

— Obrigado, Paul. Ele é bonitinho, não é?

“Pomeroy estava pedindo carona. Ele tinha uma mochila. Disse que era um artista, mas depois eu descobri que ele era só um drogado hippie coisa feia que tinha lavado pratos no restaurante de Estes Park nos últimos dois meses. Quando eu falei que tinha casa em Sidewinder, ele disse que era uma coincidência incrível. Disse que *ele* também estava indo para Sidewinder. Disse que estava a trabalho para uma revista de Nova York, que era para ele ir até o velho hotel e desenhar as ruínas. Os desenhos iam aparecer junto com uma matéria que eles estavam escrevendo. Era um hotel velho e famoso chamado Overlook. Queimou tem mais de dez anos. O zelador queimou tudo. Ele era louco. Todo mundo na cidade dizia isso. Mas não tem mais importância. Ele morreu.

“Eu deixei Pomeroy ficar aqui comigo.

“Nós viramos amantes.”

Ela olhou para Paul com os olhos negros queimando em seu rosto pálido e macilento e Paul pensou: *Se Andrew Pomeroy conseguiu ficar de pau duro pra*

você, Annie, devia ser tão louco quanto o zelador que incendiou o hotel.

— Aí eu descobri que ele não estava a trabalho para desenhar hotel nenhum. Ele estava desenhando por conta própria, na esperança de vender os desenhos. Ele nem sabia se a revista estava escrevendo sobre o Overlook. *Isso* eu descobri rapidinho. Quando eu soube, eu dei uma bisbilhotada no caderno de desenho dele. Eu achei que tinha o direito de fazer isso. Afinal, ele estava comendo da minha comida e dormindo em minha cama. Só havia oito ou nove desenhos no caderno e eram *horríveis*.

Seu rosto se franziu, e por um momento ela ficou idêntica a quando tinha imitado o som do porco.

— *Eu* podia ter feito desenhos melhores! Ele entrou quando eu estava olhando e ficou furioso. Disse que eu estava xeretando. Eu disse que não achava que olhar qualquer coisa em minha casa fosse xeretar. Eu disse que, se ele era um artista, eu era a Madame Curie. Ele começou a rir. Ele riu de mim. Então eu... eu...

— Você o matou — disse Paul. Sua voz parecia antiga e distante.

Ela deu um sorriso desajeitado para a parede.

— Bom, acho que foi alguma coisa assim. Eu não me lembro muito bem. Mas então ele morreu. Eu me lembro disso. Me lembro de dar um banho nele.

Paul olhou para ela e sentiu um horror doentio e espesso. A imagem surgiu: o corpo nu de Pomeroy flutuando na banheira do andar de baixo como um pedaço de massa crua, cabeça reclinada contra a porcelana, olhos abertos encarando o teto...

— Eu *tinha* que fazer isso — disse ela, expondo os dentes superiores. — Você não deve saber o que a polícia consegue fazer só com um pedaço de fio, ou de sujeira embaixo das unhas ou nos cabelos de um cadáver! Você não sabe, mas eu trabalhei em hospitais a vida inteira e sei! Eu sei sim! Sei tudo sobre análise forense!

Ela estava entrando em um dos famosos frenesis de Annie Wilkes e ele sabia que devia tentar dizer alguma coisa que a acalmasse ao menos temporariamente, mas sua boca pendia sedada e inútil.

— Estão todos contra mim, todos eles! Você acha que teriam escutado se eu tentasse dizer como aconteceu? Você acha? Acha? Ah, não! Eles iam acabar dizendo alguma coisa louca, tipo: “Annie deve ter se jogado pra cima dele, ele riu dela, e ela o matou!” Iam acabar dizendo alguma coisa assim!

E sabe do que mais, Annie? Sabe do que mais? Acho que isso deve ser bem mais verdade do que o que você me contou.

— Essas coisas feias daqui diriam *qualquer* coisa para me meter em encrenca ou sujar meu nome.

Ela fez uma pausa, sem arquejar mas já respirando rápido, olhando com dureza para ele, como se o desafiasse a ousar contrariá-la. *Tente só!*

Então ela pareceu se controlar um pouco e continuou, em um tom de voz mais calmo.

— Eu lavei... bom... o que sobrou dele... e as roupas. Eu sabia o que fazer. Estava nevando, a primeira nevasca do ano, e disseram que no dia seguinte haveria 15 centímetros de neve no chão. Eu pus as roupas dele em uma sacola plástica e envolvi o corpo em lençóis e levei tudo para aquela parte da Rota 9 depois que escureceu. Eu segui até quase 2 quilômetros depois de onde o seu carro parou. Caminhei até estar no meio da floresta e então larguei tudo lá. Você deve achar que eu o escondi, mas não escondi não. Eu sabia que a neve logo iria cobri-lo e achei que o derretimento da neve na primavera iria levá-lo embora se eu o deixasse no caminho. E foi o que aconteceu, só que eu não sabia que ele ia parar tão *longe*. Uai, acharam o corpo dele um ano depois de... de ele ter morrido, quase 45 quilômetros de lá. Teria sido até melhor se ele não tivesse ido tão longe, pois sempre há observadores de pássaros e campistas no Santuário de Grider. Nos bosques daqui passa bem menos gente.

Ela sorriu.

— E é lá que seu carro está agora, Paul. Em algum lugar entre a Rota 9 e o Santuário de Vida Selvagem de Grider. É escondido o suficiente para que não dê pra ver da estrada. Eu tenho uma lanterna lateral na velha Bessie, e é bem forte, mas a clareira está vazia até lá dentro do bosque. Acho que eu vou lá a pé dar uma olhada quando a água baixar, mas estou quase certa de que está tudo bem. Algum caçador vai encontrá-lo em dois anos, ou cinco, sete anos, todo enferrujado e com esquilos morando nos assentos. Por essa altura você já vai ter terminado meu livro e vai ter voltado para Nova York ou Los Angeles ou seja lá para onde você decidir partir, e eu vou estar aqui vivendo minha vidinha. Talvez a gente troque cartas esporadicamente.

Ela sorriu sonhadoramente — o sorriso de uma mulher vendo castelos nas nuvens — e então o sorriso desapareceu e ela ficou séria novamente.

— Então eu voltei e no caminho pra cá pensei bastante. Eu tinha que pensar, porque com seu carro desaparecido mesmo, você vai poder ficar mesmo aqui tempo suficiente para terminar meu livro. Eu às vezes duvidava disso, sabe, embora nunca tenha dito nada para não aborrecer você. Eu não queria aborrecer você em parte porque sabia que você não conseguiria escrever tão bem aborrecido, mas isso parece muito mais frio e calculista do que eu me senti, coração. Sabe, eu comecei amando só a parte de você que cria essas histórias maravilhosas, porque essa era a única parte que eu tinha. Eu não sabia nada sobre o resto de você e achei que essa parte podia ser bem desagradável. Eu não sou burra, sabe? Eu já li sobre alguns desses tais “autores famosos” e sei que frequentemente eles são *bem* desagradáveis. Ora, F. Scott Fitzgerald e Ernest Hemingway e aquele caipira do Mississippi — Faulkner, sei lá como era o nome —, eles podem ter ganhado esses prêmios de Pulitzer isso e aquilo, mas não passavam de uns melecas de uns pudins de cachaça. E os outros, ah, quando não estão escrevendo histórias maravilhosas, estão bebendo e fornicando e usando drogas e sabe lá Deus o que mais.

“Mas você não é assim, e depois de um tempo eu passei a conhecer o resto de Paul Sheldon, e espero que você não se importe de ouvir isso, mas eu passei a amar o resto dele, também.”

— Obrigado, Annie — disse ele do topo de sua onda dourada brilhante e pensou: *Mas você me interpretou errado, sabe, quer dizer, não há muitas opções de tentação por aqui, não é mesmo? É difícil pular de bar em bar com as pernas quebradas, Annie. E quanto às drogas, a Deusa-Abelha bourka está cuidando disso pra mim.*

— Mas será que você iria *querer* ficar aqui? — continuou ela. — Essa era a pergunta que eu tinha que me fazer, e embora eu quisesse muito me enganar, eu sabia a resposta. Sabia mesmo antes de ver as marcas ali na porta.

Ela apontou, e Paul pensou: *Aposto que ela sabia quase desde o início. Se enganar? Não você, Annie. Você, nunca. Mas eu estava me enganando por nós dois.*

— Você se lembra da primeira vez que eu fiquei fora? Quando nós tivemos aquela discussão besta por causa do papel?

— Sim, Annie.

— Ali foi quando você saiu a primeira vez, não foi?

— Sim. — Não havia razão para negar.

— É claro. Você queria os comprimidos. Eu devia saber que você faria qualquer coisa para pegar os comprimidos, mas quando eu perco a linha, eu fico... você sabe. — Ela riu nervosamente. Paul não se juntou a ela, nem sequer sorriu. A lembrança daquele interminável interlúdio imerso em dor, com a voz fantasmagórica do locutor narrando cada jogada, ainda era muito forte.

Sim, eu sei como você fica, pensou ele. Você fica cricrizinha.

— No começo eu não tinha tanta certeza. Ah, eu vi que alguns bibelôs da mesinha tinham se movido, mas achei que eu mesma pudesse ter feito isso... às vezes acontece de eu andar muito esquecida. Passou pela minha cabeça que você tivesse saído, mas eu pensei: *Não, isso é impossível. Ele está muito machucado e, além disso, eu fechei a porta.* Até verifiquei para me certificar de que a chave ainda estava no bolso da minha saia, e estava. E então eu me lembrei de que você estava na cadeira de rodas. Então talvez...

“Uma das coisas que você aprende em dez anos de enfermagem é que é sempre bom checar os talvez. Então eu dei uma olhada nas coisas que deixo no banheiro do andar de baixo — amostras que eu trouxe para casa do trabalho. Você devia ver as coisas que dá para pegar num hospital, Paul! E então de vez em quando eu pegava algumas... bom... uns *brindes*... e eu não era a única. Mas eu sabia que não era bom pegar as drogas baseadas em morfina. Essas eles trancam. E contam direitinho e registram. E se eles acharem que alguma enfermeira anda surrupiando, como eles dizem, eles ficam de olho nessa enfermeira até ter certeza. E aí, *pou!* — Annie desceu a mão em um gesto súbito. — Eles demitem a enfermeira, e a maioria jamais volta a usar o quepe.

“Eu fui mais esperta.

“Olhar para as caixas de amostras era como olhar para os bibelôs na mesinha. Eu achei que as coisas tinham sido remexidas, e tinha certeza de que uma das caixas que estava no fundo antes agora estava no topo, mas ainda não tinha *certeza*. E era possível que eu mesma tivesse feito isso quando eu ficava... bom... preocupada.

“Então, dois dias depois, quando eu já tinha decidido deixar pra lá, eu entrei aqui para lhe dar o seu remédio da tarde. Você ainda estava cochilando. Eu tentei girar a maçaneta, mas por alguns segundos não consegui fazer girar. Como se a porta estivesse trancada. Então a maçaneta *girou* e eu ouvi algo chacoalhar dentro da fechadura. Você começou a se mexer e eu achei melhor lhe dar o remédio logo como sempre. Como se não suspeitasse de nada. Eu sou

bem boa nisso, Paul. Então eu coloquei você na cadeira para que você pudesse escrever. E quando ajudei você a sentar aquela tarde, foi como se eu fosse São Paulo na estrada de Damasco. Meus olhos se abriram. Eu vi como você estava mais corado. Vi que você já movia as pernas. Elas ainda doíam e você só conseguia movê-las um pouco, mas você *estava movendo as pernas*. E seus braços estavam voltando a ficar fortes também.

“Eu vi que você estava quase *saudável* novamente.

“Foi quando eu percebi que podia ter problemas com você, mesmo que ninguém lá fora suspeitasse de nada. Eu olhei para você e vi que eu não era a única pessoa que sabia guardar segredos.

“Nessa noite eu mudei sua medicação para algo um pouco mais forte e, quando tive certeza de que você não acordaria nem se explodissem uma granada embaixo da sua cama, eu peguei minha caixa de ferramentas da prateleira do porão e tirei a placa de metal da fechadura para olhar. E olhe só o que *eu* encontrei!”

Ela pegou algo pequeno e escuro de um dos bolsos com aba da camisa masculina. Ela pôs o objeto na mão anestesiada de Paul. Ele pegou o item e o trouxe para perto do rosto, olhando para ele com olhos arregalados. Era um pedaço torto de grampo de cabelo.

Paul começou a rir debilmente. Não podia evitar.

— Qual a graça, Paul?

— O dia em que você foi pagar as taxas. Eu precisei abrir a porta de novo. A cadeira quase não passou... deixou marcas pretas. Eu tentei esfregar para sair.

— Para que eu não visse.

— É. Mas você já tinha visto, não é?

— Depois que encontrei um dos meus grampos na fechadura? — Ela sorriu. — Pode apostar a meleca da cueca que sim!

Paul acenou com a cabeça e riu ainda mais forte. Tão forte que lágrimas escorreram por seu rosto. Todo o trabalho... toda a preocupação... para nada. Era deliciosamente divertido.

— Eu fiquei com medo desse pedaço de grampo me sacanear... mas não foi o caso. Eu nunca nem o ouvi chacoalhando. E por um bom motivo, não é? Não chacoalhou nunca porque você o retirou. Você é uma enrolona, Annie.

— É — respondeu ela e sorriu um pouco. — Eu sou uma enrolona.

Ela moveu os pés. O baque abafado de madeira veio do pé da cama outra vez.

22

— Quantas vezes você saiu no total?

A faca. Oh, Cristo, a faca.

— Duas vezes. Não, espere. Eu saí ontem à tarde de novo perto das cinco. Para encher a jarra d'água. — Era verdade. Ele tinha enchido a jarra. Mas ele omitira o motivo real da terceira saída. O motivo real estava sob o colchão. A Princesa e a Ervilha.¹¹ Paulie e o Fura-Bucho. — Três vezes, contando a saída para pegar água.

— Diga a verdade, Paul.

— Eu juro, foram só três vezes. E nunca tentei fugir. Pelo amor de Deus, eu estou escrevendo um livro, se você não percebeu.

— Não use o nome de Deus em vão, Paul.

— Então pare de usar o meu desse jeito e eu paro também. Da primeira vez estava doendo tanto que parecia que alguém tinha me mandado pro inferno do joelho pra baixo. E fizeram isso mesmo. *Você fez isso, Annie.*

— Cala a boca, Paul!

— Da segunda vez eu só queria alguma coisa pra comer e pegar algumas coisas pro caso de você ficar fora muito tempo — continuou ele, ignorando-a.

— Então eu fiquei com sede. Foi só isso. Não tem complô nenhum.

— Sei, aposto que você não tentou usar o telefone nem checkou as portas também... *você é tão bonzinho.*

— É claro que eu fui ver o telefone. É claro que eu fui ver as portas. Não que eu fosse muito longe naquele lamaçal lá fora, mesmo que você tivesse deixado as portas abertas. — O efeito da droga vinha em ondas cada vez mais fortes, e ele só queria que ela se calasse e fosse embora. Ela já o tinha drogado o suficiente para que ele não mentisse e Paul teve medo de em breve ter que sofrer as consequências. Mas primeiro ele queria dormir.

— *Quantas vezes você saiu?*

— Eu já falei...

— *Quantas vezes?* — A voz dela estava subindo de tom. — *Fale a verdade!*

— *Já falei!* Três vezes!

— *Quantas vezes, praga?*

Apesar da quantidade maciça de droga que ela injetara nele, Paul começou a ficar com medo.

Pelo menos se ela fizer algo comigo, não deve doer muito... e ela quer que eu termine o livro... ela disse isso...

— Você está me tratando feito uma idiota. — Ele notou o quanto a pele dela brilhava, como um plástico esticado sobre uma superfície rochosa. Não parecia haver poros naquele rosto.

— Annie, eu juro...

— Mentirosos juram! Mentirosos *adoram* jurar. Está bem, continue, me trate feito burra se é o que você quer. Está ótimo. Parabéns pra você. Se você trata uma mulher inteligente como se fosse burra, ela sempre vai te dar uma volta. Vou te dizer uma coisa, Paul, eu coloquei fios de cabelo pela *casa inteira* e encontrei um monte deles fora do lugar ou partidos... desapareceram assim, puf! Não só no meu álbum, mas no corredor, e nas minhas gavetas lá em cima... no barracão... *em todo lugar*.

Ele quis perguntar: *Annie, como é que eu poderia ir até o barracão com os cadeados na porta da cozinha?* Mas ela não lhe deu tempo e continuou:

— Então pode continuar me dizendo que foram *só três vezes*, Seu Sabichão, e eu vou mostrar *quem* que é burro aqui.

Ele olhou para ela, grogue mas atônito. Ele não sabia como responder a ela. Era muita paranoia... muita loucura...

Meu Deus, pensou ele, esquecendo o barracão, *gavetas lá em cima? Ela disse LÁ EM CIMA?*

— Annie, como em nome de Deus eu poderia ter subido até lá?

— Ah, TÁ! Sim, CLARO! Eu entro aqui faz alguns dias e aí está você todo pimpão na cadeira *sozinho!* Se você fez isso, então pode ter subido sim! *Rastejando!*

— É, com as pernas quebradas e o joelho em pedaços.

E novamente o olhar de *abismo*. As trevas insanas sob a campina. Annie Wilkes se fora. A Deusa-Abelha bourka tinha chegado.

— Não banque o esperto pra cima de mim, Paul — sussurrou ela.

— Bom, Annie, um de nós tem que tentar pelo menos, porque você com certeza não está sendo esperta. Se você visse o quanto isso é lou...

— *Quantas vezes?*

— Três.

— A primeira vez para pegar remédio.

— Sim. Comprimidos de Novril.

— A segunda vez para pegar comida.

— Isso.

— A terceira vez para encher a jarra.

— Sim. Annie, eu estou muito tonto...

— Você encheu a jarra no banheiro do hall.

— Sim...

— Uma vez pelo remédio, depois pela comida, depois pela água.

— Sim, eu já falei! — ele tentou gritar, mas o que saiu foi um grunhido débil.

Ela tirou a faca de açougueiro do bolso da saia. A lâmina faiscou à luz da manhã. Annie girou rápido para a esquerda e atirou a faca com a elegância casual e letal de uma artista de circo. A faca cravou na parede, tremendo, no gesso sob a foto do Arco do Triunfo.

— Eu chequei seu colchão antes de aplicar a injeção pra operação. Eu achei que ia encontrar comprimidos. A faca me surpreendeu completamente. Eu quase me cortei. Mas não foi *você* quem pôs ela embaixo do colchão, foi?

Ele não respondeu. Sua mente girava e mergulhava como um brinquedo descontrolado de parque de diversões. Injeção pra operação? Ela tinha falado isso? *Pra operação?* De repente ele teve completa certeza de que ela iria pegar a faca da parede e castrá-lo com ela.

— Não, *você* não pôs ela no colchão. *Você* saiu uma vez para pegar remédio, depois para pegar comida e depois para pegar água. Essa faca deve ter... sei lá, deve ter *flutuado* até aqui e se enfiado embaixo do colchão sozinha. É, deve ter sido isso! — Annie deu uma gargalhada estridente de escárnio.

PRA OPERAÇÃO??? Meu Deus, foi isso que ela disse?

— Praga! Maldito seja. *Quantas vezes?*

— Está bem! Está bem! Eu peguei a faca quando fui pegar a água. Eu confesso! Se você acha que isso prova que eu saí mais vezes, sintase à vontade pra pensar o que quiser! Se você quiser, foram cinco vezes. Se você quiser, vinte,

cinquenta, cem vezes, então foram cem vezes! Eu admito. Quantas vezes você quiser que sejam, Annie, foi quantas vezes eu saí.

Por um instante, em sua raiva e confusão de drogado, ele se esquecera do conceito assustador e nebuloso contido na frase *injeção pra operação*. Ele queria dizer isso a ela, mesmo sabendo que uma paranoica lunática feito Annie rejeitaria o que era apenas óbvio. Estava úmido e a fita isolante soltava na umidade. Em muitos casos as pequenas armadilhas de livro de suspense barato só tinham se soltado com algum vento mais forte. E havia ratos. Com o porão cheio de água e a dona da casa fora, ele os ouvira nas paredes. É claro. Os ratos tinham a casa toda para eles e seriam atraídos por todas as melecas que Annie deixara para trás. Provavelmente tinham sido os ratos a romper os fios que Annie espalhara pela casa. Mas ela rejeitaria todas aquelas ideias. Na mente de Annie, Paul estava quase pronto para correr a Maratona de Nova York.

— Annie... Annie, o que você quis dizer com “injeção pra operação”?

Mas Annie não tinha esquecido o assunto.

— Você saiu sete vezes — disse ela, suavemente. — Pelo menos sete vezes. Foram sete?

— Se você quer, então foram sete. O que você quis dizer com...

— Estou vendo que você gosta de ser teimoso. Acho que gente que nem você se acostuma tanto a mentir profissionalmente que não consegue parar mais. Mas está tudo bem, Paul. Porque o *principal dessa história* não muda quer você tenha saído sete vezes, setenta, ou setenta vezes sete. O *principal* não muda, nem a *resposta*.

Ele estava flutuando, flutuando, flutuando para longe. Ele fechou os olhos e a ouviu falando de longe, bem longe... como uma voz sobrenatural em uma nuvem. *Deusa*, ele pensou.

— Você já leu sobre as minas de diamante Kimberly, Paul? Como era no começo?

— Eu escrevi o livro a respeito — disse ele, por motivo nenhum, e riu.

(*pra operação? injeção pra operação?*)

— Às vezes, os trabalhadores nativos roubavam diamantes. Enrolavam em folhas e enfiavam no reto. Se conseguissem sair do buraco sem ser descobertos, eles fugiam. E você sabe o que os ingleses faziam com eles se os pegassem antes que saíssem de Oranjerivier e chegassem ao país dos bôeres?

— Deviam matá-los — respondeu ele, ainda de olhos fechados.

— Ah, não! Isso seria como sucatear um carro caro só por causa de uma suspensão avariada. Quando eles pegavam alguém, eles se certificavam de que a pessoa ia continuar trabalhando, mas *também* de que ela não ia mais tentar fugir. Eles chamavam essa operação de “pear”, Paul, e é isso que eu vou fazer com você. Pra minha própria segurança, e a sua também. Acredite em mim, você precisa ser protegido de você mesmo. Lembre-se, é só um pouco de dor, e aí passa. Pense nisso.

Terror forte como uma rajada de vento cheia de lâminas cortou o véu de drogas e os olhos de Paul se abriram de súbito. Annie se erguera e puxara os cobertores, expondo as pernas retorcidas e os pés descalços de Paul.

— Não... não... Annie... seja lá o que você estiver pensando... vamos falar sobre isso... por favor?

Ela se agachou. Quando se ergueu, segurava um machado e um maçarico de propano. A lâmina do machado brilhava. Na lateral do maçarico estava escrito *Keima-Fácil*. Ela se agachou outra vez e voltou com uma garrafa escura e a caixa de fósforos. Havia um rótulo na garrafa escura: *Betadine*, uma marca de iodo.

Ele nunca esqueceu aquelas coisas, aquelas palavras e nomes.

Ele gritou.

— *Annie, não! Annie, eu vou ficar aqui! Eu não saio mais nem da cama! Por favor! Oh, Deus, por favor, não faça isso!*

— Vai ficar tudo bem — disse ela, e seu rosto agora tinha aquela expressão desligada: a expressão de vacuidade perplexa. E antes que a mente de Paul fosse completamente consumida pelo fogo do pânico, ele entendeu que quando isso acabasse Annie teria apenas vagas lembranças do acontecido, assim como tinha apenas vagas lembranças de matar as crianças e os velhos, os pacientes terminais e Andrew Pomeroy. Afinal, aquela era a mulher que, embora tivesse começado a usar o quepe de enfermeira em 1966, tinha dito há apenas alguns minutos que trabalhara como enfermeira por dez anos.

Ela matou Pomeroy com esse machado. Eu sei.

Ele continuou a gritar e implorar, mas suas palavras tornaram-se uma torrente de incoerências. Ele tentou se virar, virar-se para longe dela, e suas pernas berraram. Ele tentou puxá-las, deixá-las menos vulneráveis, e seu joelho gritou.

— Só mais um minutinho, Paul — disse ela e destampou a garrafa de iodo. Então, derramou um líquido castanho-avermelhado em seu calcanhar esquerdo. — Só mais um minutinho e acabou. — Ela posicionou a lâmina do machado na horizontal e os tendões saltaram em seu forte pulso direito. Paul viu o fulgurar do anel de ametista que ela ainda usava no dedo mínimo daquela mão. Ela derramou iodo na lâmina. Ele podia sentir o cheiro, o mesmo cheiro de uma sala de consultório médico. Aquele cheiro significava injeção.

— Só um pouquinho de dor, Paul. Não vai ser ruim. — Ela virou o machado e molhou o outro lado da lâmina. Ele podia ver flores de ferrugem crescendo daquele lado antes que o líquido cobrisse tudo.

— *Annie Annie oh Annie por favor não por favor não Annie eu juro eu juro pra você eu juro por Deus eu vou me comportar por favor me dê uma chance eu vou me comportar ANNIE DEIXA EU ME COMPORTAR POR FAVOR...*

— Só um pouquinho de dor. Aí essa história feia vai ficar para trás, Paul.

Annie jogou a garrafa aberta por sobre o ombro. Seu rosto estava vazio e vago e no entanto era inegavelmente sólido. Ela deslizou a mão direita pelo cabo do machado quase até a cabeça. Levou a mão esquerda até a base do cabo, afastando as pernas como um lenhador.

— *ANNIE OH POR FAVOR POR FAVOR NÃO ME MACHUQUE ANNIE!*

O olhar dela era calmo e errante.

— Não se preocupe — disse ela. Eu sou uma enfermeira treinada.

O machado desceu assobiando e se enterrou na perna esquerda de Paul Sheldon, pouco acima do calcanhar. A dor explodiu em seu corpo como um relâmpago gigante. Sangue escuro esguichou no rosto dela como pintura de guerra índia. Borrifou na parede. Ele ouviu a lâmina guinchar contra o osso quando Annie puxou o machado de volta. Sem acreditar, ele olhou para baixo. Os lençóis se pintavam de vermelho. Ele viu os dedos do pé convulsionando. Viu Annie erguer o machado outra vez. Seus cabelos tinham se soltado dos grampos e se dependuravam sobre seu rosto vago.

Ele tentou se afastar apesar da dor na perna e no joelho e compreendeu que sua perna se movia, mas seu pé, não. Tudo o que fazia era abrir o corte como se fosse uma boca. Paul teve tempo de entender que seu pé só estava preso à perna pela carne na base da panturrilha e então a lâmina desceu outra vez, bem no corte, decepando o membro e se enterrando fundo no colchão. As molas rangeram e guincharam.

Annie puxou o machado e o jogou a um canto. Ela olhou sem atenção para o toco que espirrava sangue e pegou a caixa de fósforos, acendendo um. Então ela pegou o maçarico de propano com *Keima-Fácil* escrito na lateral e girou a válvula. O maçarico sibilou. O sangue continuava a esguichar de onde já não havia nada. Annie segurou o fósforo com delicadeza sob o bico do *Keima-Fácil*. Houve um som de sopro curto. Uma longa chama amarela apareceu. Annie a ajustou até se tornar uma linha reta de fogo azul.

— Não dá pra suturar. Não há tempo. Torniquete também não é bom. Não tem um ponto de pressão central. Preciso

(enxaguar)

cauterizar.

Ela se agachou e Paul gritou quando o fogo roçou o toco sangrento. Fumaça subiu. Tinha um cheiro doce. A primeira esposa e ele tinham passado a lua de mel em Mauí. Foram a um luau. O cheiro o fez lembrar do cheiro do porco que tinha assado o dia inteiro em um buraco. O porco estava enfiado em uma estaca, negro, se desfazendo e caindo.

A dor gritava. *Ele* gritava.

— Quase acabando — disse ela e girou a válvula. Agora o lençol de baixo pegava fogo ao redor do toco que já não sangrava, o toco negro feito o porco que saíra do buraco no luau. Eileen virara o rosto, mas Paul observara, fascinado, quando eles puxaram a pele craquelada do porco, que saiu tão fácil quanto um suéter depois de uma partida de futebol americano.

— Quase acabando...

Ela desligou o maçarico. A perna de Paul jazia em meio ao fogo, e seu pé decepado estava um pouco mais além. Annie se agachou e voltou com seu velho amigo, o balde amarelo de limpeza. Ela derramou o conteúdo sobre as chamas.

Ele gritava, gritava. A dor! A deusa! A dor! Ah, África!

Ela ficou olhando para ele, para o lençol sangrento e escurecido, com alguma consternação — seu rosto era o rosto de uma mulher que ouviu no rádio que um terremoto matou 10 mil pessoas no Paquistão ou na Turquia.

— Você vai ficar bem, Paul — disse ela. Mas sua voz revelava medo súbito. Seus olhos começaram a ir de um canto a outro, como quando pareceu que o fogo do livro incendiado iria sair de controle. Eles se fixaram em algo quase com alívio. — Eu vou só tirar o lixo.

Ela pegou o pé de Paul. Os dedos ainda convulsionavam. Ela o levou pelo quarto e, ao chegar à porta, os dedos já não se mexiam. Ele viu uma cicatriz no pé decepado e se lembrou de como a ganhara, pisando em um caco de vidro quando era criança. Tinha sido em Revere Beach? Sim, ele achava que sim. Ele se lembrava de ter chorado e do pai lhe dizer que era só um cortezinho. Seu pai lhe dissera para parar de agir como se tivessem cortado seu pé fora. Annie parou na porta e olhou para Paul, que gritava e se contorcia na cama queimada e encharcada de sangue. Seu rosto estava mortalmente pálido.

— Agora você está peado. E não me culpe. A culpa é sua.

Ela foi embora.

Paul também partiu.

23

A nuvem retornou. Paul mergulhou em sua direção. Não se importava se a morte, e não a perda de consciência, o esperasse lá. Ele quase queria isso. Só... chega de dor, por favor. Nada de lembranças, de dor, de horror, nada de Annie Wilkes.

Ele mergulhou na direção da nuvem, *para dentro* da nuvem, ouvindo o som abafado dos seus gritos e sentindo o cheiro da própria carne queimada.

Enquanto seus pensamentos se esgarçavam, ele pensou: *Deusa! Mato você! Deusa! Mato você! Deusa!*

Então já não havia nada.

5 Ladrões de sepultura que aparecem em algumas obras de Charles Dickens.

6 Tipo de pôquer em que a mão mais baixa ganha.

7 “O Colecionador”, em que um homem emocionalmente instável sequestra e mantém cativa a mulher dos seus sonhos.

8 Paul Harvey Aurandt (1918-2009), radialista norte-americano.

9 Referência a “*Jesus, Won’t You Come By Here*”, canção gospel de Lightnin’ Hopkins (1912-1982).

10 Referência ao livro *Encontro em Samarra*, de John O’Hara (1905-1970).

11 Conto de fadas de Hans Christian Andersen (1805-1875).

III

PAUL

Não dá. Venho tentando adormecer há meia hora e não consigo. Escrever aqui é como uma droga. É a única coisa pela qual eu anseio. Hoje à tarde eu li o que escrevi... e pareceu vívido. Eu sei que parece vívido porque minha imaginação preenche as partes que outra pessoa não entenderia. Quer dizer, é vaidade. Mas parece magia... E eu simplesmente não posso viver neste presente. Eu enlouqueceria se o fizesse.

— JOHN FOWLES, *THE COLLECTOR*

1

CAPÍTULO 32

— Jesus amado! — gemeu Ia com um movimento convulsivo para diante. Geoffrey agarrou o braço do amigo. A batida rítmica dos tambores pulsava em sua mente como algo ouvido em um delírio assassino. Abelhas zumbiam em redor deles, mas uma parou. Elas continuavam a voar na direção da clareira como se atraídas por um ímã — que, pensou Geoffrey, de um modo desconhecido, se aproximava.

2

Paul ergueu a máquina de escrever e a sacudiu. Depois de algum tempo, um pequeno fragmento de aço caiu na tábua disposta sobre os braços da cadeira. Ele o examinou.

Era a letra “t”. A máquina de escrever cuspira o “t”.

Ele pensou: *Vou reclamar com a gerência. Eu não vou só pedir uma máquina de escrever nova, vou exigir uma. Ela tem dinheiro. Eu sei que tem. Talvez guardado em jarras de compota debaixo do celeiro ou socado na parede do Cantinho Feliz, mas ela tem grana, e é o “t”, meu Deus, a segunda letra mais comum na língua inglesa!*

É claro que ele não pediria nada a Annie, muito menos exigiria. Outrora existira um homem que pelo menos teria *pedido*. Um homem que tinha passado por muito mais dor, um homem que não tinha nada a que se apegar, nem mesmo esse livro de merda. Aquele homem teria *pedido*. Machucado ou

não, aquele homem tivera a coragem de pelo menos *tentar* enfrentar Annie Wilkes.

Ele fora aquele homem e supunha que devia sentir vergonha, mas *aquele* homem tinha duas grandes vantagens sobre este: ele tinha os dois pés... e os dois polegares.

Paul ficou ali sentado refletindo por um instante; depois releu a última linha (preenchendo as lacunas mentalmente), e então simplesmente voltou ao trabalho.

Melhor assim.

Melhor não perguntar.

Melhor não provocar.

Abelhas zumbiam do lado de fora da janela.

Era o primeiro dia do verão.

3

mesmo.

— Deixe-me ir! — rosnou Ian e voltou-se para Geoffrey, fechando a mão direita em um punho. Seus olhos saltavam do rosto lívido e ele parecia não se dar conta de quem o separava do seu amor. Geoffrey compreendeu que o que eles viram quando Hezekiah afastou a tela protetora de arbustos estava prestes a enlouquecer Ian. Ele ainda quedava-se à beira do abismo da loucura, e o menor toque poderia empurrá-lo. Se isso acontecesse, ele levaria Misery consigo.

— Ian...

— Falei para me largar! — Ian puxou com força enfurecida e Hezekiah gemeu assustadoramente.

— Não, meu patrão, as abeja vai ficá doida, vai picá dona Mizi...

Ian parecia não ouvir. Com o olhar esgazeado e errante, ele avançou para Geoffrey, atingindo o velho amigo na face. Estrelas negras piscaram na cabeça de Geoffrey.

Apesar delas, ele viu Hezekiah começando a girar a gosha letal: uma sacola cheia de areia que os bourkas gostavam de usar para lidar com as vítimas de perto. Ele gritou:

— Não! Eu cuido disso!

Relutante, Hezekiah deixou que a gosha perdesse impulso e ficasse dependurada pela corda de couro como um pêndulo.

Então a cabeça de Geoffrey recebeu outro golpe. Seus lábios se esmagaram contra os dentes e ele sentiu o gosto agriçoce do sangue morno escorrendo em sua boca. Houve um som baixo e áspero quando a camisa de Ian, agora desbotada de sol e rasgada em várias partes, começou a se desfazer nos braços de Geoffrey. Logo ele se libertaria. Geoffrey percebeu confusamente que se tratava da mesma camisa que Ian usara no jantar do barão e da baronesa três noites antes. Claro que era. Não tinha havido oportunidade para trocarem de roupa, nem para Ian nem para os demais. Só três noites antes... mas a camisa parecia já estar sendo usada por Ian há pelo menos três anos, e Geoffrey sentia como se pelo menos trezentos anos tivessem se passado desde a festa. Apenas três noites atrás, ele pensou novamente com pasmo estúpido, e então Ian voltou a esmurrar seu rosto.

— Deixe-me ir, maldito seja! — Ian bateu com o punho sangrento no rosto de Geoffrey uma, duas vezes; seu amigo, por quem daria a vida se estivesse lúcido.

— Você quer demonstrar seu amor por ela me matando? — perguntou Geoffrey, sereno. — Se é o que você quer, então fique à vontade, meu velho, pode me nocautear.

O punho de Ian hesitou. Algo que parecia bom senso pareceu voltar ao seu olhar enlouquecido.

— Eu tenho que ir atrás dela — murmurou ele, como um homem em um sonho. — Desculpe-me pelos golpes, Geoffrey... por favor, me desculpe, meu velho, eu sinto muito, você bem sabe, mas eu preciso... você a viu... — e ele olhou outra vez, como se confirmasse o pavor da visão, e novamente tentou correr para onde Misery tinha estado amarrada a um poste, em uma clareira na selva, com os braços

atados no alto. Brilhando em seus pulsos e prendendo-a ao galho mais baixo do eucalipto, a única árvore da clareira, havia algo que os bourkas pelo jeito tinham tomado para si antes de jogar o barão Heidzig na boca do ídolo para sua sem dúvida horrível morte: suas algemas de aço azulado.

Dessa vez foi Hezekiah quem agarrou Ian, mas as moitas se agitaram outra vez e Geoffrey olhou para a clareira. Sua respiração prendeu subitamente em sua garganta, como um pedaço de tecido preso em um espinho. Ele se sentiu como um homem que precisasse subir uma colina pedregosa com uma carga de velhos explosivos perigosamente voláteis nos braços. Uma picada, pensou ele. Uma só e ela morre.

— Não vai M meu patrão — disse Hezekiah, com paciência temerosa. — É que nem o meu outro patrão disse, se o senhor for lá, as abeia acorda. E se as abeia acordá, não vai importá mais se ela morrê de uma picada ou de mil. Se as abeia acordá nós tudo vamo morrê, mas ela morre primeiro e do jeito mais horrível.

Pouco a pouco Ian relaxou entre os dois homens, um branco e o outro negro. Sua cabeça se voltou com relutância na direção da horrenda clareira, como se ele não quisesse olhar, mas não pudesse evitar.

— Então o que vamos fazer? O que vamos fazer por meu pobre amor?

As palavras eu não sei quase assomaram aos lábios de Geoffrey, e na comoção terrível que sentia ele mal pôde contê-las. Outra vez lhe ocorreu que a posse da mulher que Geoffrey amava com igual intensidade (ainda que em segredo) fazia com que Ian se permitisse um egoísmo e uma estranha histeria à qual o próprio Geoffrey tinha que resistir. Afinal, para o resto do mundo ele era apenas o amigo de Misery.

Sim, apenas amigo, pensou ele com ironia quase histérica, e então seus olhos foram atraídos outra vez para a clareira. Para o amigo.

Misery não usava roupa alguma, e no entanto Geoffrey achou que mesmo a velhota mais pudica da aldeia não poderia tê-la acusado de

indecência. A pudica hipotética talvez saísse correndo e gritando ao ver Misery, mas seus gritos seriam de terror e abjeção, e não de decência ultrajada. Misery não usava roupa alguma, mas também não estava nua.

Ela estava recoberta de abelhas. Da ponta dos pés ao topo da nuca coberta de fios castanhos, Misery estava recoberta de abelhas. Quase parecia o hábito estranho de uma freira — estranho porque se movia e ondulava sobre os montes dos seios e quadris embora não houvesse a menor brisa. Da mesma forma, seu rosto estava escondido sob um véu de modéstia quase islâmica. Apenas seus olhos azuis apareciam por trás de uma máscara de abelhas que rastejavam lentamente sobre seu rosto, escondendo boca, nariz, queixo e testa. Mais abelhas — gigantes marrons africanas, as abelhas mais venenosas e irritáveis do mundo — andavam de lá para cá sobre as algemas de aço do barão antes de se juntar às luvas vivas que recobriam as mãos de Misery.

Enquanto Geoffrey observava, mais e mais abelhas voavam para a clareira, vindas de todas as direções. E no entanto era claro para ele, mesmo em seu estado apalermado, que a maior parte vinha do oeste, onde pairava o grande rosto escuro de pedra da deusa.

Os tambores pulsavam em um ritmo constante, tão mesmerizante quanto o zumbido sonolento das abelhas. Mas Geoffrey sabia o quanto traiçoeiro era aquele som. Ele vira o que acontecera à baronesa, e agradecia a Deus que Ian tivesse sido poupado do mesmo destino... e o som do zumbido sonolento aumentou de intensidade, tornando-se um guinchado furioso como o de uma serra... um som que primeiro abafara e depois encobrira os gritos de morte da mulher. Ela tinha sido uma criatura tola e fútil, e também perigosa. Quase conseguira matá-los ao libertar a surucucu de Stringfellow — mas tola, fútil e perigosa ou não, ninguém merecia morrer daquele jeito.

Geoffrey repetia mentalmente a pergunta de Ian: O que vamos fazer? O que vamos fazer por nosso pobre amor?

Hezekiah disse:

— Agora não dá pra fazê nada meu patrão, mas ela não tá em perigo. Enquanto tiverem batendo também as abeias dorme. E dona Mizi também dorme.

As abelhas a tinham coberto em um lençol espesso e movente. Seus olhos, abertos sem ver, pareciam recuar em uma caverna viva de abelhas que zumbiam, frenéticas.

— E se os tambores pararem? — perguntou Geoffrey em uma voz cava, quase sem forças, e então os tambores pararam.

Por um instante l p r d os s

4

Paul olhou sem acreditar para a última linha, então ergueu a Royal (ele dera para erguê-la como um haltere quando Annie não estava no quarto, sabe Deus por quê) e a sacudiu outra vez. As teclas chacoalharam, e outro pedaço de metal caiu na tábua.

Ele ouvia o rugido do cortador de grama azul-elétrico de Annie. Ela estava na frente da casa aparando o gramado para que os melecas dos Roydmans não pudessem fofocar sobre ela.

Paul abaixou a máquina e pegou o fragmento metálico, trazendo-o para perto para ver melhor. Ele o examinou à luz forte do fim da tarde que vinha da janela. Sua expressão de incredulidade não se alterou um instante.

Podia-se ver esculpido em metal manchado de tinta sobre a cabeça da tecla:

E
e

Para ficar mais divertido, a velha Royal cuspira fora a letra mais usada na língua inglesa.

Paul olhou para o calendário. A imagem era de uma campina florida e o mês era maio, mas Paul agora marcava as datas em um pedaço de papel avulso, e de acordo com o calendário improvisado era 21 de junho.

*Roll out those lazy hazy crazy days of summer,*¹² pensou ele, amargo, e atirou a peça na direção do cesto de lixo.

Bom, e o que eu faço agora?, pensou ele, já sabendo, é claro, o que teria que ser feito. Escrever à mão. Era isso que vinha agora.

Mas não imediatamente. Embora ele estivesse indo a toda há apenas alguns segundos, ansioso para que Ian, Geoffrey e o sempre pitoresco Hezekiah fossem capturados pelos bourkas para que pudessem ser levados até as cavernas atrás do rosto do ídolo para o final emocionante, agora ele sentia-se subitamente cansado. O buraco no papel se fechara com um estrondo resoluto.

Amanhã.

Ele passaria a escrever à mão amanhã.

Escrever à mão porra nenhuma. Reclame com a gerência, Paul.

Mas ele não faria isso. Annie tinha ficado muito esquisita.

Ele ouviu o rosar monótono do cortador de grama, viu a sombra de Annie e, como frequentemente acontecia ao ponderar o quão estranha ela estava ficando, sua mente trouxe à baila a imagem do machado se erguendo e então caindo. A imagem horrenda de seu rosto impassível salpicado com seu sangue. Era claro. Cada palavra que ela dissera, cada palavra que ele gritara, o guinchar do machado sendo puxado do osso, o sangue na parede. Tudo claro como cristal. E, como ele *também* sempre fazia, tentou bloquear a imagem, mas agiu tarde demais.

A reviravolta crucial na trama de *Carros Velozes* dizia respeito ao acidente de carro quase fatal que Tony Bonasaro sofria em sua última tentativa desesperada de escapar da polícia (o que levava ao epílogo, que mostrava o violento interrogatório conduzido pelo parceiro do finado tenente Gray no quarto de hospital de Tony). Por isso Paul interrogara algumas vítimas de batidas de carro. Ele ouviu a mesma coisa repetidas vezes. Os detalhes mudavam, mas o ponto principal era: *Eu me lembro de entrar no carro, e me lembro de acordar aqui. O resto é um apagão.*

Por que isso não podia ter acontecido com *ele*?

Porque escritores se lembram de tudo, Paul. Especialmente o que dói. Tire toda a roupa de um escritor, aponte para as cicatrizes e ele vai contar a história de todas, até as menores. As maiores rendem romances, não amnésia. É bom ter algum talento se você quer ser escritor, mas o único requerimento real é a habilidade de lembrar da história de cada cicatriz.

Arte é a persistência da memória.

Quem dissera aquilo? Thomas Szasz? William Faulkner? Cyndi Lauper?

Mas o último nome trouxe sua própria corrente de associações, uma infeliz e dolorosa diante das circunstâncias: uma lembrança de Cyndi Lauper soluçando alegremente em *Girls Just Want to Have Fun*, tão nítida que era quase audível: *Oh daddy dear, you're still number one / But girls, they wanna have fuh-un / Oh when the workin' day is done / Girls just wanna have fun.*

Subitamente ele desejou uma dose de rock'n'roll mais ferrenhamente do que já desejara cigarros algum dia. Não precisava ser Cyndi Lauper. Qualquer um servia. Jesus Cristo, Ted Nugent já servia.

O machado descendo.

O sibilar do machado.

Não pense a respeito.

Mas aquilo era estúpido. Ele continuava dizendo a si mesmo para não pensar naquilo, sabendo todo o tempo que aquilo estava lá, como um osso encravado na garganta. Ele deixaria aquilo permanecer ali, ou seria homem e se forçaria a botar toda aquela merda pra fora?

Outra memória surgiu: pelo jeito, aquele dia estava reservado para os Pedidos da Plateia para Paul Sheldon. Era uma lembrança de Oliver Reed como o cientista louco e melífluo do filme *Os Filhos do Medo*, de David Cronenberg, em que ele instava os pacientes no Instituto de Psicoplasmática (um nome que Paul achara deliciosamente divertido): “Até o fim! Vão até o fim!”

Bom... às vezes isso não é um conselho tão ruim.

Eu já fui até o fim uma vez. Foi o bastante.

Porra nenhuma que aquilo valeu. Se ir até o fim uma vez só fosse o bastante, ele teria sido uma porra de vendedor de aspirador de pó, que nem o pai.

Vá até o fim, então. Vá até o fim com isso, Paul. Começando com Misery.

Não.

Sim.

Foda-se.

Paul se recostou, cobriu os olhos com a mão e, gostando ou não, reuniu forças.

Para ir até o fim daquilo.

5

Ele não tinha morrido, não tinha dormido, mas por algum tempo depois que Annie o “peará” a dor sumiu. Ele apenas vagara, solto do corpo, um balão de pensamento afastando-se da terra.

Ah, merda, por que se dar ao trabalho? Ela tinha feito aquilo, e todo o tempo entre aquilo e agora não passava de dor e tédio e ocasionais arroubos de trabalho no livro estupidamente melodramático para escapar dos dois primeiros. Nada daquilo fazia sentido.

Ah, mas existe um sentido... existe um tema aqui, Paul. O fio que conduz tudo. O fio unindo todas as coisas. Você não vê?

Misery, é claro. Aquele era o fio que conduzia tudo, mas quer fosse verdadeiro quer falso, era realmente tolo.

“Misery” em inglês significava dor, geralmente prolongada e frequentemente inútil. No caso dele, significava um personagem e uma trama, que era sem dúvida longa e sem sentido, mas que logo acabaria. Misery tinha constituído os últimos quatro (ou cinco) meses de sua vida, sim, Misery aos montes, Misery todo dia, mas sem dúvida aquilo era simples demais...

Ah, não, Paul. Nada sobre Misery é simples. Exceto que você lhe deve a vida, ou o que lhe resta dela... porque no final você virou mesmo Sherazade, não foi?

Novamente ele tentou afastar os pensamentos, mas viu que não conseguia. Era a tal da persistência da memória. Escritores sem talento só querem se divertir.¹³ Então surgiu uma ideia inesperada, uma ideia nova que abriu novas possibilidades de pensamento.

É tão óbvio que você não vê, mas o fato é que você também foi — também é — Sherazade de si mesmo.

Ele piscou, abaixando a mão e encarando estupidamente o Verão que não esperava ver. A sombra de Annie passou e desapareceu outra vez.

Aquilo era verdade?

Sherazade de mim mesmo?, ele pensou novamente. Se aquele era o caso, ele estava diante de uma estupidez colossal: ele devia a sobrevivência ao fato de

querer terminar aquela merda que Annie o obrigara a escrever. Ele devia ter morrido... mas não podia. Não até saber como tudo terminava.

Ah, você ficou foi louco.

Certeza?

Não. Ele já não tinha certeza. Sobre nada.

Com uma exceção: toda sua vida dependera e continuava a depender de Misery.

Ele deixou a mente vagar.

A nuvem, pensou ele. Comece com a nuvem.

6

Daquela vez a nuvem tinha sido mais escura, mais densa, de alguma forma mais suave. Havia uma sensação não de flutuar, mas de escorregar. Às vezes apareciam pensamentos, e às vezes havia dor, e às vezes ele ouvia fracamente a voz de Annie, soando como da vez em que o manuscrito em chamas quase incendiara o quarto:

— Beba, Paul... você *precisa* beber!

Escorregando?

Não.

Não era o verbo certo. O verbo certo era *afundando*. Ele se lembrava de um telefonema às três da manhã em sua época de faculdade. O bedel sonolento do dormitório do quarto andar bateu em sua porta, dizendo para ele ir atender a porra do telefone. Era sua mãe. *Venha para casa o mais rápido que puder, Paulie. Seu pai teve um derrame. Ele está afundando.* E ele *tinha* ido o mais rápido que pôde, forçando o velho Ford acima dos 100 por hora apesar de a frente do carro chacoalhar sempre que o carro passava dos 80. Mas no final, de nada adiantara. Quando ele chegou em casa, o pai não estava mais afundando, já tinha afundado.

O quão perto de afundar ele chegara na noite do machado? Ele não sabia, mas o fato de não ter sentido quase dor nenhuma na semana que se seguira à

amputação talvez fosse um claro indício do quão perto tinha sido. Isso, e o pânico na voz dela.

Ele jazera em um semicoma, mal respirando por causa dos efeitos colaterais do remédio, que deprimia o sistema respiratório. O soro intravenoso fora aplicado em seu braço outra vez. E o que o trouxera de volta tinha sido o bater dos tambores e o zumbir das abelhas.

Tambores bourka.

Abelhas bourka.

Sonhos bourka.

Cor borrando lenta e inexoravelmente uma terra selvagem e uma tribo que jamais passava além das margens do papel no qual ele escrevia.

Um sonho com a deusa, o *rostro* da deusa, pairando sobre a selva, verde, sinistro e erodido. Deusa sombria, continente sombrio, uma cabeça de pedra cheia de abelhas. Sobreposta a tudo aquilo, uma imagem, que se tornou cada vez mais nítida (como se um slide gigante fosse projetado contra a nuvem onde ele jazia) à medida que o tempo passava. Era a imagem de uma clareira em que um velho eucalipto estava. Dependurado do galho mais baixo havia um par de algemas antiquadas de aço azulado. Abelhas andavam sobre elas. As algemas estavam vazias. Estavam vazias porque Misery tinha...

... escapado? Tinha mesmo, não tinha? Não era assim que era para ser a história?

Tinha sido assim — mas agora ele já não tinha certeza. *Era* isso que as algemas vazias sinalizavam? Ou ela tinha sido levada embora? Levada para dentro do ídolo? Levada até a rainha abelha, a Bela Boneca dos bourkas?

Você também foi Sherazade de si mesmo.

Para quem você está contando essa história, Paul? Para quem você a está contando? Para Annie?

É claro que não. Ele não atravessava o buraco no papel para ver Annie ou agradá-la... ele atravessava o buraco para *se afastar* de Annie.

A dor começara. E a coceira. A nuvem começou a esmaecer e se dissipar. Ele começou a notar o quarto, o que era ruim, e Annie, o que era ainda pior. Ainda assim, ele decidira viver. Uma parte dele, viciada nos seriados tanto quanto Annie quando criança, decidira que ele não podia morrer até saber como tudo acabava.

Ela *tinha* escapado com a ajuda de Ian e Geoffrey?

Ou tinha sido levada até a cabeça da deusa?

Era ridículo, mas essas perguntas estúpidas realmente pareciam exigir uma resposta.

7

Ela não quis deixá-lo voltar ao trabalho — pelo menos não de início. Ele podia ver nos olhos irrequietos de Annie o quão assustada ela ficara. O quão perto ele chegara. Ela cuidava dele de forma extravagante, trocando as ataduras dos tocos sangrentos a cada oito horas (e no começo ela informara — com ar de quem sabe que jamais receberá uma medalha por isso, embora merecesse — que tinha realizado a operação a cada quatro horas), dando-lhe banhos de esponja e massagens com álcool — como se para negar o que havia feito. Ela disse que o trabalho o machucaria. *Vai fazer mal, Paul. Eu não falaria isso se não fosse, acredite em mim. Pelo menos você sabe o que acontece — eu estou morrendo de curiosidade com o que vai acontecer depois.* Annie lera tudo o que ele tinha escrito — todo o trabalho pré-cirurgia, digamos assim — enquanto ele estava à beira da morte... mais de trezentas páginas de manuscrito. Ele não preencheria os “nn” das últimas quarenta, mais ou menos. Annie preencheria. Ela mostrou as páginas, com uma expressão de orgulho insolente. Seus “nn” eram muito bonitos, formando forte contraste com os dele, que tinham se tornado garranchos corcundas.

Embora ela jamais o dissesse, Paul acreditava que Annie preencheria os “nn” como outra prova de sua solicitude — *Como você pode dizer que eu fui cruel com você, Paul, olhe os “nn” que eu preenchi para você!* — ou como ato de contrição, talvez mesmo como rito supersticioso: talvez mudando bastante as ataduras, dando muitos banhos de esponja e preenchendo muitos “nn”, Paul sobrevivesse. *A muié-abeia bourka tem feitiço forte, buana, preenche esses “nn” do diacho e vai ficá tudo bem.*

Ela tinha começado dessa forma... e então *o deixou* começou. Paul conhecia todos os sintomas. Quando ela disse que estava morrendo de curiosidade para saber o que aconteceria depois, não estava brincando.

Porque você continuou a viver só para descobrir o que acontece depois, não é isso que você está dizendo?

Louco como fosse — e até vergonhoso em seu absurdo —, sim, era o que ele estava dizendo.

O deixouver.

Era algo que ele percebera — para sua irritação — que conseguia fazer quase sempre nos livros de *Misery*, mas raras vezes em sua ficção principal. Não se sabe exatamente onde está *o deixouver*, mas que é inegável quando se encontra. Como se fizesse a agulha de um contador Geiger interno girar até o fim do mostrador. Mesmo sentado diante da máquina de escrever com um pouco de ressaca, bebendo café preto e mastigando um antiácido a cada duas horas (sabendo que devia parar com a porra dos cigarros, pelo menos pela manhã, mas incapaz de se forçar a fazê-lo), a meses de terminar e a anos-luz de publicar, ele sabia que tinha *um deixouver* quando atinava com um. Pensar em *um deixouver* sempre fazia com que ele se sentisse um pouco envergonhado... manipulativo. Mas também parecia justificar seu trabalho duro. Cristo, passavam-se dias e o buraco no papel era apertado, a luz era pouca, as conversas entreouvidas eram insossas. Ele prosseguia porque era só o que havia a fazer. Confúcio diz: se você quer plantar uma fileira de milho, antes cava uma tonelada de merda. E então um dia o buraco se ampliava em panorâmica e a luz era como os raios de sol nos épicos de Cecil B. De Mille; ele sabia que estava diante do *deixeuver*.

O deixouver: “Acho que vou ficar mais uns 15, vinte minutos acordado, amor, só deixa eu ver como esse capítulo acaba.” Mesmo que o cara tivesse passado o dia no trabalho pensando em dar uma e soubesse que a esposa provavelmente estaria dormindo quando ele fosse para o quarto.

O deixouver: “Era para eu começar a fazer a janta... ele não vai gostar se for comida congelada de novo... só deixa eu ver como isso acaba.”

Só deixa eu ver se ela sobrevive.

Só deixa eu ver se ele pega o escroto que matou o pai dele.

Só deixa eu ver se ela descobre que a melhor amiga está trepando com o marido dela.

O deixouver. Escroto feito uma punhetinha num bar sórdido, gostoso feito uma foda com a prostituta mais talentosa da cidade. Oh, amigo, era ruim e oh, como era bom e ah, no fim não importava o quão grosseira ou crua fosse a

coisa, porque no fim era como os Jacksons diziam naquele disco: só pare quando tiver o bastante.

8

Você também foi Sherazade de si mesmo.

Era uma ideia que ele não conseguia articular nem compreender. Não na época. Ele sofrera com muita dor. Mas sempre soubera disso, não é?

Não ele. Os caras da oficina lá embaixo. Eles sabiam.

Sim. Aquilo parecia fazer sentido.

O som do cortador de grama ficou ainda mais alto. Annie apareceu por um momento. Ela olhou para ele, viu que ele olhava de volta e ergueu a mão para ele. Ele levantou a mão — a que ainda tinha um polegar — em resposta. Ela saiu de vista outra vez. Muito bem.

Ele finalmente conseguira convencê-la de que voltar a trabalhar o faria progredir e não retroceder... Sentia-se assombrado pela especificidade das imagens que o tinham atraído para fora da nuvem... e *assombrado* era a palavra certa: até serem colocadas no papel, eram como vultos, fantasmas insepultos.

E embora ela não tivesse acreditado nele na época, Annie permitira que Paul voltasse ao trabalho assim mesmo. Não porque ele a tinha convencido, mas por causa do *deixeuver*.

A princípio ele só conseguia trabalhar por períodos dolorosamente curtos. Quinze minutos, talvez meia hora se a história exigisse. Mesmo períodos curtos eram pura agonia. Mudar de posição fazia o toco voltar à vida como brasas fumegantes se reacendem quando a brisa sopra. Doía furiosamente enquanto ele escrevia, mas isso não era o pior. O pior era duas horas depois, quando o toco parecia prestes a enlouquecê-lo com uma coceira intensa e persistente como um enxame de abelhas sonolentas.

Ele estava com a razão, e não ela. Paul nunca sarou de verdade — provavelmente seria impossível naquela situação —, mas sua saúde melhorou e um pouco de sua força retornou. Ele tinha consciência de que seus horizontes de interesse tinham diminuído, mas aceitava isso como o preço da sobrevivência. Já era um milagre ele ter sobrevivido.

Sentado ali em frente à máquina de escrever cada vez mais banguela, rememorando um período que consistira em trabalho em vez de eventos, Paul aquiesceu. Sim, ele achava que era Sherazade de si mesmo, assim como ele era sua própria mulher dos sonhos quando batia umazinha no ritmo febril de suas fantasias. Ele não precisava de um psicanalista para mencionar a faceta autoerótica da escrita: você manipulava teclas em vez do órgão genital, mas os dois atos dependiam em grande parte de presença de espírito, mãos rápidas e um comprometimento a toda prova com a arte do improvável.

Mas também estava rolando uma espécie de trepada, não é, embora a seco. Porque quando ele começou a escrever de novo... bom, ela não o interrompia durante o trabalho, mas quando Paul terminava, Annie pegava a produção do dia com a desculpa de preencher os “nn”, embora Paul já soubesse — da maneira como homens sexualmente experientes já sabem quais mulheres vão dar no fim da noite e quais não vão — que na verdade ela precisava de sua dose. Ela precisava do *deixeuver*.

Os seriados. Sim. Voltamos aos seriados. Só que pelos últimos meses ela está indo ao cinema todos os dias, não só nos sábados à tarde, e o Paul que a leva agora não é seu irmão mais velho, e sim seu escritor de estimação.

Seus períodos em frente à máquina de escrever foram ficando mais longos à medida que a dor ficava mais fraca e sua resistência retornava... mas no final ele não conseguia escrever rápido o suficiente para atender a demanda.

O deixeuver que mantivera ambos vivos — e tinha mesmo, pois Annie o teria matado e se suicidado em seguida há muito — também tinha causado a perda do seu polegar. Era horrível, mas também era meio engraçado. *Tome um pouco de ironia, Paul. Faz bem pro sangue.*

E pense só que podia ter sido muito pior.

Podia ter sido o pênis, por exemplo.

— E eu só tenho um — disse ele e começou a rir selvagememente diante da odiosa Royal com o sorriso banguela. Ele riu até seu estômago e o toco doerem. Riu até a *mente* doer. Em algum momento o riso tornou-se horríveis soluços secos que acordaram a dor até mesmo no que restava do seu polegar esquerdo, e quando isso aconteceu, ele finalmente conseguiu parar. Ele se perguntou de forma anestesiada se faltava muito ainda para enlouquecer.

Embora achasse que não fazia a menor diferença.

9

Um dia, não muito antes da polegarotomia — talvez pouco menos de uma semana —, Annie aparecera com dois pratos gigantes cheios de sorvete de baunilha, uma lata de xarope de chocolate Hershey's, uma lata de chantilly e uma jarra em que cerejas vermelhas feito sangue flutuavam como espécimes biológicos.

— Vou fazer sundaes pra gente, Paul — disse Annie. O tom de sua voz era quase ilegalmente alegre. Paul não gostou. Nem do tom de voz nem da expressão em seus olhos. Era uma expressão que dizia: *Estou sendo danadinha*. Aquilo o deixava desconfiado e alerta. Era fácil imaginar Annie com aquela expressão enquanto deixava pilhas de roupas em uma escada, um gato morto em outra.

— Ah, obrigado, Annie — disse ele e ficou olhando enquanto ela derramava xarope de chocolate e cobria tudo com duas nuvens de chantilly. Ela fez tudo isso com a prática casual do viciado em açúcar.

— Não precisa agradecer. Você merece. Você tem trabalhado tanto.

Ela lhe deu seu sundae. Depois da terceira colherada a doçura tornou-se enjoativa, mas ele continuou a comer. Era mais inteligente. Uma das dicas de sobrevivência mais importantes na bela Encosta Ocidental era: *Se Annie está oferecendo, é melhor ir comendo*. Houve silêncio por algum tempo, e então Annie pousou a colher no prato, limpou o xarope de chocolate e o sorvete derretido do queixo com as costas da mão e disse com uma voz agradável:

— Me conte o resto.

Paul depôs a colher no prato.

— Perdão?

— Me conte o resto da história. Eu não consigo esperar. Eu não consigo mesmo.

E ele já não esperava por isso? Sim. Se alguém tivesse entregado as vinte fitas do seriado do Homem Foguete na casa de Annie, será que ela teria esperado para assistir a somente uma por semana, até mesmo uma por dia?

Ele olhou para o sundae semidevastado de Annie, com uma cereja quase enterrada em chantilly, outra flutuando em xarope de chocolate. Ele se lembrou da sala de estar, com pratos melados de açúcar por toda parte.

Não. Annie não era do tipo que esperava pelas coisas. Annie assistiria aos vinte episódios no mesmo dia, mesmo se acabasse ficando com os olhos ardendo e a cabeça doendo.

Porque Annie adorava coisas doces.

— Eu não posso fazer isso.

O rosto dela escureceu imediatamente, mas também não tinha havido um certo alívio discreto?

— É? Por que não?

Porque você não vai me respeitar no dia seguinte, ele pensou em dizer, mas não disse nada. Conteve-se com toda a força.

— Porque eu não sei contar histórias.

Ela tomou o resto do sundae em cinco colheradas gigantes que teriam queimado a garganta de Paul de tão geladas. Então depôs o prato e olhou para ele com raiva, como se ele não fosse o grande Paul Sheldon, e sim alguém que tivesse ousado *criticar* o grande Paul Sheldon.

— Se você não sabe contar histórias, como é que você tem livros campeões de venda e milhões de pessoas amam os livros que você escreve?

— Eu não disse que não sei *escrever* histórias. Na verdade eu acho que até sou bem bom nisso. Mas como *contador* de histórias eu não presto para nada.

— Você só está arranjando uma meleca de desculpa. — Seu rosto estava escurecendo. Suas mãos se fechavam em pequenos punhos agarrando o tecido grosso da saia. O Furacão Annie tinha retornado. Tudo o que sobe desce. Mas as coisas não *eram* mais as mesmas, não é? Ele continuava com medo dela, mas ainda assim o domínio dela sobre ele diminuía. Sua vida já não parecia importar tanto assim, com ou sem o *deixeuver*. Ele só tinha medo de que ela o machucasse.

— *Não* é desculpa. As duas coisas são bem diferentes, Annie. Quem *conta* histórias geralmente não sabe *escrever* histórias. Se você acha que escritores conseguem falar bem, é porque nunca deve ter visto um romancista gaguejando e suando numa entrevista na TV.

— Bom, eu não quero esperar — disse ela, amuada. — Eu fiz um sundae tão gostoso pra você. O mínimo que você podia fazer era me contar *algumas*

coisas. Não precisa ser a história toda, mas... o barão matou Calthorpe? — Seus olhos brilharam. — Eu quero *tanto* saber! E se ele matou, o que foi que ele fez com o corpo? O corpo está escondido todo furado no baú? O que a esposa dele não tira de vista? *Eu* acho que está lá sim.

Paul sacudiu a cabeça. Não para indicar que ela estava errada, mas sim que ele não ia dizer.

Ela ficou ainda mais sinistra. Mas sua voz era suave.

— Você está me deixando bem aborrecida. Você sabe disso, não sabe, Paul?

— Claro que sei. Mas não posso fazer nada.

— Eu posso *fazer* você *fazer* muitas coisas. Posso fazer você *contar*.

Mas ela parecia frustrada, como se soubesse que não podia. Ela podia fazê-lo dizer algumas coisas — mas contar, nunca.

— Annie, você se lembra do que as crianças dizem quando a mãe pega elas brincando com coisa errada? Você me disse isso. A mãe faz as crianças pararem, e as crianças dizem: *Mamãe, você é malvada!* É isso o que você está fazendo agora, está dizendo: *Paul, você é malvado!*

— Se você me aborrecer mais, não posso prometer que vou ser responsável — disse ela, mas Paul sentiu que a crise havia passado. Ela era estranhamente vulnerável aos conceitos de disciplina e bom comportamento.

— Bom, vou ter que correr o risco, porque eu sou que nem essa mãe. Eu não estou fazendo isso para ser malvado, ou para provocar você. Estou fazendo isso porque quero mesmo que você goste da história... e se eu lhe der o que você quer, você não vai gostar, e não vai mais querer.

E aí o que é que vai ser de mim, Annie?, pensou ele, mas não disse.

— Pelo menos me diga se aquele tição Hezekiah sabe *mesmo* onde está o pai de Misery! Pelo menos isso!

— Você quer o romance, ou quer que eu preencha um questionário?

— Não seja sarcástico comigo!

— Então não finja que não entende o que eu estou falando! — gritou ele. Ela recuou, surpresa e tensa, e sua expressão esvaziou-se por completo dos tons sombrios. Tudo o que restava era aquela estranha expressão de menininha, como quem pensa “fiz coisa errada”. — Você quer abrir a barriga da galinha dos ovos de ouro! É disso que estamos falando! Mas quando o fazendeiro na história fez isso, tudo o que ele conseguiu foi uma galinha morta e tripas!

— Está bem. Está bem, Paul. Você vai terminar seu sundae?

— Eu não quero mais.

— Entendi. Eu aborreci você. Sinto muito. Eu acho que você está certo. Eu errei em pedir isso.

Ela estava perfeitamente calma outra vez. Ele esperava outro período de depressão profunda ou raiva, mas não houve nada. Eles tinham simplesmente retornado à antiga rotina. Paul escrevia, Annie lia a produção diária, e tempo bastante se passara entre a discussão e a polegarotomia para Paul ignorar a conexão. Até agora.

Eu reclamei da máquina de escrever, pensou ele, olhando para a máquina e escutando o zumbido do cortador de grama. Soava mais distante agora, e ele se deu conta por alto de que não era porque Annie tinha se afastado — *ele é quem tinha*. Ele estava começando a cochilar. Ele fazia muito isso agora, simplesmente cochilava feito um velhote em um asilo.

Eu não reclamei muito. Foi só uma vez. Mas foi o suficiente, não é? Mais do que suficiente. Isso foi quando? Uma semana depois de ela trazer a caquinha dos sundaes? Foi por aí. Uma semana, uma reclamação. Eu só falei que o barulho da tecla faltando estava me deixando louco. Nem sequer sugeri que ela comprasse outra máquina da Nancy Fornicadora ou sei lá quem era, uma com todas as teclas. Eu só falei que o barulho estava me deixando louco, e aí, quase em seguida, pá-pum, olha o polegar do Paulie! Agora você vê, agora não vê mais! Mas ela não fez isso porque eu reclamei sobre a máquina, não é? Ela fez isso porque eu disse não e ela teve que engolir. Foi um ato de raiva. A raiva foi resultado da compreensão. Compreensão do quê? Ora, de que ela não tem todas as cartas, afinal. Que eu tinha um certo poder passivo sobre ela. O poder do deixeuver. No final até que não fui uma Sherazade tão ruim.

Era loucura. Era engraçado. E também era real. Milhões podiam caçar, mas apenas porque não conseguiam compreender o quão insidiosa podia ser a influência da arte, mesmo de um tipo tão degenerado como a ficção popular. Donas de casa se programavam de acordo com o horário das novelas da tarde. Se voltavam ao mercado de trabalho, sua prioridade era comprar um videocassete para assistir às novelas à noite. Quando Arthur Conan Doyle matou Sherlock Holmes nas Cataratas Reichenbach, toda a Inglaterra vitoriana se ergueu e exigiu a volta do detetive em uníssono. O tom do protesto tinha sido igual ao que Annie empregara: não luto, mas ultraje. Doyle foi

repreendido pela mãe quando ele lhe escreveu dizendo que tencionava eliminar Holmes. A resposta indignada dela veio pelo correio:

— Matar o sr. Holmes, um cavalheiro tão distinto? Bobagem! *Não ouse fazer isso!*

Teve também o caso de seu amigo Gary Ruddman, que trabalhava na Biblioteca Pública de Boulder. Um dia Paul tinha ido visitá-lo e encontrara as persianas da casa fechadas e uma fita de crepe negro na porta. Preocupado, Paul bateu na porta até Gary responder. *Vá embora*, dissera-lhe Gary. *Estou me sentindo pra baixo hoje. Uma pessoa morreu... uma pessoa importante.* Quando Paul perguntou quem era, Gary respondera, com a voz cansada: *Van der Valk*. Paul o ouvira afastar-se da porta e, embora batesse mais algumas vezes, Gary não voltara. Van der Valk era um detetive fictício criado — e então descrito — por um escritor chamado Nicolas Freeling.

Paul se convencera de que a reação de Gary tinha sido mais que falsa. Ele achou que era pretensiosa e afetada. Pura pose, trocando em miúdos. Paul continuou a acreditar nisso até 1983, quando leu *The World According to Garp*.¹⁴ Ele cometeu o erro de, logo antes de ir dormir, ler a cena em que o filho mais jovem de Garp morre empalado em uma alavanca de câmbio. Passaram-se horas até ele conseguir dormir. A cena não saía de sua mente. A ideia de que ficar de luto por um personagem fictício era absurda passou por sua mente várias vezes enquanto ele se virava e remexia na cama. Pois é claro que ele estava de luto. Compreender aquilo não ajudava em nada, e isso o fez cogitar se talvez Gary Ruddman não estivesse falando mais sério sobre Van der Valk do que Paul lhe dera crédito. E isso fez com que outra lembrança surgisse: terminar *O Senhor das Moscas*, de William Golding, aos 12 anos, em um dia quente de verão. Ele fechou o livro, foi até a geladeira pegar um copo de limonada gelada. E então mudou de direção bruscamente, correndo a toda velocidade para o banheiro. Ele se debruçou sobre o vaso sanitário e vomitou.

Paul se lembrou de outros exemplos: as pessoas que lotavam o cais de Baltimore todo mês quando chegavam os novos episódios de *A Pequena Dorrit* ou *Oliver Twist*, do sr. Dickens (tinha havido alguns afogamentos, mas isso não desencorajava os outros). A velhinha de 105 anos que declarou que viveria até o sr. Galsworthy terminar *A Saga dos Forsyte* — e que morreu menos de uma hora depois de ouvir a leitura da última página do último volume. O jovem montanhista hospitalizado com um caso supostamente fatal de hipotermia

cujos amigos leram *O Senhor dos Anéis* para ele sem parar até que ele saiu do coma. Centenas de outros casos parecidos.

Paul acreditava que todos os escritores de campeões de venda de ficção tinham suas próprias histórias de envolvimento radical dos leitores com os mundos de faz de conta que os escritores criam. *Exemplos do complexo de Sherazade*, pensou Paul, quase dormindo, enquanto o som do cortador de grama ia e vinha, ecoando de algum ponto distante. Ele se lembrava de receber duas cartas sugerindo parques temáticos de Misery, como a Disney World ou o Great Adventure. Uma das cartas incluía uma planta rudimentar. Mas o vencedor absoluto (ao menos até Annie Wilkes entrar em sua vida) tinha sido a sra. Roman D. Sandpiper III, de Ink Beach, Flórida. A sra. Roman D. Sandpiper, cujo nome de batismo era Virginia, tinha transformado um quarto do andar de cima na Casa de Misery. Ela incluiu fotos da Roda de Fiar de Misery, do Escritório de Misery (com uma lista de compras incompleta, informando ao sr. Faverey que ela participaria do recital escolar no dia 20 de novembro daquele mês — usando uma letra que Paul considerou bastante adequada para sua heroína: não era escrita na grafia arredondada e fluida de uma dama, e sim no estilo *copperplate*, não tão feminino), do Sofá de Misery, do Bordado de Misery (*Deixe o Amor Instruir Você. Não Tente Instruir o Amor.*) etc. O mobiliário — dizia a carta da sra. Roman D. (“Virginia”) Sandpiper — era todo genuíno. Não eram cópias, e embora Paul não pudesse ter certeza, ele achava que era verdade. Se fosse o caso, então aquela brincadeira de faz de conta devia ter custado à sra. Roman D. (“Virginia”) Sandpiper milhares de dólares. A sra. Roman D. (“Virginia”) Sandpiper apressava-se em assegurar que não estava usando o personagem para ganhar dinheiro, nem tinha planos de fazê-lo — “Deus me livre!”, dizia a carta —, mas *queria* que Paul visse as fotos e lhe dissesse onde ela tinha errado (e dizia que provavelmente tinha errado bastante). A sra. Roman D. (“Virginia”) Sandpiper também queria a opinião dele. Olhar para as fotos tinha causado uma sensação estranha e fantasmagórica. Era como olhar para fotos de sua própria imaginação, e ele sabia que a partir daquele momento, sempre que tentasse imaginar o pequeno estúdio/quarto de Misery, as fotos da sra. Roman D. (“Virginia”) Sandpiper surgiriam em sua mente, obscurecendo sua imaginação com sua concretude alegre, mas bidimensional. Dizer a ela o que estava errado? Seria loucura. Dali em diante seria ele quem se preocuparia com aquilo. Ele respondera à carta,

uma mensagem curta de parabéns e admiração, uma mensagem que não mencionava certas perguntas sobre a sra. Roman D. (“Virginia”) Sandpiper que tinham passado por sua mente: por exemplo, o quão lunática ela era? Ele recebeu outra carta, com mais fotos. A primeira carta da sra. Roman D. (“Virginia”) Sandpiper consistia em duas páginas escritas à mão e sete fotos. A segunda carta consistia em dez páginas escritas à mão e quarenta fotos. A carta era um registro completo (e extremamente cansativo) de onde a sra. Roman D. (“Virginia”) Sandpiper tinha encontrado cada peça, quanto tinha pago e qual o processo de restauração usado. A sra. Roman D. (“Virginia”) Sandpiper disse ter encontrado um sujeito chamado McKibbon, que tinha um velho rifle de caçar esquilos, e pedira que ele metesse uma bala na parede perto da cadeira. A sra. Roman D. (“Virginia”) Sandpiper não podia atestar a autenticidade histórica da arma, mas o calibre era o certo. As fotos eram na maior parte fotos de detalhes, tiradas bem de perto. Se não fosse o texto escrito à mão nas costas das fotos identificando cada item, as imagens podiam fazer parte de um quebra-cabeças de revista do tipo “O QUE É ISTO?”, em que fotografias em close fazem um pedaço de clipe de papel parecer uma coluna de aço e o anel de uma lata de cerveja parecer uma escultura de Picasso. Paul não tinha respondido a essa carta, o que não impediu a sra. Roman D. (“Virginia”) Sandpiper de enviar mais cinco (as primeiras quatro com mais fotos) antes de finalmente ficar em silêncio, intrigada e um pouco magoada.

A última carta tinha sido assinada apenas “sra. Roman D. Sandpiper”. O convite (ainda que implícito) de chamá-la de “Virginia” fora cancelado.

Os sentimentos daquela mulher, embora tivessem a marca da obsessão, jamais evoluíram para a fixação paranoica de Annie, mas Paul agora entendia que a origem era a mesma. O complexo de Sherazade. O poder profundo e primal *do deixeuver*.

Ele flutuou mais intensamente. E dormiu.

10

Paul cochilou por esses dias como os velhos cochilam, abruptamente, às vezes em momentos inapropriados, e dormiu como os velhos dormem: separados do

mundo acordado pela mais fina membrana. Ele não parou de ouvir o cortador de grama, mas o som ficou mais grave, áspero e entrecortado como o som da faca elétrica.

Ele escolhera o dia errado para começar a reclamar sobre a máquina e o “n” faltando. E, claro, não havia um dia *bom* para dizer não a Annie Wilkes. O castigo podia demorar... mas sempre vinha.

Bom, se incomoda você tanto assim, eu vou ter que fazer alguma coisa para tirar esse “n” feio da sua cabeça. Ele a ouviu remexendo as gavetas da cozinha, arremessando coisas, xingando em sua estranha língua. Dez minutos depois ela entrou no quarto com a seringa, o iodo e a faca elétrica. Paul começou a gritar imediatamente. De certa forma ele tornara-se como um cão de Pavlov. Quando Pavlov tocava uma sineta, os cães salivavam. Quando Annie entrava no quarto de hóspedes com uma seringa, uma garrafa de iodo e um objeto cortante afiado, Paul começava a gritar. Ela plugou a faca na tomada perto da cadeira de rodas e ele implorou e gritou e prometeu novamente que seria bom. Quando ele tentou se afastar da agulha com violência, ela lhe disse que ficasse quieto senão seria sem anestesia mesmo. Quando ele continuou se estorcendo para longe da agulha, gemendo e pedindo, Annie sugeriu que já que ele estava daquele jeito, o melhor seria só usar a faca em sua garganta e acabar logo com aquilo.

Então ele ficara quieto e deixou que ela lhe aplicasse a injeção. Dessa vez o iodo foi aplicado no polegar esquerdo e na lâmina da faca (quando ela ligou o aparelho e a lâmina começou a serrar rapidamente, o iodo voou num borrifo de gotas castanhas que Annie pareceu não notar), e logo haveria gotas vermelhas voando pelo ar também. Porque quando Annie decidia por alguma coisa, ela ia até o fim. Annie não era demovida por pedidos. Annie não era demovida por gritos. Annie tinha a coragem de suas convicções.

Quando a lâmina vibrante afundou zumbindo na polpa tenra de carne entre o polegar condenado e o indicador, ela garantiu outra vez que o amava, naquela voz de quem diz “isso dói mais na mamãe do que dói no Paulie”.

Então, naquela noite...

Você não está sonhando, Paul. Você está pensando coisas sobre as quais não ousa pensar quando está acordado. Então acorde. Pelo amor de Deus, ACORDE!

Ele não conseguia acordar.

Annie cortara seu polegar pela manhã e aquela noite ela entrara valsando no quarto onde ele estava sentado estúpido entre as drogas e a dor com a mão esquerda enfaixada sobre o peito. Ela trazia um bolo e cantava *Parabéns pra Você* alto na voz afinada, mas sem timbre, embora não fosse seu aniversário, e havia velas por todo o bolo e enfiado bem no meio do glacê como uma vela enorme estava o seu polegar morto e cinzento, o polegar com a unha um pouco áspera porque ele às vezes mordida enquanto procurava uma palavra e ela dissera: *Se você prometer que vai se comportar, Paul, você ganha um pedaço de bolo mas não precisa comer a vela especial*, e então ele prometeu que iria se comportar porque ele não queria comer a vela especial, mas também porque principalmente porque Annie era boa Annie era excelente agradeçamos pela comida incluindo o fato de não precisarmos comer as moças só querem se divertir¹⁵ mas um patife vem chegando¹⁶ por favor não me faça comer meu dedão Annie mamãe Annie deusa quando Annie está perto é melhor ficar honesto ela sabe quando você está dormindo, sabe quando está acordado ela sabe se você foi bom ou mau pelo amor da deusa é melhor não chorar é melhor não fazer bico mas principalmente é melhor você não gritar não gritar não gritar não

Ele não gritou.

Paul acordou com um repelão que fez todo o seu corpo doer, sem notar que seus lábios estavam bem apertados para manter o grito lá dentro embora a polegarotomia tivesse acontecido há mais de um mês.

Estava tão preocupado em não gritar que por um momento nem viu o que estava vindo pelo caminho, e quando ele *viu*, achou de início que se tratava de uma miragem.

Era uma viatura da Polícia do Estado do Colorado.

11

Um período difuso seguiu-se à amputação do polegar em que a maior conquista de Paul, além de trabalhar no romance, fora contar os dias. O hábito tornara-se patológico, e Paul às vezes passava cinco minutos perdido em

pensamentos, contando para trás, certificando-se de que não se esquecera de nenhum.

Uma vez ele pensou: *Estou ficando tão ruim como ela.*

Sua mente respondera, cansada: *E daí?*

Ele trabalhara bem no livro depois da perda do pé, durante o que Annie chamara eufemisticamente de seu “período convalescente”. Não. *Bem* era falsa modéstia demais. Ele trabalhara *fantasticamente* bem para um sujeito que outrora considerara impossível escrever sem cigarros, ou se tivesse dor nas costas ou o menor sinal de dor de cabeça. Seria bonito pensar que se comportara heroicamente, mas ele sabia que era apenas o escape proporcionado pela escrita, pois a dor à época era insuportável. Quando o processo de cura finalmente começou, ele achou que a coceira fantasma do pé que já não estava ali era ainda pior que a dor. Era o arco do pé ausente que mais o incomodava. Ele acordava seguidas vezes durante a noite usando o dedão do pé direito para coçar o ar, alguns centímetros abaixo do ponto em que seu corpo agora terminava.

Mas continuara trabalhando assim mesmo.

Foi só depois da polegarotomia e do bizarro bolo de chocolate com um dedo que parecia saído das filmagens de *O que aconteceu com baby Jane?* que as bolas de papel amassadas começaram a se proliferar no cesto de lixo outra vez. Perca um pé, quase morra, continue trabalhando. Perca um polegar e dê de cara contra a parede. Não era para ser o contrário?

Bom, houve a febre, que durara uma semana. Mas não fora nada sério, permanecendo nos 38 graus, o que estava longe de ser motivo para melodrama. A febre provavelmente fora causada mais por sua condição precária que uma infecção específica, e uma febrezinha caquinha não era nada para Annie Wilkes. Entre seus souvenirs, Annie tinha Keflex e Ampicilin até dizer chega. Ela o medicou e ele se sentiu melhor... tanto quanto possível naquelas circunstâncias bizarras. Mas havia algo errado, como se ele tivesse perdido algum ingrediente vital e a mistura tivesse ficado menos potente. Ele tentou jogar a culpa no “n” faltante, mas ele já tinha enfrentado aquilo antes e, afinal, o que era um “n” faltante comparado a um pé faltante e agora, como brinde, um polegar faltante?

Seja lá qual o motivo, algo perturbara o sonho, algo fizera diminuir a circunferência do buraco no papel por onde ele olhava. Ele podia jurar que o

buraco já fora tão amplo quanto o Túnel Lincoln. Agora não passava do buraco de um pequeno nó na madeira. Algum superintendente podia se agachar e olhar a construção do outro lado, mas era preciso se esticar e contorcer para ver alguma coisa. Frequentemente as coisas importantes de verdade aconteciam fora do campo de visão.

Em termos práticos, o que acontecera depois da polegarotomia e da febre era óbvio. A linguagem do livro tornara-se floreada e hiperbólica novamente. Ainda não tinha se tornado autoparódia, mas ia rápido nessa direção e ele parecia incapaz de impedir. Lapsos de continuidade se multiplicavam como ratos nos cantos dos sótãos. Durante trinta páginas, o barão tornara-se o visconde de *A Missão de Misery*. Ele teve que voltar e mudar tudo.

Não importa, Paul, ele dizia a si mesmo naqueles dias antes de a Royal cuspir o “t” e o “e”, *essa porcaria está quase pronta*. E estava mesmo. Trabalhar naquilo era tortura e terminar decretaria o fim da sua vida. Que essa última opção já parecesse mais atraente que a anterior lhe dizia tudo o que ele precisava saber sobre o estado deteriorado de sua mente, corpo e espírito. Mas o livro prosseguia apesar de tudo, parecendo ter vida independente. Os lapsos de continuidade aborreciam, mas eram poucos. Ele estava tendo mais problemas com a parte do faz de conta do que jamais tivera. A brincadeira de “Sai dessa!” tornara-se um exercício laborioso, não mais um jogo divertido. Mas o livro progredira apesar das coisas terríveis a que Annie o sujeitara, e ele podia reclamar o quanto quisesse sobre como parecia que alguma coisa — seu brio, talvez — tinha escapulado junto com o quarto de litro de sangue que ele perdeu quando Annie cortou seu polegar, mas ainda era uma história boa pra cacete, seu melhor romance de *Misery* até agora. A trama era melodramática, mas bem construída, e até interessante, de um jeito modesto. Se um dia fosse publicado fora da extremamente limitada Edição Annie Wilkes (primeira impressão: um exemplar), Paul achava que venderia a dar com pau. É, ele achava que conseguiria terminar, se a maldita máquina de escrever aguentasse.

Não era você que era durona?, pensou ele uma vez, após um de seus exercícios de levantamento de máquina. Seus braços finos tremiam, o toco do polegar coçava enlouquecedoramente e sua testa se recobria de uma fina capa de suor oleoso. *Não era você o jovem pistoleiro que ia fazer fama matando o velho xerife aposentado? Mas você já cuspiu uma tecla e eu já notei que algumas outras — o “t”, o “e” e o “g”, por exemplo — estão começando a ficar estranhas... às vezes*

inclinadas para um lado ou para o outro, ou batendo um pouco mais acima ou abaixo da linha. Acho que o xerife velho vai espancar você até a morte... e talvez a vaca soubesse disso. Talvez por isso ela tenha cortado fora meu polegar. Como costumam dizer, “ela é louca, mas não é burra”.

Ele olhou para a máquina com intensidade cansada.

Vá em frente. Pode quebrar. Eu termino assim mesmo. Se ela quiser arranjar uma substituta, eu agradeço, mas se não, eu termino até em bloquinhos de anotação, se precisar.

A única coisa que não vou fazer é gritar.

Eu não vou gritar.

Eu.

Eu não vou.

12

Eu não vou gritar!

Ele ficou à janela, agora totalmente desperto, totalmente cômico de que o carro da polícia que ele via no caminho era tão real quanto seu pé fora um dia.

Grite! Porra, grite!

Paul *queria* gritar, mas a outra ordem era forte demais. Ele não conseguia nem abrir a boca. Ele tentou e viu gotas castanhas de iodo voando da lâmina da faca elétrica. Ele tentou e ouviu o guinchado do machado contra o osso, o som discreto quando o fósforo acendeu o *Keima-Fácil*.

Ele tentou abrir a boca e não conseguiu.

Tentou erguer as mãos. Não conseguiu.

Um horrível gemido passou entre seus lábios fechados e suas mãos fizeram sons erráticos ao bater dos lados da Royal, mas isso foi tudo o que ele pôde fazer, toda a extensão do controle sobre seu destino de que ele dispunha. Nada do que acontecera antes — exceto talvez o momento em que percebera que, embora sua perna esquerda estivesse se movendo, seu pé esquerdo não se movia — fora tão horrível quanto o inferno daquela imobilidade. Não durou muito

em tempo real. Talvez cinco segundos, com certeza não mais de dez. Mas dentro da cabeça de Paul Sheldon, pareceu durar anos.

Ali, bem exposta à vista, estava a salvação: tudo o que ele precisava fazer era quebrar a janela e a trava que a vaca pusera em sua língua e gritar: *Me ajude, me ajude, salve-me de Annie! Salve-me da deusa!*

Ao mesmo tempo outra voz gritava: *Eu vou me comportar, Annie! Eu não vou gritar! Eu vou ser bom, vou me comportar, pelo amor da deusa! Eu prometo não gritar, só não corte mais nada de mim!* Antes disso, ele não *soubera* de verdade o quanto Annie o tinha subjugado, ou o quanto do seu eu mais essencial — o vigor e as luzes do seu espírito — ela tinha arrancado. Ele sabia o quão constantemente vivia aterrorizado, mas será que sabia quanto de sua própria realidade subjetiva, outrora tão forte, fora apagada?

Ele sabia de uma coisa com alguma certeza — havia mais coisas erradas com ele além da paralisia da língua, assim como havia mais coisas erradas com o que ele andara escrevendo do que uma tecla faltante ou a febre ou lapsos de continuidade ou até perda de brio. A verdade era simples e horrenda. Ele morria pouco a pouco, mas morrer daquele jeito não era tão mau quanto ele temera. Mas ele também *esvanecia*, e aquilo era horrível porque era idiota.

Não grite!, gritou a voz em pânico quando o policial abriu a porta da viatura e saiu ajustando o chapéu de patrulheiro. Ele era jovem, não devia ter mais de 22 ou 23, usava óculos de sol negros e de aparência líquida como poças de petróleo. Ele parou para ajustar os vincos da calça do uniforme e a 28 metros dali um homem de olhos azuis (que saltavam da moldura de um rosto pálido e penugento de velho) o encarava atrás da janela, gemendo com os lábios fechados e batendo as mãos inutilmente na tábua sobre os braços da cadeira.

Não grite

(grite sim)

grite e acaba tudo e tudo termina

(nunca não vai terminar nunca só quando eu morrer esse moleque não é páreo pra deusa)

Paul, Cristo, caralho, cê já morreu? *Grite*, seu covarde filho da puta! **GRITE ATÉ ARREBENTAR!!!**

Seus lábios se separaram com um ruído sutil. Ele inspirou e fechou os olhos. Ele não fazia ideia do que iria gritar, nem se iria gritar — e então aconteceu. Ele gritou:

— *ÁFRICA!*

Suas mãos trêmulas se levantaram como pássaros assustados e bateram contra os lados de sua cabeça, como se para impedir que seu cérebro explodisse.

— *África! África! Me ajude! África!*

13

Seus olhos se abriram. O policial olhava na direção da casa. Paul não podia ver seus olhos por causa dos óculos, mas a inclinação de sua cabeça evidenciava certa inquietação. Ele deu um passo à frente e parou.

Paul olhou para a tábua. À esquerda da máquina de escrever havia um cinzeiro pesado de cerâmica. Antes ele estaria cheio de guimbas esmagadas. Agora não continha nada mais prejudicial à sua saúde que uma borracha e cliques de papel. Ele o pegou e arremessou contra a janela. O vidro se espatifou para o lado de fora. Paul achou que foi o som mais livre que ele já escutara. *As muralhas desabaram*, pensou Paul, eufórico, e gritou:

— *Aqui! Me ajude! Cuidado com a mulher! Ela é louca!*

O policial o encarou. Sua boca se abriu. Ele meteu a mão no bolso da camisa e puxou algo que só podia ser uma foto. Ele a consultou e avançou até a beirada do caminho. Ali ele falou as únicas quatro palavras que Paul o ouviu dizer... as últimas quatro palavras que ele diria. Depois disso ele produziria sons inarticulados, mas palavras, não.

— Ah, merda! — gritou o policial. — É você!

A atenção de Paul estivera tão fixa no patrulheiro que ele não viu Annie até ser tarde demais. Quando ele a viu, Paul sentiu um horror realmente supersticioso. Annie tinha se *tornado* uma deusa, uma criatura metade mulher e metade cortador de grama, uma espécie bizarra de centauro fêmea. Seu boné de baseball tinha caído. Seu rosto estava contorcido em uma carranca rígida. Ela carregava a cruz de madeira que tinha marcado o túmulo de Bossie — Paul não se lembrava se era a nº 1 ou a nº 2 —, que finalmente parara de mugir.

Bossie tinha morrido, de fato, e quando a primavera amoleceu o chão o suficiente, Paul observara da janela — às vezes pasmo, às vezes rebentando de

rir — quando ela primeiro cavou a sepultura (o que lhe tomara quase o dia inteiro) e depois arrastou Bossie (que também amolecera consideravelmente) de detrás do celeiro. Ela usou uma corrente acoplada ao gancho para trailers do Cherokee para fazer isso, passando a outra ponta da corrente pelo torso de Bossie. Paul apostou consigo mesmo que Bossie se partiria ao meio antes que Annie a levasse até a sepultura, mas perdeu. Annie jogou Bossie lá dentro e, então, começou a cobrir a sepultura, só terminando bem depois que tinha escurecido.

Paul a vira enfiando a cruz no chão e depois lendo a Bíblia ao lado da sepultura à luz da lua de primavera recém-surgida.

Agora ela usava a cruz como uma lança. A ponta suja de terra da haste vertical estava apontada bem para o meio das costas do policial.

— *Atrás de você! Cuidado!* — gritou Paul, sabendo que era tarde demais, mas gritando ainda assim.

Com um grito agudo, Annie enfiou a cruz de Bossie nas costas do policial.

— *AG!* — disse ele e caminhou lentamente pelo quintal, com as costas perfuradas arqueadas para trás, projetando a barriga para a frente. Seu rosto era como o de alguém tentando expelir uma pedra dos rins ou tendo um terrível ataque de gases. A cruz começou a se inclinar para baixo enquanto o policial se aproximava da janela em que Paul estava sentado. Seu rosto pálido e cinzento de doente era emoldurado pelos cacos de vidro. O policial levou as mãos lentamente às costas, por cima dos ombros, parecendo alguém que tentasse coçar um ponto fora do alcance.

Annie descera do cortador de grama e estava parada com os dedos pressionando o bojo dos seios. Então ela avançou rapidamente e arrancou a cruz das costas do patrulheiro.

Ele se voltou para ela, tentando puxar o revólver, e Annie enfiou a ponta da cruz em sua barriga.

— *AG!* — disse ele e caiu de joelhos agarrando o estômago. Quando ele se curvou, Paul pôde ver o rasgo que o primeiro golpe causara na camisa marrom do uniforme.

Annie puxou a cruz outra vez — a ponta afiada tinha quebrado, deixando um toco afiado e cheio de farpas — e a enfiou nas costas dele, entre as omoplatas. Parecia uma mulher tentando matar um vampiro. Os primeiros dois golpes talvez não tivessem penetrado o suficiente para causar muito dano,

mas agora o madeiro penetrara pelo menos 6 centímetros nas costas do policial ajoelhado, empurrando-o para o chão.

— *TOMA!* — gritou Annie, arrancando a cruz de Bossie das costas dele. — *VIU O QUE É BOM PRA TOSSE, SEU COISA FEIA?*

— *Annie, pare com isso!* — gritou Paul.

Ela olhou para ele. Seus olhos negros brilhavam como moedas, seu cabelo frisado e mofento flanqueava seu rosto e os cantos de sua boca se erguiam no sorriso alegre de um lunático que, pelo menos naquele instante, se livrou de todos os impedimentos. Então ela olhou para o patrulheiro outra vez.

— *TOMA!* — gritou e enfiou a cruz em suas costas novamente. E em suas nádegas. Na parte de cima da coxa. No pescoço. Na virilha. Ela o perfurou meia dúzia de vezes, gritando *TOMA!* a cada golpe. Então o madeiro vertical da cruz rachou.

— Toma — disse ela, quase em tom de conversa, e se afastou na direção de onde tinha vindo correndo. Pouco antes de sair da vista de Paul ela jogou a cruz sangrenta no chão como se já não mais a interessasse.

14

Paul segurou as rodas da cadeira, sem saber aonde queria ir ou o que faria ao chegar lá — se é que faria alguma coisa. Iria até a cozinha pegar uma faca? Não para tentar matá-la com ela, ah, não. Annie daria uma olhada na faca e iria até o barracão pegar o machado. Não para matá-la, mas para se defender da vingança de Annie cortando os pulsos. Ele não sabia se faria isso, mas parecia uma ideia muito boa: se havia um momento ideal para sair de cena, era agora. Ele estava cansado de perder partes de si mesmo para a fúria de Annie.

Então ele viu algo que o prendeu ao chão.

O policial.

O policial ainda estava vivo.

Ele ergueu a cabeça. Seus óculos de sol caíram. Agora Paul podia ver seus olhos. Podia ver o quão jovem ele era, o quão jovem e machucado e assustado. Sangue escorria em grossos fios por seu rosto. Ele conseguiu se erguer de

quatro, caiu para a frente e então conseguiu se erguer a custo outra vez. E então começou a engatinhar na direção da viatura.

Ele avançou até metade da suave inclinação gramada entre a casa e o caminho, então perdeu o equilíbrio e caiu de costas. Por um momento ficou lá com as pernas erguidas, parecendo indefeso como uma tartaruga emborcada. Então rolou lentamente de lado e recomeçou o terrível esforço de se pôr de joelhos outra vez. A camisa e a calça do uniforme escureciam de sangue. Manchas pequenas se espalhavam lentamente, encontrando-se com outras manchas, ficando ainda maiores.

O patrulheiro chegou até o caminho.

Subitamente o barulho do cortador de gramas ficou mais alto.

— *Cuidado!* — gritou Paul. — *Cuidado, ela está vindo!*

O policial virou a cabeça. Seu rosto evidenciou alarme atordoado e ele estendeu a mão para pegar a arma outra vez. Ele a pegou — uma arma grande e negra de tambor alongado e cabo de madeira castanho — e então Annie reapareceu, aboletada no assento e pilotando o cortador o mais rápido que podia.

— *ATIRE NELA!* — gritou Paul, e em vez de atirar em Annie Wilkes com sua arma de Dirty Harry, ele se atrapalhou e a deixou cair.

Ele esticou a mão para pegá-la. Annie manobrou e passou por cima da mão e do antebraço. Sangue espirrou do exaustor do cortador de grama em um jato impressionante. O rapaz no uniforme de patrulheiro gritou. Houve um clangor alto quando a lâmina do cortador atingiu a pistola. Então Annie manobrou outra vez, virou o cortador e seu olhar encontrou o de Paul por um segundo — e Paul teve certeza de que o olhar tinha um significado certo: *Primeiro o policial, depois ele.*

O rapaz estava deitado de lado outra vez. Ao ver o cortador vindo em sua direção outra vez, ele rolou de costas e empurrou freneticamente o chão com os calcanhares para se empurrar para baixo da viatura de forma que Annie não pudesse alcançá-lo.

Ele nem chegou perto. Annie acelerou o cortador de grama e passou com ele por cima da cabeça do policial.

Paul viu pela última vez os olhos castanhos aterrorizados, viu trapos da camisa marrom ensanguentada recobrendo um toco de braço erguido numa tentativa débil de proteção e, quando os olhos sumiram, Paul virou o rosto.

O motor do cortador subitamente desacelerou e houve uma série rápida de impactos com um som estranhamente líquido.

Paul vomitou ao lado da cadeira com os olhos fechados.

15

Ele só os abriu ao ouvir o ruído das chaves na porta da cozinha. A porta do quarto estava aberta. Ele a observou chegando pelo corredor pisando firme nas botas marrons de cowboy, usando calças jeans com o molho de chaves dependurado de um dos passantes do cinto. Sua camiseta masculina estava manchada de sangue. Ele se contorceu afastando-se dela. Ele queria dizer: *Se você cortar mais alguma parte minha, Annie, eu vou morrer. Não vai ser preciso outra amputação. Eu vou morrer de propósito.* Mas as palavras não saíam — apenas fungadas aterrorizadas que o humilhavam.

Ela não lhe deu tempo de falar.

— Cuido de você depois — disse ela e bateu a porta. Uma das chaves chacoalhou na fechadura: uma nova, Kreig, que teria derrotado até o próprio Tom Twyford, e então partiu pelo corredor. O baque de suas botas foi diminuindo misericordiosamente.

Ele virou a cabeça e olhou pela janela, atordoado. Só podia ver parte do corpo do policial. Sua cabeça ainda estava sob o cortador de grama, que por sua vez se inclinava em ângulo contra a viatura. O cortador de grama era um minitrator feito para manter gramados amplos aparados, e não para manter o equilíbrio ao passar sobre pedras expostas, troncos caídos ou cabeças de patrulheiros. Se a viatura não estivesse estacionada exatamente onde estava, e se o policial não tivesse chegado àquela exata distância dela antes de Annie atingi-lo, o cortador teria virado com certeza, derrubando-a. Talvez isso não tivesse causado nenhum mal, mas também poderia tê-la machucado bastante.

Ela tem a sorte do diabo, pensou ele, observando enquanto Annie deixava o motor em ponto morto e então empurrava o cortador para longe do policial com um forte impulso. A lateral do cortador gritou contra o lado da viatura e riscou a tinta.

Agora que o policial tinha morrido, Paul podia olhar para ele. Parecia uma boneca grande maltratada por um grupo de crianças malvadas. Paul sentiu uma terrível e dolorosa simpatia por aquele jovem sem nome, mas havia outra emoção também. Ele examinou o que sentia e não se surpreendeu de ver que era inveja. O patrulheiro jamais retornaria para a esposa e os filhos, se os tivesse, mas, por outro lado, tinha escapado de Annie Wilkes.

Ela pegou a mão ensanguentada e o arrastou pelo caminho até o celeiro, cujas portas estavam abertas. Ao sair, Annie as empurrou de volta até onde era possível, e então retornou à viatura. Ela se movia com notável serenidade. Annie ligou a viatura e a levou até o celeiro. Ao sair, fechou as portas quase completamente, deixando espaço apenas para entrar e sair.

Ela foi até a metade do caminho e olhou em redor com as mãos nos quadris. Novamente Paul notou sua serenidade impassível.

A parte de baixo do cortador estava manchada de sangue, particularmente perto do exaustor de grama, que ainda pingava. Pequenos trapos de uniforme se espalhavam pelo caminho ou flutuavam sobre a grama recém-cortada do gramado. Havia manchas e poças de sangue por toda parte. A arma do patrulheiro, com um risco comprido de metal brilhante marcando o tambor, jazia na poeira. Um quadrado de papel branco rígido tinha ficado preso nos espinhos de um pequeno cacto que Annie plantara em maio. A cruz partida de Bossie jazia no caminho feito um comentário sobre a desordem sangrenta.

Ela saiu do seu campo de visão, indo em direção à cozinha outra vez. Quando ela voltou, Paul a ouviu cantar: *“She’ll be driving six white horses when she COMES... she’ll be driving six white horses when she COMES! She’ll be driving six white HORSES, driving six white HORSES... she’ll be driving six white HORSES when she COMES!”*¹⁷

Quando ele a viu novamente, Annie tinha um grande saco de lixo verde nas mãos, e mais três ou quatro saindo dos bolsos traseiros dos jeans. Grandes manchas de suor escureciam sua camiseta em volta das axilas e do pescoço. Quando ela se virou, ele viu uma mancha de suor que parecia com uma árvore subindo em suas costas.

É bastante saco para uns trapos de roupa, Paul pensou, mas ele sabia que Annie teria bastante coisas para guardar neles.

Ela pegou os pedaços do uniforme e então a cruz. Quebrou-a em dois pedaços e enfiou no saco plástico. Incrivelmente, Annie ajoelhou-se depois de

fazer isso. Pegou a arma, sacou o tambor, retirou as balas, meteu-as em um bolso lateral, fechou o tambor de novo com um gesto casual do pulso e então enfiou a arma no cós da calça. Pegou o pedaço de papel preso no cacto e olhou para ele, ponderando. Então meteu a foto no outro bolso. Depois foi até o celeiro, jogou os sacos de lixo lá dentro e voltou para a casa.

Annie foi até o alçapão do porão que ficava quase diretamente abaixo da janela de Paul. Alguma coisa tinha chamado sua atenção. Era o cinzeiro. Ela o pegou e o entregou educadamente a Paul através da janela quebrada.

— Aqui, Paul.

Anestesiado, ele pegou o cinzeiro.

— Depois eu pego os cliques — disse ela, como se fosse uma questão em que ele estivesse pensando. Por um instante ele pensou em bater com o pesado cinzeiro de cerâmica na cabeça de Annie enquanto ela estava abaixada. Partiria seu crânio e faria jorrar pra fora a doença que consumia seu cérebro.

Então Paul pensou no que lhe aconteceria — no que *poderia* acontecer com ele — se apenas a machucasse, e assim ele preferiu colocar o cinzeiro no lugar com a mão trêmula e aleijada.

Ela olhou para ele.

— Eu não o matei, sabe?

— Annie...

— *Você* o matou. Se você tivesse ficado de boca fechada, ele teria ido embora. Ele estaria vivo agora e não haveria toda essa caquinha pra limpar.

— Sim, ele teria ido embora, mas e quanto a mim, Annie?

Ela estava pegando a mangueira do alçapão e enrolando-a no ombro.

— Não estou entendendo.

— Está, sim. — Nas profundezas do seu choque ele alcançara sua própria serenidade. — Ele tinha a minha foto. Ela está no seu bolso agora, não está?

— Não faça perguntas cuja resposta você já sabe.

Havia uma torneira do lado da casa, à esquerda da janela. Annie começou a atarraxar a ponta da mangueira à torneira.

— Um policial com a minha foto quer dizer que alguém encontrou meu carro. Nós dois sabíamos que alguém iria encontrar. Estou até surpreso de ter demorado tanto. Em um livro talvez dê para um carro desaparecer de fininho no meio da história... acho que eu conseguiria fazer as pessoas acreditarem nisso se fosse preciso, mas na vida real não tem como. Mas nós continuamos a

nos enganar ainda assim, não é, Annie? Você por causa do livro e eu, por causa da minha vida, ainda que seja uma vida miserável.

— Eu não sei do que você está falando. — Annie ligou a torneira. — O que eu sei é que você matou aquele rapaz, coitado, quando jogou o cinzeiro pela janela. Você está confundindo o que pode acontecer com *você* com o que aconteceu com *ele*. — Ela sorriu para ele. Havia loucura naquele sorriso, mas Paul viu outra coisa ali também, algo que o assustou para valer. Ele viu mal consciente ali; um demônio saracoteando por trás dos olhos dela.

— Sua vaca.

— Vaca *louca*. Não é assim? — perguntou ela, ainda sorrindo.

— Ah, sim. Você é louca.

— Bom, vamos ter que conversar sobre isso, não é mesmo? Quando eu tiver mais tempo. Vamos ter que conversar *bastante* a respeito. Mas agora eu estou muito ocupada, como você pode ver.

Ela desenrolou a mangueira e abriu a válvula. Então passou quase meia hora lavando o sangue do cortador de grama, do caminho e do gramado enquanto vários arco-íris se entrelaçavam entre os borrifos de água.

Então Annie fechou a válvula e retornou enrolando a mangueira no ombro outra vez. Ainda havia bastante luz, mas sua sombra já se alongava atrás dela. Já eram seis da tarde.

Ela desatarraxou a mangueira, abriu o alçapão e jogou a espiral de plástico verde lá dentro. Então fechou o alçapão, trancou o cadeado e se afastou, avaliando o caminho e o gramado empoçados, que davam a impressão de ter havido uma forte garoa por ali.

Annie voltou até o cortador, subiu nele, ligou o motor e deu a volta até os fundos da casa. Paul sorriu um pouco. Ela tinha a sorte do diabo, e em momentos de pressão quase conseguia ser tão esperta quanto ele — mas *quase*. Ela tinha escorregado em Boulder e escapara principalmente por pura sorte. Agora tinha escorregado outra vez. Ele vira. Annie lavara o sangue do cortador mas tinha esquecido a lâmina inferior — toda a carcaça que envolvia a lâmina, aliás. Talvez mais tarde ela se lembrasse, mas Paul não acreditava nisso. As coisas costumavam desaparecer da mente de Annie depois que o momento imediato passava. Ocorreu a Paul que a mente dela e o cortador tinham algo em comum: ambos pareciam normais até que você os erguesse para olhar

embaixo. E então você via uma máquina de matar suja de sangue com uma lâmina muito afiada.

Annie voltou pela cozinha e entrou na casa. Ela subiu as escadas e Paul a ouviu remexendo em algo por lá durante algum tempo. Então ela desceu, mais lentamente e arrastando algo que parecia fofo e pesado. Depois de pensar um instante, Paul empurrou a cadeira de rodas até a porta do quarto e encostou o ouvido contra a madeira.

Passos abafados e ocos que sumiam na distância. E o som fofo e cavo de algo sendo arrastado. Imediatamente sua mente gritou de pânico e sua pele se arrepiou de terror.

O barracão! Ela foi pegar o machado! É o machado de novo!

Mas aquilo foi apenas uma recaída momentânea e ele se controlou. Ela não tinha ido até o barracão; estava indo até o porão. Estava arrastando alguma coisa até o porão.

Ele a ouviu se aproximando outra vez e voltou até a janela. Quando o som das botas de Annie chegou à sua porta, quando a chave entrou na fechadura mais uma vez, ele pensou: *Ela veio me matar*. E a única emoção que o pensamento causou foi um alívio cansado.

16

A porta se abriu e Annie se postou parada olhando para ele contemplativamente. Ela mudara de roupa e usava uma camiseta branca e calças cáqui. Levava sobre o ombro uma sacola da mesma cor, grande demais para ser uma bolsa.

Quando ela entrou, ele se surpreendeu ao ver-se capaz de dizer — e com certa dignidade ainda por cima:

— Vá em frente e me mate, Annie, se é o que você quer fazer, mas tenha a decência ao menos de ser rápida. Não corte mais nada meu.

— Eu não vou matar você, Paul. — Ela fez uma pausa. — Pelo menos, não se eu tiver alguma sorte. Eu *devia* matar você, eu sei disso, mas eu sou louca, não é? E gente louca às vezes não age em interesse próprio, não é?

Ela foi para trás dele e o empurrou, saindo do quarto e seguindo pelo corredor. Ele podia ouvir a sacola batendo contra o lado de Annie e percebeu que jamais a vira carregando uma sacola assim antes. Quando ela ia à cidade de vestido, usava uma bolsa grande e disforme, do tipo que tias solteironas levam para leilões de igreja. Quando ia de calças, usava uma carteira no bolso traseiro, como um homem.

A luz do sol que descaía pela cozinha era de um dourado forte e brilhante. Sombras das pernas da mesa da cozinha se estendiam pelo linóleo em listras horizontais que pareciam barras de prisão. Passavam 15 minutos das seis segundo o relógio perto do forno, e embora não houvesse motivo para crer que ela fosse mais cuidadosa com os relógios do que era com os calendários (o que havia ali fora chegara até maio), a hora parecia estar certa. Ele podia ouvir os primeiros grilos da noite se afinando na área ao redor da casa. Quase chorou ao pensar: *Eu ouvi esse mesmo som quando era criança e não estava ferido.*

Ela o empurrou para a despensa, onde a porta do porão se quedava aberta. A luz amarelada subia a escada tropeçadamente e se derramava no assoalho da despensa. O cheiro da chuva de final de inverno que o inundara ainda era forte.

Ele pensou: *Aranhas lá embaixo. Ratos lá embaixo.*

— Na-não — disse ele. — Tô fora.

Annie olhou para ele com impaciência comedida e ele percebeu que, desde que matara o policial, ela parecia quase sã. Seu rosto tinha a expressão resoluta, ainda que um pouco aborrecida, de uma mulher preparando um grande jantar.

— Você vai descer. Só resta saber se você vai nas minhas costas ou se vai na base do empurrão mesmo. Você tem cinco segundos para decidir.

— Nas costas — respondeu ele, imediatamente.

— Sábia escolha. — Ela deu as costas para que ele passasse os braços em seu pescoço. — Não faça nada estúpido como tentar me enforcar, Paul. Eu tive aula de caratê em Harrisburg. Eu era boa. Eu joga você lá embaixo. O chão é de barro e é bem duro. Você vai quebrar o espinhaço.

Ela o içou com facilidade. Suas pernas, não mais entaladas, mas tortas e feias como a atração de um show de aberrações, se dependuravam. A esquerda, com o domo salino que já fora seu joelho, era 10 centímetros mais curta que a direita. Ele tentara se firmar na perna direita e descobrira que podia, por curtos períodos, mas fazer isso produzia uma baixa agonia latejante que durava por

horas. As drogas não diminuía aquela dor, que era como um profundo soluçar físico.

Ela o carregou para baixo, onde era cada vez mais forte o cheiro de pedra e madeira velha e inundação e vegetais podres. Havia três lâmpadas dependuradas e antigas teias de aranha entre as traves nuas do teto. As paredes eram de pedra assentada sem muito cuidado. Pareciam com o desenho que uma criança faria de paredes de pedra. Era frio, mas não agradável.

Ele nunca tinha estado tão próximo de Annie quanto agora que ela o carregava nas costas pela escada íngreme. Ele só ficaria tão perto mais uma vez. Não era uma experiência agradável. Ele podia sentir o cheiro do suor dos últimos esforços de Annie. Embora ele gostasse do cheiro de transpiração fresca — que ele associava a trabalho e esforço árduo, coisas que ele respeitava —, aquele cheiro era secreto e nojento, como lençóis velhos ressequidos de esperma. E sob o cheiro do suor havia o cheiro de sujeira antiga. Ele imaginou que Annie vinha ficando tão relaxada no que dizia respeito a banhos como no que dizia respeito a calendários. Ele podia ver cerume castanho-escuro entupindo um ouvido e se perguntou com leve náusea como diabos ela ainda conseguia escutar alguma coisa.

Lá embaixo, encostado em uma das paredes de pedra, estava a fonte do barulho de coisa sendo arrastada: era um colchão. Ao lado Annie colocara uma mesinha de pernas dobráveis do tipo que se usa para apoiar a comida enquanto se assiste TV. Havia algumas latas e garrafas sobre ela. Annie se aproximou do colchão, se virou e se agachou.

— Desça, Paul.

Ele a largou cautelosamente e deixou-se cair no colchão. Então olhou para ela com uma expressão cansada enquanto Annie se levantava e começava a procurar algo na sacola cáqui.

— Não — disse ele imediatamente ao ver a luz amarelada do porão brilhar na agulha hipodérmica. — Não. Não.

— Ai, ai. Você deve achar que a Annie está com a cacca da macaca hoje. Pode *relaxar*, Paul. — Ela pôs a seringa na mesinha. — É escopolamina, um remédio à base de morfina. Você tem sorte de eu ter morfina, sabia? Eu falei pra você como eles vigiam bem as farmácias de hospital. Eu vou deixar aqui porque é úmido e suas pernas podem doer muito até eu voltar.

— É só um minuto. — Ela deu uma piscadela inquietante para Paul, como se ambos fossem conspiradores. — Bastou você jogar uma meleca de cinzeiro pra eu ficar mais ocupada que banheiro de rodoviária. Eu já volto.

Annie subiu as escadas e voltou em seguida com as almofadas do sofá e os lençóis da cama dele. Ela arranjou as almofadas atrás dele para que Paul pudesse se sentar ereto sem muito desconforto — mas ele podia sentir o frio úmido das rochas mesmo através das almofadas, esperando para congelá-lo.

Havia três garrafas de Pepsi na mesinha. Ela abriu duas usando o abridor do chaveiro, e lhe deu uma. Ela virou sua garrafa e esvaziou metade dela em um gole. Então conteve delicadamente um arroto com as costas da mão.

— Nós precisamos conversar — disse ela. — Ou melhor, eu tenho que falar e você tem que ouvir.

— Annie, quando eu disse que você era louca...

— Quietos! Nem uma palavra sobre isso. Talvez nós falemos disso depois. Não que eu vá tentar mudar suas ideias a respeito de nada; um Senhor Sabichão feito você, acostumado a trabalhar com a cabeça. Tudo o que eu fiz foi tirar você de um carro destruído antes de você congelar e morrer, consertar suas pernas quebradas, dar remédio pra sua dor e tomar conta de você e convencer você a se livrar de um livro ruim e a começar o melhor livro que você *já* escreveu. E se isso é loucura, então pode me levar pro hospício.

Ah, Annie, se alguém conseguisse fazer isso, pensou ele, e antes de conseguir se conter ele rebateu:

— Você também cortou a porra do meu pé!

Rápida feito um chicote, a mão dela atingiu o rosto de Paul com um som alto, fazendo sua cabeça girar para o lado.

— Não use esse palavrão perto de mim — disse Annie. — Eu tive criação, ao contrário de você. Você tem sorte de eu não ter cortado suas partes de homem. Eu pensei a respeito, sabia?

Paul olhou para ela. Seu estômago parecia o interior de uma geladeira.

— Eu sei que pensou, Annie — disse ele, suavemente. Os olhos dela se arregalaram e por um instante ela pareceu assustada e culpada, Annie Safada em vez de Annie Malvada.

— Me escute. Me escute com atenção, Paul. Nós vamos ficar bem se escurecer antes que alguém venha procurar aquele camarada. Vai escurecer completamente em uma hora e meia. Se alguém aparecer antes disso...

Ela meteu a mão na sacola outra vez e pegou o .44 do patrulheiro. As luzes do porão faiscaram no relâmpago riscado pela lâmina do cortador no tambor da arma.

— Se alguém aparecer antes disso, eu vou usar isso em quem aparecer, depois em você, depois em mim.

18

Annie disse que, quando escurecesse, ela levaria a viatura para seu Cantinho Feliz. Havia um puxado ao lado do chalé onde ela podia estacionar o carro discretamente. Imaginava que o único trecho onde havia risco de ser vista era na Rota 9, mas mesmo lá o risco seria pequeno — só 6 quilômetros de estrada. Quando saísse da Rota 9, o caminho para as colinas seguia por estradas pouco usadas, muitas das quais tinham sumido sob a grama, já que os bichos não subiam até ali para pastar. Algumas delas tinham cancelas — ela e Ralph tinham obtido chaves quando compraram a propriedade. Eles não precisaram pedir. Os donos da terra entre a estrada e o chalé lhes deram as chaves. Ela disse a Paul que isso era um gesto de *boa vizinhança* e investiu o termo com nuances inesperadas e cínicas: suspeita, desprezo, algum divertimento.

— Seria melhor eu levar você comigo para não perder você de vista, já que você mostrou que não é digno de confiança, mas não ia dar certo. Eu poderia levar você até lá no banco traseiro da viatura, mas trazer você de volta seria impossível. Vou ter que ir na moto de Ralph. Acho que vou cair lá embaixo e quebrar a meleca do *pescoço*!

Ela riu alegremente para mostrar como seria engraçado, mas Paul não se juntou a ela.

— Se isso acontecer, Annie, o que vai acontecer comigo?

— Você vai ficar bem, Paul. Puxa, você se preocupa demais! — Annie foi até uma das janelas e ficou parada um instante olhando para fora, considerando o entardecer. Paul a observou, deprimido. Se ela caísse da moto do marido ou despencasse de uma daquelas estradas de terra, Paul não acreditava que ficaria bem. O que ele achava que aconteceria é que ele morreria uma morte agonizante de cachorro, e quando tudo acabasse, ele serviria de refeição para os ratos que sem dúvida observavam naquele instante os dois bípedes que tinham invadido seus domínios. A porta da despensa agora tinha um cadeado Kreig; a porta do alçapão tinha um ferrolho quase tão grosso quanto seu pulso. As janelas, como se refletissem a paranoia de Annie (e ele pensou não havia nada de errado com isso, afinal todas as casas acabam por refletir a personalidade dos moradores, não é?), não passavam de postigos com 50 centímetros de altura por 35 de largura. Ele não conseguiria passar por elas nem em um dia bom, o que não era o caso mesmo. Talvez pudesse quebrar uma e gritar pedindo ajuda se alguém aparecesse antes que ele morresse de inanição, mas aquilo não era um grande alívio.

As primeiras fisgadas de dor se espraíram por suas pernas como água envenenada. E a necessidade. Seu corpo gritava por Novril. Era o vício, não era? Era sim.

Annie voltou e pegou a terceira garrafa de Pepsi.

— Antes de eu sair eu trago mais duas. Agora eu estou precisando do açúcar. Você não se importa, não é?

— Não mesmo. Minha Pepsi, sua Pepsi.

Ela girou a tampinha da garrafa e deu um bom gole. Paul pensou: *Chug-a-lug, Chug-a-lug, make ya want to holler hi-de-ho.*¹⁸ Quem cantava isso? Roger Miller, não é? Engraçado as coisas que surgem na mente assim do nada.

Hilário.

— Eu vou colocá-lo na viatura e levá-lo até meu Cantinho Feliz. Vou levar tudo dele. Deixo o carro no puxado lá em cima e enterro ele e os... bom, os *restos*, lá no bosque.

Ele não disse nada. Continuou pensando sobre Bossie, berrando e berrando até morrer. Era outra das grandes verdades da vida na Encosta Ocidental: *Vacas mortas não reclamam.*

— Eu tenho uma corrente para passar na entrada e vou usar. Vai ser suspeito se a polícia aparecer, mas pelo menos ninguém vai chegar perto da

casa pra ouvir você fazendo barulho. Eu pensei em amordaçar você, mas é perigoso, principalmente quando se tomam remédios que afetam a respiração. Você pode acabar vomitando. Suas vias aéreas podem fechar por causa da umidade aqui. Se isso acontecesse e você não conseguisse respirar por causa da mordança...

Annie olhou para o outro lado, já apagada, silenciosa como uma das pedras na parede do porão, vazia como a primeira garrafa de Pepsi que ela tinha bebido. *Dá vontade de berrar larilá.* Annie tinha berrado larilá aquele dia? Pode apostar que sim. Ó caros irmãos, Annie tinha berrado larilá até o quintal inteiro ficar cheio de caquinha. Ele riu. Annie não deu sinal de ter ouvido.

Então ela começou a voltar lentamente.

Annie olhou para ele e piscou.

— Eu vou deixar uma mensagem em um dos elos da corrente na entrada — disse ela lentamente, reunindo as ideias. — Há uma cidade a uns 56 quilômetros daqui. Se chama Steamboat Heaven, não é um nome engraçado?¹⁹ Está tendo lá a maior feirinha de antiguidades do mundo, como eles chamam lá. Acontece todo verão. Sempre tem um monte de pessoas vendendo cerâmica lá. Eu vou dizer na mensagem que fui para lá pra comprar bibelôs, e que vou passar a noite lá. E se alguém me perguntar depois onde eu fiquei, para olharem os registros, eu vou dizer que não gostei de nada do que vi lá, e por isso voltei mais cedo. Só que fiquei cansada. É isso que eu vou dizer. Eu fiquei cansada e parei o carro pra tirar um cochilo porque fiquei com medo de dormir no volante. Vou dizer que era só pra ser um cochilo, mas que eu estava tão cansada que acabei dormindo a noite toda.

Paul ficou abismado com a profundidade daquela astúcia. Ele percebeu subitamente que Annie estava fazendo o que ele nunca conseguira: ela estava brincando de “Sai dessa!” na vida real. Ele pensou que *talvez fosse por isso que ela não escrevia livros. Porque não precisava.*

— Eu vou voltar o mais rápido possível, porque a polícia *vai* voltar — disse ela. Tal perspectiva não pareceu perturbar nem um pouco a estranha serenidade de Annie, embora Paul não pudesse acreditar que ela não tivesse percebido em alguma medida o quão perto a brincadeira estava do fim. — Eu acho que a polícia não deve vir hoje à noite, talvez só deem uma passada, mas *vão* acabar vindo. Assim que souberem com certeza que ele sumiu. Vão seguir a rota que

ele fez, procurando por ele, tentando descobrir onde ele parou, sabe? Você não acha, Paul?

— Sim.

— Eu já devo estar de volta quando eles voltarem. Se eu sair de lá de moto ao amanhecer, talvez chegue aqui antes de meio-dia. Devo conseguir chegar antes deles. Porque se ele veio de Sidewinder, então parou em um monte de lugares antes de vir para cá.

“Quando eles chegarem, você já deve estar no seu quarto, acomodado na caminha certinho e confortável. Eu não vou amarrar você, ou amordaçar, nada disso, Paul. Você pode até ficar espiando quando eu sair pra falar com eles. Porque acho que serão dois policiais dessa vez. Pelo menos dois, você não acha?”

Paul achava.

Ela aquiesceu, satisfeita.

— Mas eu posso dar conta de dois, se precisar. — Ela deu um tapinha na bolsa cáqui. — Eu quero que você se lembre da arma daquele policial enquanto estiver espiando, Paul. Quero que você se lembre de que ela vai estar juntinho de mim o tempo todo em que eu estiver conversando com os policiais quando eles vierem amanhã ou depois. A bolsa não vai estar fechada. Tudo bem você olhar pros policiais, mas se *eles* virem *você*, Paul (por acidente ou porque você tentou alguma coisa como hoje), se isso acontecer, eu vou tirar a arma da bolsa e vou começar a atirar. Você já é responsável pela morte daquele rapaz.

— Mentira — disse Paul, sabendo que ela o machucaria, mas sem se importar.

Ela não fez nada. Apenas continuou sorrindo o sorriso maternal e sereno.

— Ah, você sabe. Eu acho que você não se *importa* nem um pouco e você *sabe*. Eu acho que você não se importaria se mais *duas* pessoas fossem mortas se isso pudesse ajudar você. Mas não vai ajudar, Paul, porque quem mata dois mata quatro. Eles... e nós. E sabe do que mais? Acho que você ainda se importa com o próprio pescoço.

— Não muito. Vou dizer a verdade, Annie: a cada dia que passa, perco um pouco mais do apego idiota que sinto pelo meu pescoço.

Ela riu.

— Ah, eu já ouvi *essa*. Mas deixa a gente encostar a mão nas máscaras de oxigênio! Aí a coisa muda! Sim! É só a gente encostar nas máscaras e eles começam a gritar e chorar, num instante viram umas *pestes*!

Mas isso nunca deteve você, não é, Annie?

— Mas enfim, eu só queria que você entendesse como são as coisas. Se você não se importa mesmo, então pode gritar quando eles vierem. É você quem sabe.

Paul não disse nada.

— Quando eles vierem, eu vou ficar plantada no meio do caminho e vou dizer: “Sim, um policial veio aqui ontem.” Eu vou dizer que ele veio justo quando eu estava saindo para ir ver os bibelôs em Steamboat Heaven. Vou dizer que ele me mostrou a sua foto. Eu vou dizer que não vi você. Então um deles vai me perguntar: “Isso foi no inverno passado, srta. Wilkes, como pode ter tanta certeza?” E eu vou dizer: “Se Elvis Presley ainda estivesse vivo e você o visse no inverno passado, aposto que também se lembraria!” E ele vai dizer: “É, acho que sim, mas o que isso tem a ver?” E eu vou dizer que Paul Sheldon é meu escritor favorito, e que eu vi a foto dele um monte de vezes. Eu tenho que dizer isso, Paul. Você sabe por quê?

Ele sabia. A astúcia dela continuava a surpreendê-lo, embora ele achasse que àquela altura não devia se surpreender com mais nada. Ele recordava o texto embaixo da foto de Annie em sua cela, a foto tirada no hiato entre o final do julgamento e o retorno do júri. Ele lembrava de todas as palavras. *TRISTEZA? NÃO PARA A MULHER DRAGÃO. Annie lê calmamente enquanto espera o veredicto.*

— Então eu vou dizer que o policial tomou nota e me agradeceu. Eu vou dizer que o convidei para tomar uma xícara de café mesmo eu estando com pressa para partir, e eles vão me perguntar por quê. Eu vou dizer que o policial devia saber sobre meus problemas anteriores, e eu queria deixar ele seguro de que estava tudo certo por aqui. Mas ele disse que não, que tinha que continuar na patrulha. Então eu perguntei se ele não queria uma Pepsi gelada para levar, porque estava muito quente, e ele aceitou, disse que era bondade minha e agradeceu.

Ela secou a segunda Pepsi e estendeu a garrafa de plástico vazia entre os dois. Visto através do plástico, seu olho era enorme e tremia — um olho de ciclope. O lado da cabeça de Annie aparecia inchado e tremido.

— Eu vou parar e deixar essa garrafa em uma vala a uns 3 quilômetros mais adiante na estrada. Mas antes eu vou botar as marcas dos dedos dele nela. É claro.

Ela sorriu para ele, um sorriso seco e duro.

— Impressões digitais. Aí eles vão ter certeza de que ele passou por aqui e seguiu viagem. Ou é o que vão *achar*, o que dá no mesmo, não é, Paul?

O abatimento de Paul aumentou.

— Então eles vão seguir pela estrada e não vão encontrá-lo. Ele sumiu. Como aqueles faquires que tocam flauta, daí sobe uma corda da cesta, e eles sobem nela e desaparecem. Puf!

— Puf — repetiu Paul.

— Não vai demorar para que eles voltem. Eu sei disso. Afinal, se eles não conseguirem encontrar rastro dele além da garrafa, vão acabar voltando a se concentrar em mim. Afinal, eu sou louca, não é? Todos os jornais disseram isso. Louca feito uma cabra!

“Mas no começo eles vão acreditar em mim. Acho que eles não vão querer entrar e vasculhar a casa — pelo menos não imediatamente. Eles vão procurar em outros lugares e tentar pensar em outras possibilidades antes de voltarem aqui. Nós vamos ter algum tempo. Talvez uma semana inteira.”

Ela olhou para ele friamente.

— Você vai ter que escrever mais rápido, Paul.

19

A escuridão sobreveio e a polícia não apareceu. Annie não passou aquele tempo esperando com Paul. Ela quis consertar a janela do quarto dele e coletar os cliques de papel e os cacos de vidro espalhados pelo gramado.

— Quando a polícia vier amanhã procurar pelo cordeirinho perdido, não queremos que eles vejam nada fora do comum, não é Paul?

Deixa só eles olharem embaixo do cortador de grama, fofura. Deixa só eles olharem lá embaixo pra ver o que é alguma coisa fora do comum.

Mas não importava o quanto tentasse fazer sua vívida imaginação funcionar, Paul não conseguia atinar com alguma ocorrência que levasse à descoberta do

sangue sob o cortador.

— Você sabe por que eu contei tudo isso a você, Paul? — perguntou ela antes de subir para ver como consertaria a janela. — Por que eu contei com tantos detalhes os meus planos pra lidar com tudo isso?

— Não.

— Em parte porque eu queria que você soubesse exatamente o que está em jogo aqui, e o que você vai ter que fazer para ficar vivo. Eu também queria que você soubesse que eu poderia terminar com tudo agora mesmo. Mas tem o livro. Eu ainda me importo com o livro. — Ela sorriu. Era um sorriso radiante e estranhamente sonhador. — É realmente a melhor história de *Misery*, e eu quero muito saber como tudo acaba.

— Eu também, Annie.

Ela olhou para ele, parecendo espantada.

— Uai... você sabe, não sabe?

— Quando eu começo um livro, eu sempre *acho* que sei como as coisas vão terminar, mas em nenhum livro meu isso aconteceu. Não é nada surpreendente, quando se pensa a respeito. Escrever um livro é como disparar um míssil intercontinental... mas um que viaja no tempo em vez de no espaço. O tempo do livro em que os personagens vivem e o tempo real onde vive o escritor. Conseguir que um livro termine exatamente como se imagina no começo é como disparar um míssil *Titan* para o outro hemisfério esperando acertar um aro de basquete. Parece bom no papel, e tem gente que constrói essas coisas e diz que foi fácil, fácil (conseguem até não sorrir quando dizem isso), mas as chances são sempre contra.

— Sim. Entendi.

— Eu devo ter um bom sistema de navegação, porque geralmente chego perto daquilo em que mirei, e perto já é o bastante se você tiver bastante explosivo na ogiva. No momento eu tenho *dois* finais possíveis para o livro. Um é bem triste. O outro, embora não seja o seu final feliz padrão de Hollywood, pelo menos reserva alguma esperança para o futuro.

Annie pareceu alarmada... e subitamente furiosa.

— Você não está pensando em matá-la *de novo*, não é, Paul?

Ele sorriu um pouco.

— E o que você faria a respeito, Annie? Me mataria? Isso não me assusta nem um pouco. Eu posso não saber o que vai acontecer com *Misery*, mas eu sei

o que vai acontecer comigo... e com você. Eu vou escrever FIM, você vai ler, e então você vai escrever FIM, não vai? O nosso fim. Esse eu não preciso adivinhar. A verdade não é mais estranha que a ficção, não importa o que digam. Na maioria das vezes a gente sabe exatamente como as coisas vão terminar.

— Mas...

— Eu acho que sei qual vai ser o final. Tenho tipo 80 por cento de certeza. Se terminar desse jeito, você vai gostar. Mas mesmo que termine do jeito que eu estou pensando, acho que nenhum de nós vai conhecer os detalhes até que eu ponha tudo no papel, não é?

— Não... acho que não.

— Você se lembra das propagandas da viação Greyhound? “A viagem é metade da diversão.”

— De qualquer forma, está quase acabando, não está?

— Sim. Quase acabando.

20

Antes de sair ela trouxe outra Pepsi, um pacote de bolachas água e sal, sardinhas, queijo... e o penico.

— Se você me trouxer o manuscrito e um bloco, eu escrevo à mão. Vai ajudar a passar o tempo.

Ela considerou um instante, e então sacudiu a cabeça com pesar.

— Eu bem queria, Paul. Mas para isso eu teria que deixar pelo menos uma luz acesa, e não posso arriscar.

Ele pensou em ficar ali embaixo sozinho e sentiu o pânico arrepiar sua pele outra vez, mas apenas por um momento. Então ficou frio. Sua pele se eriçava em milhares de pontos, arrepiada. Ele pensou nos ratos se escondendo nos buracos e recessos das paredes de pedra. Pensou neles saindo quando o porão ficasse às escuras. Pensou neles sentindo o cheiro de sua impotência.

— Não me deixe no escuro, Annie. Por favor, não faça isso.

— Eu preciso. Se alguém notar uma luz acesa no porão, vão querer parar para investigar, com ou sem corrente na entrada, com ou sem aviso. Se eu der

uma lanterna pra você, você pode tentar sinalizar com ela. Se eu der uma vela, você pode tentar queimar a casa. Vê como eu conheço você bem?

Ele nunca ousava mencionar as vezes em que saíra do quarto, porque isso sempre a deixava furiosa. Agora seu medo de ficar sozinho ali no escuro o forçou a falar.

— Se eu quisesse queimar a casa, Annie, eu teria feito isso há muito tempo.

— As coisas eram diferentes. Sinto muito se você não gosta de ficar no escuro. Sinto muito que tenha que ser assim. Mas a culpa é sua, então pare de ser pestinha. Eu tenho que ir. Se você achar que precisa da injeção, é só enfiar a agulha na perna.

Ela olhou para ele.

— Ou então enfie na bunda.

E então subiu as escadas.

— Então cubra as janelas! Use os lençóis! Ou... ou pinte as janelas de preto, ou... meu Deus, Annie, os ratos! Os *ratos*!

Annie estava no terceiro degrau. Ela fez uma pausa, olhando para ele com os olhinhos de moeda suja.

— Eu não tenho tempo de fazer nada disso. E os ratos não vão incomodar você. Vão acabar reconhecendo você como um deles, Paul. Vão acabar adotando você.

Annie riu. Ela subiu as escadas, rindo mais forte. Houve um clique quando as luzes se apagaram e Annie continuou rindo e Paul disse a si mesmo que não gritaria, que não imploraria, que ele havia superado essa fase, mas as sombras úmidas e o troar da risada de Annie eram demais e Paul gritou para que ela não fizesse aquilo, que não o deixasse, mas ela continuou a rir e houve um clique quando a porta foi fechada e o volume da risada diminuiu, mas não totalmente, a risada continuou do outro lado da porta, onde ainda havia luz, e então o cadeado se fechou com um clique e outra porta se fechou e a risada diminuiu ainda mais (mas não totalmente) e outro cadeado se fechou com um clique e um ferrolho bateu enquanto a risada se afastava, a risada estava do lado de fora agora, e mesmo depois de Annie ligar o motor da viatura, dar a ré,

colocar a corrente na entrada e então partir, Paul pensou que ainda conseguia ouvi-la. Ele pensou que ainda a ouvia rindo, rindo e rindo.

21

O aquecedor era uma forma vaga no meio do cômodo. Parecia um polvo. Paul imaginou que conseguiria escutar as batidas do relógio da sala se a noite estivesse silenciosa, mas um vento forte de verão soprava, como era normal naquelas noites, e parecia só haver o tempo derramando-se na eternidade. Ele ouvia os grilos cantando lá fora quando o vento diminuía... e então, um pouco mais tarde, ouviu os sons furtivos que vinha temendo: os sons baixos feito sussurros da movimentação dos ratos.

Mas não era dos ratos que ele tinha medo, não é? Não. Era do policial. Sua imaginação vívida raramente o aterrorizava, mas quando isso acontecia, que Deus tivesse piedade. Que Deus se apiedasse dele quando sua imaginação esquentava. Agora não só tinha esquentado como estava na quinta marcha. Ali no escuro não fazia a menor diferença que o que ele imaginava não fizesse sentido. No escuro, a racionalidade parecia burra, e a lógica, um sonho. No escuro ele pensava com a pele. Ele continuava a ver o patrulheiro voltando à vida — um tipo de vida — lá no celeiro. Ele se erguia, e o feno com que Annie o cobrira escorregava e caía para os lados e em seu colo. A lâmina do cortador transformara seu rosto em uma máscara sangrenta e disforme. Paul o viu engatinhando para fora do celeiro, passando pelo caminho e seguindo até o alçapão. As tiras de pano do uniforme sacudiam e se enfunavam ao vento. Paul o viu sumindo magicamente, atravessando o alçapão e reaparecendo lá embaixo no escuro. Ele o viu rastejando pelo chão de terra batida, e os sons diminutos que Paul ouvia não vinham dos ratos, vinham dele. Só havia um pensamento na massa fria do cérebro do patrulheiro morto: *Você me matou. Você abriu a boca e me matou. Você arremessou um cinzeiro e me matou. Seu meleca, seu caquinho filho da puta, você me assassinou.*

Em certo momento Paul sentiu os dedos mortos do patrulheiro roçando seu rosto, fazendo cócegas. Ele gritou alto, sacudindo as pernas e fazendo-as gritar

junto. Ele passou a mão no rosto, frenético, e afastou não os dedos mortos do policial, e sim uma grande aranha.

O movimento pôs fim à trégua incerta com a dor nas pernas e a necessidade das drogas, mas também dissipou um pouco o terror que ele sentia. Sua visão noturna estava ficando mais forte. Ele podia ver melhor, o que ajudava. Não que houvesse muito para o que olhar. Havia o aquecedor, os restos de uma pilha de carvão, uma mesa com algumas latas e itens... e à direita, mais adiante do local em que ele estava... havia um vulto ali? Perto das prateleiras? Ele *conhecia* aquela forma. Alguma coisa nela a tornava uma forma *ruim*. O vulto sustentava-se sobre três pernas. O topo era arredondado. Parecia uma das máquinas de morte de Orson Welles na *Guerra dos Mundos*, mas em miniatura. Paul ficou intrigado, adormeceu um pouco, acordou, olhou outra vez e então pensou: *É claro. Eu devia ter reconhecido logo. É uma máquina de morte. E se alguém na Terra é um marciano, é a porra da Annie Wilkes. É a churrasqueira. O crematório em que ela me fez queimar Carros Velozes.*

Ele mudou de posição um pouco, porque sua bunda estava ficando dormente, e gemeu. Dor nas pernas — especialmente nas ruínas do joelho esquerdo — e na pélvis também. Isso provavelmente significava que a noite seria horrível, porque sua pélvis tinha andado bem quieta pelos últimos dois meses.

Ele pegou a seringa e então a devolveu à mesinha. Annie dissera que era uma dose bem pequena. Melhor deixar pra mais tarde então.

Ele ouviu um lufa-lufa baixo e olhou rapidamente para o canto, esperando ver o patrulheiro rastejando em sua direção com um olho castanho espiando por trás da massa destruída do rosto. *Se não fosse por você, eu estaria em casa assistindo TV agora com a mão na perna da minha esposa.*

Não era o policial. Era um vulto difuso que podia ser só imaginação, mas mais provavelmente era um rato. Paul se forçou a relaxar. Ah, seria uma noite bem longa mesmo.

Ele cochilou um pouco e acordou com o corpo inclinado para o lado e a cabeça baixa feito um bêbado em um beco. Endireitou-se e suas pernas praguejaram. Paul usou o penico. Doía urinar, e ele percebeu com tristeza que uma infecção urinária estava provavelmente se instalando. Ele estava tão vulnerável agora. Vulnerável a qualquer porra. Colocou o penico de lado e pegou a seringa de novo.

Uma pequena dose de escopolamina, dissera Annie. Bom, talvez fosse. Ou talvez ela tivesse enchido a seringa com outra coisa. O tipo de coisa que ela usava em gente feito Ernie Gonyar e em “Queenie” Beaulifant.

Então ele sorriu um pouco. Seria tão ruim, se fosse isso? A resposta foi um NÃO, CARALHO! alto e claro. Seria bom. Os mourões desapareceriam para sempre. Nada mais de maré baixa. Para sempre.

Pensando assim, ele encontrou o pulso da coxa esquerda, e embora jamais tivesse se injetado nada, ele conseguiu fazê-lo perfeitamente agora, com eficiência ávida.

23

Ele não morreu e não dormiu. A dor sumiu e ele ficou à deriva, sentindo-se quase solto do corpo, um balão de pensamentos flutuando na ponta de uma linha longa.

Você também foi Sherazade de si mesmo, pensou ele e olhou para a churrasqueira. Ele pensou em raios da morte marcianos incendiando Londres.

Subitamente ele se lembrou de uma canção, uma música disco de um grupo chamado The Trammps: *Burn, baby, burn, burn the mother down...*²⁰

Algo se acendeu.

Uma ideia.

Burn the mother down...

Paul Sheldon dormiu.

24

Quando ele acordou, o porão estava repleto da luz cinzenta da aurora. Um rato enorme estava em cima da mesinha que Annie deixara, mordiscando um pedaço de queijo com a cauda enrodilhada no corpo.

Paul gritou, deu um espasmo e gritou novamente quando a dor acordou em suas pernas. O rato fugiu.

Ela deixara alguns comprimidos para ele. Ele sabia que o Novril não afastaria a dor, mas era melhor do que nada.

Além disso, com ou sem dor, é hora da dose matinal, não é, Paul?

Ele engoliu dois comprimidos com Pepsi e então se recostou, sentindo o latejar nos rins. Alguma coisa estava acontecendo lá embaixo sim. Ótimo.

Marcianos, pensou ele. Máquinas de morte marcianas.

Ele olhou para a churrasqueira, esperando que ela *parecesse* com uma churrasqueira à luz da manhã: uma churrasqueira e nada mais. Ele se surpreendeu ao ver que ela ainda parecia com uma das máquinas de destruição ambulantes de Orson Welles.

Você teve uma ideia... o que era?

A canção dos Trammmps retornou:

Burn, baby, burn, burn the mother down!

É? “Queimar a porra toda”? Que porra? E como? Annie não tinha deixado nem uma vela. Não dava pra acender nem um peido.

Então apareceu uma mensagem do pessoal da oficina lá embaixo:

Você não precisa queimar nada agora. Nem aqui.

De que porra nós estamos falando aqui, rapazes? Dá pra me dizer o que é que...

Então a ideia surgiu. Surgiu imediatamente, como todas as ideias boas de verdade surgem: prontas, suaves e persuasivas em sua perfeição sinistra.

Queime a porra toda...

Paul olhou para a churrasqueira, esperando que a dor do que ele tinha feito — do que ela o *obrigara* a fazer — retornasse. A dor retornou, mas era fraca e

distante. A dor nos rins era pior. O que ela tinha dito no dia anterior? *Tudo o que eu fiz foi... fazer você desistir de um livro ruim e começar a escrever o melhor livro que você já escreveu...*

Talvez houvesse alguma estranha verdade nisso. Talvez ele tivesse mesmo superestimado o valor de *Carros Velozes*.

Isso é só sua mente tentando se curar, parte dele sussurrou. Se você sair dessa, vai acabar se fazendo acreditar que nunca precisou do pé esquerdo mesmo... porra, cinco unhas a menos para cortar. E hoje em dia as próteses são uma coisa de louco. Não, Paul, eram um livro muito bom e um pé bastante decente. Não vamos nos enganar.

Mas uma parte mais profunda de sua mente suspeitava que pensar dessa forma é que era se enganar.

Pare de se enganar, Paul. Conte a porra da verdade. Você está mentindo para si mesmo. Um cara que inventa histórias... um sujeito assim mente pra todo mundo, então ele nunca consegue mentir pra si mesmo. É engraçado, mas também é verdade. Quando você começa a mentir pra si mesmo, pode até desistir de tudo, tampar a máquina e começar a estudar pra pegar uma licença de corretor imobiliário, porque só vai piorar.

Então qual era a verdade? Já que você quer saber, a *verdade* é que a crescente percepção do seu trabalho pela crítica literária como o de um “autor popular” (que, em seu entendimento, ficava apenas um degrau — um degrau baixo — acima de “farsante”) o tinha magoado muito. Não casava com sua imagem idealizada de Escritor Sério que só lançava uns livros de merda para subsidiar o seu (trompetes, por favor) TRABALHO DE VERDADE! Ele tinha odiado Misery? Tinha mesmo? Se tinha, então por que é que tinha sido tão fácil voltar ao mundo dela? Não, mais do que fácil: era uma bênção, como entrar em um banho quente com um bom livro e uma lata de cerveja gelada. Talvez tudo o que ele odiara era o fato de o rosto de Misery nas capas ofuscar suas fotos de autor, o que não deixava que os críticos percebessem que estavam lidando com um jovem Mailer ou Cheever, que estavam lidando com um *peso pesado*. Como resultado, sua ficção séria não tinha se tornado mais autoconsciente, como um grito? *Olhem pra mim! Olhem como isso aqui é bom! Ei, pessoal! Esse aqui tem uns truques de perspectiva muito doidos! Esse aqui tem interlúdios em fluxo de consciência! Esse aqui é o meu TRABALHO DE VERDADE, seus cuzões! Não OUSEM*

virar as costas pra mim! Não OUSEM, seus pestinhas caquinhas! Não OUSEM virar as costas ao meu TRABALHO DE VERDADE! Não OUSEM ou eu vou...

O quê? O que ele ia fazer? Cortar os pés deles? Cortar fora seus polegares?

Paul foi tomado por uma crise de tremores. Ele tinha que urinar. Pegou o penico e finalmente conseguiu, embora doesse mais do que antes. Ele gemeu enquanto mijava e continuou gemendo por um longo tempo depois de terminar.

Finalmente, misericordiosamente, o Novril começou a fazer efeito — um pouco — e ele sentiu-se sonolento.

Ele olhou para a churrasqueira com as pálpebras cada vez mais pesadas.

Como você se sentiria se ela fizesse você queimar O Retorno de Misery?, sussurrou aquela voz interior, e seu corpo convulsionou levemente. Vagando à deriva ele percebeu que aquilo o machucaria sim, doeria muito, faria com que a dor que sentira quando *Carros Velozes* virou fumaça parecesse a dor da infecção nos rins comparada à que sentira quando Annie desceu o machado e cortou seu pé em um gesto de editoria anatômica.

Ele também percebeu que essa não era a pergunta de verdade.

A pergunta de verdade era: como *Annie* se sentiria?

Havia uma mesa perto da churrasqueira. Havia meia dúzia de jarras e latas sobre ela.

Uma delas era uma lata de fluido para acender carvão.

E se fosse Annie gritando de dor? Você está curioso de ouvir como seria isso? Ficou curioso? Dizem que a vingança é um prato que se come frio, mas ainda não deviam ter inventado o fluido Ronson Acende-Fácil naquela época.

Paul pensou: *Queime a porra toda*, e adormeceu. Havia um pequeno sorriso em seu rosto pálido e emaciado.

25

Annie voltou às 3h15 daquela tarde. Seu cabelo normalmente frisado estava compactado em volta da cabeça por causa do capacete. Ela parecia cansada e

perdida em pensamentos, mas não deprimida. Quando Paul perguntou se tudo tinha ido bem, ela acenou que sim com a cabeça.

— Sim, acho que sim. Eu tive problema pra ligar a moto, senão teria chegado há uma hora. Os bicos estavam sujos. Como estão suas pernas, Paul? Quer outra dose antes de eu levar você para cima?

Depois de quase vinte horas na umidade, a sensação era como se pregos enferrujados estivessem enfiados em suas pernas. Ele queria muito uma dose, mas não ali embaixo. Isso, de jeito nenhum.

— Acho que estou bem.

Annie deu as costas a ele e se agachou.

— Tudo bem, segure-se. Mas lembre-se do que eu disse sobre mata-leão etc. Eu estou muito cansada e não estou pra piada.

— Minhas piadas acabaram.

— Ótimo.

Ela o ergueu com um grunhido úmido, e Paul teve que reprimir um grito de agonia. Ela seguiu em direção às escadas com a cabeça um pouco virada de lado, e Paul percebeu que ela estava — ou podia estar — olhando para a mesa onde estavam as latas. O olhar dela foi curto, pareceu casual, mas para Paul pareceu durar muito tempo, e ele teve certeza de que ela iria perceber que a lata de fluido não estava mais ali. Estava enfiada na parte de trás de sua cueca. Depois de longos meses desde suas últimas apropriações, ele reunira coragem para roubar mais alguma coisa... e se as mãos de Annie subissem por suas pernas enquanto estavam nas escadas, iriam apalpar bem mais que sua bunda murcha.

Então Annie afastou o olhar da mesa sem mudar de expressão, e o alívio de Paul foi tão forte que a subida aos trancos e barrancos da escada para a despensa ficou quase suportável. Annie sabia parecer impassível quando queria, mas Paul achou que a tinha enganado. Ou pelo menos *esperou* isso: que dessa vez ele a tivesse realmente enganado.

— Acho que vou acabar querendo a dose, Annie — disse ele, quando ela o levou de volta à cama.

Annie estudou seu rosto alvo e banhado de suor por um momento, então aquiesceu e saiu do quarto.

Assim que ela saiu, Paul tirou a lata de dentro da cueca e a enfiou sob o colchão. Ele não tinha colocado nada lá desde a faca, e não tencionava deixar a lata de fluido muito tempo ali, mas até o fim do dia era onde ela teria que ficar. À noite ele a esconderia em um local mais seguro.

Annie retornou e lhe aplicou uma injeção. Então pôs um bloco de notas e alguns lápis recém-apontados no batente da janela. Depois, empurrou a cadeira de rodas para perto da cama.

— Pronto. Eu vou dormir um pouco. Se algum carro aparecer, eu vou ouvir. Se nos deixarem em paz, eu devo dormir até de manhã. Se você quiser se levantar e escrever à mão, aqui está sua cadeira. O manuscrito está ali no chão. Mas eu aconselho você a não começar antes das suas pernas esquentarem um pouco.

— Agora eu não posso, mas acho que vou trabalhar um pouco hoje à noite. Eu entendi o que você falou sobre o tempo ser curto agora.

— Fico feliz que entenda, Paul. De quanto tempo você acha que vai precisar?

— Em circunstâncias normais, eu diria um mês. Do jeito que venho trabalhando, duas semanas. Se eu tiver que meter a cara mesmo, cinco dias. Talvez uma semana. Vai ficar estropiado, mas é isso aí.

Annie suspirou e olhou para as mãos, concentrada.

— Eu sei que vai ser menos de duas semanas.

— Eu queria que você me promettesse uma coisa.

Ela olhou para ele sem raiva ou suspeita, apenas tênue curiosidade.

— O quê?

— Não ler mais até eu terminar... ou até eu ter que... sabe...

— Parar?

— Sim. Ou até eu ter que parar. Assim você vai ler o final sem ser fragmentado. Vai ter bem mais impacto.

— Vai ser um final bom, não vai?

— Sim. — Paul sorriu. — O negócio vai ser quente.

27

Aquela noite, por volta das oito, Paul subiu para a cadeira com cuidado. Ouvindo com atenção, não conseguiu discernir nenhum som vindo do andar de cima. Ele não tinha ouvido nada desde que o gemer das molas da cama anunciara que Annie estava se deitando às quatro da tarde. Ela devia estar realmente cansada.

Paul pegou a lata de fluido e foi até o local perto da janela onde ficava o seu cantinho de escritor improvisado. Ali ficava a máquina de escrever com as três teclas faltantes e o sorriso desagradável, aqui ficava o cesto de papéis, ali os lápis, blocos, pilhas de papel ofício e as folhas com os trechos a serem eliminados/revisados. Ele usaria alguns e o restante seguia para o cesto.

Ou seguiria.

Ali ficava a porta invisível para outro mundo. E ele pensou que seu fantasma também estava ali como uma série de sobreposições, como fotografias que ao passar rápido criavam a ilusão de movimento.

Ele passou com a cadeira entre as pilhas de papel e os blocos empilhados com a prática de longos anos, então parou um pouco para escutar. Depois, se abaixou e puxou uma seção de 22 centímetros do rodapé. Paul descobrira que a madeira estava solta cerca de um mês antes, e ele podia ver pela fina camada de poeira (*só falta você começar a deixar fios de cabelo por aí*, pensou ele) que Annie não sabia disso. Atrás havia um nicho vazio exceto pela poeira e cocôs de rato.

Ele enfiou a lata de *Acende-Fácil* ali e empurrou a tábua de volta. Houve um momento de ansiedade quando ele teve medo de que a tábua não se alinhasse com as outras (e Deus!, os olhos dela eram *muito* aguçados!), mas com pouco esforço as bordas ficaram no mesmo nível.

Paul olhou um pouco para o local, depois abriu o bloco de notas, pegou o lápis e encontrou o buraco no papel.

Paul escreveu ininterruptamente pelas próximas quatro horas, até gastar as pontas dos três lápis que ela tinha apontado para ele. Então foi de volta até a cama, subiu e adormeceu com facilidade.

28

Capítulo 37

Os braços de Geoffrey começavam a parecer ferro incandescente. Ele estivera postado nas sombras densas fora da cabana de M'Chibi "O Belo" pelos últimos cinco minutos, parecendo uma versão muito magra dos homens-fortes do circo com o baú da baronesa em cima da cabeça.

Quando ele já começava a crer que nada que Hezekiah pudesse dizer convenceria M'Chibi a sair da cabana, ouviu sons de movimentação. Geoffrey voltou-se um pouco mais e os músculos em seus braços convulsionaram loucamente. O chefe M'Chibi "O Belo" era o guardião do fogo, e havia mais de cem tochas dentro da cabana, com pavios embebidos em uma resina densa e grudenta. Essa resina sangrava das árvores baixas da área, e os bounkas a chamavam de "Óleo de fogo" ou "Óleo sangue de fogo". Como a maioria das linguagens excessivamente simples, a dos bounkas podia ser estranhamente indefinida. Qualquer que fosse o nome, havia tochas o suficiente lá para incendiar a aldeia inteira. Geoffrey pensou que queimaria feito um boneco de Guy Fawkes... Quer dizer, se M'Chibi pudesse ser eliminado.

- Não tem que ter medo de batê, patrão Geffy. - dissera Hezekiah. - M'Chibi vai sair primeiro, porque ele é o homi do fogo. Hezekiah vai sair depois. Então num precisa esperá pra me vê! É pra quebrá a cabeça dele du'a vez!

Mas ao ouvi-los se aproximando, Geoffrey sentiu um instante de hesitação, apesar da agonia em seus braços. Suponha que, apenas desta vez, o

29

O lápis parou no meio da palavra ao som do motor que se aproximava. Paul se surpreendeu ao ver o quão calmo se sentia. A emoção mais forte no momento era um leve aborrecimento por se ver interrompido justo quando começava a

“voar feito borboleta e picar feito abelha”.²¹ As botas de Annie batiam em staccato no corredor.

— Esconda-se. — Seu rosto estava repuxado e sinistro. A bolsa cáqui, aberta, estava em seu ombro. — Esconda-s...

Ela pausou e viu que Paul já tinha se afastado da janela. Ela olhou para se certificar de que as coisas dele não tivessem ficado no batente da janela e acenou com a cabeça.

— É a polícia — disse. Annie parecia tensa, mas no controle. A bolsa estava ao alcance fácil da mão direita. — Você vai se comportar, Paul?

— Sim.

Os olhos dela perscrutaram seu rosto.

— Eu vou confiar em você — disse ela por fim e se virou, fechando a porta, mas sem se incomodar em fechá-la.

O carro entrou pelo caminho, produzindo o tique suave e lento que era a marca registrada do grande motor 442 Plymouth. Paul ouviu a tela da porta da cozinha bater e chegou a cadeira para perto da janela, o suficiente para ver sem ser visto. A viatura parou perto de Annie e o motor morreu. O motorista desceu e ficou quase no mesmo ponto em que o jovem patrulheiro ficara ao dizer suas últimas palavras... Mas toda a semelhança acabava ali. O patrulheiro anterior era um jovem recém-saído da adolescência, um tira novato em uma missão escrota, perseguindo o rastro frio de algum escritor retardado que arrebentara o carro e então saíra rastejando para dentro da floresta pra morrer ou se afastara dos destroços como se nada tivesse acontecido, de polegar erguido, já pedindo carona.

O patrulheiro que agora saía de detrás do volante tinha perto de 40 anos e seus ombros eram largos como uma arquitrave de celeiro. Seu rosto era um quadrado de granito com algumas linhas finas escavadas perto dos olhos e nos cantos da boca. Annie era uma mulher grande, mas o camarada a fazia parecer quase diminuta.

Havia outra diferença também. O patrulheiro que Annie matara estivera sozinho. Paul viu um homem pequeno, de cabelos loiros e lisos, ombros curvos e vestido à paisana saindo do banco do carona. Paul pensou: *Davi e Golias. Mutt e Jeff.*²² *Jesus.*

O sujeito à paisana parecia antes desfilas que caminhar quando deu a volta na viatura. Seu rosto parecia velho e cansado, o rosto de um homem

semiadormecido... exceto pelos olhos azuis esmaecidos, que eram alertas e pareciam olhar para toda parte ao mesmo tempo. Paul imaginou que ele devia ser ágil.

Eles postaram-se um de cada lado de Annie, que falava com eles, primeiro olhando para cima para falar com Golias, então virando-se um pouco e olhando para baixo para falar com Davi. Paul se perguntou o que aconteceria se ele quebrasse a janela outra vez e gritasse por ajuda. Pensou que havia oito em dez chances de eles conseguirem prender Annie. Ah, ela era rápida, mas o tira grande parecia ser mais rápido apesar do tamanho, e forte o bastante para arrancar árvores medianas do chão com as mãos. O caminhar delicado do homem à paisana podia ser tão deliberado quanto sua aparência sonolenta. Ele pensou que poderiam prendê-la... mas o que os surpreenderia não surpreenderia a ela, e isso dava a Annie uma chance.

O casaco do homem à paisana estava abotoado apesar do calor abafado. Se ela atirasse no Golias primeiro, provavelmente conseguiria meter um balaço na cara do Davi antes que ele conseguisse desabotoar a caquinha do casaco para pegar a arma. Mais do que qualquer outra coisa, o casaco abotoado indicava que Annie estava certa: até o momento aquilo não passava de uma visita de rotina.

Até o momento.

Eu não o matei, sabe. Você o matou. Se você tivesse ficado de boca fechada, ele teria ido embora. Ele estaria vivo agora...

Ele acreditava naquilo? Não, claro que não. Mas ainda havia aquele momento doloroso e forte de culpa como uma facada rápida e profunda. Então ele iria ficar de boca fechada porque havia duas chances em dez de Annie matar aqueles dois também?

A culpa esfaqueou outra vez e sumiu. A resposta àquilo também era “não”. Seria bom poder dar-se o crédito de uma ação tão altruísta, mas não havia altruísmo algum ali. A verdade era mais simples: ele mesmo queria dar cabo de Annie Wilkes. *Sua vaca*, pensou ele. *Eles só podem meter você na cadeia. Eu sei como te machucar.*

É claro, também havia a possibilidade de que eles sentiriam cheiro de algo errado. Saber quando algo estava errado era o trabalho deles, afinal, e eles conheceriam por certo o histórico de Annie. Se as coisas fossem para esse lado, então que fossem... mas Paul imaginou que Annie poderia escapar ainda uma última vez.

Paul imaginou que agora conhecia tanto da história quanto precisava conhecer. Annie ficara ouvindo o rádio constantemente depois que acordara de seu longo sono, e o desaparecimento do patrulheiro, chamado Duane Kushner, tinha virado notícia, e das grandes. O fato de ele estar procurando pistas de um escritor famoso chamado Paul Sheldon tinha sido relatado, mas o desaparecimento de Kushner não tinha sido vinculado, nem especulativamente, ao desaparecimento de Paul. Pelo menos ainda não.

A enxurrada de primavera fizera seu Camaro sair rolando e girando uns 8 quilômetros mais para baixo. Poderia ter ficado escondido por mais um mês ou mais um ano se não fosse o acaso. Dois pilotos de helicóptero da Guarda nacional enviados em patrulha como parte de um programa antidrogas (ou seja, procurando plantadores de maconha) viram um clarão faiscando no que restava do para-brisa do Camaro e desceram em uma clareira próxima para olhar mais de perto. A gravidade da batida tinha sido disfarçada pelos impactos violentos que o Camaro sofrera ao viajar até seu destino final. Se havia traços de sangue no carro para análise forense (se é que tinha havido análise forense), o rádio não dizia. Paul sabia que mesmo uma análise exaustiva encontraria dificuldades para achar qualquer traço de sangue, pois o carro passara a maior parte da primavera com neve derretida escorrendo por ele em enxurrada.

E no Colorado, as atenções e preocupações estavam voltadas para o patrulheiro Duane Kushner — como os dois visitantes recentes provavam. Até o momento as especulações eram sobre três substâncias ilegais: aguardente, maconha ou cocaína. Parecia possível que Kushner tivesse topado com uma plantação, destilaria ou estoque dessas substâncias por acidente durante sua busca pelo escritor pé-frio. E à medida que as esperanças de encontrar Kushner vivo começaram a esmorecer, perguntas sobre por que ele estava por aí sozinho começaram a pipocar — e embora Paul duvidasse que o Estado do Colorado tivesse dinheiro suficiente para financiar um sistema de duplas para a polícia motorizada, eles agora estavam vasculhando a área em pares, em busca de Kushner. Não estavam mais se arriscando.

O Golias fez um gesto na direção da casa. Annie deu de ombros e sacudiu a cabeça. Davi disse alguma coisa. Depois de um instante ela aquiesceu e os levou pelo caminho até a porta da cozinha. Paul ouviu as dobradiças rangendo e eles entraram. O som de tantas pisadas lá fora era assustador, parecia quase uma profanação.

— A que horas ele apareceu? — perguntou Golias. *Tinha* que ser Golias. Tinha uma voz atroante do Meio-Oeste, tornada áspera pelos cigarros.

— Perto das quatro — disse Annie. — Por aí.

Ela disse que tinha acabado de cortar a grama e não estava usando relógio. Mas estava quente feito o diabo. Disso ela se lembrava.

— Quanto tempo ele ficou, sra. Wilkes? — perguntou Davi.

— *Srta.* Wilkes, se faz favor.

— Perdão.

Annie disse que não sabia dizer com certeza quanto tempo, mas não tinha sido muito. Talvez cinco minutos.

— Ele lhe mostrou uma foto?

— Sim — disse Annie —, ele disse que veio pra isso. — Paul ficou maravilhado com o quão agradável e polida Annie parecia.

— E a srta. já tinha visto o homem da foto?

Annie disse que sim, com certeza. Ela soube que era Paul Sheldon imediatamente.

— Eu tenho todos os livros dele. Eu gosto muito deles. Isso decepcionou o oficial Kushner. Ele disse que pelo jeito eu devia saber do que estava falando. Ele parecia muito desalentado. E com calor também.

— É, estava quente mesmo — disse Golias, e Paul ficou alarmado ao constatar o quão perto estava sua voz. Na sala? Sim, quase certamente na sala. Grande ou não, o cara se movia feito um lince. Quando Annie respondeu, sua voz também estava mais perto. Os policiais tinham ido para a sala. Ela os seguia. Ela não os convidara, mas eles tinham entrado assim mesmo. Vistoriando o local.

Embora seu escritor de estimação estivesse a menos de 11 metros de distância, a voz de Annie continuou firme. Ela perguntara se ele queria entrar para tomar um café gelado. Ele disse que não podia. Então ela perguntara se ele não queria levar uma garrafa gelada de...

— Por favor, tome cuidado — interrompeu-se Annie, e sua voz ficou mais alta. — Eu morro pelas minhas coisinhas, e elas são muito frágeis.

— Perdão, senhorita.

Aquele devia ser o Davi, pois a voz era baixa e sussurrada, humilde e um pouco espantada. Aquele tom de voz em um policial teria sido divertido em outras circunstâncias, mas as circunstâncias não eram outras e Paul não estava se divertindo. Ele se sentou rígido apertando os braços da cadeira, ouvindo os ruídos baixos de algo sendo recolocado com cuidado no lugar (talvez fosse o pinguim no bloco de gelo). Ele imaginou Annie mexendo a bolsa no ombro. Esperou que um dos policiais — provavelmente Golias — perguntasse o que diabos ela guardava ali.

Então começariam os tiros.

— O que a senhorita dizia? — perguntou Davi.

— Que eu tinha perguntado se ele não queria levar uma Pepsi gelada porque estava muito quente. Eu as deixo perto do freezer, porque aí elas ficam estupidamente geladas sem congelar. Ele disse que eu era muito gentil. Era um rapaz muito bem-educado. Por que deixaram um rapaz tão moço sair por aí sozinho, vocês sabem?

— Ele bebeu o refrigerante aqui? — perguntou Davi, ignorando a pergunta. A voz estava ainda mais perto. Tinha atravessado a sala. Paul não teve que fechar os olhos para imaginá-lo ali parado, olhando para o fim do curto corredor que passava pelo pequeno banheiro do andar de baixo e terminava na porta fechada do quarto de hóspedes. Paul sentava-se rígido e ereto, sentindo o pulso batendo forte na garganta ressequida.

— Não — disse Annie, ainda bem-composta. — Levou com ele. Disse que tinha que seguir caminho.

— O que tem ali? — perguntou Golias. Houve um baque duplo de botas pesadas, um som levemente oco quando ele saiu do carpete da sala e pisou nas tábuas nuas do corredor.

— O banheiro e o quarto de hóspedes. Às vezes eu durmo lá quando está muito quente. Pode olhar, se quiser, mas garanto que não tem policial nenhum amarrado na cama.

— Sim, senhorita, aposto que não — respondeu o Davi, e, surpreendentemente, o som de seus passos e vozes começou a diminuir, indo em

direção à cozinha outra vez. — Ele parecia empolgado com alguma coisa enquanto esteve aqui?

— Não mesmo. Só com calor e abatido.

Paul estava conseguindo respirar novamente.

— Parecia preocupado com alguma coisa?

— Não.

— Ele disse para onde estava indo?

Embora os policiais provavelmente não tivessem notado, o ouvido treinado de Paul percebeu uma leve hesitação — podia haver uma armadilha na pergunta, uma arapuca que dispararia imediatamente ou em alguns instantes.

— Não — disse ela finalmente —, mas ele seguiu para o Oeste, então acho que deve ter ido para Springer's Road, para as fazendas que ficam naquela direção.

— Obrigado por sua cooperação, senhorita — disse o Davi. — Talvez tenhamos que voltar para perguntar mais algumas coisas.

— Tudo bem. À vontade. Ultimamente não venho tendo muita companhia.

— Se importa se olharmos no celeiro? — perguntou o Golias, súbito.

— Não mesmo. Só lembrem de dizer “olá” quando entrarem.

— Olá pra quem, senhorita? — perguntou o Davi.

— Uai, pra Misery, minha leitoa de estimação.

31

Ela ficou no umbral olhando fixo para ele — tão fixo que seu rosto começou a esquentar e ele soube que estava corando. Os dois policiais tinham partido havia 15 minutos.

— Viu passarinho verde? — perguntou ele por fim.

— Por que você não berrou? — Os dois policiais a tinham cumprimentado tocando a aba do chapéu enquanto entravam na patrulha, mas nenhum sorriu, e mesmo de um ângulo pouco privilegiado Paul pôde ver certa expressão nos olhos deles. Eles sabiam quem era Annie, sim. — Eu estava esperando você berrar. Eles teriam caído em cima de mim que nem avalanche.

— Talvez. Talvez não.

— Mas por que você não...?

— Annie, se você passa a vida toda pensando que só o pior vai acontecer, em algum momento você acaba errando.

— *Não venha dar uma de esperto pra cima de mim!* — Ele viu que sob a passividade aparente ela estava muito confusa. O silêncio de Paul não se encaixava em sua perspectiva da existência como o Maior Pega-pra-Capar do Universo: Annie Honesta vs. a eterna e feiosa dupla dos Pestes da Meleca.

— Quem está dando uma de esperto? Eu disse que ia ficar de boca fechada e fiquei. Eu quero terminar meu livro em relativa paz. E eu quero terminá-lo para você.

Ela olhou para ele, incerta, querendo acreditar, temendo acreditar.. e finalmente acreditando. E com razão, pois Paul dissera a verdade.

— Então mãos à obra — disse ela, suavemente. — Pode meter mãos à obra. Você viu o jeito como eles olharam pra mim.

32

Pelos próximos dois dias a vida prosseguiu como antes da aparição de Duane Kushner. Era quase possível acreditar que Duane Kushner jamais tinha acontecido. Paul escrevia quase o tempo inteiro. Tinha desistido da máquina de escrever por algum tempo. Annie a colocou no lintel sob a fotografia do Arco do Triunfo sem dizer nada. Paul encheu três blocos grandes naqueles dois dias. Só restava um. Quando ele o enchesse também, teria que passar para os blocos de estenografia. Annie apontava a meia dúzia de lápis Berol Black Warrior, ele escrevia até gastar as pontas e Annie as apontava de novo. Os lápis diminuía continuamente de tamanho enquanto Paul sentava-se à janela, onde batia sol; encurvado, às vezes coçava sem perceber, com a unha do pé direito, o ar onde antes havia a sola do seu pé esquerdo, olhando para o buraco no papel, que tinha se aberto amplamente outra vez. O livro voava em direção ao clímax como os melhores livros fazem, como se fosse um foguete. Ele via tudo com perfeita claridade: três grupos disputando Misery nas passagens fortificadas atrás da testa do ídolo. Dois almejando matá-la, e o terceiro — composto por Ian, Geoffrey e Hezekiah — tentando salvá-la... enquanto lá embaixo a aldeia

dos bourkas queimava e os sobreviventes se reuniam no ponto de saída — a orelha esquerda do ídolo, para massacrar *qualquer um* que conseguisse sair vivo.

Esse estado de absorção hipnótica foi rudemente abalado — mas não interrompido — quando, no terceiro dia após a visita de Davi e Golias, uma van Ford bege com KTKA/*Grand Junction* escrito do lado, carregando equipamento de filmagem na traseira, parou na estrada em frente à casa de Annie.

— Oh, Deus — disse Paul, congelado em algum ponto entre o humor, o assombro e o horror. — Que *porra* de *caralho* é esse agora?

A van mal tinha parado quando uma das portas traseiras se abriu e um sujeito vestido em calças do Exército e uma camiseta do Grateful Dead saltou para fora segurando algo grande e negro por um cabo feito uma pistola, e por um momento Paul pensou que fosse uma arma de gás lacrimogêneo. Então o sujeito a levou ao ombro e a apontou na direção da casa, e Paul viu que era uma minicâmera. Uma moça bonita saiu do banco do passageiro mexendo nos cabelos e parando para uma última olhada na maquiagem no espelho lateral antes de se aproximar do câmara.

O olho do mundo exterior, que se afastara da Mulher Dragão pelos últimos anos, agora retornava com força total.

Paul recuou rapidamente, esperando ter sido a tempo.

Bom, se você quer saber com certeza, é só assistir ao jornal das seis, pensou ele, e então precisou levar as mãos à boca para sufocar as risadas.

A porta de tela abriu e bateu.

— Caiam fora daqui! — gritou Annie. — Caiam fora da minha propriedade!

E a moça, docilmente:

— Srta. Wilkes, é só uma palavrinha...

— Vocês vão é levar chumbo na meleca do olho do seu *rabo* se não derem o fora daqui!

— Srta. Wilkes, eu sou Glenna Roberts da KTKA...

— *Eu lá quero saber se vocês são Jesus Cristo da Silva do planeta Marte! Se vocês não saírem daqui agora, vocês vão morrer!*

— Mas...

CA-POU!

Oh, Annie, oh Jesus amado, Annie matou a imbecil...

Ele voltou com a cadeira e espiou pela janela. Não havia escolha, ele precisava ver. O alívio tomou conta de seu corpo. Annie tinha atirado para o ar. Parecia ter funcionado a contento. Glenna Roberts estava mergulhando de cabeça na van da KTKA. O câmera girou a câmara na direção de Annie; Annie girou a espingarda na direção do câmera; o câmera, decidindo que preferia viver para ver outro show do Grateful Dead a continuar filmando a Mulher Dragão, pulou na traseira da van outra vez. O veículo já dava a ré na estrada antes mesmo que ele terminasse de fechar a porta.

Annie ficou olhando enquanto eles se afastavam, ainda segurando a espingarda, e então retornou lentamente para casa.

Paul ouviu o barulho quando ela pôs a espingarda na mesa. Ela foi até o quarto de hóspedes, parecendo pior do que ele jamais a vira. Seu rosto estava fatigado e pálido; seus olhos erravam constantemente.

— Eles voltaram — murmurou ela.

— Fique calma.

— Eu sabia que aqueles pestes iam voltar. E voltaram.

— Eles foram embora, Annie. Você os expulsou.

— Eles não irão embora *nunca*. Alguém falou pra eles que o policial passou na Mulher Dragão antes de sumir. E aí eles vieram.

— Annie...

— Você sabe o que eles querem?

— É claro. Eu já lidei com a imprensa. Eles querem as mesmas duas coisas que sempre quiseram: que você faça merda quando estão gravando e que alguém pague a bebida deles. Mas Annie, você tem que se acalm...

— *Isso* é o que eles querem — disse ela e ergueu a mão em garra, levando-a à testa. Súbito ela rasgou para baixo, abrindo quatro cortes de onde sangue logo escorreu das sobrancelhas para as bochechas e dos lados do nariz.

— Annie! Pare!

— E isso! — Ela se estapeou na face esquerda com a mão esquerda, tão forte que deixou marca. — E isso! — Agora a face direita, tão forte que gotas de sangue voaram.

— *PARE com isso!*

— *Isso é o que eles querem!* — Ela ergueu as mãos à testa e pressionou as feridas. Mostrou as palmas sangrentas para ele por um instante. Então partiu pisando forte.

Depois de um longo, longo tempo, Paul começou a escrever novamente. No início, lentamente — a imagem de Annie abrindo rasgos na pele se intrometia —, e ele pensou que não adiantava insistir e que era melhor parar por aquele dia. Mas então a história o cativou e ele caiu pelo buraco no papel novamente.

Como sempre acontecia naqueles dias, ele partiu com uma sensação de alívio abençoado.

33

Mais polícia no dia seguinte. Dessa vez, caipiras locais. Com eles vinha um homem magro carregando uma maleta que certamente continha um estenógrafo. Annie ficou na estrada com eles, escutando sem expressão. Então ela os levou até a cozinha.

Paul ficou sentado quieto, com um bloco de estenografia no colo (ele enchera o último bloco grande na noite anterior), e escutou a voz de Annie enquanto ela prestava um depoimento que consistia em todas as coisas que tinha dito a Davi e Golias quatro dias antes. Aquilo, pensou Paul, era assédio descarado. Ele se divertia, aterrado ao ver-se sentindo um pouco de pena de Annie Wilkes.

O policial de Sidewinder que fazia a maior parte das perguntas começou a dizer a Annie que ela podia ter um advogado ali presente, se quisesse. Annie recusou e simplesmente contou a história outra vez. Paul não percebeu nenhuma inconsistência.

Eles ficaram na cozinha por meia hora. Perto do fim, um deles perguntara como ela conseguira os arranhões feios na testa.

— Foi de noite que eu fiz isso. Eu tive um sonho.

— Que sonho?

— Eu sonhei que as pessoas se lembravam de mim depois de todo esse tempo e começavam a aparecer aqui de novo.

Quando eles foram embora, Annie foi até o quarto dele. Seu rosto parecia adoecido, distante, macilento.

— Isso aqui está parecendo a estação do metrô — disse Paul.

Ela não sorriu.

— Quanto tempo mais?

Ele hesitou, olhou para a pilha torta de papel datilografado e escrito à mão e então olhou para Annie novamente.

— Dois dias. Talvez três.

— Da próxima vez que eles vierem, vão vir com um mandado de busca — disse ela e saiu antes que ele pudesse responder.

34

Ela apareceu aquela noite perto de meia-noite e quinze e disse:

— Você devia estar na cama há uma hora, Paul.

Ele olhou para cima, espantando-se ao ver-se fora do sonho profundo da história. Geoffrey — que se tornara o herói do livro — acabara de ficar cara a cara com a horrenda rainha-abelha, com quem teria que lutar até a morte para salvar Misery.

— Não importa. Só mais um pouco e eu paro. Às vezes a gente tem que escrever senão vai embora. — Ele sacudiu a mão, que latejava, dolorida. Um grande calo duro cheio d'água se formara do lado do indicador, onde o lápis apertava mais forte. Ele tinha comprimidos. Eles diminuiriam a dor, mas também borrariam seus pensamentos.

— Você acha que está ficando bom, não é? — perguntou ela, suavemente.

— Bom mesmo. Você não está mais fazendo só por mim, não é?

— Ah, não. — Por um momento ele esteve à beira de dizer algo mais: *Nunca foi por você, Annie, nem pra nenhuma dessas pessoas que assinam as cartas com “Sua fã número um”. Na hora em que a gente começa a escrever, essas pessoas estão do outro lado da galáxia. Nunca foi para minhas ex-esposas, ou minha mãe, ou meu pai. O motivo de os autores quase sempre colocarem dedicatórias em livros, Annie, é que o egoísmo deles no final horroriza até eles próprios.*

Mas não seria sábio dizer tal coisa a ela.

Ele escreveu até que o amanhecer surgiu no leste. Então Paul caiu na cama e dormiu por quatro horas. Seus sonhos foram confusos e desagradáveis. Em um deles, o pai de Annie subia um longo lance de escadas. Ele tinha uma cesta de recortes de jornal nos braços. Paul tentou chamá-lo, avisá-lo, mas sempre que

abria a boca nada saía, exceto um parágrafo de diálogo sensato e bem narrado — embora o parágrafo fosse diferente a cada vez que ele tentava gritar, sempre começava da mesma forma: “Um dia, quase uma semana depois...” E então Annie Wilkes aparecia, gritando, vindo a toda do corredor com os braços esticados para dar o empurrão fatal... mas os gritos dela se tornavam estranhos zumbidos, e seu corpo ondulava, empelotava e mudava sob a saia e o suéter: Annie estava se transformando em uma abelha.

35

Ninguém oficial apareceu no dia seguinte, mas muita gente apareceu em caráter extraoficial. Bisbilhoteiros Civis. Um dos carros estava cheio de adolescentes. Quando um deles avançou no caminho para dar ré, Annie saiu correndo e gritou para que saíssem de sua propriedade antes que ela atirasse neles como se fossem cachorros.

— Vai se foder, Mulher Dragão! — gritou um deles.

— Onde você enterrou ele? — outra pessoa gritou, e o carro se afastou em uma nuvem de poeira.

Alguém arremessou uma garrafa de cerveja. Enquanto o carro partia, Paul notou o adesivo colado à janela traseira, que dizia: APOIE OS BLUE DEVILS DE SIDEWINDER.

Uma hora depois ele viu Annie passar sinistramente por sua janela, enfiando um par de luvas de trabalho enquanto se dirigia ao celeiro. Ela voltou pouco tempo depois com a corrente. Tinha reservado algum tempo para entretecer arame farpado aos aros de aço robusto. Depois que a corrente foi instalada atravessando a entrada, Annie meteu a mão no bolso do peito da camisa e pegou alguns trapos vermelhos, que amarrou a alguns dos elos para ajudar a visibilidade.

— Não vai afastar a polícia, mas o resto das pestes, sim.

— Sim.

— Sua mão... parece inchada.

— Sim.

— Eu odeio ser uma meleca duma chata, Paul, mas...

— Amanhã — disse ele.

— Amanhã? Mesmo? — Ela alegrou-se imediatamente.

— Sim, acho que sim. Provavelmente perto das seis.

— Paul, que maravilha! É pra eu começar a ler agora, ou...

— Eu prefiro que você espere.

— Então eu espero.

A expressão terna e lânguida apareceu nos olhos dela de novo. Paul odiava-a mais que nunca quando ela tinha aquela expressão.

— Eu amo você, Paul. Você sabe disso, não sabe?

— Sim. Eu sei.

E ele se curvou sobre o bloco outra vez.

36

Aquela noite ela lhe trouxe o comprimido de Keflex. Ele estava melhorando da infecção urinária, mas bem devagar. Annie também trouxe um balde de gelo. Ela deixou uma toalha dobrada do lado do balde e saiu sem dizer palavra.

Paul largou o lápis — ele teve que usar os dedos da mão esquerda para endireitar os da direita — e meteu a mão no gelo. Deixou-a lá até ela adormecer quase completamente. Quando a retirou, o inchaço parecia ter diminuído um pouco. Ele enrolou a toalha ao redor da mão e ficou sentado esperando, olhando para as trevas, até sua mão começar a formigar. Então deixou a toalha de lado, flexionou a mão por algum tempo (as primeiras vezes o fizeram franzir o rosto em uma carranca de dor, mas então a mão começou a amolecer) e então voltou a escrever.

Ao amanhecer, ele foi lentamente para a cama, subiu nela e adormeceu imediatamente. Ele sonhou que estava perdido em uma tempestade de neve, mas não era neve. Eram páginas que voavam e enchiam o mundo e anulavam o sentido de direção. Cada página estava coberta com texto datilografado, e todos os “nn” e “tt” e “ee” estavam faltando. Paul compreendeu que, se ele

ainda estivesse vivo quando a nevasca terminasse, ele teria que preencher tudo sozinho, à mão, decifrando palavras que mal estavam lá.

37

Ele acordou perto das 11, e assim que Annie o ouviu se remexendo, apareceu com suco de laranja, os comprimidos e uma tigela de canja quente. Ela parecia brilhar de empolgação.

— Hoje é um dia especial, não é, Paul?

— Sim.

Ele tentou pegar a colher com a mão direita e não conseguiu. Estava inchada e vermelha, tanto que a pele chegava a brilhar. Quando ele tentou fechar a mão, pareceu que longas varetas de metal estavam sendo enfiadas na carne. Ele pensou que os últimos dias tinham sido como uma longa sessão de autógrafos de pesadelo que nunca terminava.

— Ah, sua *mão*, coitadinho! Vou trazer outro comprimido! Vou trazer agora mesmo!

— Não. Esse é o esforço final. Eu quero estar com a mente limpa.

— Mas você não pode escrever com a mão assim!

— Não. Minha mão acabou. Eu vou terminar isso como comecei. Com a Royal. Oito ou dez páginas devem bastar. Acho que dá pra aguentar a falta dos “nn”, “tt” e “ee”.

— Eu devia ter arranjado outra máquina pra você. — Ela parecia sentir honestamente; seus olhos estavam úmidos. Paul pensou que os ocasionais momentos como aquele eram os mais repelentes, pois deixavam entrever a mulher que Annie teria sido se sua criação tivesse sido melhor, ou se as substâncias excretadas pelas glândulas em sua mente tivessem sido as certas. Ou ambas as coisas. — Eu errei. É difícil pra mim admitir isso, mas é verdade. É porque eu não quis admitir que a dona Dartmonger levou a melhor nessa. Desculpe, Paul. Sua mãozinha...

Ela ergueu a mão de Paul, gentil como a própria Níobe na fonte, e a beijou.

— Está tudo bem — disse ele. — Nós vamos conseguir, Ducky Daddles e eu. Eu a odeio, mas como acho que ela também me odeia, acho que fica tudo

certo.

— De quem você está falando?

— Da Royal. É o nome de um personagem de desenho animado.

— Ah... — Annie se apagou. Desligou. Desplugou-se. Ele esperou pacientemente que ela retornasse, tomando a sopa enquanto isso, segurando a colher desajeitadamente entre o primeiro e o segundo dedo da mão esquerda.

Finalmente ela retornou e olhou para ele, sorrindo radiante como uma mulher que acaba de acordar e percebe que será um dia lindo.

— Acabou a sopa? Se acabou, tem uma coisa muito especial aqui.

Ele mostrou a tigela, vazia exceto por alguns pedaços de macarrão no fundo.

— Viu como eu sou um rapazinho bonzinho, Annie? — perguntou ele, sem o menor sorriso.

— Você é o rapazinho mais bonzinho que eu já vi, Paul, e vai ganhar um *montão* de estrelinhas! Aliás... espere! Espere só pra ver uma coisa!

Ela saiu, deixando Paul olhando para o calendário, depois para o Arco do Triunfo. Ele olhou para o teto e viu os “VV” interligados valsando loucamente pelo teto. Por último ele olhou para a máquina de escrever e a grande pilha desordenada de papéis. *Adeus a tudo isso*, pensou ele, e então Annie voltou com outra bandeja.

Nela havia quatro pratos: fatias de limão em um, ovo gratinado em outro, triângulos de torrada em outro. No meio tinha um prato maior, e nesse havia um grande monte grudento de

(caquinha)

caviar.

— Eu não sei se você gosta disso — disse ela, tímida. — Eu não sei nem se *eu* gosto. Eu nunca comi.

Paul começou a rir. Fazia doer seu torso e suas pernas e até sua mão. Provavelmente mais partes do seu corpo logo estariam doendo, pois Annie era paranoica o suficiente para achar que, se alguém estava rindo, devia ser *dela*. Mas ele não conseguia parar. Riu até engasgar e tossir, com as bochechas vermelhas e lágrimas escorrendo. Aquela mulher tinha cortado seu pé com um machado e seu polegar com uma faca elétrica, e ei-la agora ali com uma pilha de caviar grande o suficiente para sufocar um javali. E, incrivelmente, o olhar

de *abismo* não apareceu em seu rosto. Ela começou a rir junto com ele em vez disso.

38

Caviar supostamente era uma dessas coisas que ou se ama ou se odeia, mas Paul era indiferente. Se ele estivesse na primeira classe e uma aeromoça pusesse um prato de caviar em sua bandeja, ele comia e esquecia que existia algo chamado caviar até a próxima vez que uma aeromoça pusesse outro prato em sua frente. Mas agora ele comeu com apetite, experimentando todas as guarnições, como se descobrisse o prazer da comida pela primeira vez na vida.

Annie não gostou mesmo. Ela mordiscou um pouco numa torrada, franziu o rosto com nojinho e deixou de lado. Paul continuou comendo com entusiasmo inextinguível. Em 15 minutos ele comeu meia lata de Mount Beluga. Ele arrotou, cobriu a boca e olhou para Annie com expressão de culpa. Ela simplesmente gargalhou alegremente outra vez.

Acho que vou matar você, Annie, pensou ele e sorriu afetuosamente para ela. *Acho mesmo. Posso acabar morrendo junto — acho que vou mesmo —, mas vou com a barriga cheia de caviar. Podia ser pior.*

— Foi ótimo, mas não consigo comer mais.

— Você vai acabar vomitando se tentar comer mais. É muito forte. — Ela devolveu o sorriso. — Tem outra surpresa. Eu tenho uma garrafa de champanhe. Para mais tarde... quando você terminar o livro. Se chama Dom Pérignon. Custou 75 dólares! *Uma garrafa!* Mas o Chuckie Yoder da loja de bebidas falou que é coisa fina.

— O Chuckie Yoder está certo — disse Paul, pensando que o Dom Pérignon era parcialmente culpado pelo inferno que ele agora vivia. Ele fez uma pausa e disse: — Tem outra coisa que eu queria. Quando eu terminar.

— Ah é? O que é?

— Você falou uma vez que estava com todas as minhas coisas.

— Estou sim.

— Bom... havia um maço de cigarros na minha maleta. Eu queria fumar um quando terminar.

O sorriso dela sumiu aos poucos.

— Você sabe que essas coisas não fazem bem, Paul. Cigarro causa câncer.

— Annie, você acha que câncer é algo com que eu tenha que me preocupar agora?

Ela não respondeu.

— Eu só quero um cigarro. Eu sempre me recosto na cadeira e fumo um quando termino de escrever. É a fumada mais gostosa, melhor até que o cigarro de depois do almoço. Pelo menos eu achava isso. Acho que dessa vez só vai me fazer sentir tonto e com vontade de vomitar, mas eu queria um só pra honrar a tradição. E aí, Annie? Leve na esportiva. *Eu* estou levando.

— Está bem... mas antes da champanhe. Eu não vou beber uma garrafa de cerveja de 75 dólares no mesmo quarto onde você andou soprando esse veneno.

— Sem problema. Você traz o cigarro perto de meio-dia e eu o deixo ali na janela, pra ficar olhando de vez em quando. Então eu termino, preencho as letras, e só depois acendo o cigarro, fumo até achar que vou perder a consciência, e então apago. Aí eu chamo você.

— Está bem. Mas ainda não gosto disso. Mesmo que você não pegue câncer de pulmão só com um cigarro, eu ainda não gosto disso. E você sabe por que, Paul?

— Não.

— Porque rapazinhos bonzinhos não fumam — respondeu ela e começou a coletar os pratos.

39

— São Iam, ela tá...?

— Shhhh! — fez Iam, ríspido, e Hezekiah se calou. Geoffrey sentiu a garganta latejar rapidamente. Do lado de fora vinha o ranger suave e contínuo de cordas e madeirame, o farfalhar lento das velas à primeira e fraca brisa que anunciava o retorno do vento, o grito ocasional de um pássaro. Tênuo, vindo do convés de ré, Geoffrey

podia ouvir um grupo cantando alto e desafinadamente uma cantiga de marinheiro. Mas lá dentro tudo era silêncio. Os três homens, dois brancos e um negro, esperavam para ver se Misery iria viver... ou...

Ian grunhiu roucamente e Hezekiah agarrou seu braço. Geoffrey apenas aumentou ainda mais o já histórico esforço que fazia para se manter no controle. Depois de tudo aquilo, seria Deus cruel o bastante para deixá-la morrer? Outrora ele teria negado tal possibilidade com confiança e humor em vez de indignação. A ideia de que Deus podia ser cruel naquela época lhe parecia absurda.

Mas as ideias dele a respeito de Deus — como suas ideias sobre muitas coisas — tinham mudado. Tinha mudado na África. Na África ele descobrira que não havia apenas um Deus, mas muitos, e que alguns eram mais que cruéis — eram insanos, e isso mudava tudo. A crueldade, afinal, era inteligível. Mas era impossível argumentar com a insanidade.

Se sua querida Misery estivesse mesmo morta, como ele agora temia, ele tentava ir ao convés de popa e se jogar pela amurada. Ele sempre soubera e aceitara o fato de que os deuses eram severos. Mas ele não tinha nenhum desejo de viver em um mundo onde os deuses eram insanos.

Tais devaneios amargurados foram interrompidos por um arquejo áspero do supersticioso Hezekiah.

— São Ian! São Geffy! Oia! Os ói dela! Os ói dela!

Os olhos de Misery, de tons delicados de azul como uma centáurea, tinham se aberto. Eles foram de Ian a Geoffrey e de volta a Ian. Por um momento Geoffrey viu apenas estupefação naqueles olhos... e então houve o reconhecimento, e ele sentiu a felicidade soprar em sua alma.

— Onde eu estou? — perguntou ela, bocejando e se espreguiçando. — Ian... Geoffrey... Nós estamos no mar? Por que eu estou com tanta fome?

Rindo e chorando, Ian se inclinou e a abraçou, repetindo o nome dela sem parar.

Atarantada, mas feliz, ela o abraçou também — e Geoffrey, vendo que ela estava bem, percebeu que poderia suportar o amor deles, agora e para sempre. Ele viveria sozinho, podia viver sozinho, em perfeita paz.

Talvez os deuses não fossem insanos, afinal... pelo menos, não todos.

Ele tocou Hezekiah no ombro.

— Acho que é melhor deixá-los a sós, não acha, meu velho?

— Acho que é sim, são Geffy — respondeu Hezekiah. Ele sorria francamente, cegando a todos com o clarão dos sete dentes de ouro.

Geoffrey deu uma última olhada para ela, e só por um instante os olhos de centáurea voltaram-se para ele, avisando-o, preenchendo-o. Completando-o.

Eu amo você, minha querida, pensou ele. Você me ouviu?

Talvez a resposta tenha sido apenas a voz desejosa de sua própria mente, mas ele achou que não. Era clara demais, era muito a voz de Misery:

Ouvi... e eu amo você também.

Geoffrey fechou a porta e foi até o convés de ré. Em vez de se atirar pela amurada, como planejara, ele acendeu o cachimbo e fumou lentamente, vendo o sol descer atrás da mancha distante que desaparecia no horizonte. A costa da África.

E então, porque ele não conseguia fazer de outra maneira, Paul Sheldon puxou a última página da máquina de escrever e rabiscou à caneta a palavra mais amada e odiada do vocabulário dos escritores:

FIM

A mão direita inchada não quisera preencher as letras faltantes, mas ele a forçara a trabalhar mesmo assim. Se ele não conseguisse eliminar ao menos um pouco da rigidez, não conseguiria levar aquilo a cabo.

Ao terminar, deixou a caneta de lado. Considerou seu trabalho por um instante. Sentia-se como sempre se sentia ao terminar um livro: estranhamente vazio, desapontado, ciente de que para cada sucesso ele pagara uma taxa de absurdo.

Era sempre o mesmo, sempre o mesmo — como enfrentar uma subida árdua pelo meio da selva para no final sair em uma clareira no topo e receber como recompensa apenas uma vista da autoestrada desimpedida com alguns postos de gasolina e boliches espalhados ao longo dela.

Ainda assim era bom ter terminado. Era sempre bom ter terminado. Bom ter produzido, ter causado a existência de alguma coisa. De uma forma anestesiada ele compreendeu e apreciou a bravura do ato, de criar pequenas vidas que não existiam, com a aparência de movimento e a ilusão de calor. Ele compreendia agora, finalmente, que era um tanto bronco na execução daquele truque, mas era o único que conhecia, e se ele sempre terminava executando-o de forma inepta, jamais o executara sem amor. Ele tocou a pilha de papel e sorriu um pouco.

Sua mão se ergueu da pilha de papel e foi em direção ao único Marlboro que ela colocara no batente para ele. Ao lado havia um cinzeiro de cerâmica com um pedalinho impresso no fundo cercado pela frase: LEMBRANÇA DE HANNIBAL, MISSOURI — LAR DO CONTADOR DE HISTÓRIAS DA AMÉRICA!²³

No cinzeiro havia uma caixa de fósforos, mas só com um palito dentro. Tudo o que ela lhe permitira. Mas um deveria bastar.

Ele podia ouvi-la se movendo no andar de cima. Isso era bom. Ele teria bastante tempo para suas poucas preparações, bastante aviso se ela decidisse descer antes de ele estar pronto para ela.

Aí vem a grande mágica, Annie. Será que eu consigo Sair dessa?

Ele se curvou, ignorando a dor nas pernas, e começou a puxar a tábua solta do rodapé.

Ele a chamou cinco minutos depois e escutou seus passos pesados na escada. Esperara ficar aterrorizado ao chegar naquele ponto e sentiu alívio ao perceber que estava até bem calmo. A sala recendia ao cheiro do fluido de isqueiro, que pingava sem parar de um lado da tábua atravessada sobre os braços da cadeira.

— Paul, você acabou *mesmo*? — perguntou ela, vindo pelo corredor.

Paul olhou para a pilha de papel sobre a tábua ao lado da odiada Royal. O papel estava completamente encharcado de fluido.

— Bom, eu fiz o melhor que pude, Annie.

— Uau! Ah, que bom! Nossa, eu nem acredito! Depois de tanto tempo! Espere um minuto! Vou pegar o champanhe!

— Ótimo!

Ele a ouviu andando sobre o linóleo da cozinha, sabendo de onde viria cada guinchado de suas solas antes de escutar. *Estou ouvindo esses sons pela última vez*, pensou ele, e isso trouxe um senso de maravilha que rompeu a casca de sua calma como se fosse um ovo. Havia medo lá dentro... mas também havia outra coisa. Ele achou que era a costa da África, cada vez mais distante.

A porta do refrigerador foi aberta, então se fechou com um baque. Lá vinha ela pela cozinha outra vez. Lá vinha ela.

Ele não tinha fumado o cigarro, é claro. O cigarro ainda estava no batente. O fósforo era o que ele queria.

E se não acender quando você riscar?

Mas era tarde demais para pensar nisso.

Ele se espichou na direção do cinzeiro e pegou a caixa de fósforos. Pegou o único fósforo. Ela estava no corredor agora. Paul riscou o fósforo e, realmente, o fósforo não acendeu.

Calma! Não é força, é jeito!

Ele riscou novamente. Nada.

Calma... calma...

Ele riscou ao longo da áspera faixa castanha nas costas da caixa uma terceira vez e uma chama amarelo-pálida floresceu na ponta do palito.

— Eu só espero que...

Ela parou e sugou a próxima palavra junto com o ar. Paul sentava-se na cadeira de rodas atrás de uma barricada de papel empilhado. Ele virara a folha do topo de propósito para que Annie pudesse ler:

O RETORNO DE MISERY

Paul Sheldon

Acima da pilha ensopada de papel pairava a mão direita inchada de Paul, segurando entre o indicador e o polegar um fósforo que queimava.

Annie ficou no umbral, segurando a garrafa de champanhe enrolada em uma toalha. Sua boca estava aberta. Ela a fechou e disse, cautelosa:

— Paul... o que você está fazendo?

— Acabei. E é bom, Annie. Você estava certa. É o melhor dos livros de *Misery*, talvez a melhor coisa que eu já escrevi. Agora eu vou fazer uma magia com ele. É uma boa magia. Eu aprendi com você.

— *Paul, não!* — gritou ela. Seu rosto evidenciava agonia e compreensão. Seus braços se estenderam e a garrafa de champanhe caiu, atingindo o chão e explodindo como um torpedo. Espuma voou por toda a parte. — *Não! Não! POR FAVOR NÃO...*

— Pena que você nunca vai ler — disse Paul e sorriu. Era seu primeiro sorriso verdadeiro em meses, radiante e genuíno. — Sem falsa modéstia, eu tenho que dizer que não ficou só bom. Ficou *ótimo*, Annie.

O fósforo chegava ao final, começando a esquentar a ponta dos seus dedos. Ele o soltou. Por um instante terrível ele pensou que tinha se apagado, e então fogo azul-pálido desabrochou na primeira página, provou o fluido que se acumulava nas beiradas da pilha e se inflamou em um clarão alaranjado.

— *OH DEUS NÃO!* — gritou Annie. — *MISERY NÃO! MISERY NÃO! ELA NÃO! NÃO! NÃO!*

Seu rosto começara a tremer do outro lado das chamas.

— Quer fazer um pedido, Annie? — gritou ele. — Quer fazer um pedido, sua bruaca do caralho?

— *OH MEU DEUS OH PAUL O QUE VOCÊ ESTÁ FAZEEENDO?* — Annie tropeçou para diante com os braços estendidos. O fogo se insuflara e devorava a pilha de papel. O lado cinzento da Royal começara a escurecer. O fluido de

isqueiro tinha formado poças debaixo dela e línguas de fogo azul-pálido lambiam entre as teclas. Paul sentia seu rosto ardendo, a pele se esticando.

— *MISERY NÃO! NÃO QUEIME A MISERY SEU PESTE, SEU MELECA! NÃO QUEIME A MISERY!*

E então ela fez exatamente o que ele quase adivinhara que ela faria. Annie pegou a pilha de papel e se virou, tencionando talvez correr até o banheiro para apagar o fogo na banheira.

Quando ela se virou, Paul pegou a máquina, sem se importar com as bolhas que o lado quente formava em sua já inchada mão direita. Ele a ergueu sobre a cabeça. Pequenas gotas de fogo azul ainda caíam do chassi. Ele não lhes deu atenção — nem ao clarão de dor que mordeu suas costas quando ele estirou algum músculo. Seu rosto tinha uma expressão insana de esforço e concentração. Ele arremessou a máquina com toda a força e acertou Annie bem no meio de suas costas amplas e sólidas.

— *AAUNGGH!* — Não foi um grito, e sim um grunhido alto e espantado. Annie foi empurrada para o chão com a pilha de papel em chamas debaixo dela.

Pequenas línguas de fogo azulado salpicavam a superfície da tábua que servira como mesa. Arquejando, sentindo cada hausto de ar como ferro quente na garganta, Paul empurrou a tábua para o lado. Ele se ergueu, balançando-se um pouco ao se apoiar no pé direito.

Annie se estorcia e gemia. Uma grande chama aparecera entre o lado do seu corpo e o braço esquerdo. Ela gritou. Paul sentiu o cheiro de gordura e pele queimando.

Ela rolou e se forçou a ficar de joelhos. A maior parte do papel tinha ficado no chão, ou queimando ou fumegando arruinada pelas poças de champanhe, mas Annie ainda segurava algumas páginas que queimavam. Seu suéter também queimava. Ele viu cacos verdes de vidro espetados em seus braços. Um caco maior estava enfiado em sua face direita como a lâmina de uma machadinha.

— Eu vou matar você seu chupa-pica mentiroso da porra! — disse ela e cambaleou na direção dele. Ajoelhada, Annie deu três “passos” na direção dele e então caiu sobre a máquina de escrever. Ela se contorceu e conseguiu se virar um pouco. Foi quando Paul caiu sobre ela. Ele sentiu os ângulos duros da

máquina sob o corpo dela. Annie gritava feito um gato, se contorcia feito um gato e tentou arranhá-lo e escapar feito um gato.

O fogo se apagava ao redor deles, mas Paul ainda sentia o calor selvagem vindo do corpo volumoso que se sacudia embaixo dele, e soube que pedaços do suéter e do sutiã tinham queimado e grudado no corpo dela. Não sentiu nenhuma pena.

Ela tentou jogá-lo para fora. Ele se segurou e agora estava bem em cima dela como um homem prestes a cometer estupro, seu rosto quase em cima do dela. Sua mão esquerda tateou, sabendo exatamente o que procurava.

— Sai de cima!

Ele pegou um punhado de papel em chamas.

— *Sai de cima!*

Ele amarrotou o papel, espremendo o fogo entre os dedos. Podia sentir o cheiro dela: carne queimada, suor, ódio, loucura.

— *SAI DE CIMA!* — gritou ela, abrindo bem a boca. E ele se viu subitamente olhando para o fosso rubro e úmido da deusa. — *SAI DE CIMA SEU PESTE, SEU MELE...*

Paul enfiou papel preto chamuscado na bocarra aberta. Os olhos enlouquecidos se arregalaram ainda mais com surpresa, horror e dor renovada.

— Tá aqui o seu livro, Annie — arfou ele e pegou mais papel. Dessa vez estava apagado, pingando, cheirando a bebida. Annie estremeceu e se contorceu embaixo dele. O domo salino do joelho esquerdo bateu contra o assoalho e ele sentiu dor excruciante, mas ficou em cima dela. *Sim, Annie, eu vou estuprar você. Eu vou estuprar você porque tudo o que eu posso fazer é fazer o pior que eu puder. Então chupe o meu livro. Chupe meu livro. Chupe e MORRA!* — Ele amarrotou o papel molhado com um gesto convulsivo da mão e enfiou a massa na boca de Annie, empurrando a primeira parte chamuscada ainda mais fundo em sua garganta.

— Tá aqui, Annie, você gostou? É uma primeira edição, a Edição Annie Wilkes, você gostou? Pode comer, Annie, pode comer tudo, anda, vai, come essa porra, seja uma boa menina e *coma tudooo*.

Ele enfiou mais papel. E enfiou mais ainda. Na quinta vez o papel ainda queimava. Ele apagou o fogo com a já chamuscada palma da mão direita enquanto enfiava o bolo de papel com toda a força.

Annie estava produzindo um barulho estranho e sufocado. Ela se sacudiu violentamente e dessa vez Paul foi derrubado. Ela se sacudiu e espadanou, mas conseguiu se pôr de joelhos. Suas mãos arranharam a garganta escurecida, que parecia horrivelmente inchada. Quase nada sobrava do seu suéter além de um anel de tecido em volta do pescoço. A carne da barriga e do peito estava repleta de bolhas. Champanhe ainda pingava do último bolo de papel dependurado em sua boca.

— *Mumpf! Mrk! Mrk!* — coaxou Annie. De alguma forma ela conseguiu se erguer, ainda arranhando a garganta. Paul se afastou, usando os braços para recuar e puxar o corpo. Suas pernas se estiravam de qualquer jeito à sua frente e ele observava Annie com uma expressão exausta. — *Bragf? Hrdogh? Mumpf!*

Ela deu um passo na direção dele. Dois. Então tropeçou na máquina de escrever outra vez. Quando ela caiu dessa vez, sua cabeça se virou de certa maneira, e Paul viu os olhos dela encarando-o com uma expressão que era de dúvida e, de alguma forma, terrível: *O que aconteceu, Paul? Eu estava trazendo a champanhe, não estava?*

O lado esquerdo da cabeça de Annie bateu no lintel e ela desabou feito um saco de tijolos, atingindo o chão com um baque sonoro que sacudiu a casa inteira.

43

Annie caíra sobre a massa de papel queimando e seu corpo apagara as chamas. Uma massa negra fumegante era o que restava no assoalho. As poças de champanhe tinham apagado a maioria das folhas isoladas. Mas três tinham se encostado na parede à esquerda da porta ainda queimando e o papel tinha se acendido em alguns pontos, mas queimando sem muito entusiasmo.

Paul rastejou para a cama, usando os cotovelos para se puxar, e pegou o cobertor. Ele foi até a parede, empurrando os cacos da garrafa para longe com as mãos enquanto seguia. Tinha luxado as costas. Queimara feio a mão direita. A cabeça doía. Seu estômago soluçava com o repugnante cheiro doce de carne queimada. Mas ele estava livre. A deusa tinha morrido e ele estava livre.

Ele puxou o joelho direito para baixo do corpo, se esticou desajeitadamente segurando o cobertor (que estava molhado de champanhe e borrado com longas manchas de cinza) e começou a bater nas chamas. Ao jogar o cobertor sobre uma massa fumegante perto do rodapé, ele viu uma grande área circular da parede exposta, mas o papel já tinha se apagado. A última folha do calendário tinha murchado, mas isso era tudo.

Ele começou a rastejar de volta para a cadeira. Estava na metade do caminho quando Annie abriu os olhos.

44

Paul ficou olhando sem acreditar enquanto Annie se erguia lentamente sobre os joelhos. Ele mesmo estava apoiado nas mãos, arrastando as pernas atrás de si como uma estranha versão adulta do Gugu, o sobrinho do Popeye.

Não... não, você morreu.

Você está errado, Paul. Você não pode matar a deusa. A deusa é imortal. Agora eu preciso enxaguar.

Os olhos dela o encaravam, horríveis. Um enorme corte rubro se abria entre seus cabelos do lado esquerdo da cabeça. O sangue se esvaía por seu rosto.

— *Gôss!* — gritou Annie, com a garganta entupida de papel. Ela começou a rastejar na direção de Paul com os braços estendidos, abrindo e fechando as mãos. — *Zê gôss!*

Paul deu meia-volta, rastejando, e partiu na direção da porta. Podia ouvi-la atrás de si, aproximando-se. E, ao entrar na zona repleta de vidro quebrado, Paul sentiu a mão de Annie se fechando ao redor de seu tornozelo esquerdo e apertando o toco com toda a força. Ele gritou.

— *GÔSS!* — gritou Annie, triunfante.

Ele olhou por cima do ombro. O rosto dela estava ficando roxo lentamente e parecia inchar. Ele compreendeu que ela estava mesmo se transformando no ídolo dos bourkas.

Ele puxou com toda a força e sua perna escorregou da mão dela, deixando Annie apenas com a tornozeleira de couro que ela aplicara ao redor do toco.

Ele continuou rastejando e começou a chorar. O suor escorregava por seu rosto. Ele se arrastou com os cotovelos como um soldado avançando sob fogo cerrado de metralhadora. Ouviu o baque de um joelho atrás dele, depois outro, depois outro... Ela ainda avançava. Era tão sólida quanto ele sempre temera. Ele a queimara, quebrara suas costas, entupira sua garganta de papel e ela ainda avançava.

— *VÊAH!* — Annie gritava. — *GÔSSA... VÊAH!*

Paul bateu com o braço no chão e um caco de vidro se enfiou em seu cotovelo. Ele seguiu engatinhando com o caco espetado feito um broche.

A mão de Annie se fechou em sua panturrilha esquerda.

— *AH! GAW! OOO... AAW!*

Ele se voltou outra vez e, sim, o rosto dela ficara escuro como uma ameixa preta e seus olhos vermelhos esgazeados pareciam querer saltar para fora loucamente. A garganta de Annie inchara feito câmara de pneu e sua boca se contorcia. Paul compreendeu que ela tentava sorrir.

A porta estava ao seu alcance. Paul se esticou e se agarrou com todas as forças à jamba.

— *GAW! OOO... AAW!*

A mão direita dela em sua coxa direita.

Bam. Um joelho. *Bam.* Outro joelho.

Mais perto. A sombra. A sombra dela caindo sobre ele.

— Não — choramingou ele. Podia senti-la puxando e repuxando. Ele apertou mais a jamba e fechou os olhos.

— *GAW! OOO... OOW!*

Em cima dele. Trovão. Deusa-trovão.

Suas mãos subiram feito aranhas pelas costas dele e se fecharam em seu pescoço.

— *GAW! OOO... GÔSSA... VÊAH!*

Sem ar. Segurando a jamba. Paul se agarrava à jamba sentindo Annie em cima dele, com as mãos afundando em seu pescoço, e ele gritou:

— *Morra! Morra! Morra! Morra!*

— *Gaw... G...*

A pressão afrouxou. Por um momento ele conseguiu respirar outra vez. Então Annie caiu em cima dele, uma montanha de carne mole, e ele não conseguiu mais respirar.

45

Ele saiu de baixo dela como um homem escavando a saída de uma avalanche. Ele fez isso com suas últimas forças.

Paul passou pela porta rastejando, esperando que a mão dela prendesse seu tornozelo novamente a qualquer instante, mas isso não aconteceu. Annie jazia em silêncio de bruços entre poças de sangue, champanhe e cacos de vidro verde. Ela estava morta? *Tinha* que estar morta. Paul não acreditava que ela estivesse morta.

Ele bateu a porta. O ferrolho que ela instalara parecia estar no topo de um penhasco, mas ele obrigou o corpo a subir até conseguir fechá-lo. Assim que o ferrolho bateu, Paul desabou em uma trouxa trêmula ao pé da porta.

Ele não soube quanto tempo ficou ali. O que fez com que ele voltasse a si foi um ruído baixo de alguma coisa raspando. *Os ratos*, pensou ele. *São os r...*

Os dedos gordos e melados de sangue de Annie apareceram sob a porta e agarraram sua camiseta.

Ele gritou e se afastou deles com um repelão, e sua perna esquerda rangeu de dor. Ele bateu com o punho nos dedos. Em vez de recuar, eles tremeram um pouco e ficaram parados.

Que seja o fim dela. Deus, por favor, que seja o fim dela.

Sentindo uma dor excruciante, Paul começou a rastejar lentamente na direção do banheiro. Ele chegou na metade do caminho e olhou para trás. Os dedos dela ainda apareciam sob a porta. Mesmo sentindo tanta dor, Paul não suportou ver aquilo nem pensar naquilo, e assim ele voltou, se aproximou e empurrou os dedos para dentro outra vez. Teve que reunir forças para fazer aquilo. Tinha certeza de que no momento em que os tocasse eles o agarrariam.

Finalmente Paul chegou ao banheiro. Todo o seu corpo latejava. Ele se puxou para dentro e fechou a porta.

Deus, e se ela mudou os remédios de lugar?

Mas não tinha. As caixas ainda estavam lá, desorganizadas como sempre, incluindo as que continham as amostras de Novril. Ele engoliu três sem água, então rastejou de volta até a porta e se recostou nela, bloqueando-a com o peso do corpo.

Paul dormiu.

46

Quando acordou estava escuro, e a princípio ele não sabia onde estava. Como seu quarto tinha ficado tão *pequeno*? Então ele se lembrou de tudo, e com a lembrança veio uma certeza estranha: ela não tinha morrido. Mesmo agora não tinha morrido. Estava em pé do lado de fora com o machado e quando ele rastejasse para fora ela o decapitaria. Sua cabeça sairia rolando pelo corredor como uma bola de boliche e ela riria.

Isso é loucura, ele disse a si mesmo, e então ouviu — ou pensou ouvir — um som baixo farfalhante, o som talvez de uma saia engomada passando suavemente encostada à parede.

Você inventou isso. Sua imaginação... é tão vívida.

Não inventei. Eu ouvi.

Não tinha ouvido. Ele sabia disso. Sua mão foi em direção à maçaneta, então recuou, incerta. Sim, ele sabia que não tinha ouvido nada... mas e se *tivesse*?

Ela podia ter saído pela janela.

Paul, ela MORREU!

A resposta veio, com uma lógica implacável: A deusa nunca morre.

Ele percebeu que mordida os lábios com força e se forçou a parar. Isso era enlouquecer? Sim. Ele estava perto disso, e tinha o direito, afinal. Mas se cedesse, se os policiais finalmente voltassem no dia seguinte e encontrassem Annie morta no quarto de hóspedes e uma massa de nervos trêmula e balbuciante no banheiro que outrora fora um escritor chamado Paul Sheldon... isso seria a vitória de Annie, não seria?

Pode apostar. E agora, Paulie, você vai ser um rapazinho bonzinho e vai seguir com o plano. Certo?

Ok.

Sua mão foi em direção à maçaneta outra vez... e recuou outra vez. Ele *não podia* seguir o plano original. O plano incluía acender a pilha de papel para que Annie a pegasse nos braços. Isso tinha acontecido. Mas era para ele ter esmagado a *cabeça* dela com a porra da máquina de escrever em vez de acertar só suas costas. Depois ele planejara seguir até a sala e incendiar a casa. Isso exigiria que ele escapasse por uma das janelas da sala. Seria uma queda forte, mas ele já vira o quão bem Annie fechava suas portas. “Melhor sacudido que torrado”, não foi João Batista quem falou isso?

Em um livro, tudo teria saído de acordo com o plano... mas a vida é muito bagunçada. O que pensar de uma realidade em que algumas das conversas mais importantes da sua vida acontecem quando você tem que ir ao banheiro? Uma realidade que sequer é dividida em *capítulos*?

— Muito bagunçada — coaxou Paul. — Que bom que tem gente feito eu, pra enxaguar tudinho. — Ele gargalhou.

A garrafa de champanhe não fizera parte do plano, mas aquilo não era nada comparado à horrenda vitalidade de Annie e a incerteza que agora torturava Paul.

E até que soubesse se ela estava morta ou não, ele não poderia queimar a casa, criando um sinal que traria ajuda imediatamente. Não porque Annie ainda podia estar viva. Ele poderia queimá-la viva sem maiores dores de consciência.

Não era *Annie* que o impedia; era o manuscrito. O manuscrito *real*. O que ele queimara não passava de uma isca com a primeira página em cima para disfarçar. Folhas em branco misturadas a folhas antigas rejeitadas. O manuscrito *real* de *O Retorno de Misery* estava embaixo da cama em segurança — e permanecia lá.

A menos que ela esteja viva. Se ela ainda estiver viva, talvez esteja lendo neste instante.

Então o que você vai fazer?

Espere aqui, parte dele o aconselhou. Fique aqui, que é seguro e protegido.

Mas uma parte mais corajosa dele o instou a continuar com o plano, tanto quanto possível. Ir até a sala, quebrar a janela e sair daquela casa maldita.

Seguir até a beira da estrada e fazer sinal para um carro. Antigamente isso significaria esperar por dias, mas não mais. A casa de Annie começara a chamar atenção novamente.

Reunindo toda a coragem, ele tocou a maçaneta e a girou. A porta abriu lentamente revelando as trevas, e sim, lá estava Annie, lá estava a deusa, lá em pé nas sombras, um vulto branco em uniforme de enfermeira...

Ele piscou os olhos bem forte e então os abriu. Sombras, sim. Annie, não. Exceto pelas fotos do álbum, ele jamais a vira no uniforme de enfermeira. Só sombras. Sombras e

imaginação

(*tão vívida*).

Ele rastejou lentamente para o corredor e olhou outra vez para o quarto de hóspedes. Estava trancado. Paul começou a engatinhar na direção da sala.

Era um fosso de sombras. Annie podia estar escondida em alguma delas. Annie podia *ser* uma daquelas sombras. Ela estaria com o machado.

Ele rastejou.

Ali estava o sofá cheio de tralhas, e Annie estava atrás. Ali, a porta da cozinha aberta, e Annie estava atrás *dela*. As tábuas do piso rangeram atrás dele... claro! Annie estava *atrás* dele!

Ele se voltou com o coração saindo pela boca, sentindo a cabeça latejar nas têmporas, e sim, Annie estava lá com o machado erguido, mas só durou um segundo. Ela se dissolveu em sombras. Paul rastejou até a sala e foi quando ele ouviu o som de um motor se aproximando. O clarão vago dos faróis iluminou a janela e ficou mais forte. Ele ouviu os pneus arrastando no cascalho e compreendeu que eles tinham visto a corrente que ela atravessara na entrada.

Uma porta de carro abriu e bateu.

— Merda! Olhe só isso!

Paul rastejou mais rápido, olhou para fora e viu uma silhueta se aproximando da casa. O formato do chapéu da silhueta era inconfundível. Era a polícia estadual.

Paul se agarrou à mesinha de bibelôs, derrubando alguns, que caíram no chão e se espatifaram. Sua mão se fechou em um deles, e aquilo foi como uma cena de livro, apropriada como os romances, pois a vida raramente era assim:

Era o pinguim em cima do bloco de gelo.

AGORA MINHA HISTÓRIA FOI CONTADA!, dizia o texto na base do bloco, e Paul pensou: *Sim! Graças a Deus!*

Apoiando-se no braço esquerdo, ele fechou a mão direita no pinguim. As bolhas em sua mão arrebentaram, soltando pus. Ele recuou o braço e em seguida arremessou o pinguim pela janela da sala, assim como tinha arremessado um cinzeiro pela janela do quarto de hóspedes há não muito tempo.

— *Aqui!* — Paul Sheldon gritou, delirante. — *Aqui, aqui, por favor, eu estou aqui!*

47

Houve outra coisa saída de romance naquele desfecho: eram os dois mesmos policiais que tinham vindo no outro dia questionar Annie a respeito de Kushner. Davi e Golias. Mas aquela noite não só o casaco de Davi estava aberto como ele portava um revólver. Davi se chamava Wicks, na verdade. Golias se chamava McKnight. Eles tinham voltado com um mandado de busca. Quando finalmente entraram na casa em resposta aos gritos frenéticos que vinham da sala, encontraram um homem que parecia saído de um pesadelo.

Na manhã seguinte, Wicks disse à esposa:

— Eu li um livro quando era pequeno, *O Conde de Monte Cristo*, ou talvez *O Prisioneiro de Zenda*. Bom, enfim, tinha um cara na história que tinha passado quarenta anos confinado em uma solitária. Não tinha visto mais ninguém em quarenta anos. O cara parecia esse personagem. — Wicks fez uma pausa, tentando expressar melhor as emoções conflitantes que sentira, horror, pena, tristeza e nojo, mas principalmente assombro ao ver um homem com uma aparência tão maltratada ainda vivo. Ele não conseguiu encontrar as palavras certas. — Quando ele nos viu, começou a chorar. Ele ficava me chamando de Davi. Eu não sei por quê.

— Talvez você se pareça com alguém que ele conhece.

— Talvez.

48

A pele de Paul estava acinzentada e ele estava muito magro. Ele se encolhia perto da mesinha, tremendo dos pés à cabeça, olhando para eles com olhos enlouquecidos.

— Quem... — começou a dizer McKnight.

— Deusa — interrompeu o esqueleto vivo no chão. Ele lambeu os lábios. — Cuidado com ela. Quarto. Ela me prendeu lá. Escritor de estimação. Quarto. Ela está lá.

— Annie Wilkes? — perguntou Wicks. — Naquele quarto? — Ele acenou na direção do corredor.

— Sim. Sim. Trancada. Mas claro. Tem uma janela.

— Quem... — tentou McKnight novamente.

— Cristo, cê tá cego? É o cara que o Kushner estava procurando. O escritor. Não consigo me lembrar do nome, mas é ele.

— Graças a Deus — disse o homem magro.

— O quê? — Wicks se inclinou para ele, franzindo o cenho.

— Graças a Deus vocês não se lembram do meu nome.

— Não estou entendendo, camarada.

— Está tudo bem. Não importa. É só que... tomem cuidado. Acho que ela morreu. Mas tomem cuidado. Se ela ainda estiver viva... é perigosa... como uma cobra. — Com tremendo esforço, ele moveu a perna esquerda torta para o feixe de luz da lanterna de McKnight. — Cortou meu pé. Machado.

Eles ficaram olhando por um longo tempo para a perna de Paul e então McKnight sussurrou:

— Cristo Jesus.

— Vamos — disse Wicks. Ele puxou a arma e os dois foram lentamente pelo corredor na direção do quarto de Paul.

— *Cuidado com ela!* — gritou Paul, com a voz cansada e alquebrada. — *Cuidado com ela!*

Eles destrancaram a porta e entraram. Paul fechou os olhos e se encostou à parede, apoiando a cabeça nela. Estava com frio. Não conseguia parar de tremer. O tempo passou, e pareceu um tempo muito longo.

Finalmente Paul ouviu o som de botas se aproximando pelo corredor. Ele abriu os olhos. Era Wicks.

— Ela *morreu* — disse Paul. — Eu sabia... de verdade mesmo, eu sabia... mas mal podia acreditar que...

— Olha, tem sangue, vidro quebrado e papel queimado lá... mas não tem ninguém no quarto — interrompeu Wicks.

Paul Sheldon olhou para Wicks e então começou a gritar. Ainda estava gritando quando desmaiou.

12 “Que venham aqueles dias loucos, enevoados e preguiçosos de verão.” Letra de “Those Lazy-Hazy-Crazy Days of Summer” (Hans Carste, Charles Tobias), gravada por Nat King Cole (1919–1965) no álbum homônimo de 1963.

13 Referência à letra de “Girls Just Want to Have Fun”, de Cyndi Lauper.

14 Livro de John Irving, romancista americano (1942-).

15 Letra de “Girls Just Wanna Have Fun”, de Cyndi Lauper.

16 “Something wicked this way comes”, dito por uma das bruxas em *Macbeth*, de William Shakespeare.

17 “*Ela vem conduzindo seis cavalos brancos, quando VIER... Ela vem conduzindo seis cavalos brancos, quando VIER... Ela vem conduzindo seis cavalos BRANCOS, conduzindo seis cavalos BRANCOS... Ela vem conduzindo seis cavalos BRANCOS quando VIER!*” Letra de “*She’ll Be Coming ‘Round the Mountain*”, canção folclórica americana.

18 “*Gúti-gúti, gúti-gúti / dá vontade de berrar larilá*”. Letra de “Chug-a-lug”, de Roger Miller (1936-1982).

19 “Céu do Barco a Vapor”.

20 “Queima, neném, queima a porra toda...”

21 Frase dita por Muhammad Ali (1942-).

22 Personagens da tira de jornal homônima, criados pelo cartunista americano Bud Fisher (1885-1954).

23 Samuel Langhorne Clemens (1835-1910), mais conhecido pelo pseudônimo “Mark Twain”. Escritor e satirista americano.

IV

DEUSA

— *Você vai ser visitada por uma pessoa alta e morena — disse a cigana a Misery. E Misery, espantada, compreendeu duas coisas ao mesmo tempo: a mulher não era uma cigana, e as duas já não estavam sozinhas na tenda. Ela sentiu o cheiro de Gwendolyn Chastain no instante em que as mãos da mulher insana se fecharam em sua garganta.*

— *Na verdade — disse a cigana que não era cigana —, acho que ela está aqui agora.*

Misery tentou gritar, mas já não podia nem respirar.

— O FILHO DE MISERY

— *É sempre assim, sêo Ian — disse Hezekiah. — Não importa, a gente pode oiá de todo jeito, ela sempre parece que tá oiando pra gente também. Eu não sei se é verdade, mas os burka diz que, até quando a gente tá atrás da deusa, ela parece que tá oiando pra gente.*

— *Mas, ora, ela não passa de um pedaço de rocha — objetou Ian.*

— *Sim, sêo Ian — concordou Hezekiah. — Isso que dá força pra ela.*

— O RETORNO DE MISERY

1

úmerr ouummmm
sssuaaa fãããnnn úmerrr
oouummmm

Estes sons: mesmo em meio à névoa.

2

Agora eu preciso enxaguar, disse ela, e foi assim que aconteceu:

3

Nove meses depois de Wicks e McKnight o retirarem da casa de Annie em uma maca improvisada, Paul Sheldon dividia seu tempo entre o Doctors Hospital em Queens e um novo apartamento no Lado Leste de Manhattan. Suas pernas tinham sido quebradas novamente. A esquerda ainda estava no gesso do joelho para baixo. Os médicos disseram que ele caminharia mancando pelo resto da vida, mas ele *caminharia*, e um dia até deixaria de sentir dor. O aleijão teria sido mais forte e pronunciado se ele estivesse caminhando com o pé, e não com uma prótese mecânica. De um jeito irônico, Annie acabara lhe fazendo um favor.

Ele estava bebendo demais e não escrevia nada. Os sonhos eram ruins.

Ao sair do elevador no nono andar em uma tarde de maio, ele não pensava em Annie, para variar, mas no pacote volumoso que trazia sob o braço. Eram duas provas encadernadas de *O Retorno de Misery*. Seus editores tinham acelerado o lançamento do livro, o que não era de surpreender, considerando as manchetes globais criadas pelas bizarras circunstâncias em que o romance fora escrito. Hastings House encomendara uma primeira impressão na tiragem inédita de um milhão de exemplares.

— E isso é só o começo — dissera Charlie Merrill, seu editor, durante o almoço do qual Paul agora retornava com as provas encadernadas. — Esse livro vai vender mais que qualquer outro no mundo, meu caro. Nós temos que dar graças aos céus que a história *no* livro é quase tão boa quanto a história *por trás* do livro.

Paul não sabia se isso era verdade e não se importava mais. Ele só queria deixar aquilo para trás e encontrar o *próximo* livro... mas dias secos tornaram-se semanas e meses secos, e ele começou a se perguntar se *chegaria* a haver um próximo livro.

Charlie implorava por um relato não ficcional do seu suplício. Tal livro, dissera ele, venderia mais até que *O Retorno de Misery*. Venderia até mais que *Iacocca*.²⁴ Quando Paul perguntou, por pura curiosidade, quanto seu editor achava que os direitos de publicação sobre tal livro valeriam, Charlie tirou os cabelos bastos da testa, acendeu um Camel e disse:

— Acho que podemos começar com um piso de 10 milhões e aí fazer um leilão *do caralho*. — Ele nem gaguejou ao dizer aquilo. Depois de um instante, Paul viu que ele falava sério... ou ao menos imaginava estar falando.

Mas não havia maneira de ele escrever tal livro. Não agora, nem nunca, provavelmente. O trabalho dele era escrever romances. Ele *podia* escrever o relato que Charlie desejava, mas fazer isso seria como admitir a si mesmo que ele jamais escreveria outro romance.

A piada é que seria um romance, no fim, ele quase disse a Charlie Merrill, mas se conteve. *A piada, no fim, era que Charlie não daria a mínima.*

Iniciaria como fato, e então eu começaria a enfeitar um pouco a coisa... só um pouquinho no começo... então um pouco mais... e um pouco mais. Não para eu aparecer melhor na história (embora eu também fizesse por isso) e não para fazer Annie aparecer pior (seria impossível). Só pra deixar tudo bonitinho. Eu não quero

ficcionalizar a mim mesmo. Escrever pode ser masturbatório, mas Deus o livre de virar autocanibalismo.

Seu apartamento era o 9-E, o mais longe do elevador, e naquele dia o corredor parecia ter 3 quilômetros. Paul começou a seguir mancando, apoiado em duas muletas em formato de “T”, uma em cada mão. *Claque... claque... claque... claque.* Deus, como ele odiava aquele som.

Suas pernas doíam demais e ele ansiava pelo Novril. Às vezes achava que até valeria estar de volta com Annie só pelas drogas. Os médicos o tinham desmamado. A bebida era o substituto e, quando ele entrasse em casa, iria tomar uma dose dupla de bourbon.

Claque... claque... claque... claque.

Agora, pegar a chave do bolso sem derrubar o envelope com as provas ou as muletas. Ele encostou as muletas contra a parede. Enquanto fazia isso, as provas caíram do seu braço para o carpete. O envelope se rasgara.

— Merda! — grunhiu Paul, e então as muletas também caíram com estrépito, aumentando a diversão.

Paul fechou os olhos, gingando incerto nas pernas tortas e doloridas, esperando para ver se iria enlouquecer ou chorar. Ele esperava enlouquecer. Não queria chorar ali no corredor, mas talvez chorasse. Tinha que. Suas pernas doíam o tempo todo e ele queria sua dose, não a aspirina pau pra toda obra que lhe davam no hospital. Ele queria a dose *da boa*, o remedinho da Annie. E, ah, ele andava cansado o tempo todo. Do que ele precisava para dar apoio não eram aquelas muletas de merda, mas suas histórias e faz de conta. Elas sim eram a droga da boa, a dose que nunca falhava, mas tudo aquilo fugira. Parecia que a brincadeira tinha finalmente terminado.

É assim que fica depois do fim, pensou ele, abrindo a porta e claudicando para dentro do apartamento. *É por isso que ninguém escreve essa porra. É triste demais. Ela devia ter morrido quando eu enchi a garganta dela de papel, e eu devia ter morrido também. Naquela hora nós éramos que nem personagens nos seriados de Annie. Não havia áreas cinzentas, só preto e branco, bom e mau. Eu era Geoffrey e ela era a Deusa-Abelha bourka. Isso aqui... porra, eu já ouvi falar de desfecho, mas isso aqui é ridículo. Deixa a bagunça lá no chão mesmo... Primeiro a diversão, depois a obrigação. Primeiro o goró e depois...*

Ele parou. Acabara de perceber que o apartamento estava escuro demais. E havia um cheiro. Ele conhecia o cheiro, uma mistura sinistra de sujeira e pó de

arroz.

Annie se ergueu de detrás do sofá como um fantasma branco, vestida em seu uniforme de enfermeira e quepe. O machado estava em sua mão e ela gritava: *Hora de enxaguar, Paul! Hora de enxaguar!*

Ele gritou e tentou se virar com as pernas ruins. Ela saltou por cima do sofá com força desajeitada, parecendo um sapo albino. Seu uniforme engomado farfalhava alto. Ele achou que o primeiro golpe do machado apenas o tinha deixado sem fôlego — mas ao cair sobre o carpete, sentiu cheiro do próprio sangue. Paul olhou para baixo e viu que tinha sido cortado quase ao meio.

— *Enxaguar!* — gritou ela e decepou sua mão direita.

— *Enxaguar!* — gritou ela novamente, e sua mão esquerda se foi. Ele rastejou na direção da porta aberta usando os tocos que esguichavam sangue, e incrivelmente as provas do livro ainda estavam lá, as provas encadernadas que Charlie lhe entregara no almoço no Mr. Lee, deslizando o envelope castanho por cima do linho branco enquanto *muzak* saía das caixas de som no teto.

— *Annie, você já pode ler!* — ele tentou gritar, mas só conseguiu dizer “Annie, você”, e então sua cabeça rolou até a parede. Sua última visão do mundo foi seu próprio corpo desabando e os sapatos brancos de Annie um de cada lado dele.

Deusa, pensou ele, e morreu.

4

Sinopse: Enredo. Um resumo da trama.

— *Webster's New Collegiate*

Escritor: Alguém que escreve, esp. profissionalmente.

— *Webster's New Collegiate*

Faz de conta: Fingimento ou farsa.

5

Paulie, Sai dessa!

6

Sim. Claro que ele conseguia sair dessa.

“A *sinopse do escritor* é que Annie ainda está viva, embora ele saiba que isso é só *faz de conta*.”

7

Ele tinha ido mesmo almoçar com Charlie Merrill. A conversa fora a mesma. Mas, ao entrar no apartamento, ele sabia que tinha sido a faxineira que cerrara as cortinas, e embora tivesse caído e se forçado a abafar um grito quando Annie se ergueu feito Caim de detrás do sofá, era apenas o gato, um siamês vesgo chamado Monturo que ele tinha adotado no mês anterior no abrigo de animais.

Não era Annie, pois Annie não era uma deusa, afinal, mas sim uma dona louca que o machucara por suas próprias razões. Annie conseguira tirar quase todo o papel da boca e garganta e saíra pela janela enquanto Paul dormia, sedado. Ela tinha ido ao celeiro, e lá mesmo desabara. Quando Wicks e McKnight a encontraram, ela já estava morta, mas não por asfixia. Tinha morrido da fratura do crânio que recebera ao bater contra o lintel, e havia batido contra o lintel porque tropeçara na máquina. Então, de certa forma tinha sido a máquina que Paul tanto odiara que havia matado Annie.

Mas ela tinha planos para ele, sim. Nem o machado serviria daquela vez.

Eles a tinham encontrado ao lado da baía de Misery, a porca, com a mão sobre uma serra elétrica.

Mas isso tinha ficado no passado. Annie Wilkes estava no túmulo. Mas, assim como Misery Chastain, ela não descansava em paz. Nos sonhos e devaneios de Paul, ele a desenterrava vez após vez. Era impossível matar a deusa. Talvez desse para anestesiá-la com bebida, mas isso era tudo.

Ele foi para o bar, olhou para a garrafa, então olhou novamente para onde estavam as provas do livro e suas muletas. Paul deu uma última olhada para a garrafa e voltou até onde estavam suas coisas.

8

Enxaguar.

9

Meia hora depois ele estava sentado diante da tela em branco, achando que devia gostar de sofrer. Ele tomara uma aspirina em vez de beber, mas isso não mudava o que iria acontecer agora. Iria ficar ali sentado por 15 minutos ou talvez meia hora, olhando para nada além de um cursor piscando na escuridão. Então iria desligar o computador e pegaria o drinque.

Exceto...

Exceto que ele tinha visto algo curioso quando voltava para casa do almoço com Charlie, e aquilo lhe dera uma ideia. Não uma ideia grande. Uma ideia pequena. Afinal, tinha sido um pequeno incidente. Só um garoto empurrando um carrinho de supermercado pela 48th Street, mas havia uma gaiola no carrinho, contendo um animal peludo bem grande que Paul a princípio achou se tratar de um gato. Uma olhada mais de perto mostrara uma faixa branca subindo pelas costas do animal.

— Oi — disse ele —, isso é um gambá?

— É, sim — respondeu o garoto e empurrou o carrinho um pouco mais rápido. Não era bom parar para conversar com estranhos na cidade grande, especialmente sujeitos esquisitos com olheiras enormes tropeçando apoiado em muletas de metal. O moleque dobrou a esquina e desapareceu.

Paul continuou, tencionando chamar um táxi. Mas tinha que caminhar pelo menos 2 quilômetros por dia, e doía pra cacete. Assim, para esquecer um pouco a caminhada, ele começou a imaginar de onde teria vindo aquele garoto, o carrinho... e, mais do que tudo, de onde o gambá teria vindo.

Paul ouviu um barulho às suas costas e se virou da tela em branco para ver Annie saindo da cozinha vestida em calças jeans e uma camisa de flanela de lenhador com a serra elétrica nas mãos.

Ele fechou os olhos, abriu-os, viu o mesmo nada de sempre e zangou-se de repente. Ele se voltou para a tela e escreveu rápido, quase marretando as teclas:

-1-

O garoto ouviu um som nos fundos do prédio e, embora se lembrasse dos ratos, dobrou a esquina ainda assim. Era cedo demais para ir para casa porque a escola não o dispensaria ainda por uma hora e meia — ele resolvera gazetear as aulas de depois do almoço.

O que ele viu agachado com as costas contra a parede, sob um retângulo empoeirado de luz do sol, não era um rato, mas um grande gato negro com a cauda mais peluda que ele já vira.

10

Ele parou, sentindo o coração subitamente batendo forte.

Paulie, Sai dessa!

Aquela era uma pergunta que ele não ousava responder. Ele se curvou sobre o teclado outra vez e recomeçou a bater nas teclas... porém mais gentilmente agora.

11

Não era um gato. Eddie Desmond vivera em Nova York a vida inteira, mas ele já fora ao Zoológico do Bronx, e além disso, Cristo, havia livros com fotos por aí! Ele sabia o que era aquilo, embora não fizesse ideia de como o bicho poderia ter ido parar naquele prédio vazio da East 105th Street. A longa faixa branca no dorso entregava logo: era um gambá.

Eddie foi lentamente na direção dele, esmagando o gesso triturado com os pés

12

Ele conseguia sair dessa. Ele *conseguia*.

E, grato e aterrorizado, ele *saiu*. O buraco se abriu e Paul olhou para o que havia lá, sem perceber que seus dedos ficavam mais velozes, sem perceber que suas pernas doloridas pareciam estar a cinquenta quarteirões de distância, sem perceber que estava chorando enquanto escrevia.

Lovell, Maine: 23 de setembro de 1984 / Bangor, Maine: 7 de outubro de 1986: *Agora minha história foi contada*.

²⁴ Livro de não ficção, autobiografia de Lido Anthony “Lee” Iacocca (1924), empresário do ramo automotivo, best-seller nos Estados Unidos em 1984 e 1985.